Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

DOMINGO, 31 DE MARÇO DE 1974 N.º 18414 ANO 53.º PREÇO 2$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

FIM OU PRINCÍPIO DO CAMPEONATO?

Esta tarde, na moldura impressionante do Estádio de Alvalade, joga-se um Sporting-Benfica, que pode significar, para o Campeonato Nacional da temporada, o fim ou o princípio. Se os «leões» triunfarem (Yazalde a tentar o chuto decisivo) o ceptro dificilmente escapará aos «verde-brancos». Se o empate morar no «placard» até ao útlimo silvo do árbitro, poderá (ou não) continuar em equação o título mais apetecido. Mas, se o Benfica (do «capitão» Simões) conseguir o triunfo, os «encarnados» obrigaram o torneio a voltar ao seu nascimento. Leia, em «Desportos», reportagem do acontecimento.

ONDE NIXON ERROU

Uma entrevista em exclusivo com Gerald Ford vice-presidente dos Estados Unidos

Gerald Ford, vice-presidente dos Estados Unidos fez a primeira alusão ao facto de sentir que Nixon podia ser impugnado. O que se segue é a entrevista exclusiva para o «Sunday Times»/«Diário de Lisboa» entre o vice-presidente americano e o jornalista Henry Brandon, correspondente em Washington.

PÁG. III

Gerald Ford

AS JÓIAS E A ARTE

KUKAS EXPLICA-SE SOBRE A SUA CRIAÇÃO

Kukas vai fazer em breve uma nova exposição de jóias. Produto sumário ou não, trata-se de uma criação de arte a alto nível, com profunda radicação no mundo moderno (da micromatéria, da música pop, da neofiguração, das meninas-flores, da máxi e da mini vida) com subtis liames de ordem sociológica. Independentemente do valor económico, as jóias de Kukas, que começaram por impor a imaginação contra a convenção, chegaram à nobreza de materiais, sem prejuízo da fantasia.

Quisemos ouvi-la falar das suas jóias.

— Qual tem sido a sua evolução?

— A última exposição que fiz, foi há quase três anos; os espaços que medeiam entre as minhas exposições são longos porque, embora tenha uma rápida captação de tudo o que me rodeia, necessito, por outro lado, de uma lenta maturação, uma espécie de não ter pressa de agarrar a oportunidade; e a dado momento acontece. Começo a sentir-me disponível, a deixar-me habitar por todas as formas que turbilhavam desde há muito no meu espírito; e concretizo-as.

— Como reagem as pessoas «às jóias modernas»?

— As pessoas falam de jóias modernas, e começam a aceitá-las sem sarcasmo, desde que nomes como os de Bracque, Dali, Max Ernst, César, Fontana, Niki de Saint Phalle e muitos outros se começaram a relacionar com a ourivesaria, mas continuam a fazer grandes equívocos sobre «modernidade» e pensam-na em termos de grande analfabetismo, como o já muito gasto «à Picasso»...

Refiro-me sobretudo ao que se patenteia na grande maioria das montras das ourivesarias portuguesas, que é bem o resultado dessa confusão! Jóias que são verdadeiras aberrações, totalmente indisciplinadas no sentido estético, «Pudins» de metal e pedras, que ainda há algum tempo mereceram a atenção de um crítico de arte, numa exposição na S.N.B.A., como exemplo nacional de «Kitch» (pires).

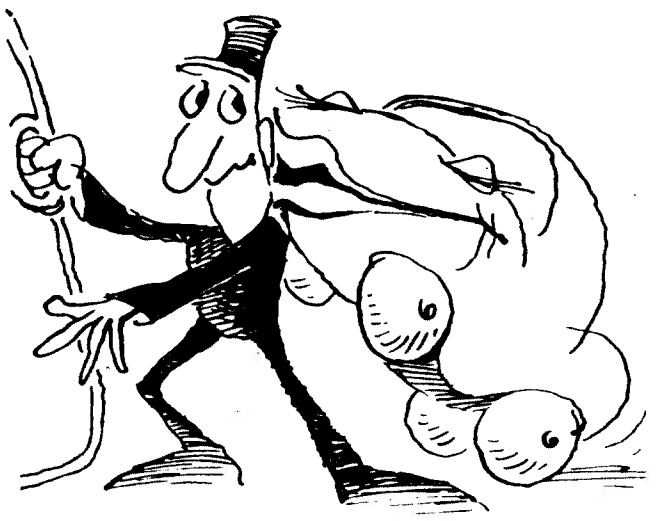
— Mas isso será geral?

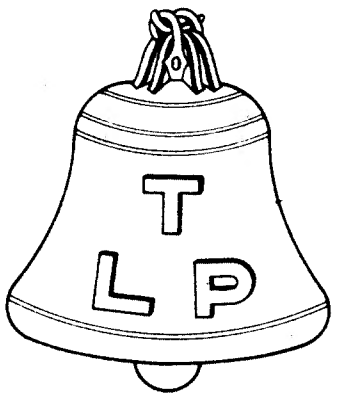
— Claro que há meia dúzia de joalheiros em Portugal, que, fora desta onda, por entendimento e pudor, se limitam a expor peças antigas autênticas, ou a copiar dignamente modelos que foram mais «réussis» em determinadas épocas. E uma atitude respeitável e muito preferível a adopção de um falso modernismo.

— A jóia não estará condenada a desaparecer em sociedades futuras?

— Embora o termo moda se me afigure muito ambíguo, penso que a jóia persistirá ao longo do tempo, pois sempre tem estado ligada, na sua essência, a um sinal sagrado, a uma certa magia, mediadora entre aquele que a usa e o mundo exterior.

Creio que a ourivesaria tem reflectido, sempre, as tendências estéticas dominantes de cada civilização, ultrapassando o fenómeno «moda». Nas civilizações mais antigas há exemplos extraordinários, nomeadamente nos povos Africanos, Etruscos, Astecas, etc., e só muito recentemente a jóia começou a desempenhar um papel superficial, quando passou a ser um sinal de riqueza. O que interessa é a vitalidade criativa, o que é importante é criar formas marcadas pelo seu tempo nas linhas, no volume, no movimento, nas técnicas. Temos ainda bem perto de nós os desenhadores «Art Nouveau» como Tiffany, Lalique, Fabergé, os quais se afirmaram de tal forma contra a rotina que a todo o momento são referidos no panorama mundial da ourivesaria, como contribuintes poderosos para uma evolução notória neste sector das artes plásticas.





TELEFONES DE LISBOA E PORTO

ASSINANTES COM NUMERAÇÃO INICIADA POR «73»

NA NOITE DE 29 PARA 30 DO CORRENTE TODOS OS POSTOS COM O PREFIXO NUMÉRICO «73» FORAM ALTERADOS.

Em vez de «73» marque «80»

SEGUIDOS DOS RESTANTES ALGARISMOS.

NÃO SE ESQUEÇA POIS SÃO CERCA DE 1500 POSTOS QUE MUDARAM DE PREFIXO.

LEMBRE-SE DESTA ALTERAÇÃO

TRANSPORTES URBANOS

● **POR PEDRO MARTINS DA SILVA**

É uma população móvel, a do nosso mundo, do mundo de agora. Por necessidades reais do seu viver, por prazer, por carácter simplesmente, é uma população que se desloca. Nomadismo de impaciências a requerer mobilidade elevada, mas não só...

É bem prova do reconhecimento do papel fundamental dos transportes no desenvolvimento urbano e no processo de urbanização em geral o seminário realizado em Munique, em Maio do ano passado, sob os auspícios da Comissão Económica para a Europa, para análise do tema. Estiveram representados vinte e cinco países, entre os quais Portugal, para estudar qual o novo papel que cabe aos transportes na sociedade actual, seus aspectos sociais e económicos, reflexos sobre a acção de preservação do ambiente, bem como a formulação da planificação urbana em termos de ferramenta para uma reforma no domínio dos transportes.

Pode dizer-se — e afirmam-no autoridades na matéria — que «transportes» é o problema que, isoladamente, assume maior importância para as autoridades responsáveis por qualquer centro urbano. Problema a exigir soluções eficazes, aplicadas com firmeza, no sentido de melhorar a qualidade do transporte colectivo e coordenálo só será possível através da colaboração dos sectores oficial e particular. E, para que assim seja, é condição indispensável haver uma «opinião pública» formada, informada, alertada.

Transporte é mobilidade, mas não só. Porque a mobilidade não poderá encarar-se como um fim em si própria. As decisões no domínio transportes têm, acima de tudo, que orientar-se para a consecução dos objectivos que signifiquem desenvolvimento para a comunidade, um meio de melhorar a qualidade da vida no mundo humano. Por isto, a resolução de problemas de transportes não deve encarar-se como apenas um problema técnico, mas tomando em atenção o envolvimento profundo dos indivíduos como pessoas e o todo social em que se integram. Premissas que, aceites — merecem sê-lo porque de uma lógica que bem sentimos — mostram desde logo que não é admissível conceber sistemas de transportes como empresas comerciais, mas apenas como serviços públicos, mantidos pela comunidade. O seu planeamento deve constituir parte integrante da estratégia urbana e tomar na consideração devida uma gama larga de objectivos económicos, culturais e relativos ao ambiente. Planeamento que (talvez) não deva preocupar-se em ajustar a rede de transportes às necessidades individuais, antes, e preferencialmente, dirigir, promover, substituir e mesmo restringir estas à luz de objectivos integrados, a curto e longo prazo.

Transportes — problema dos meios urbanos, de todos, e tema de reflexão muito particular para nós, habitantes desta Lisboa que tanto padece, anquilosada por carências diversas neste campo.

ONDE NIXON ERROU

SEGUNDO GERALD FORD, VICE-PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

O vice-presidente Gerald Ford é o homem que sucederá na presidência americana se o presidente Nixon decidir resignar, ou se fôr impugnado com êxito. E vice-presidente somente desde Dezembro último, altura em que Spiros Agnew se viu coagido a abandonar o lugar depois de considerado culpado de felonia.

E ainda muito difícil imaginar que espécie de presidente daria Gerald Ford; de facto, é ainda difícil saber que espécie de vice-presidente será, pois, não há precedente na história quanto às circunstâncias em que ascendeu ao lugar que ocupa. Diferentemente de qualquer outro vice-presidente antes dele, foi nomeado pelo presidente e confirmado pelo Congresso; é, portanto, reconhecido não apenas pelo presidente mas, também, pelo Congresso. Como chefe da minoria republicana da Câmara, tem indubitavelmente uma certa força. Contudo, como vice-presidente é um braço do presidente e está muito mais sob o seu controlo particular do que, até, um funcionário de gabinete.

Não surpreende, portanto, que um amigo de Gerald Ford resuma a sua subida à vice-presidência como «a troca de um verdadeiro poder por um falso prestígio».

Sem precedentes para se orientar Ford tem que confiar no seu próprio senso comum. Numa recente votação de opinião obteve todas as esperanças presidenciais republicanas e democráticas, o que prova que chama a si respeito e uma certa admiração. Pode perguntar-se em que medida isso se deve ao facto de ter vindo de novo, com uma reputação de integridade, para um cenário manchado pela imoralidade e pela desconfiança e povoado por rostos políticos cansados, que causam mais bocejos do que excitação. E não há dúvida que o próprio Ford se interroga sobre a maneira como pode manter esse respeito.

Gerald Ford foi a própria escolha de Nixon. Conhecem-se um ao outro há mais de vinte anos e, embora sejam duas castas muito diferentes de políticos e, também, de carácter muito diferente, a sua perspectiva política e ideológica é semelhante. Basicamente, são conservadores. Nos negócios estrangeiros costumavam ser combatentes frios, mas, agora, são defensores da atmosfera de calma com os adversários comunistas; e, na economia, acreditam num controlo governmental tão pequeno quanto possível. Diferem, porém, impressionantemente no seu confronto com o povo.

Ford acredita que se deve confiar em qualquer pessoa até prova em contrário. Nixon, pelo contrário, não acredita em ninguém até que esse alguem dê provas da sua absoluta e fundamental fidelidade. Gerald Ford tem uma simpatia instintiva pelas pessoas; Nixon não.

Há uma certa agressividade acerca de Nixon, porque ele divide essencialmente o mundo em amigos e inimigos. Ford é um homem muito mais tolerante, que vê o mundo como algo formado por pessoas com interesses diferentes. Mas, indubitavelmente, Nixon tem um intelecto mais poderoso, um conhecimento mais profundo do mundo e dos negócios estrangeiros, e muito mais habilidade para tomar decisões difíceis.

c A este respeito, Ford está ainda por experimentar e por examinar. Tem sido sempre uma figura partidária no Congresso e até agora, por muito estranho que pareça, teve alguns inimigos. Não parece preocupar-se com a maneira como deve ficar quite com aqueles que se lhe opõem. Quando foi anunciado que a Casa Branca tinha elaborado uma «lista de inimigos», alguém o ouviu dizer com ar divertido: «Ninguém que possa ter os inimigos de memória tem tantos». Isto, aparentemente, não constituía uma crítica ao presidente, mas tão-somente aos funcionários da Casa Branca.

Aqueles que viram Nixon e Ford discutir assuntos de Estado disseram-me que Nixon parece à vontade nas suas relações com o seu possível sucessor, e que não parece chocá-lo o facto de Ford se esforçar ocasionalmente por provar, como o faz por vezes na entrevista que se segue, que pode ser independente.

Os primeiros discursos de Ford foram pesadamente criticados por protegerem demasiadamente Nixon. Desde então, tem sido um pouco mais coibido e há dias, pela primeira vez, pareceu estar a tentar afastar-se um envolvimento demasiado estreito com as dificuldades de Nixon. Disse estar ainda convencido da inocência do presidente, mas que uma recusa de Nixon em obedecer à citação da comissão judicial da Câmara podia levá-lo à impugnação. Nesta entrevista nunca se mostra desleal, porém, é, por implicação, crítico acerca da maneira como Nixon dirige a Casa Branca.

E franco acerca dos perigos nas relações transatlânticas, cheio de admiração pelo secretário de Estado Henry Kissinger e parece acreditar em que Nixon não será impugnado. Esta confiança explica por que é que não vê nada no futuro que possa tornar difíceis as suas relações com o presidente. A entrevista teve lugar no gabinete de Ford.

Nixon e o vice-presidente Gerald Ford

Brandon: Aonde se vê no espectro da sociedade americana — como um americano médio?

Ford: Na realidade não posso fazer uma descrição definitiva. Sou oriundo da chamada «Middle America», todo o que está para trás de mim aí se localizava até que tive a oportunidade de ir para a Faculdade de Direito de Yale, o que me tirou da atmosfera provinciana do centro ocidental dos Estados Unidos. A experiência de ir frequentar uma escola no Leste, de viver no Leste, certamente que alargou os meus horizontes. A experiência de ter estado na Segunda Guerra Mundial, cuja maior parte do tempo passei no Pacífico, também teve um efeito de abertura. Portanto, muito embora tenha raízes básicas centro-ocidentais, estas outras experiências tiveram o condão de me fazer ver um quadro mais largo. Evidentemente que o facto de ter vindo para Washington e ter vivido neste ambiente durante 25 anos também alargou esse espectro significativamente.

— Existe agora um curioso estado de espírito neste país que se reflecte na baixa percentagem de popularidade do presidente, bem como do Congresso. A que pensa seja isto devido?

Em primeiro lugar, deixe-me dizer que é muito perturbador o facto do presidente, o Executivo e o Congresso estarem em tão pouco estima. Acredito que, a menos que a popularidade do presidente e do Congresso aumentem, isso poderá conduzir a uma erosão das nossas instituições. Penso que ambos estão em dificuldade porque os nossos problemas internos parecem quase insuperáveis. As pessoas, por razão ou outra, pensam que o presidente ou o Congresso não estão a proceder convenientemente no sentido de solver esses problemas aborrecidos como, por exemplo, a inflação e a energia. Acostumaram-se durante anos a acreditar que o governo pode pura e simplesmente pegar numa varinha de condão e tudo resolver. O seu infortúnio reflecte-se, pois, nas sondagens de opinião.

— Pensa que o declínio da confiança no governo é devido à incapacidade do governo para resolver esses problemas práticos ou porque as pessoas concebem haver imoralidade no governo?

Francamente, não penso que haja um declínio de moralidade no governo. Penso que, se recuarmos historicamente, verificaremos que o nível ético e de honestidade por parte do governo é hoje mais elevado do que há cem anos. Porém, devido aos melhores meios de comunicação, aquilo que se passa agora é muito mais evidente para o público.

— Se é que posso abordar o inevitável — Watergate —, se o senhor vier a ser presidente, o que pode dar-lhe a certeza de que um tal escândalo não se repetirá?

Em primeiro lugar terá que definir o que entende por Watergate. Se é o autêntico assalto à sede do Partido Democrático, é simples. Não devemos empregar nem toletar pessoas que têm essa espécie de mentalidade relativamente a uma campanha política.

— O que entendo por Watergate é o aspecto mais vasto do próprio caso, é a tentativa para minar todo o processo eleitoral.

Eu insistiria, em primeiro lugar, para ser prático, que a Comissão Nacional Republicana fosse a entidade a conduzir a campanha política. Organizações separadas — como a Comissão de Reeleição do presidente — têm tendência a atrair gente menos experimentada, cheia de ideias, porém, a maior parte são elementos não efectivos na arena política e não têm a experiência dos que labutam nas campanhas políticas há muitos anos. As comissões nacionais têm no seu seio profissionais que não teriam feito uma coisa tão idiota como o assalto à sede da Comissão Nacional Democrática.

— Mas não pensa que as linhas de comunicação chegaram à Casa Branca, de facto sem conhecimento do presidente, e que, portanto, é levado a pensar como é que o presidente se protegeu contra os auxiliares que agem tão independentemente dele?

Penso que a melhor coisa para assegurar que o que aconteceu no Watergate, num sentido mais lato, não volta a acontecer, é o presidente verificar cuidadosamente o que o seu pessoal superior faz, de uma forma mais incisiva. Julgo compreender o que aconteceu. Se retrocedermos à campanha da Primavera de 1973, o presidente andava preocupado com a China, a atmosfera de paz com a União Soviética e tentava, ainda, terminar com a guerra no Vietname.

Eu apostaria — e dava até uma grande vantagem ao apostador — que o presidente disse a John Mitchell: «Eu tenho todos estes problemas de política externa da maior importância, por isso, dirija a campanha». Como é óbvio, nestas condições, o presidente não se debruçou sobre a campanha, as pessoas, os programas, suficientemente. Sei que, se o presidente tivesse conhecimento de que estas coisas estavam a acontecer, teria terminado com elas categoricamente.

— Quais são as suas relações com o presidente?

Tenho um acesso ilimitado sempre que necessário. Em determinadas ocasiões tem tido a iniciativa de me chamar para conversarmos e as nossas relações estão mais a melhorar do que a deteriorar-se. Nada vejo no futuro que o possa tornar mais difícil.

— Não vê, portanto, o presidente como uma pessoa que goste de se isolar?

Não o vejo, segundo o meu ponto de vista, como uma pessoa isolada. Pelo contrário, sei que é uma pessoa reservada que gosta de pensar, de estudar e de fazer as suas próprias opções acerca do que deve ser uma orientação quando esta tem três ou quatro alternativas. E esta a sua maneira de proceder. Neste aspecto, é uma pessoa reservada.

— O senhor disse estar convencido de que o presidente não será impugnado. Em que se baseia a sua convicção?

Penso que não há provas suficientes, se acordo com a definição de impugnação da Constituição. Os democratas não conseguirão nunca o apoio bastante se disso fizerem uma decisão política. E uma vez que acredito não haver provas suficientes de acordo com a definição precisa e exarada na Constituição, penso que eles não o poderão fazer numa base substantiva.

— As relações entre os Estados Unidos e a Europa estão agora a modificar-se. Se me é permitido voltar aos problemas de política externa, como vê o futuro das relações transantlânticas?

Sempre apoiei a aliança da NATO. Sempre pensei que os esforços conjuntos com a Europa Ocidental eram de grande importância. Ao mesmo tempo, reconheço que não podemos esperar que tantas nações como as que estão incluídas na aliança Atlântica tocam precisamente no mesmo tom ano após ano, há governos que aparecem e desaparecem; diferentes nações têm problemas que são invulgares num ano e requerem num outro ano uma direcção diferente, isto no que diz respeito à política económica.

Portanto, embora eu esteja um pouco desapontado com al-

Continua na página seguinte

Gerald Ford não acredita numa guerra sino-soviética

Continuação da pagina anterior

gumas das nações que saem pela tangente, continuaria a apoiar fortemente a continuação da NATO e da Aliança, na esperança de que viria a compreender os problemas individuais numa base de dia a dia.

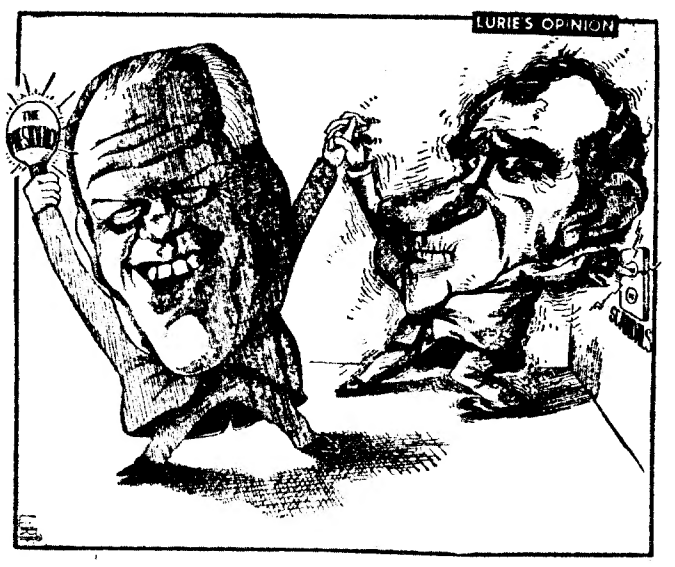
Existe agora uma séria discussão acerca da possível retirada das tropas americanas da Europa. Que pensar acerca das perspectivas para manter ali essas tropas?

A menos que realizemos uma ou duas coisas, o Congresso forçará uma retirada unilateral por parte do pessoal e do material americano que se encontra na Europa. Quero eu dizer, a menos que consigamos realizar uma espécie de acordo com a União Soviética e os seus aliados relativamente a uma redução equilibrada das forças, o Congresso provavelmente determinará a retirada de algumas tropas. Pessoalmente sou contra isso, porém, para ser realista, tem que se reconhecer que é uma probabilidade. Se não se conseguir um acordo para uma redução equilibrada das forças, se se quiser que o Congresso não tome uma decisão, então, os outros membros da Aliança Atlântica têm de dar uma maior contribuição quer em tropas quer em dinheiro.

Há todas as indicações de que a última hipótese é improvável por causa da modificação na situação de toda a balança de pagamentos e a relutância dos europeus em gastar mais dinheiro com a defesa. Quais são as forças no Congresso, tal como as vê, que estão a fazer pressão quanto à retirada?

As pressões no Congresso, quanto a mim, estão a aumentar num grau considerável. O que mais me desaponta é que alguns dos principais advogados vêm das áreas que costumavam representar os bastiões do internacionalismo — os membros orientais do Congresso. Isto é uma espécie de repercussão do Vietname.

Há, todavia, um elemento de esperança, que é a influência de Henry Kissinger na sua nova posição. Se Kissinger apresentar uma argumentação forte, penso que conseguirá um razoável impacto sobre o Congresso, levando este a não voltar unilateralmente uma retirada de tropas. Penso que Henry Kissinger é provavelmente o mais popular secretário de Estado, pelo menos nos meus tempos.



Vê, pelo menos psicologicamente, uma contradição entre a atmosfera de paz com a União Soviética, e o facto de ter dito que os aliados deveriam contribuir mais em termos de tropas e de dinheiro?

Não vejo qualquer contradição. A atmosfera de paz podia felizmente conduzir a uma situação em que o fardo fosse menos pesado para todos, o que é apenas um dos aspectos desta atmosfera, porém, muito importante.

Penso que não poderíamos negociar no grau em que hoje o fazemos se não tivéssemos esta atmosfera de calma. O facto dela existir dá-nos a oportunidade de alcançar algumas das coisas que todos nós queremos.

Existe uma grande controvérsia acerca das políticas dos mísseis estratégicos futuros, que, ao fim e ao cabo, estão no âmago da política de calma.

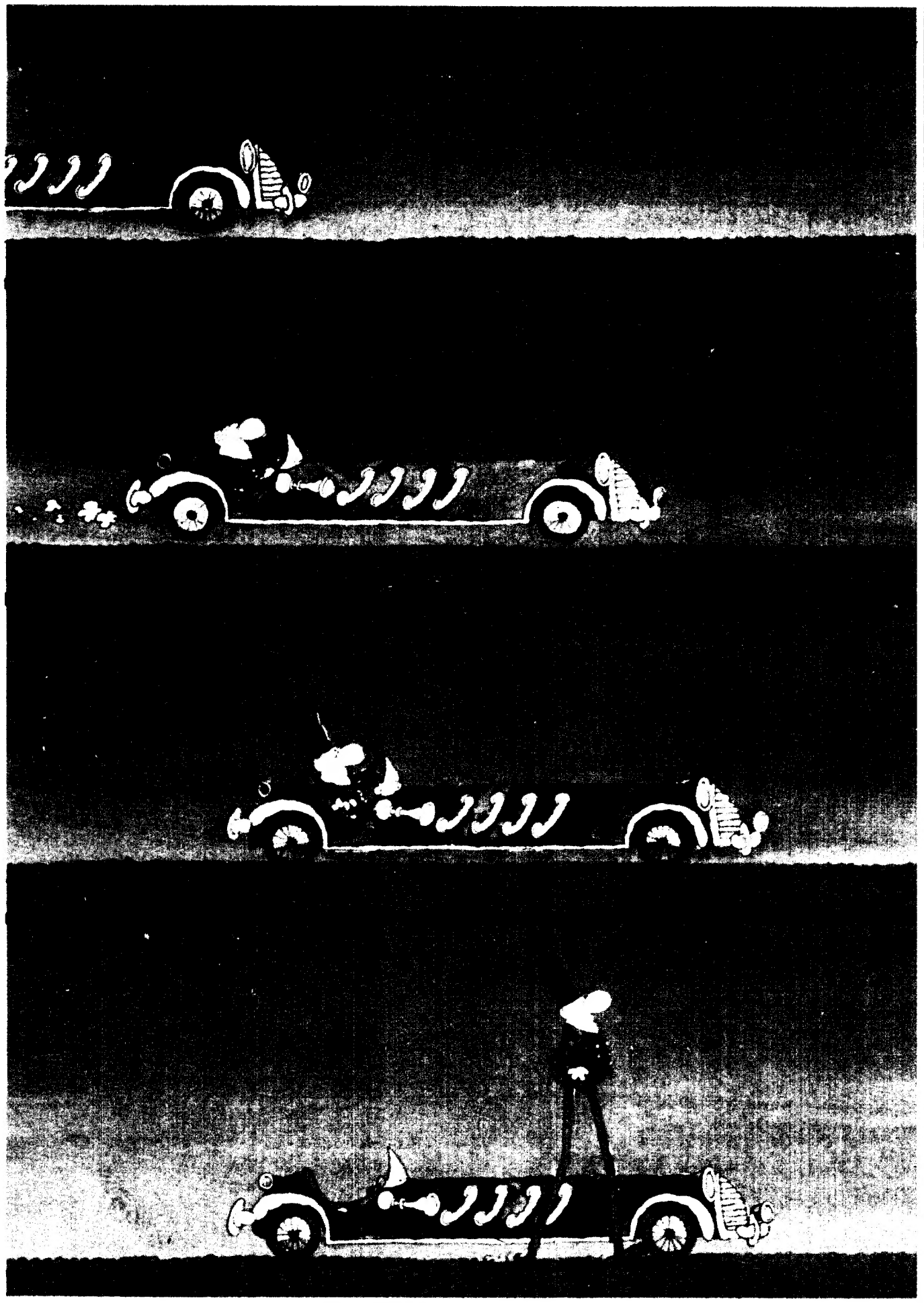
Acredito que SALT I (Conversações sobre a Limitação de Armas Estratégicas) tem bons fundamentos, porém, penso que devemos revê-los. O que fizermos em SALT II serão mais importantes do que em SALT I. E aqui é que as coisas se tornam difíceis. Estaremos aptos a controlar independentemente as múltiplas ogivas de que dispomos e as que os russos estão agora a adquirir. A este nível, não há total unanimidade dentro da Administração sobre a posição exacta que os Estados Unidos devem ocupar.

Compartilha o ponto de vista de Kissinger acerca da necessidade de uma diplomacia multipolar conducente ao estabelecimento de um equilíbrio entre as superpotências, ou acredita na aproximação à moda antiga, que assenta em alianças fortes entre os Estados Unidos e a Europa Ocidental e entre os Estados Unidos e o Japão?

Concordaria com o ponto de vista de Kissinger e com a sua política, porque, entretanto, as coisas mudaram. Vivemos num mundo totalmente diferente, o globo como que se contraiu e entraram em uso armamentos inteiramente novos; também os transportes e as comunicações sofreram modificação.

Que pensa das futuras relações entre os russos e os chineses? Julga haver possibilidade de entrarem em guerra?

Espero que não, porque um conflito dessa magnitude seria muito mau para o mundo em geral, e podia — eu sublinho o podia — arrastar outras potências para esse conflito. A última coisa de que o mundo precisa hoje em dia é um conflito militar global.



OFICINAS DE AUTOMÓVEIS

COTAL

SERVIÇO OFICIAL

TOYOTA

Rua Artilharia Um, 105-A
Rua do Lusíadas, 113-A
Telefs. 683131/2/3
Telefs. 631057/8

MERCEDES
BMW
ROVER
VOLVO
MARCAS DA G.M.

TODA A TÉCNICA DE ESPECIALIZAÇÃO, FERRAMENTA E PESSOAL COMPETENTE

DAMOS ORÇAMENTOS PRÉVIOS

UM DOS SERVIÇOS MAIS EFICIENTES E RÁPIDOS DE LISBOA

SERVIÇO INDEPENDENTE

ESCRITÓRIOS

ALUGAM-SE

No Chiado, com 73, 75 e 83 m2, em prédio totalmente remodelado, acabamentos de luxo, elevador, aquecimento, porteiros das 8 às 22 horas. R. Garrett 80.

construa o ambiente que merece
moveis por elementos LM suavizam a falta de espaço
Lellocira Moderna Sul do Tejo, L.
R. Candido dos Reis, 47 51 e 91 (a rua dos Bombeiros Voluntários) CACILHAS

A VENDA MAIS
UM NÚMERO DE motor

CIDADE É UM VERBO MUITO MAIS QUE UM SUBSTANTIVO_II

1. Da isenção do planeamento

No artigo introdutório aqui publicado há uma semana, comentaram-se algumas atitudes que com frequência emergem no meio técnico e que alguns entrevistados me pareceram confirmar e se traduzem numa atitude de autosuficiência do planeamento para endireitar a cidade (atitude que se alcunha de tecnocrática ou aristocrática...) que provém quase sempre de uma reduzida consciência do papel especial que, como técnicos, jogam, precisamente no que para simplificação se poderia designar por estratégia dos grupos dominantes.

Não creio ser muito injusto se disser que, em face de situações de grande carência de recursos como a nossa, se encontram as administrações ainda relutantes em aceitar frontalmente essas limitações e com frequência impotentes para definir prioridades quando se opõem um interesse privado na fixação de capital e rendibilidade a curto prazo a uma iniciativa pública que, por natureza, tem de medir a «rendibilidade» noutros termos.

De facto, a análise e gestão de projectos com base na sucessiva avaliação de vantagens e custos de cada intervenção urbanística em si própria e em relação a outras relacionadas, não entrou na prática da administração, o que permite que seja grande o número de projectos públicos sem continuidade ou aqueles que, feitos com os maiores sa-

crifícios dos recursos escassos, se traduziram mais tarde em consequências imprevistas ou apenas ocultadas as, mais das vezes em benefício de terceiros que em nada contribuiram para tais projectos.

A crítica visa portanto o aparecimento do técnico empreendedor, convencido, optimista, que aparece a receitar para males tão estruturais o «plano» de complexa (e onerosa) elaboração ou a imagem sedutora pela grandeza da visão que mesmo nos países opulentos, mas de gestão apertada e opinião pública vigilante raramente passam do papel à realização.

Algum amigo estrangeiro, me mostrava há pouco a sua estranheza, pela frequência com que se encomendavam estudos de planeamento, por custos tão elevados e tão frequentemente postos de parte porque desligados da gestão urbanística, isto é, das possibilidades concretas de execução em termos de apoio ao nível político, capacidade de negociação com os promotores, controlo da realização, etc. Tenhamos esperanças de que o projecto de renovação urbana da Avenida da Liberdade possa constituir uma excepção exemplar.

Em síntese poderia dizer-se que em termos práticos o nosso problema actual não é o da imaginação projectual mas sim

Por NUNO PORTAS

o da avaliação dos projectos. O que não implica, evidentemente, que uma solução escolhida após rigorosa análise de que maximiza os benefícios sociais em relação aos custos seja em seguida exequível. Mas mesmo que, ainda assim, fique na gaveta e seja substituída... por outros benefícios o seu valor demonstrativo ficará de pé.

O que não vale é os planeadores ou projectistas ou consultores entreterem-se a imaginar cidades ideais, simulações de miragens urbanas, normas ambientais óptimas, etc., «fazendo de conta que...» e mostrarem-se incapazes de proceder a uma autocrítica urgente que parta da compreensão das leis objectivas de formação da cidade, as contradições latentes entre os operadores dessa formação, as restrições inexoráveis da escassez dos recursos públicos ou as distorções da abundância de capital privado a fixar no imobiliário — tudo condições que não podemos «fazer de conta» que não existem se não se quiser que se volte o feitiço contra o feiticeiro ou que os benefícios de tais «soluções» fiquem para gozo de minorias à custa das economias externas que permitem.

E a incapacidade de os técnicos assumirem o contexto real das suas soluções que permite que se proponham receitas semelhantes nos países nórdicos ou na América do Sul, nos países balcânicos ou no Norte de Africa, nos Estados Unidos e... em Lisboa.

No nosso caso, o mais difícil ao projectista é o assumir das carências inflações inerentes ao nosso estádio de desenvolvimento mas a verdade é que poucos são os que trabalham para, ou melhor, ao serviço do «maior número» dos seus concidadãos. O produto arquitectónico de prestígio que já não é só o edifício mas a parte de cidade ou a cidade inteira é o que se destina em primeira mão às minorias afluentes com fins de fixação e rápida acumulação de capital. Sob esta forma de dinâmica económica é fácil de explicar como apesar do enorme crescimento da urbanização não melhoram as condições de habitação e transporte para a maioria não-favorecida. E, no entanto, como observou Secchi para o caso italiano, o sector imobiliário e da construção te-

Continua na pagina seguinte

Esta manhã, quantas vezes tornou a pôr espuma nos pontos difíceis?

Nem tudo é fácil quando se faz a barba.
É verdade que há partes que não apresentam qualquer problema. Nessas uma passagem de lâmina, basta. Mas nas outras? O pescoço, os ossos da mandíbula, a parte de baixo do queixo...

Aí é preciso passar a lâmina... Tornar a passar... Passar mais uma vez. E já pensou que fez todas essas passagens sem espuma? Porque na primeira passagem, a lâmina só tira uma parte dos pelos, mas a espuma, essa tira-a toda.

Para cortar os pelos sem cortar a pele, seria preciso usar espuma 4 ou 5 vezes.

E quando a barba é feita sem espuma, o resultado não se faz esperar. A lâmina desliza mal – muito mal – e é a pele que sofre as consequências.

É certo que há uma solução: tornar a pôr espuma cada vez que se passa a lâmina.
Mas você não o faz. Nunca o fará. Procurámos uma outra solução. E encontrámo-la: a lanolina.

A lanolina: um lubrificante

A lanolina é um elemento **natural** muito empregado nos produtos de beleza. Penetra na pele em profundidade, hidratando-a, alimentando-a e tornando-a macia.
Estudando-a de mais perto, vimos que a lanolina tinha ainda muitas outras qualidades.
Para começar é bem absorvida pela pele que protege, impedindo-a de secar... e os ataques das lâminas, cada vez mais afiadas... Hidrata-a. Faz a lâmina deslizar melhor porque nivela as pequenas asperezas da pele.
E este efeito continua enquanto se barbeia porque a lanolina permanece na pele, depois da lâmina ter tirado a camada superficial da espuma.
Finalmente – e é importante – alimenta a pele e prepara-a, dia após dia, para a barba do dia seguinte.
Foi por todas estas razões que empregámos a lanolina na espuma para barbear WILLIAMS.

Williams utilizou a lanolina porque você não torna a pôr espuma

Quando usa a espuma de barbear WILLIAMS, é como se a tivesse usado em duas camadas.
Uma superficial que contém um certo número de produtos eficazes (como todas as outras espumas), e uma invisível, à base de lanolina, que pelo seu grande poder lubrificante, continua a fazer deslizar a lâmina quando a primeira camada já desapareceu.
É por isso que com WILLIAMS você não tem necessidade de tornar a pôr espuma nos pontos difíceis. Sem que eles sofram por isso.

Com williams, quando já não há espuma, a lanolina fica.

Continuação da pagina anterior

ve papel central no processo de acumulação do sistema económico de tal forma que sem ele a taxa de crescimento seria certamente inferior — mas o preço dessa acumulação foi pago noutros sectores: no custo da vida pelos alugueres ou amortizações, na crescente segregação social ligada à desigualdade dos serviços urbanos insuficientes, no desvio das poupanças e do investimento em geral necessário para aumento do produto noutros sectores económicos.

Ora, este crescimento urbano recente fez-se em parte através e em parte contra as actividades de planeamento em que alguns dos entrevistados querem ver a panaceia para a sua inversão. Mas ao mesmo tempo criou uma procura cada vez mais vasta para os gabinetes de projecto orientando estes muito mais para a venda de um produto (o plano) do que para a análise dos processos, dos comportamentos dos promotores, dos consumidores e do Governo, conhecimento este que é condição «sine qua non» para eventualmente proporem estratégias alternativas que minimizem em vez de agravarem as consequências da prioridade da acumulação de capital sobre a satisfação das necessidades.

Assim, apesar de se fazerem e refazerem cada vez mais planos em todas as escalas, cada vez é maior o descrédito do planeamente junto do público que sente o agravamento das situações e se sente cada vez mais céptico quanto às possibilidades de que os planos possam corrigir os graves conflitos urbanos. Pelo contrário, sentem que são antes a caução dos aumentos de mais-valia criada na operação urbanística através da justificação da **concentração** edificada ou da **qualificação** ambiental que se traduz portanto na diferenciação do espaço como factor produtivo e em seguida no seu consumo social.

Daí que manifeste a minha estranheza por afirmações feitas nestas entrevistas que procuram explicar a situação de Lisboa pela «especulação» e pela «incapacidade» da administração tomando os efeitos pelas causas ou denunciando situações-limites para não referir a regra geral.

Recordo que para T. Taveira a evolução negativa da cidade deve-se a «estar apenas sujeita a leis de especulação e facilidade» e que por «falta de planificação assistiu-se à anulação da estrutura geral da cidade», «não cabendo à Câmara, cujo papel é puramente técnico, **senão** a determinação dos usos do solo, reformando a cidade e dotando-a de uma especialização das áreas (p. director) e portanto daquilo que sugere ser a vocação das diferentes regiões urbanas de acordo com um objectivo determinado (a que corresponde o planeamento) sendo a «especulação» apenas dependente do comprador e do vendedor e da carência geral fr produtos». Mas já João Caetano atribuira ao planeamento urbano «ter em consideração a satisfação de todas as necessidades das populações na melhoria das condições presentes e a previsão das necessidades futuras», não lhe oferecendo dúvidas de que «os urbanistas são sempre baseados no encontro das melhores soluções indo se possível ao encontro dos interesses manifestados embora com os condicionamentos necessários a quem tem que sintetizar um conjunto muito complexo».

E outras declarações abundaram na mesma imagem de «isenção» — quando todos sabemos como o planeamento é uma **arbitragem** sob roupagem mais ou menos técnica, entre interesses conflitivos exactamente porque distribui ou redistribui as mais-valias ou rendas obtidas pela alteração de uso do solo, «permitindo» porque o consigna ou porque o proíbe, que de rural passe a um uso urbano, de urbano disperso passe a compacto ou denso, de residência ou parque a centro de negócios ou de direcção dos negócios. Como? Ou classificando a zona pela sua **edificabilidade**, ou de modos menos directos mas porventura mais determinantes, definindo o traçado de uma via principal, a localização de um liceu ou de um parque desportivo — amenidades estas que oferecem um serviço local e ao mesmo tempo elevam o «Standing» da área em relação às que as não receberam. Mais adiante se exemplificará o processo.

Tenho vindo a considerar a cidade como teatro da permanente reprodução de desigualdades, desigualdades sociais traduzidas e ainda agravadas por desigualdades de ambiente. Ora a grande maioria dos técnicos intervém nessa cidade **por bocados**, naturalmente «independentes» uns dos outros e é da lógica primária deste

Como os nossos arquitectos vêem a nossa cidade

jogo que os mesmos técnicos não explicitem a espécie de consequências indirectas que o bocado venha a ter no todo — o qual quer o considerem quer não, funciona no entanto, como agora se diz, como «um «sistema» independente. Não custa muito perceber que a abertura de uma auto-estrada, de uma linha de metro, ou de uma série de viadutos urbanos, ou de uma simples avenida, cria, independentemente da tal especulação, um valor diferencial nas áreas que serve ou seja, que constituem, em paralelo com a melhoria da velocidade do tráfego, o mais seguro processo de actualizar o valor potencial do solo ou seja, de formar nova acumulação de capital; Assim, que admira que se lhes sigam uma série de processos, inevitavelmente separados uns dos outros no espaço e no tempo pelos quais se vão substituir edifícios antigos por novos mais lucrativos, quintas que deveriam ser parques por bairros de maior ou menor densidade conforme a promoção as reserva para a classe média ou para a alta (que pode pagar metros quadrados de jardim). Assim, que admira se novos bairros clandestinos surgirem mais além, como contrapartida deste processo altista numa sociedade onde a maioria, continua a estar aquém dos custos de viver na cidade?

Tenho procurado mostrar como o planeamento não é uma técnica isenta mas um elemento importante do processo, como escreveu há mais de um século o autor da «Contribuição à Crítica da Economia Política»: «a possibilidade de ser da cidade o plano com que é constituída e pelo qual vem a ser construída de determinada maneira, situa-se completamente no interior das condições materiais da produção — e estas são as definidas pela «produção dominante» (do Prólogo). cit. Sola-Morales in CAU n.º 22).

3. Da participação dos planeados

Em nossa opinião tal situação de dependência: generalizada dos planeadores em relação aos operadores apenas se alterará em face da reacção dos... planeados-operados reacção que vem por esse mundo fora tomando múltiplas formas de acordo com o grau de agudização das contradições vividas pela população, de consciência das causas e implicações das decisões tomadas ou a tomar e, ainda, das possibilidades de expressão dessas mesmas populações.

De facto, as cidades que conhecemos são, enquanto meio físico e social, teatro de graves conflitos sociais que têm ocupado boa parte da literatura científica recente seja em Itália, em França, em Espanha, no Chile ou no Peru, nos Estados Unidos, etc. Posto cada vez mais em causa que os planeadores possam definir os objectivos, os critérios da gestão urbanística e a própria forma do ambiente — isto de forma isolada ou independente e isenta — acaba por pôr-se o problema da «participação » que B. Soares prefere chamar de «intervenção» dos sujeitos ao planeamento como recurso, mais ou menos provisório, para reequilibrar, corrigir ou apenas atenuar o jogo de forças que vai dando forma e re-forma à cidade.

Ora, de facto, na mesa do «jogo urbano», há lugares vagos que nalguns países a que com frequência vamos buscar exemplo têm estado, mais ou menos ordeiramente ocupados: refiro-me a grupos de pressão que exprimem os interesses da maioria das populações locais, a sindicatos dos trabalhadores ou de técnicos, numa palavra a toda uma teia de controlos democráticos, institucionalizados e, ou espontâneos, que, se não invertem aquelas forças, pelo menos podem inflectir a sua resultante e criar estados mais avançados de acção. Querer que a ética e consciência cívica dos técnicos substitua a intervenção directa e a pressão das populações (elas próprias compostas de interesses divergentes) será puro idealismo.

Vários colegas entrevistados referiram a «participação» como uma necessidade (à parte J. Caetano, que a identifica com o período legal de exposição aos munícipes dos planos gerais e que permitiria o aparecimento de eventuais reclamações) desde que a população seja informada — para o que Mário Martins revela ser intenção camarária a divulgação dos planos ou soluções propostas, condição para a sua discussão local e consequente apoio ou reclamação. Taveira, pelo seu lado, aponta a necessidade de «ilustrar (quem?) as populações no sentido de lhes sugerir um modo mental, uma forma de imaginário colectivo», mas julgo que um H. Lefebvre não deixaria de considerar tal desígnio se tomado à letra, como forma de manipulação ou, na sua linguagem característica, de «terrorismo técnico».

A verdade é que se não pode esquecer que os planos ou projectos são, em geral, de difícil compreensão pelo cidadão não especialista, vêm acompanhados de largos estendais de análises e gráficos que só de vê-los intimidam ou aparecem embrulhados em perspectivas sedutoras, alvejando mortalmente as frustrações do homem comum.

Por esta razão mantêm os colégios profissionais na vizinha Espanha serviços de assessoria às populações, onde os planos possam ser tecnicamente decifrados e explicados à população para organizar em seguida reclamações colectivas fundamentadas e, por vezes, contrapropostas.

Não menos importante é saber o quê e quando se exercem tais tentativas de controlo social do planeamente. Isto é se se põem em discussão pública as grandes opções de política que afectam o destino de muita gente ou apenas soluções locais que levantam ocasionalmente muita celeuma mas de menor repercussão. E importa saber ainda quem representa quem e que peso é dado a esse quem na «mesa» das decisões. Permitam-me que me mantenha mais céptico do que a maioria dos meus colegas que depuseram quanto às chances de participação canalizada, a curto prazo; muito mais importantes serão as espontâneas tomadas de consciência pelas populações locais dos planos ou obras que os afectem (vidé caso do Vale Escuro de que o «DL» acaba de dar um precioso «dossier») — simplesmente quando as populações vêm a saber, já é tarde para reagir.

E esta a natureza dos problemas urbanos, que ficará evidente, creio, com um exemplo propositadamente improvável: quando se inaugura uma linha de «metro», por exemplo, até Alvalade, ela é saudada como indiscutível benefício para a população aí residente, onde uma parte é, aliás, constituída por classe média ou mesmo trabalhadora. Mas, entretanto, essas mesmas pessoas não se apercebem que ao mesmo tempo, e por via desse benefício, lhes «começa a fugir o chão debaixo dos pés»: o brusco aumento de acessibilidade assim criado decuplica o valor do metro quadrado construído na zona, atrai escritórios de alto nível, que aproveitam da infra-estrutura pública e comercial antes criada, satura toda a zona de veículos dos novos empregados e ainda dos que usam o «metro» e desactualiza assim, bruscamente, as rendas sociais que ainda paga aquela população, gerando uma tendência para a renovação dos prédios baixos de Alvalade, logo para a irradiação dos grupos sociais que não possam vir a pagar o custo do «novo ambiente». Claro que dou este exemplo por estar seguro de que o processo esbarra — felizmente — no facto de essas habitações pertencerem a uma entidade de finalidade social.

Mas o exemplo serve para explicar o processo normal que se activa paulatina e «invisivelmente» por toda a grande Lisboa. E aqui se vê o risco e, portanto, a responsabilidade dos técnicos, sobretudo dos arquitectos e da engenharia de tráfego, ao atirarem com imagens mais ou menos sedutoras de grandes intervenções: fazendo apelo a necessidades sentidas ou fáceis de criar (o «marketing» está para isso, também), cuja prioridade se não discute, e desconhecendo ou fingindo desconhecer os efeitos segundos ou diferidos, para outros, da intervenção que se viesse a realizar.

4. De como a cidade se faz e cresce

Tenho esperança de que agora que se começa a falar os modelos matemáticos no planeamento, se façam uns **modelos que permitam simular como o sistema trabalha.** Ou seja, aperceber as múltiplas consequências não-óbvias de pequenas ou grandes intervenções: desde o deixar aumentar o número de andares ou a densidade da área, a abrir novas linhas de metropolitano, ou auto-estradas urbanas, a autorizar certos promotores a construir centros comerciais e de escritórios e hotéis mais ou menos gigantescos, a localizar um novo parque industrial num lado ou noutro, etc., etc. E com grande espanto de muitos poderemos perceber e talvez apreçar os custos sociais dessas soluções «progressivas» no contexto de possibilidades diferentes que é o nosso.

Densificar uma área é, em princípio, um acto técnico que um gabinete fundamenta para aproveitar melhor a infra-estrutura existente, mas é, também, a partir de certa altura, saturá-la ou criar congestionamento quer no liceu mais ou menos próximo, quer no nó de acesso à cidade. Entretanto, o planeador ou outro serviço prevendo o congestionamento, propõe um viaduto suplementar, para descongestionar o nó, ou uma via rápida nova para melhorar a acessibilidade e, acto contínuo, o valor das rendas ou andares na área servida sobe e vai poder aparecer com a população mais rica assim induzida — a cadeia que monta o hipermercado à boca da via rápida.

A população residente mais modesta e não motorizada vê o seu comércio local (obsoleto, claro) definhar e tem de servir-se naquela quase obrigatória «caixa de consumir» onde se vai para isso e de carro.

Sigo a minha hipótese, aliás muito simplista, de como o sistema trabalha. Uma vez «qualificado» o local, vai proceder-se, loteamento a loteamento, a um novo enchimento por alargamento e densificação da área servida pelas novas infra-estruturas. O aumento da «qualidade de vida» irá relegar para outras zonas mais periféricas ou mal servidas as famílias que para os custos atingidos não se aguentem solventes. Entretanto, a zona qualificada tem mais capacidade de pressão na administração local e irá pedir, de acordo com o plano que previu os respectivos locais, um novo liceu, correios, bombeiros, etc., antes das outras áreas (recorde-se: os recursos são escassos).

Não podendo ir sempre para mais longe as famílias de fracos recursos tentam sublocar partes de casa no novo bairro ou, se tal for difícil, comprar ou ocupar um terreno do lado de lá da colina na encosta a norte que o urbanista, de acordo com a sua técnica tinha declarado «non-edificandi». Arriscando a demolição da casa clandestinamente erguida, os moradores, agora à margem do urbanismo ortodoxo, procuram beneficiar da infra-estrutura a que não têm direito — os seus filhos irão pelo menos à escola próxima; a mulher ou a filha poderão trabalhar a dias nas famílias do «bairro bom» onde a senhora trabalha pelo menos para dar para as letras e o marido ou todos aproveitarão as carreiras de autocarros quiçá privativas da «urbanização».

Mais tarde, todos reconhecerão a necessidade de legalizar e qualificar o bairro clandestino.

Dispensam-me os leitores que prossiga o ciclo cumulativo que atingirá, uma década depois, quiçá com a chegada do metropolitano suburbano, a oportunidade de um novo salto para a frente quando de novo e com a ajuda de uma imaginação de técnicos, descobrimos a vocação central da zona e a necessidade de a qualificar de novo (isto é, de elevar a renda posicional entretanto decaída) lançando um centro de negócios e divertimento, talvez na área de «parque» entretanto deixada ao abandono porque o pobre município suburbial não podia

(Continua na pág. XII)

PROFISSIONAIS DE SEGUROS

EMPREGADOS DE SERVIÇOS EXTERNOS

Para as zonas de Lisboa, Porto, Barreiro, Coimbra, Espinho, Guimarães, Lamego, Montijo, Póvoa do Varzim e S. Tiago do Cacém.

OFERECEMOS :

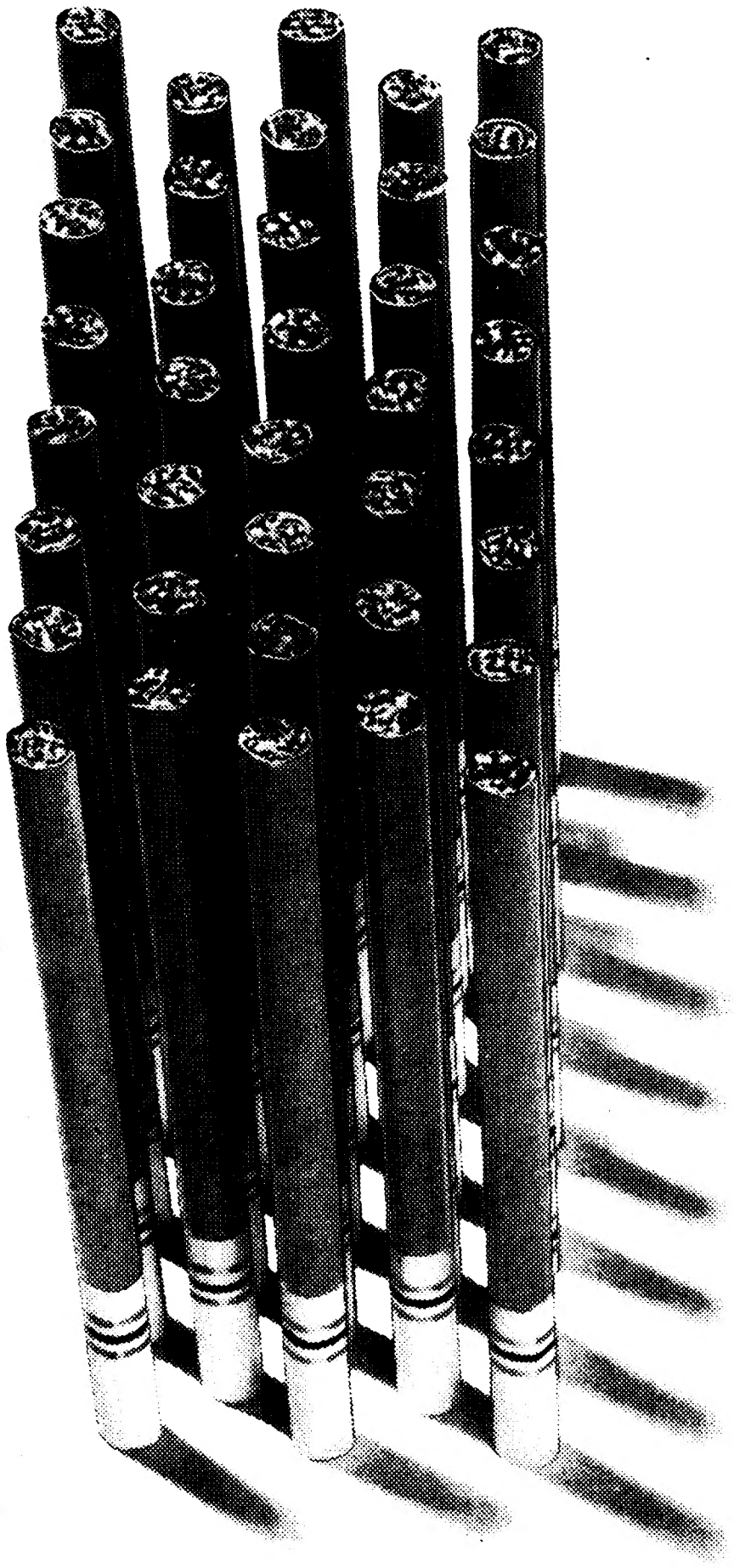
— Ordenado correspondente à categoria profissional
— Diferenciais e prémios de produção
— Despesas de viagem
— Apoio dum escritório
— Regalias sociais e impostos pagos

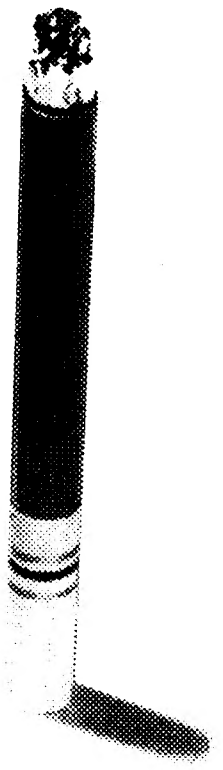
EXIGIMOS :

— Fixação de residência na área de trabalho
— Carta de condução
— Serviço Militar cumprido

PROCURE-NOS OU RESPONDA PARA :

— Companhia de Seguros Tranquilidade
Serviços Comerciais
Em Lisboa, na Av. da Liberdade, 242
No Porto, na Galeria de Paris, 102





Temos um grande papel na sua saúde

Castanho.

E os outros têm mortalhas brancas.

Não é que o nosso seja pintado.

Os outros é que são branqueados.

Temos um grande papel na sua saúde.

Continuamos castanhos.

Mortalha peitoral
Tabaco com o menor teor de nicotina e alcatrão

Fume melhor.

Fume Negritas.

NEGRITAS

NEGRITAS GIGANTE
O BOM GIGANTE

DELTA PORTUGUESA

DOCUMENTO-CHAVE DA ESTRATÉGIA ÁRAB

AS REDUÇÕES DA
E AS ESCALADAS D

Por JIM MUIR (Exclusivo «Sunday Times»/«DL»)

Kadafi que representa o grupo radical B, uma das faces da unidade Árabe

Tornou-se claro, a partir de Outubro último, que as relações os Estados árabes se tinham alterado fundamentalmente. Não só os árabes tinham encontrado, pela primeira vez, uma verdadeira unidade no uso da sua «arma do petróleo», como haviam agido por forma a combinar a sua acção económica conjunta, com êxito político.

Procuraram fazer pressão sobre a Europa de maneira a alterar a política israelita da América. Foram bem sucedidos em meter uma cunha na Aliança Atlântica. Ao estabelecer o embargo do petróleo para os países «não amigos», forçaram Henry Kissinger a um diálogo pró-árabe. E, ao triplicar o preço do seu petróleo, aumentaram o seu aperto no sistema financeiro mundial.

Nenhum destes acontecimentos é um caso isolado. Fazem parte de uma compreensiva estratégia árabe perfeitamente coordenada. O facto do rescaldo da guerra de Outubro e as restrições do petróleo que apanha de surpresa as nações ocidentais consumidoras de petróleo, mostra como estamos desfasados relativamente ao mundo

árabe. Muito antes de Outubro, os países do Médio Oriente mostravam grande excitação com o plano económico e político árabe.

Obtivemos um documento-chave na formação desta estratégia árabe coordenada. Intitulada «Interesses Económicos ao Serviço das Causas Arabes», é um projecto não só para os acontecimentos que se desenrolaram durante estes últimos meses — a guerra de Outubro, as reduções orquestradas da produção e as escalada dos preços — como também refere o que podia acontecer de então em diante.

Este documento confidencial foi terminado durante o ano de 1973 por três dos principais economistas do mundo árabe, para apresentação à Comissão Económica da Liga Arabe. Afinal, foi aceite pelos ministros árabes e deu origem a uma publicação limitada e estritamente confidencial para distribuição da mensagem entre os funcionários e oficiais de nível médio. Fora destes círculos árabes ainda não foi visto. **Business News** apresenta-o pela primeira vez no Ocidente. Lança uma importante e nova luz sobre toda a estratégia económica e política árabe.

Duas suposições interligadas apoiam todo o plano estratégico: que a produção do petróleo deve ser reduzida, e continuar reduzida, e que deve ser investido capital árabe para construir uma indústria árabe e usado para subsequentes interesses árabes.

O plano apresenta um volume de convincentes e práticos argumentos em apoio destes dois pontos. São formuladas tácticas pormenorizadas; algumas foram ultrapassadas pelo rápido desenrolar dos acontecimentos, porém, a maior parte delas estão a ser empregues hoje pelos produtores de petróleo árabes ou em vias de o ser amanhã.

E mencionada uma aproximação do tipo «pau numa das mãos e pão na outra», que divide o mundo em Estados amigos ou inimigos. Não só é aplicada uma pressão negativa como tais acções, como o embargo do petróleo às nações não amigas, como, ao mesmo tempo, é exercida uma discriminação positiva a favor dos países amigos «para encorajar os outros». Uma modificação feliz na política de um Estado não amigo tem de ser reconhecida por uma melhoria nas acções árabes, embora mantendo a pressão algures. Assim, ao levantar o embargo às entregas aos Estados Unidos, em reconhecimento de uma mudança na política dos Estados Unidos, mantêm-no relativamente à Holanda e à Dinamarca de acordo com as tácticas do plano. Pois, um tal movimento foi alargado na semana de 10 a 16 de Março pelo xeque Yamani, da Arábia Saudita. Porém, entretanto, a produção de petróleo continua reduzida na sua totalidade. O plano continuará em acção.

De uma forma realista, o plano chega mesmo a tirar vantagem da existência de duas escolas de pensamento nos Estados árabes produtores de petróleo. Um grupo de países, o Grupo A, facilmente reconhecíveis como a conservadora Arábia Saudita e os Estados do Golgo Pérsico, tem um determinado conjunto de acções. O Grupo B, que inclui a Líbia e a Argélia, mais radicais, tem outro plano, mais duro.

Foi com base neste pensamento que os árabes, em Outubro, conseguiram unir-se, pela primeira vez, quer se tratasse de ricos produtores de petróleo ou de Estados pobres não produtores, comprometidos na linha da frente contra Israel. Porém, o que é igualmente importante, mostra como os chefes árabes podem provavelmente estabelecer os seus passos seguintes. O objectivo, à parte a erosão progressiva do apoio Ocidental a Israel, é assegurar o rápido desenvolvimento industrial do mundo árabe. O objectivo básico é prolongar a existência do petróleo e do gás até que os árabes possam edificar a sua própria tecnologia, e preservá-los, em grande medida, não para fins energéticos, mas como matérias-primas para outras indústrias, particularmente as petroquímicas.

Depois do petróleo, o outro recurso central da estratégia árabe é o dinheiro. Não há ilusões acerca do potencial estratégico do dinheiro árabe no estrangeiro. «Sózinho, é de eficácia limitada.» A sua vulnerabilidade às medidas de represália, dado que a sua maior parte se encontra nos bancos governamentais ou em títulos oficiais, limitando o seu uso como arma, o qual poderia significar perdas económicas sem compensar ganhos nacionais, afirma o relatório.

Isto sugere a necessidade de uma revisão da política de investimentos árabe. Não é suficiente pensar apenas em aumentar a eficácia destes fundos no estrangeiro. Em vez disso é preciso, pelo contrário, alterar o uso dos excedentes financeiros árabes para apoiar as economias árabes.

A actual impossibilidade de usar o dinheiro árabe no estrangeiro para influenciar os governos desses países, advém não simplesmente da falta de um planeamento coordenado, como das formas que esses fundos tomam. Podiam ser não só mais lucrativos mas, também, mais utilmente empregados do ponto de vista árabe. Deveriam ser feitos planos de conjunto para o investimento dos fundos árabes em firmas estrangeiras estratégicas. Porém, o acento deveria ser posto na criação de condições para investir a riqueza árabe na comunidade árabe «no sentido de construir uma economia árabe forte capaz de se manter firmemente ou de mergulhar na batalha fatal, se a causa o requeresse».

As recomendações práticas incluem a criação de um fundo especial para compensar os Estados árabes que sofrem com a estratégia global; empréstimos e facilidades para desenvolver os países que possam ajudar as causas árabes; e acordos bancários e financeiros conjuntos com Estados amigos para encorajar o desenvolvimento das simpatias árabes.

As elaboradas tácticas descritas para apoiar este plano estratégico foram estritamente seguidas nos acontecimentos de Outubro último. Quatro fases foram originariamente previstas no que está referido, do princípio ao fim, nas 200 páginas escritas de alto a baixo, como «o Jogo», embora tivessem sido rapidamente amalgamadas quando a guerra rebentou.

A realização do Jogo é precedida de três medidas preliminares. A primeira é um anúncio de que os interesses estrangeiros nos países árabes dependerão das atitudes dos mesmos Estados estrangeiros relativamente à luta contra Israel. O critério usado para estabelecer os graus de amizade é determinado em pormenor. A segunda medida envolve o estabelecimento de precauções relativamente aos fundos árabes no estrangeiro. A última medida é um esforço diplomático e de propaganda.

Depois disto, o Jogo começa a sério. A primeira fase compreende movimentos políticos árabes limitados para conseguir deter o fornecimento de armas a Israel. Depois, vem uma ameaça militar limitada. Ambas estas fases são ou uma reacção aos acontecimentos exteriores, ou apenas uma iniciativa isolada pan-árabe. A terceira fase é o aumento das acções árabes para uma escala mais vasta. Por último é a transição do Jogo para a confrontação sem rodeios com os maiores consumidores de petróleo.

Os dois diferentes grupos de Estados árabes, têm diferentes papéis a desempenhar na exploração da divisão entre países estrangeiros amigos e inimigos, tornando a vida difícil às companhias petrolíferas e estabelecendo determinadas sanções como, por exemplo, a revogação das concessões não exploradas.

Um ponto-chave no plano Jogo é que todos os produtores de petróleo anunciem simultaneamente o congelamento da

E DO PETRÓLEO

PRODUÇÃO OS PREÇOS

Boumediene — outro radical

produção aos níveis de 1972.

São, então, estabelecidos controlos de importação por forma a diferenciar as mercadorias provenientes das origens amigas e inimigas. A ideia é criar o alarme para aumentar a pressão. É introduzida uma proibição oficial de exportação e, então, depois de uma conveniente negociação diplomática, estabelece-se um «limite de carregamento» numa base de «prioridade amigável».

Os Estados «amigos» entram no mercado cooperativamente, iludindo as companhias inglesas, holandesas e americanas. Os Estados produtores de petróleo anunciam que os preços estabelecidos no acordo de Teerão «já não são actuais» e exigem novas negociações.

Para efectuar as reduções anuais do plano na produção de petróleo, é anunciada uma percentagem fixa não inferior a 5 por cento. Cidadãos árabes substituem o pessoal das companhias estrangeiras produtoras de petróleo. Através de todo o relatório, a Inglaterra é referida como país hostil — uma coisa o Governo de Heath mudou.

O Jogo chega agora ao ponto decisivo de confrontação com os países estrangeiros. O principal objectivo é chegar a uma regularização política e a uma pausa parcial ou total no Jogo. Ambos os grupos árabes, juntamente com os produtores de petróleo não árabes, pedem uma conferência mundial para estabelecimento de um novo sistema do mercado do petróleo.

A dependência mútua entre os Estados árabes e os países industriais, sugere-se, deveria ser convertida num sistema integrado mutuamente acordado de cooperação industrial e comercial.

O objectivo a longo prazo, como se estabelece no plano estratégico, é proteger o futuro económico árabe dos perigos que se podem seguir à rápida exaustão dos recursos petrolíferos. Ao mesmo tempo, a intenção é levar os Estados árabes a um nível de tecnologia e desenvolvimento industrial que os coloque dentro do século XXI.

Em princípio, os árabes começarão por produzir petroquímicos a partir do seu próprio petróleo, encorajando os compradores ocidentais mediante uma política de venda conjunta segundo a qual o petróleo será fornecido se forem igualmente adquiridos produtos químicos. Todos os anos os árabes importam cerca de 600 milhões de libras esterlinas de metais e muito mais do que isto em produtos petroquímicos. Substituir estas importações pela própria produção árabe é a primeira prioridade. Além disso, são previstos três outros sectores de especial desenvolvimento: engenharia, baseado no fornecimento de motores para navios e turbinas, indústria de montagem para automóveis e navios, e uma indústria de defesa selectiva.

O requisito prévio essencial para se conseguir êxito é o de cada Estado árabe concentrar o seu esforço no desenvolvimento de uma quantas indústrias, cada uma em larga escala, para se conseguir um mercado árabe integrado. Se este ambicoso mercado comum árabe pode ou não ser atingido é o que está para se ver. Os esforços anteriores para uma união económica falharam porque permitiam que mercadorias similares concorrentes fossem produzidas em cada um dos países e cada Estado árabe procedeu à sua maneira nas negociações bilaterais com outras partes do Mundo. Mas é agora um facto porque, referem os autores, já não está em conflito com os desejos dos diferentes Estados Árabes o terem diferentes sistemas económicos. O acento é posto não nos sistemas mas nos produtos.

Concentrando-se cada país nuns tantos produtos, ou numas tantas indústrias, o problema da aquisição e refinamento da especialização é vencido.

O primeiro objectivo no Jogo são os Estados Unidos. Desde — e com — a guerra do Vietname, os árabes aprenderam que o único caminho para modificar a política americana é através de pressões internas. Pouco dano físico podem os árabes inflingir à América e nenhuma influência política.

Mas, diz o plano, é necessário que a activação das pressões económicas possa levar a uma acção política ou militar. E este ponto de partida do Jogo, recomendado neste documento estratégico. Pode ser iniciado pelos próprios árabes, ou tomar a forma de reacção a um movimento israelita. Torna-se agora claro que os objectivos limitados da guerra de Outubro e o uso parcimonioso da arma do petróleo que foi activado durane a guerra ainda em progressão, ajusta-se como uma parte de um padrão coerente. O rápido desenvolvimento dos acontecimentos de Outubro foram precedidos de uma maciça actividade política e diplomática nos meses antecedentes, exactamente como o plano estabelecia. De capital importância, neste contexto, foi a visita do rei Faiçal da Arábia Saudita a Washington, para solicitar o auxílio dos Estados Unidos na industrialização do seu país.

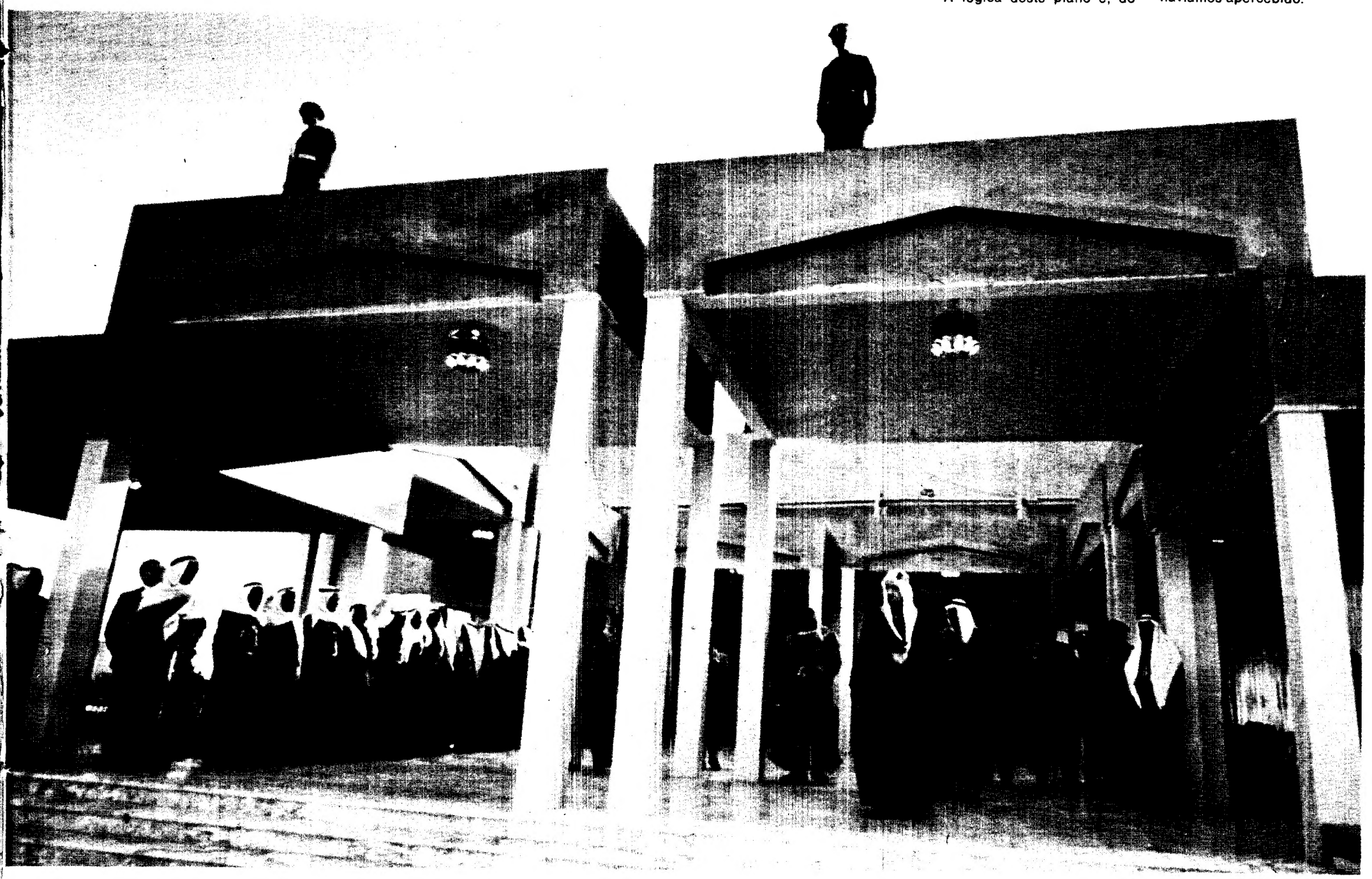
Os árabes reconhecem que a América importa uma relativamente pequena quantidade de petróleo árabe, mas tem uma posição destacada na produção e no comércio mundial de petróleo. O plano árabe é aliar-se com muitos países europeus que compartilhem com eles um interesse dominante em deslocar as companhias petrolíferas americanas dominantes. Isto ajudará igualmente a nacionalização do petróleo árabe, que até aqui tem sido difícil porque as companhias petrolíferas, largamente de propriedade americana, controlavam os sistemas de distribuição e de comercilaização do ouro negro. Poderiam ser estabelecidas companhias conjuntas com os europeus para a venda do petróelo e, do mesmo modo, operações financeiras conjuntas com os europeus para a venda do petróleo e, do mesmo modo, operações financeiras conjuntas dentro das linhas daquelas que já existem com a França. De momento, apenas é considerada uma modificação gradual da exploração e da produção nas companhias nacionais árabes.

O petróleo que se encontra no solo servirá para formar uma reserva de ouro negro para o desenvolvimento árabe, para o grande passo em frente planeado, quando estiver completada a criação da estrutura industrial. E geralmente reconhecido que o uso da arma do petróelo impelirá os países industrializados a procurar novas fontes de energia alternativas, o que terão de fazer dentro dos dez próximos anos, pois, de contrário, as reservas de petróleo árabe estarão esgotadas. Assim, o tempo óptimo para agir é agora.

A lógica deste plano é, do ponto de vista árabe, compelir, e, a partir dos acontecimentos dos últimos poucos meses, constituiu obviamente a base para muito daquilo que já aconteceu. Os acontecimentos desenrolaram-se talvez mais depressa do que o plano previa. Em cinco meses, muito daquilo que o plano estabelecia dever fazer-se dentro de cinco anos, já foi feito. A entrada do não árabe xá do Irão nos lanços de aumentos de preço é outro dos factores inesperados.

O relatório coincidiu com — e quase certamente ajudou a cristalizar — as modificações-chave na política árabe. Ainda muito recentemente, em Agosto de 1972, o conservador rei Faiçal dissera que nunca se juntaria aos outros Estados árabes no uso do petróelo como arma. Em Março de 1973, enviou o xeque Yamani a Washington solicitar uma emenda à política americana relativamente a Israel, solicitação esta apoiada por uma ameaça de corte dos fornecimentos de petróleo. Menos de um mês antes da eclosão da guerra, tinha dito, na América, que os Estados Unidos poderiam ajudar a Arábia Saudita a industrializar-se. A falta de uma resposta adequada por parte da América levou Faiçal para a primeira linha da estratégia.

O que a estratégia em curso acabará por conseguir, só o tempo o dirá. O restabelecimento das relações diplomáticas do Egipto com os Estados Unidos e o crescente envolvimento americano nos planos de desenvolvimento do Egipto são sinais de que a política americana já se alterou consideravelmente. Não é só em Israel que há a sensação de que o mês de Outubro de 1973 foi um momento decisivo nos destinos árabes. Um plano de fundo parece agora ter sido preparado para o futuro árabe, do qual até agora mal nos havíamos apercebido.



No aeroporto de Riyadh o rei Faiçal, «leader» do Grupo Conservador A

Depressão — a grande esquecida

A depressão é de todas as doenças graves aquela que mais frequentemente não recebe tratamento, apesar de ser relativamente fácil o controle de muitos dos casos. Esta é a conclusão de um artigo do «Jornal da Associação Médica Americana». E grande a discrepância entre a possibilidade actual de tratar as depressões e o tratamento que realmente se faz, segundo o dr. Nathan S. Kline, director de um centro de investigação de um hospital de New York. Este especialista analisou relatórios governamentais, tendo concluído que, anualmente, 20.000.000 de americanos sofrem de depressões severas. Este número impressionante representa 15 por cento dos adultos entre os 18 e os 74 anos de idade. Contudo, menos de 5 por cento destas pessoas recebem assistência psiquiátrica!

Os doentes recorrem geralmente em primeiro lugar ao «médico de família» e, por outro lado, a maioria dos clínicos gerais americanos dispõe de escassa informação no que respeita ao tratamento das depressões. O dr. Kline lança um apelo aos «médicos de família» para que solicitem o apoio e colaboração dos psiquiátras com maior frequência.

7.º Curso de pneumologia para Pòs-graduados Faculdade de Medicina de Lisboa

Nos próximos dias 3, 4, 5 e 6 de Abril terá lugar na Aula Magna da Faculdade de Medicina de Lisboa, Hospital de Santa Maria, o VII Curso de Pneumologia para Pós-Graduados, cujas sessões decorrerão entre as 09.00 e as 13.00 e as 15.00 e 16.30 horas.

Por despacho dos ministros da Saúde e Corporações, foi autorizada a dispensa de comparência ao serviço dos médicos e funcionários deste Ministério inscritos no Curso.

A Direcção do Curso está a cargo do prof doutor Thomé G. Villar e são convidados — prof. Jacques Gerbeaux, prof. Esteves Pinto, prof. Robalo Cordeiro, prof. Cortez Pimentel, dr. Rui de Lima, dr. Armando Guimarães Pinheiro, dr, Ramos de Almeida e dr. Rui Noronha.

IX Congresso Internacional de Angiologia Florença — Itália

Ainda em Abril, de 3 a 7, terá lugar em Florença o IX Congresso Internacional de Angiologia que terá como presidente o prof. Franco Pratesi e como presidente honorário o prof. M. Comel e como Secretários Científicos os profs.: C. Corsi e M. Tesi.

A organização do Congresso está a cargo do Instituto de Angiologia — Hispital Principal de Santa Maria Nuova — Florença, Itália.

Este Congresso terá a assistência de um numeroso grupo de médicos portugueses.

Ecocardiografia — ultra-sons estudam o coração

Uma nova técnica de diagnóstico das doenças do coração, baseia-se nos ultra-sons. Não implica a introdução de tubos nas cavidades cardíacas, nem o preencimento destas por meio de substâncias rádio-opacas, como é o caso dos métodos mais antigos, o cateterismo cardíaco e a angiocardiografia. Permite obviar aos riscos do cateterismo e às limitações dos raios X. A técnica dos ultra-sons implica a interferência com a massa do coraçaoa de ondas sonoras cuja alta frequência as torna inaudíveis. Graças a um equipamento especial, estas ondas desenham o coração numa imagem chamada ecocardiograma. A ecocardiografia é rápida e não envolve os perigos e e azares dos cateteres e das radiações.

Pode ser utilizada em doentes ambulatórios das consultas externas, fornecendo as informações básicas que até ao presente só a angiocardiografia e outras técnicas complexas, difíceis e perigosas podiam dar. Em certos casos, proporciona mesmo dados que nenhum outro método garante. Contudo, o ecocardiograma não é ainda um exame de rotina, nem um substituto de todas os cateterismos. «A nossa meta é eliminar o cateterismo cardíaco, logo que o possamos fazer» — explicou à Associação Americana de Cardiologia o dr. Harvey Feigenbaum, o perito em ecocardiografia da Universidade Indianapolis.

O sarampo doença nova para os índios do Brasil

Na Amazónia, estão a morrer pessoas em consequência de uma afecção rara nessa parte do Mundo — o sarampo.

Sabe-se que já sucumbiram quatro índios e muitos outros apresentam os sintomas da doença.

Os povos da selva, que vivem isolados, não tiveram, em geral e ao contrário das populações urbanas, qualquer contacto com o sarampo. Assim, não tiveram oportunidade de criar resistência contra esta infecção, mostrando-se muito mais susceptíveis, quando a contraem.

Foram operários da construção da Estrada n.º 80 que levaram o sarampo para a comunidade índia. Esta estrada faz parte do novo sistema de rodovias que o Governo do Brasil está a fazer construir, através da selva, «para levar os frutos do progresso aos confins primitivos da Nação».

MSD Colaboração dos Serviços Profissionais da MERCK SHARP & DOHME

Política de Saúde e Médicos

O direito à Saúde apresenta-se hoje, na visão dos governantes como no consenso popular, de forma aparentemente tão indiscutível, que se dirá ser totalmente insusceptível de controvérsia.

Na evolução, relativamente rápida, que foi afectando e demolindo a medicina tradicional, de raízes profundamente liberais, houve que concluir pela impossibilidade de esta — por si só e dadas as suas características específicas — se ir adaptando às exigências que o rumo urgente da medicina preventiva, o explosivo progresso tecnológico e o acesso maciço das populações às novas e aliciantes fontes da saúde haveriam, necessariamente, de impor ao exercício da Medicina.

Pelo prof. Robalo Cordeiro
Catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra

Não que o direito à saúde — concebida esta, segundo conceitos hoje tão banalizados, e para além da noção de simples ausência de doença, antes como o estado de completo bem estar físico, mental e social que a Organização Mundial de Saúde já há anos definiu — se oponha, na sua concepção genérica, às formas tradicionais do exercício da medicina: estas é que não poderão deixar, forçosamente, de se reconhecerem impotentes, por si só, para poderem assegurar, em boa consciência, o cumprimento, tão eficaz quanto possível, daquele direito.

Deduz-se, assim, que a definição do acesso aos recursos médicos como direito teria que abalar, inexoravelmente, as estruturas em que a medicina tradicional se vinha exercendo — o que terá justificado que os Estados, sacrificando-a no todo ou em parte, se tenham lançado, com enegias de decisão ou com debilidades que atrasam, à tarefa gradual de assegurarem às massas populacionais o acesso ao que se poderá hoje designar como bens de consumo médico.

Não fugiu o Estado português à regra, quando a equipa governativa, no plano da Saúde, de 1970 ministro Rebelo de Sousa e secretário de Estado Gonçalves Ferreira), ao apreciar os objectivos prioritários que haveriam de alicerçar «as grandes soluções», apontava, como fundamental, a definição de uma política nacional de saúde que considerasse o direito à Saúde de todo o cidadão desde o nascimento como natural e iniludível (...) (Política de Saúde em Portugal, Gonçalves Ferreira, 1972), o que, não constituíndo, aliás, mais que a explanação de uma garantia «implícita na própria Constituição» quase dois anos depois, de ser reafirmado, ao delinear-se como direito de personalidade (...) que não sofre restrições, salvo as impostas pelo limite dos recursos humanos, técnicos e financeiros disponíveis» (Decreto-Lei n.º 413/71, de 27 de Setembro, art.º 2.º, n.ºs 1 e 3).

Apenas brevíssimo parêntesis, em que se me permita salientar que numa época em que tudo é contestável, também o direito à saúde não terá fugido à regra... A curiosidade reside, de facto, na crítica que este próprio conceito — que se diria tão apriorístico quanto, obviamente, indiscutível — mereceu a Roher Sade, em trabalho publicado há cerca de dois anos e cujo curioso contexto se pode avaliar pelo seu resumo: «E do direito primário do homem — o direito à sua própria vida — que derivam todos os outros, incluíndo os seus direitos de escolher e adoptar os seus próprios valores e, uma vez obtidos, de dispor deles sem coerção. Ora a escolha das condições em que as actividades do médico são remuneradas pertence a ele próprio, como consequência do direito que tem de manter a sua própria vida. Se os cuidados médicos, que incluem as actividades do clínico, são considerados como direito do doente, tal direito deverá ser eficazmente protegido pelas leis governamentais; e, por isso, sendo a força do poder a garantia definitiva de toda a lei, a decisão profissional do médico — isto é, a sua opinião — é controlada pelo estado sob a ameaça da violência.

«A força é a antítese da possibilidade de decisão (mind) — e o homem não pode sobreviver, como homem, sem o livre recurso à sua decisão.

«Assim, visto que o conceito de cuidados médicos como direito do doente, vincula o uso, ou a ameaça, da violência contra os médicos, tal conceito terá que ser considerado como «anti-mind» — portanto, anti-vida, e, portanto, ainda, imoral» (The New England Journal of Medicine, 2 de Dezembro de 1971).

Esta citação só teve, aliás, uma finalidade: salientar que, na sociedade actual, tudo é susceptível de contestação — até o próprio direito à saúde...

II

Se cabe ao Estado a garantia do direito à saúde, competir-lhe-á também, naturalmente, a organização e a coordenação das estruturas que o assegurem eficazmente.

Entre nós, o esquecimento a que foi votada, durante largos anos, a política da saúde — que quase só no domínio dos Serviços Médicos-Sociais da Previdência se foi arquitectando, gradualmente, como resposta a necessidades sociais concretas — fez com que o impacto dos grandes problemas da saúde viesse colocar-nos perante a realidade de uma organização débil, díspar na sua orgânica e nos seus objectivos e diversificada por organismos múltiplos, aliás raramente complementares e frequentemente divorciados, se não concorrentes.

O dr. Jorge Assis dos Santos, à data secretário de Estado da Saúde e Assistência, referiu-se, abertamente, aos problemas que, lamentavelmente, nos afligem neste domínio, ao afirmar, publicamente, a propósito, aliás, da «ligação Saúde/Previdência Social»: «São por demais conhecidos e reconhecidos os inconvenientes, desperdícios e frustrações que acarreta a situação actual de separação, orgânica e funcional, entre os serviços médicos do Ministério da Saúde e os da Previdência Social. Isso atinge negativamente as duas organizações, cada uma «de per si» consideradas, refletindo-se, também, inevitavelmente, no todo» (Discurso proferido no acto de posse do dr. Mário Gomes Marques como director-geral dos hospitais, em 8 de Junho de 1973).

Sobre o largo e inquietante âmbito desta difícil matéria também eu próprio, aliás, tivera que emitir um parecer, ao comentar, como me fora solicitado, o «Relatório Geral Preparatório do IV Plano de Fomento», elaborado pelo Secretariado Técnico da Presidência do Conselho. Nele salientava eu que «uma política de saúde que tentasse contrariar as deficiências teria que ser excepcionalmente corajosa e actuante na coordenação, aproveitamento e beneficiação de todos os recursos disponíveis»; e que julgava «só a instituição de um «Sistema único de Saúde» e de assistência social, tal como se preconizava no citado Relatório, poder ajudar a resolver, decisivamente, os problemas cruciais que nos afligam nos sectores em causa» (Parecer de 26 de Outubro de 1972).

Aliás, logo em 3 de Novembro do mesmo ano, o ministro Baltazar Rebelo de Sousa havia de exarar um despacho histórico, em que se lançavam alicerces nesta política de integração, que o é de facto, qualquer que seja a designação que se lhe dê ou que venha a reconhecer-se como preferível (Sistema Nacional de Saúde; Sistema Unico de Saúde...).

E o Decreto-Lei n.º 584/73, de 6 de Novembro de 1973, ao estabelecer que «compete ao Ministério da Saúde a orientação dos serviços médicos das instituições de previdência social» e ao indicar a data de 31 de Janeiro do corrente ano como prazo limite para a sua regulamentação, vinha culminar uma orientação integrado-ra que havia sido nota dominante dos responsáveis pela nossa política da saúde nos últimos anos.

Calculam-se, no entanto, as dificuldades que haveriam e que terão ainda de surgir para que um edifício desta natureza (paradoxalmente tão simples quanto à definição de princípios e tão complexo quanto à concatenação de estruturas) viesse a esboçar-se em anteprojecto tímido, a delinear-se em projecto cauteloso e a surgir enfim, um dia, como obra funcionalmente correcta e eficiente.

Teremos todos, responsáveis ou colaboradores de instituições aqui ou ali, que fazer um consciente esforço de integração e até de renúncia, para que tudo se aproveite e nada se duplique e para que as estruturas sanitárias de organismos díspares se integrem num plano de acção comum: pessoalmente, tenho-o tentado e não deixarei de lutar por tal nas reduzidas esferas de acção onde me cabem responsabilidades neste domínio...

Dir-se-á, é certo, que — até devido a inevitáveis resistências dos serviços e das pessoas, nem sempre totalmente permeáveis a concepções de aproveitamento integral de recursos — poderá apresentar-se como utópico querer fabricar-se, com tecidos diversos, uma manta que não seja de retalhos. Mas poder-se-á, também, aduzir que, entre a medicina liberal de onde provimos e a sua socialização integral, será possível encontrar um suficiente espectro de respostas, dotadas da maleabilidade necessária para que soluções como a preconizada entre nós mereçam um ensaio conscientemente tentado.

III

E onde cabe o médico, nesta viragem da nossa medicina?

Creio que os jovens, tanto quanto posso deduzir de anos de convívio universitário, resistem — e farão bem — a não se integrarem nos esquemas que as carreiras médicas lhes proporcionam. Naturalmente cépticos quanto a futuras compensações fora do âmbito de uma medicina organizada que vêem crescer progressivamente e assim abranger camadas sucessivas da população, é compreensível a sua incredulidade quanto ao futuro da clínica particular, apesar do reconhecimento, até oficial, da «importância da iniciativa privada» neste sector (Decreto-Lei n.º 413/71, art. º 1, n.º 3). Mas, para além da frieza dos textos legais, a lógica em matéria de evolução sanitária dificilmente consente outra opção que não seja a de um progressivo cepticismo quanto à clínica livre do futuro, nomeadamente fora dos grandes centros.

Ora a cobertura médico-sanitária do País haverá, um dia, que ser efectuada à custa destes jovens, que terão de encontrar, nas unidades assistenciais periféricas, a justa compensação (profissional e económica) para o treino hospitalar e sanitário a que se terão sujeitado na mira de carreiras desafogadas. As soluções exequíveis para este delicado problema da distribuição periférica dos médicos (livre, ou coer-

Continua na página seguinte

ALERGIA À PICADA DAS ABELHAS

Pela dr.ª MARIA CECÍLIA PATULEIA

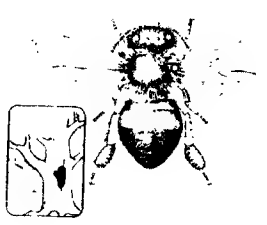
A chegada da Primavera representa o início de outro cíclo vital da Natureza. De um modo geral os animais e as plantas respondem com exuberância a essa regeneração do meio ambiente. Muitos dos fenómenos de multiplicação e crescimento acentuam-se: a germinação acelera, a vegetação aumenta, as flores nascem, os frutos crescem, os animais saudáveis revigoram e..... reaparecem os insectos.

Para os indivíduos hipersensíveis à picada das abelhas ou das vespas, a Primavera pode também significar uma época de perigosa expectativa, pelo facto da inoculação do veneno contido no ferrão daqueles animais ser capaz de causar reacções alérgicas de certa gravidade.

As figuras seguintes mostram três tipos diferentes de insectos pertencentes às famílias dos Apídeos e dos Vespídeos, qualquer deles capaz de atacar o Homem, especialmente no caso de se sentirem por este ameaçados. Devem evitar-se os movimentos bruscos e rápidos na sua presença.

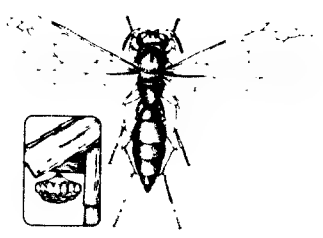
Nos indivíduos não alérgicos, a picada das abelhas e das vespas provoca apenas um processo inflamatório doloroso, limitado a uma pequena área à volta do ponto de entrada do ferrão, enquanto que nos alérgicos ou hipersensíveis, a resposta é generalizada, varia entre a simples urticária e a reacção anafilática grave e tende a exacerbar-se com a repetição das inoculações.

ABELHA



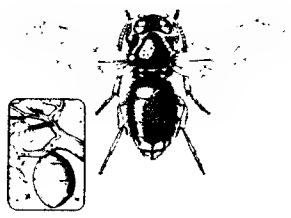
Himenóptero (da família dos apídeos) Esconde os ninhos em caves e dentro de troncos de árvores

VESPA



Himenóptero (da família dos vespídeos) Faz ninho em qualquer lugar abrigado

VESPÃO



Himenóptero (da família dos vespídeos) Cortiços ovais pendurados nos troncos das árvores ou debaixo das folhas

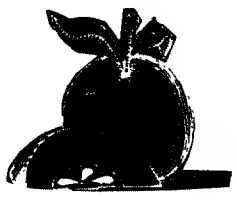
As crianças da segunda e terceira infância (3 a 10 anos) estão pelas suas inadvertência e curiosidade, particularmente vulneráveis a este tipo de acidente quando brincam ao ar livre.

O método mais simples de cuidar do nódulo local doloroso consiste em remover o ferrão, cuidadosamente, para não rebentar a bolsa de veneno e aplicar pomada ou «spray» de Cortisona associada a um antibiótico. O tratamento da reacção alérgica generalizada constitui sempre um caso de emergência que necessita de assistência médica imediata.

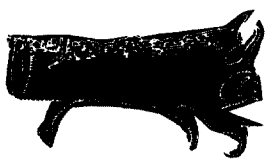
Embora tenhamos hoje métodos eficientes de tratar com sucesso a maior parte das reacções alérgicas graves, é sempre preferível evitá-las.

Existem dois métodos de prevenir o seu aparecimento. Um, o mais científico e também de resultados mais seguros, consiste no tratamento de dessensibilização feito por um médico alergista, por meio de injecções de concentrações crescentes do veneno; o outro, reside em tomar certas precauções a fim de dificultar ou impedir o contacto entre as pessoas susceptíveis e aqueles insectos.

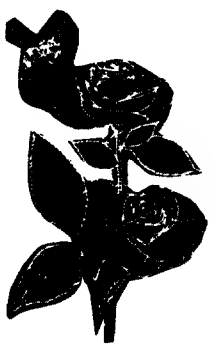
OS QUADROS A SEGUIR ILUSTRAM ALGUNS DOS MÉTODOS PRÁTICOS DE PROFILAXIA CONTRA AS PICADAS DAS ABELHAS E DAS VESPAS, QUANDO O MÉTODO DE DESSENSIBILIZAÇÃO NÃO É POSSÍVEL E AS CRIANÇAS BRINCAM EM LUGARES TAMBÉM PREFERIDOS POR AQUELES INSECTOS



Cuidado com flores e frutos fermentados em pomares ou quintais. Certas abelhas apreciam-nos



Não remover madeira velha ou troncos porque podem albergar vespas

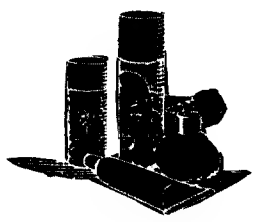


Passear ou brincar nos jardins com cuidado, evitar a proximidade daqueles insectos e não trazer o corpo descoberto.

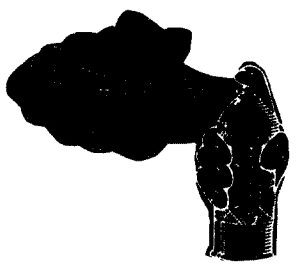
Os bebedouros atraem os insectos

Cuidado com locais destinados a piqueniques. Restos de alimentos atraem os insectos

Os alimentos devem estar cobertos

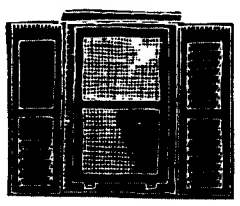


Evitar o uso de lacas, perfumes ou cremes. Evitar exercícios físicos porque o cheiro da transpiração atrai os insectos que picam o homem



Não permanecer sentado ao ar livre sem primeiro usar um repelente ou um insecticida

Não andar descalço. As abelhas gostam muito da flor do trevo



Usar redes nas janelas e nas portas

Manter os depósitos do lixo cobertos e limpos

Evitar brincar nos locais onde os animais comem

MEDICINA

POLÍTICA DE SAÚDE E MÉDICOS

Continuação da pagina anterior

civa no futuro?), nomeadamente no domínio económico (subsídios de diversa índole residência, fixação, transporte; diuturnidades de acesso mais rápido na periferia, como já em tempos sugeri; etc.), algumas das quais felizmente já em vigor, não me parecem, no entanto e para já, suficientemente atractivas.

Também creio de tentar como, aliás, propus no meu cido parecer de 1972 «a integração (...) das carreiras médicas hospitalar e da previdência. O incentivo que daí resultaria para os médicos que hoje optam por uma ou por outra ou, até, que, mais frequentemente, as acumulam considero-o digno de ponderação. Aliás, assim se atingiriam vários benefícios: concretização de uma carreira médica da Previdência, por ora apenas esboçada; mentalização dos médicos quanto aos objectivos comuns de uma actividade assistencial coordenada; apuramento profissional dos clínicos da Previdência (...)».

Uma coordenação que também se tentasse neste âmbito das carreiras médicas poderia revestir-se, a meu ver, de inestimável interesse, mau grado as óbvias dificuldades que, aparentemente, obstariam à sua concretização. Problema difícil? Sem dúvida: mas o que será hoje fácil, no nosso país, e fora dele, em política de saúde?

Aliás, ao reflectir-se, ainda que aligeiradamente, sobre «Política de Saúde e Médicos», não se afiguraria justo esquecerem-se os clínicos mais antigos, participantes indiscutíveis da geração de sacrifício do nosso sistema de saúde os quais, tendo já assistido no nascer hesitante dos serviços médicos no âmbito da Previdência, foram depois espectadores do progressivo ruír da medicina liberal em que haviam sido educados: não se compreenderem, pois, certas amarguras e inadaptações da sua parte será insensato e até desumano...

Estruturadas, portanto, as actividades clínicas em clima de perfeita compreensão; estabelecidas regras criteriosas para a actuação médica nos diversos sectores por onde hoje se espraia; coordenadas as diferentes carreiras de forma harmoniosa e interdependente; incentivada a formação dos muitos médicos que nos são ainda necessários e esquematizada em moldes atraentes a sua distribuição periférica no País eis, na ligeireza a simplicidade de algumas linhas, um programa carregado tanto de espinhos como de aliciantes e atractivos.

Tenhamos todos esperança, para além das dificuldades que se não podem nem devem esconder, na boa vontade dos homens e na luta que se vem já travando, decididamente, por uma política unitária de saúde.

Coimbra, 7 de Março de 1974

AMORTECEDORES

Réparo e reconstruo todas as marcas c/ garantia. Mendes — R. Capitão Ramires, 2-A — Telef. 768423 (ao C. Pequeno).

LOJA C/ CAVE

Na Avenida do Brasil. área de 700 m2. Vende-se ou troca-se por andares.

Informa:

Tel. 25076—Apartado 163 AVEIRO

Teatro Maria Matos

HOJE, às 21,45 horas

«MORTE DE UM CAIXEIRO VIAJANTE»

de **Arthur Miller**

M/14

Bilhetes à venda Tel.: 717017

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pedro de Oliveira Cruz. R. das Alcássimas, 22, r/c., Vivenda Maria OEIRAS

MARKETING

DIRECTOR DE DEPARTAMENTO

Somos uma das mais antigas sociedades portuguesas e uma das mais dinâmicas também.

Para assegurar o desenvolvimento de uma área dos nossos negócios procuramos um homem de 35/40 anos ao qual serão confiadas importantes tarefas, no âmbito do marketing.

PRETENDEMOS :

- Experiência de marketing adquirida no sector de bens de consumo
- Domínio do francês e inglês
- Capacidade de organização e motivação dos grupos de vendas

OFERECEMOS :

- Estágios no estrangeiro para identificação com os produtos
- Possibilidade de valorizar a formação que possui alargando a sua esfera de competência
- Interessantes regalias sociais e um salário anual superior a 300 contos, de acordo com a experiência do candidato.

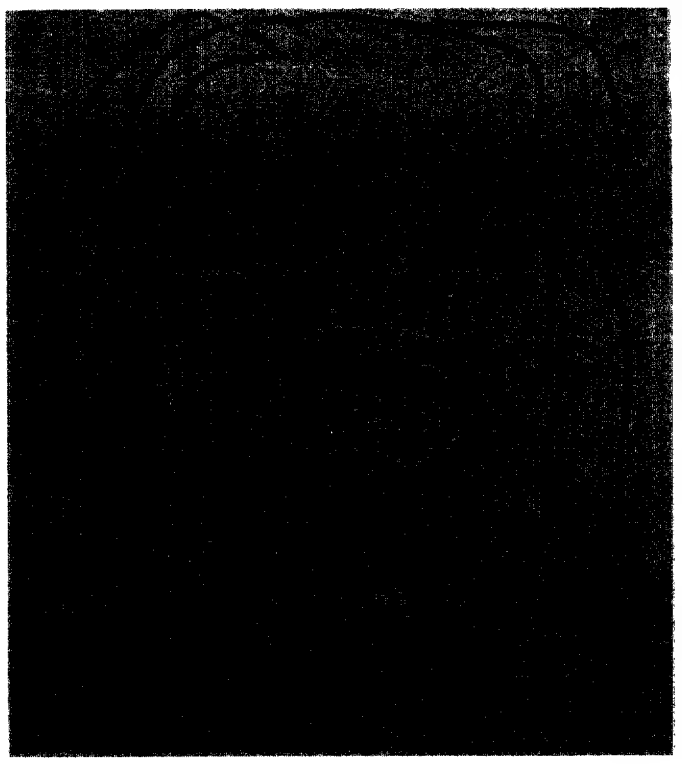
Resposta detalhada a este jornal ao n.º 1058.

UM DOCUMENTO LITERÁRIO

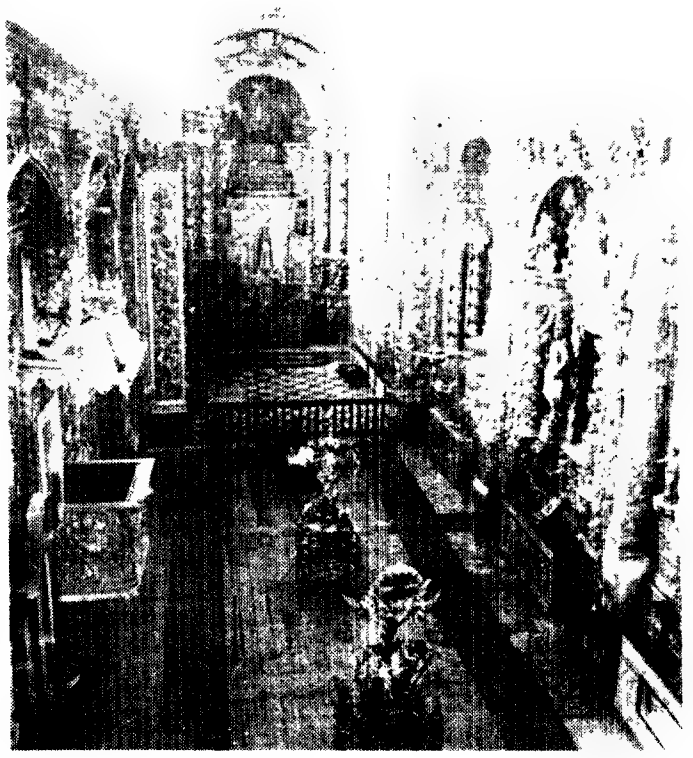
As cartas de soror Mariana tal como foram escritas em 1663

A noite passada, a actriz Micheline Uzan representou no Convento da Conceição, em Beja, um monólogo encenado por José Valverde e baseado Nas «Cartas de Soror Mariana» o qual consiste na recitação das famosas «Lettres de La Relig euse Portugaise» tal como foi feita com grande êxito, recentemente (mais de cem representações), no Teatro Geràrd Phillipe, em Paris.

A literatura portuguesa e francesa d: amor, foi extraordinariamente enriquecida com este documento dado à estampa em Paris, como já assinalámos, em 1669. São poucas as edições das «Cartas» sendo o mais conhecido um volume de «Lello e Irmãos», da Colecção Lusitânia, o qual, ao que supomos, se encontra há muito esgotado. Por esse motivo e porque, na verdade, as «Cartas» constituem uma obra literária de grande relevo decidimos reproduzir no «Diário de Lisboa» as famosas cinco cartas escritas em Beja pela apaixonada religiosa em 1663.



«Maria Alcoforado» por Matisse



Interior do convento da Conceição em Beja

Carta primeira

Considera, meu amor, quão excessivo foi o teu descuido de prever o que havia de suceder-nos!

Ah, infeliz! Foste enganado, e traíste-me, por lisonjeiras esperanças mentirosas.

Uma afeição sobre que tinhas fundado tantos projectos deleitosos, e da qual te prometias infinito prazer, põe-te agora numa desesperação mortal, somente comparável em crueldade à da ausência, que é dela causa.

E há-de esta ausência, para a qual ainda a minha dor, por mais engenhosa que seja, não soube achar nome assaz funesto, há-de ela privar-me de contemplar aqueles olhos em que divisava tanto amor, e que faziam conhecer afectos, que enchiam o meu peito de alegria, que eram tudo para mim, tudo supriam, e enfim me satisfaziam?

Ai de mim! os meus ficaram privados da única luz que os animava, só lhes restam lágrimas; nem eu lhes dou outro exercício senão o de chorar continuamente desde o instante que soube estares resolvido a uma separação, para mim tão insofrível, que em breve tempo me acabará.

Parece-me, porém, que de algum modo me afeiçoo a infortúnios, dos quais és a única causa.

Dediquei-te a minha vida apenas te vi, e sinto algum gosto em fazer-te dela sacrifício.

Milhares de vezes no dia a ti envio meus suspiros, que te procuram por toda a parte, e não me trazem outras recompensas de tantas inquietações, mais do que um aviso, por demasia sincero, da minha má-fortuna, a qual cruamente não consente que eu me lisonjeie, mas repete-me a cada instante: «Cessa, cessa, ó Mariana desditosa, de consumir-te em vão, e de procurar um amante que jamais tornarás a ver, que passou os mares para fugir de ti, que vive em França entregue às suas delícias, e que nem um só momento cuida nas tuas máguas, que te dispensa de todos esses transportes, e não sabe agradecer-tos...»

Mas não, eu não posso resolver-me a formar de ti um conceito tão afrontoso, e tenho nímio interesse em justificar-te. Não quero mesmo imaginar que te esqueceste de mim.

E não sou eu já assaz desventurada, sem que me ainda deixe atormentar por falsas suspeitas?

Para que fazer esforços para apagar da memória todos os desvelos, com que anelaste a dar-me provas do teu amor?

Ah! todos estes desvelos tanto me encantaram, que eu seria uma ingrata, se não te amasse com o mesmo arrebatamento a que me impelia a minha paixão, quando gozava desses testemunhos que me davas reciprocamente da tua.

Como é possível que lembranças de momentos tão agradáveis se tornassem tão cruéis?

E que hajam de necessidade, em despeito da sua própria natureza, servir somente para tiranizar o meu coração?

Ai de mim! a tua última carta o reduziu a um estado miserando: as suas palpitações foram tão sensíveis, que pareciam-me como esforços para separar-se de mim e reunir-se a ti.

Fiquei tão abatida destas comoções violentas, que caí em um desmaio por mais de três horas, perdidos os sentidos...

Lutava assim contra a vida que não queria recobrar, pois devo perdê-la por ti, já que não posso conservá-la para ti...

Enfim, tornei de mau agrado a ver a luz...

Comprazia-me o sentir que morria de amor... e demais estimava cessar para sempre de sofrer as angústias de um coração despedaçado pela dor da tua ausência.

Depois deste acidente, padeci muitas e diversas indisposições; mas como posso eu existir sem males, enquanto não torno a ver-te?

Sei suportá-los sem murmurar, porque de ti provêm.

Como? E essa a retribuição que me dás por haver-te amado com tão extremada ternura?

Não importa?

Estou resolvida a adorar-te toda a minha vida, e a não ver mais pessoa alguma... e certifico-te que farias bem de não amar juntamente ninguém.

Acaso poderias contentar-te com outra paixão menos ardente do que a minha?

Encontrarias talvez mais formosura ainda que em outro tempo me disseste que me não faltava gentileza mas nunca acharias tanto amor... e tudo o mais é nada.

Deixa de encher as tuas cartas de ociosidades: não me escrevas que me lembre de ti.

Eu não posso esquecer-te, nem tão-pouco me esqueço da esperança, que me deste, de vir passar comigo algum tempo.

Ah! por que não queres passar assim toda a vida?

Se me fosse possível sair desta amaldiçoada clausura, não esperaria certo em Portugal o cumprimento das tuas promessas; mas partiria desconcertadamente a buscar-te, seguir-te, e amar-te por todo o mundo.

Não ouso lisonjear-me desta possibilidade. E não quero nutrir uma esperança que me daria seguramente algum gosto pois só quero ser sensível aos meus pesares.

Confesso todavia que meu irmão oferecendo-me uma ocasião de escrever-te, causou-me a surpresa de alguma sensação de alegria e suspendeu por um instante a desesperação em que estou. Conjuro-te de dizer-me para que te aplicaste com tanta eficácia a encantar-me, como fizeste, sabendo muito bem que devias abandonar-me?

Ah! diz, por que motivo te assanhaste em fazer-me desgraçada? Por que não me deixaste tranquila no meu claustro?

Que injúria ou mal te havia eu feito?!

Mas perdoa.

Não te imputo culpa alguma.

Não me sinto com forças de cuidar na minha vingança: acuso unicamente o rigor de meu acerbo destino.

Parece-me que, separando-nos, fez-nos todo o mal que podíamos temer.

Separar nossos corações não poderia. O amor, mais poderoso do que ele, os ligou para todo a nossa vida.

Se tens algum interesse na conservação da minha, escreve frequentemente.

Bem mereço atenção e cuidado de me participares o estado do teu coração, e de tua fortuna.

Sobretudo... vem a ver-me.

Adeus! não posso largar este papel, que há-de ir às tuas mãos.

Bem quisera ter a mesma dita...

Ai! que loucura a minha! Percebo, ainda mal, que isso não é possível...

Adeus! não posso mais...

Adeus!

Ama-me constantemente, e faz-me padecer ainda maiores males.

NO PRÓXIMO DOMINGO: CARTA SEGUNDA

COMO OS NOSSOS ARQUITECTOS VÊEM A NOSSA CIDADE

(Continuação da pág. VI)

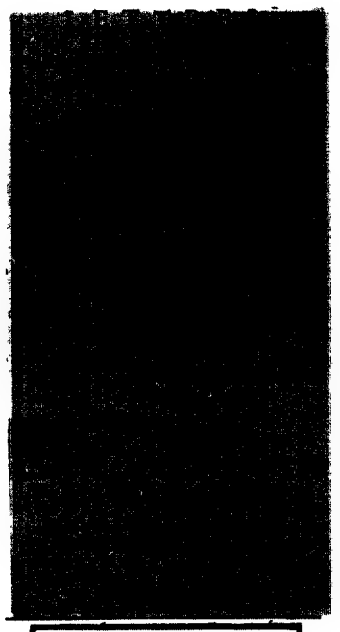
manter a área «verde» de tantas urbanizações simultâneas...

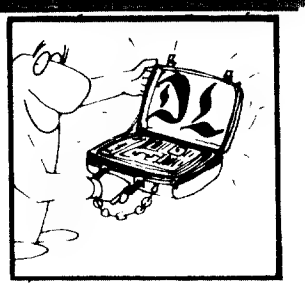
Com esta pequena história exemplificou-se a formação hierárquica latente e recorrente na cidade histórica e mais acentuada nas cidades post-industriais designadamente de estrutura radiocêntrica como é Lisboa. (Veja-se a descrição de Bruno Soares).

Se procurarmos nas entrevistas produzidas, propostas concretas para um saneamento da situação veremos que não são abundantes; a maioria dos depoimentos têm carácter de diagnóstico e de interpretação das tendências que se verificam na **expansão** como na **renovação** urbanas da grande Lisboa. Alguns no entanto arriscam grandes soluções que, aparentemente, não seriam realizáveis sem alteração profunda, do sistema administrativo actual: desdobrar o centro histórico actual pela criação ex-novo de um (ou dois) super centros de negócios que Taveira chamou de chave mestra da nova cidade-região; ou ao contrário reforçar a formação não de um mas de múltiplas áreas centrais, naturalmente menos «super», mas de algum modo mais difusoras dos efeitos da centralidade pela área metropolitana (B. Soares, que refere esta alternativa, lembra que a lógica urbana se relaciona sempre com um centro); esta estratégia não é incompatível, antes supõe a revisão das grandes infraestrutoras de transporte (ocasião única: a nova rede do metro ou da CP, auto-estradas, vias metropolitanas principais) no sentido de contrariarem a estrutura radiocêntrica e tornarem mais equilibrados os níveis de acessibilidade na região. M. Lobo insiste nesta alternativa, como condição da «exportação» das actividades produtivas, designadamente terciárias, para as áreas deprimidas ou exclusivamente dormitórios, condenadas aos movimentos pendulares a um ou dois únicos focos de actividade.

É um facto que a grande Lisboa dos quase dois milhões se apresenta como um imenso tecido esfarrapado mas com baixos e desequilibrados níveis de serviço das suas comunicações internas. Tenho as maiores dúvidas de que a «inadiável criação de um centro direccional» em Benfica ou algures, contribua para a resolução dos desequilíbrios de que sofre a população mas pode estar ao alcance de algum consórcio; ao contrário, homogeneizar a rede de comunicações terá consequências muito mais significativas mas como se leva por diante? Volto assim ao princípio: qualquer «solução» que se avente terá de ser avaliada, em face do contexto real, no seu significado político-social imediato mas, sobretudo, no que compromete ou promete, para o futuro. Ponto final.

N. P.





UM DOCUMENTO LITERÁRIO

As cartas de soror Mariana tal como foram escritas em 1663

A noite passada, a actriz Micheline Uzan representou no Convento da Conceição, em Beja, um monólogo encenado por José Valverde e baseado Nas «Cartas de Soror Mariana» o qual consiste na recitação das famosas «Lettres de La Relig euse Portugaise» tal como foi feita com grande êxito, recentemente (mais de cem representações), no Teatro Gerárd Phillipe, em Paris.

A literatura portuguesa e francesa d; amor, foi extraordinariamente enriquecida com este documento dado à estampa em Paris, como já assinalámos, em 1669. São poucas as edições das «Cartas» sendo o mais conhecido um volume de «Lello e Irmãos», da Colecção Lusitânia, o qual, ao que supomos, se encontra há muito esgotado. Por esse motivo e porque, na verdade, as «Cartas» constituem uma obra literária de grande relevo decidimos reproduzir no «Diário de Lisboa» as famosas cinco cartas escritas em Beja pela apaixonada religiosa em 1663.

«Maria Alcoforado» por Matisse

Interior do convento da Conceição em Beja

Carta primeira

Considera, meu amor, quão excessivo foi o teu descuido de prever o que havia de suceder nos!

Ah infeliz! Foste enganado e traíste-me por ... esperanças mentirosas.

[illegible]

COMO OS NOSSOS ARQUITECTOS VÊEM A NOSSA CIDADE

[illegible] expansão [illegible] renovação [illegible]

N. P.

LETTRES,
PORTVGAISES
TRADVITES
EN FRANCOIS.
PARIS,
Chez CLAVDE BARBIN, au Palais, sur le second Perron de la sainte Chapelle.
M. DC. LXIX.
Avec Privilege du Roy.

NO PRÓXIMO DOMINGO CARTA SEGUNDA

A PASSOS RÁPIDOS NO MUNDO CAPITALISTA ... (4)

UM FIM-DE-SEMANA EM NOVA IORQUE «O CENTRO NERVOSO DA NAÇÃO»

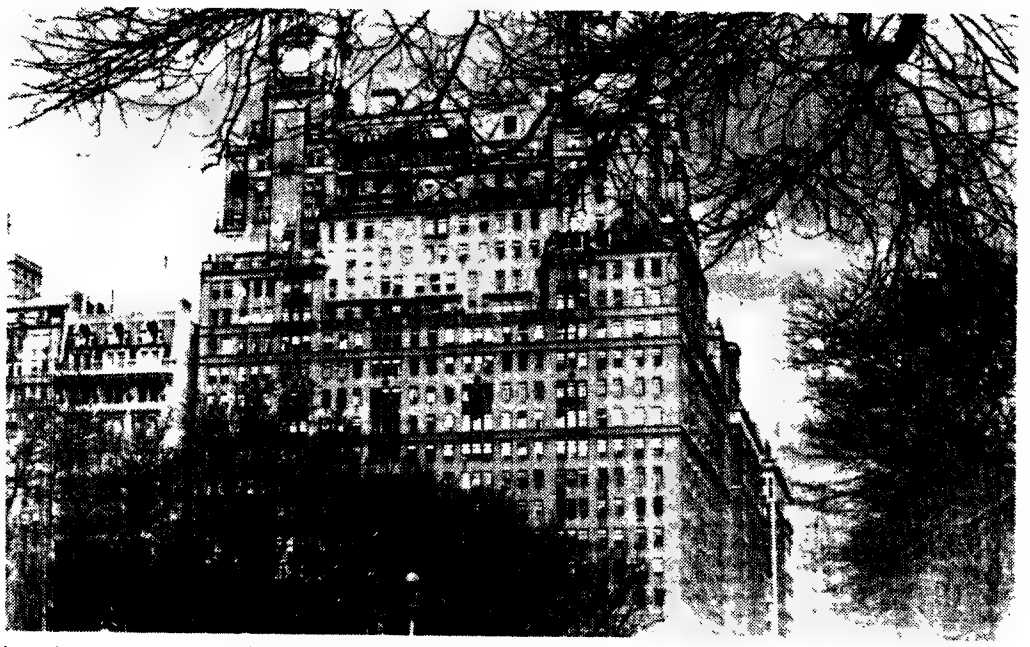
Por NUNO ROCHA

Programar um fim-de-semana em Nova Iorque não é difícil, desde que os bolsos se encontrem carregados de dólares.... A cidade não dispõe de um bom guia, mas basta uma leitura dos jornais para se ter uma ideia do que é possível fazer na grande metrópole americana que conseguiu universalizar o seu nome ao tornar-se a cidade do Mundo que mais corresponde aos hábitos e às exigências do século XX. É muito importante lembrarmo-nos sempre que Nova Iorque é um dos Estados da União e que a sua capital é Albany não sendo New York City mais do que uma das cinco maiores cidades do Estado.

O Estado de Nova York nasceu em honra do britânico Duck de York e tem, hoje, uma população de 47 milhões de pessoas. As suas cidades mais importantes são cinco: New Iork City, com 8 milhões de habitantes (uma das maiores cidades do Mundo); Bufallo, com 500.000; Rochester, com 30.000; Ionkers, com 250.000; e Syracuse, com 198.000.

Diz-se, justificadamente, que a cidade de Nova York «é o centro nervoso da Nação». E ali que o mundo se encontra, é ali que o mundo se decide muito mais do que na capital da União, em Washington. Em Nova York, encontra-se concentrado o poderio financeiro mais vasto do Mundo, o que quer dizer que num tempo em que a economia comanda os nossos destinos é ali que se traçam os rumos do que vai suceder-nos. A cidade, implantada numa ilha (a Ilha de Manhattam) tem o maior porto de mar do Mundo e o aeroporto John Fitgerald Kennedy que a serve é, também o que em todo o Mundo maior volume de tráfego regista em cada hora.

Não se pense, entretanto, que Nova Iorque é apenas um entreposto humano porque a sua grandeza provém da capacidade de produção das suas manufacturas. Já em 1967 havia na cidade 29.000 indústrias empregando 850.000 pessoas. E evidente, entretanto, que a sua atracção exerce grande influência na sua economia e o turismo que ali se pratica representa uma das maiores fontes de rendimento do Estado.

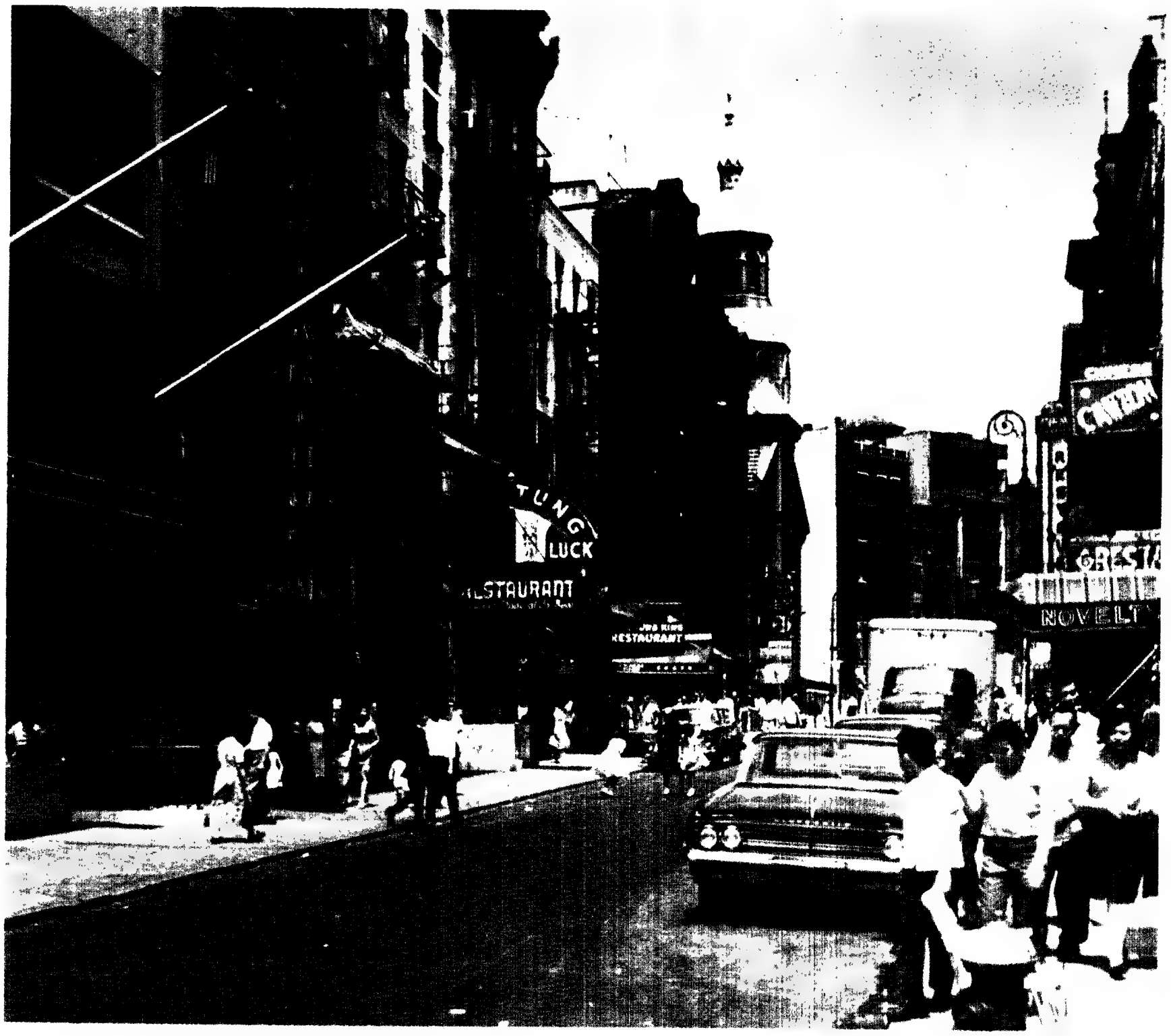


Uma imagem pouco vulgar de Nova Iorque: os arranha-céus que se situam junto de Central Park

Os mundos e o submundo

Ninguém poderá esquecer a primeira visita aNova Iorque, como não se esquece a primeira visita a Paris ou a Roma.

Ao contrário do que sucederá a noventa por cento das pessoas que se decidem a visitar Nova Iorque eu cheguei à cidade de comboio, quando ali fui pela primeira vez. Encontrava-me em Filadélfia e deparou-se-me um dia livre. O apelo da grande metrópole tornou-se irresistível: de Filadélfia a Nova Iorque distam uns 250 quilómetros e há comboios expressos de hora em hora. E perfeitamente possível ir a Nova Iorque de manhã e regressar à noite. Uma visível excitação havia-me tomado naquela manhã de há quatro anos quando o expresso parou na grande estação de Pensylvania. Comigo saiu apressada uma multidão de pessoas que residem nos arredores da cidade e iam para os seus empregos. Deparei, logo, com os famosos arranha-céus nova-iorquinos os quais pareciam esmagar as ruas. Verifiquei, também que estava perto do que se chama o centro da cidade: a Broadway e a 5.ª Avenida. A orientação em Nova Iorque é muito simples; pois, como se sabe todas as avenidas e ruas são numeradas segundo um quadrilátero em que as artérias se sucedem paralelamente. Mas o que é importante é saber desfrutar o prazer de percorrer essas ruas e avenidas sem objectivos e de as surpreender tal como elas são. Ao contrário do que possa imaginar-se. Nova Iorque não é uma cidade fria ou distante. Será, talvez, uma das cidades de maior riqueza humana do mundo, uma cidade fraterna, mesmo tendoem conta o medo que nela se instalou. Medo derivado de quê? De ser a metrópole da liberdade absoluta, onde a par dos grandes actos de generosidade camapeia também o crime. Alguns anos depois da minha primeira e fugaz visita, voltei à cidade e detive-me nela dias sucessivos. Foi a altura de a conhecer melhor e de conhecer bem os mundos e os submundos que nela vivem. Em poucas horas podemos apreciar o fausto de uma recepção no Waldorf Astória ou assistir à maior degradação da Rua 42; em poucas horas podermos conhecer a intimidade de um pequeno «pub» e a majestosa euforia do Rádio City Hall, onde se acotovelam multidões que querem divertir-se e conhecer-se; em poucas horas podemos disfrutar da segurança absoluta na 5.ª Avenida e estarrecer de pavor numa das ruas que bordejam Central Park e conduzem à «cidade



Característico bairro chinês de Nova Iorque

Continua na página seguinte

A PASSOS RÁPIDOS NO MUNDO CAPITALISTA

Continuação da pagina anterior

proibida» de Harlem onde os negros se refugiaram criando um mundo onde não se atreve a circular qualquer branco.

Um sábado num teatrinho da Broadway

Como programar um sábado em Nova Iorque? As possibilidades são inúmeras e podem incluir a ida a um cinema, a um teatro, a um concerto, a um espectáculo de bailado, a uma discoteca ou a um «night-club». A dificuldade estará na escolha e na possibilidade de encontrar bilhetes. Um cidadão pouco ambicioso como eu, a quem o simples espectáculo humano das ruas de uma cidade já contenta, pode limitar-se a escolher para a noite uma ida a um dos inúmeros teatrinhos da Broadway para ver um dos célebres espectáculos de «music-hall» que ali se desenrolam. Foi o que decidi fazer e comprei um bilhete por 180$00 para ocupar um dos lugares de preço médio do teatro...

Durante duas horas assisti a uma peça musicada muito simples: «The Pijama Game» que nos contava a história de um patrão jovem que se enamorava de uma das suas empregadas. Ao contrário do que o título poderia sugerir, a peça desenrolava-se numa atmosfera de maior beleza formal, sem recursos a qualquer grosseria, o que me fez pensar com tristeza nos espectáculos inferiores que decorrem nos nossos teatros do Parque Mayer. Num teatro completamente cheio, o público riu e ouviu com enlevo algumas canções, apreciando um espectáculo pleno de cor, de juventude e de ritmo, numa manifestação espantosa de simplicidade e de eficiência no campo do «music-hall». Mas por mais estranho que pareça, o que mais me impressionou foi um pequeno quadro a que assisti findo o espectáculo. Caia uma chuva fina sobre Nova Iorque e fiquei à espera de um taxi. Os espectadores foram deixando o teatro mas reparei que muitos deles se postavam diante de uma pequena porta lateral, revelando uma certa excitação. Verifiquei que se tratava da «caixa» do teatro e logo me apercebi de que o público queria autógrafos dos principais actores. Não havia nada de artificial neste acto de ternura do público para com os seus actores e entre os que os aguardavam contavam-se jovens e pessoas de idade, não faltando uma mulher velha e simples, muito digna com o seu chapéu de feltro, que levava na mão algumas flores que entregou a Barbara McNair e que esta agradeceu com um beijo.

Esse quadro de grande significado humano, essa união terna entre os actores e o público, esse acto perdido na grandeza de Nova Iorque, ficou como uma das mais belas recordações daquele meu fim-de-semana na grande metrópole americana.

2) A venda de cópias de quadros à saída do Metropolitan Museum

O edifício onde vão entrar por dia 50.000 pessoas

Reservei a minha manhã de domingo para uma visita muito prosaica: subir ao 101.º andar do Empire State Building, o que não havia feito das duas vezes anteriores em que estivera em Nova Iorque, para dali ver Manhtaam, a Ilha do Hudson que é o berço da grande cidade. Com os seus 448 metros de altura o Empire State Building é o maior edifício do Mundo e por ele, já passaram, segundo as estatísticas, mais de 40 milhões de pessoas de todas as nacionalidades. Em poucos minutos o ascensor carregado de turistas desde indonésios a brasileiros, atinge a primeira plataforma no 86.º andar de onde vi a vasta teoria de casas e ruas de Nova Iorque.

O Empire State é uma das maravilhas arquitectónicas do nosso tempo e nele trabalham diariamente 16 000 pessoas calculando-se que por dia visitam o edifício 35 000 pessoas. Mas a América tem o prazer das conquistas permanentes e, neste momento, constrói-se em Nova Iorque um edifício ainda mais alto — o World Trade Center que terá uma presença diária de 50 000 pessoas... Diz-se, entretanto, que o Empire State não quer perder a sua posição e que vai ser aumentado passando dos seus 102 andares actuais para 110...

Uma tarde no Metropolitan Museum

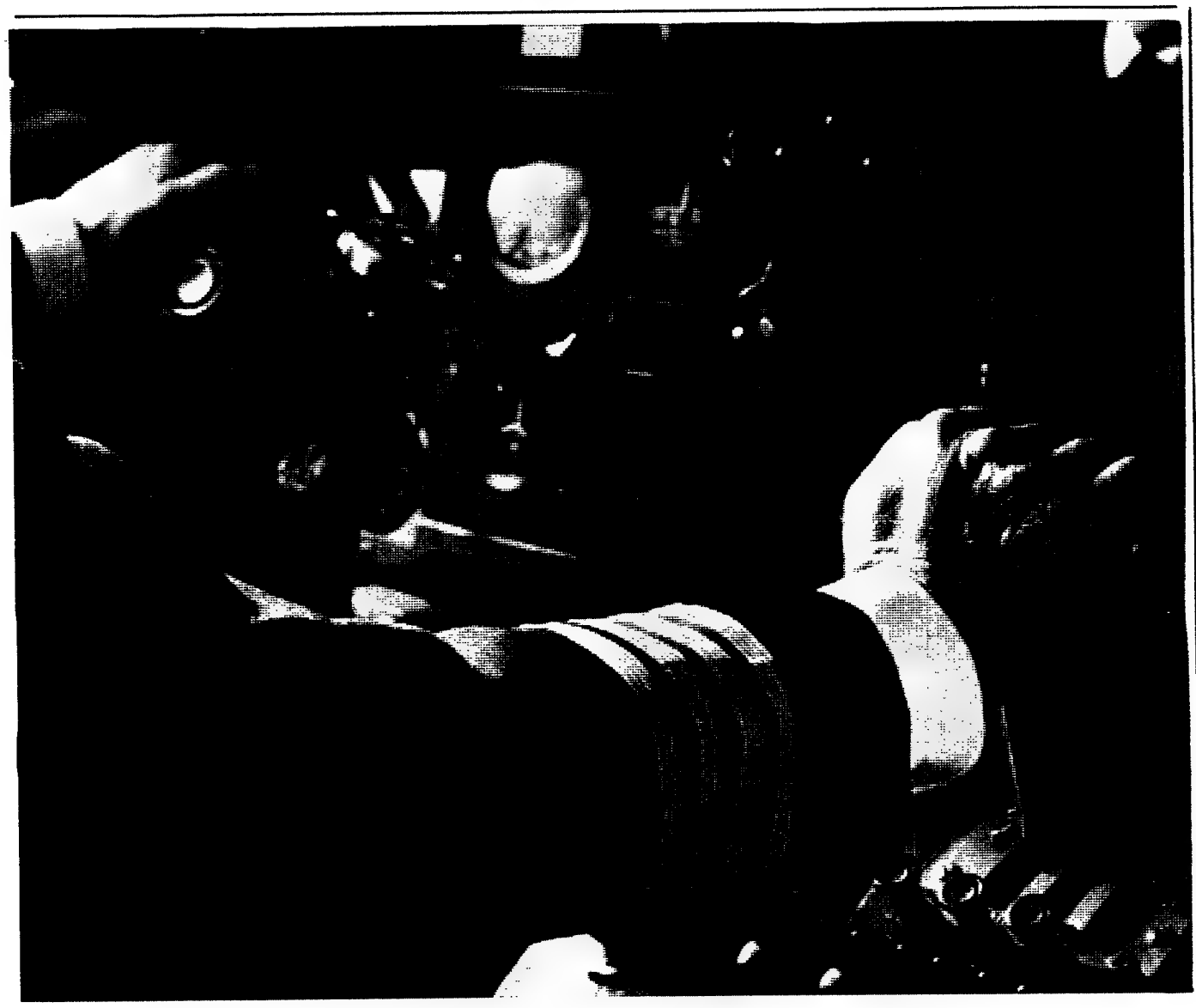
Nova Iorque é, provavelmente, a cidade onde diariamente mais dinheiro circula e é também, provavelmente, a mais eloquente expressão do mundo capitalista com as suas misérias e as suas grandezas. Tudo se pode ver em Nova Iorque, desde crianças admiravelmente vestidas a outras pedindo esmola; desde grandes edifícios a «cabarets» de baixíssima qualidade; desde imponentes automóveis a carros a cair de velhos. Ali se aglomeram pessoas de todas as nacionalidades e de todos os credos. Há, na cidade, 1776 igrejas protestantes, 1256 judaicas, 437 romanas e 66 ortodoxas.

O Bairro Chinês é um mundo com os seus restaurantes, as suas indústrias, o seu comércio próprios — uma autêntica cidade do Oriente implantada na fraterna Nova Iorque. A cidade dispõe de 8 estações emissoras do televisão e de 29 estações de rádio sabendo-se que 95 por cento dos seus habitantes têm aparelhos de Televisão em casa (os programas são contínuos e as emissões são todas a cores).

Mas esta gigantesca cidade é, também, grande na vida cultural. No domingo visitei o Metropolitan Museum. Quando cheguei, cerca das duas horas da tarde, mais de meio milhar de pessoas na sua maioria jovens, aguardavam o momento de entrar. Logo me impressionou o seguinte: não havia preço para a entrada mas, sim, um convite para cada um pagar o que entendesse segundo as suas posses. Ai estava eu na antecâmara do museu mais bem organizado do Mundo e cuja visita é um deslumbramento pois ali se encontram vastas colecções de arte europeia e americana (pintura, desenhos, escultura, artes decorativas) da arte egípcia, grega, romana, de instrumentos musicais, de armas e mobiliário, e até do vestuário. O que me surpreendeu desde logo foi a facilidade com que o museu se visita pois todos os percursos estão suficientemente indicados numa sequência ordenada e fácil. Os nossos olhos prendem-se sucessivamente em obras-primas dos grandes mestres da pintura europeia — desde os primitivos flamengos aos mais modernos italianos ou franceses — numa profusão só possível porque com o Museu se despenderam milhões de dólares desde a sua fundação em 13 de Abril de 1870. Aqui e ali nota-se no entanto, menos qualidade precisamente porque o importante para o Metropolitan era ser o maior museu do Mundo...

Enquanto percorro as várias salas, envolvido numa pequena multidão interessada, reparo que há uma vida intensa naquele majestoso templo da arte: há salas de leitura e pequenas bibliotecas de consulta, anunciam-se seminários de crítica, assim como conferências e exposições diversas.

O Metropolitan está longe de ser esse horrível sarcófago de obras de arte que é corrente na maior parte dos museus de todo o Mundo. E quando saio, ao fim do dia, assisto ao espectáculo inenarrável da corrida até junto de vendedores ambulantes que saldam cópias excelentes das principais obras expostas. Para quem julgar que Nova Iorque é uma cidade frívola, esse quadro seria um eloquente desmentido. No táxi que me conduz de regresso ao hotel, o «chauffeur» grego ouve Ana Mouskouri. A voz da grande artista emudece os olhosdo emigrante que é para mim o símbolo do sentido fraterno que caractriza Nova Iorque — a cidade que, verdadeiramente, pertence mais aos estrangeiros do que aos nova-iorquinos.



Agora em todo o mundo você está em boas mãos

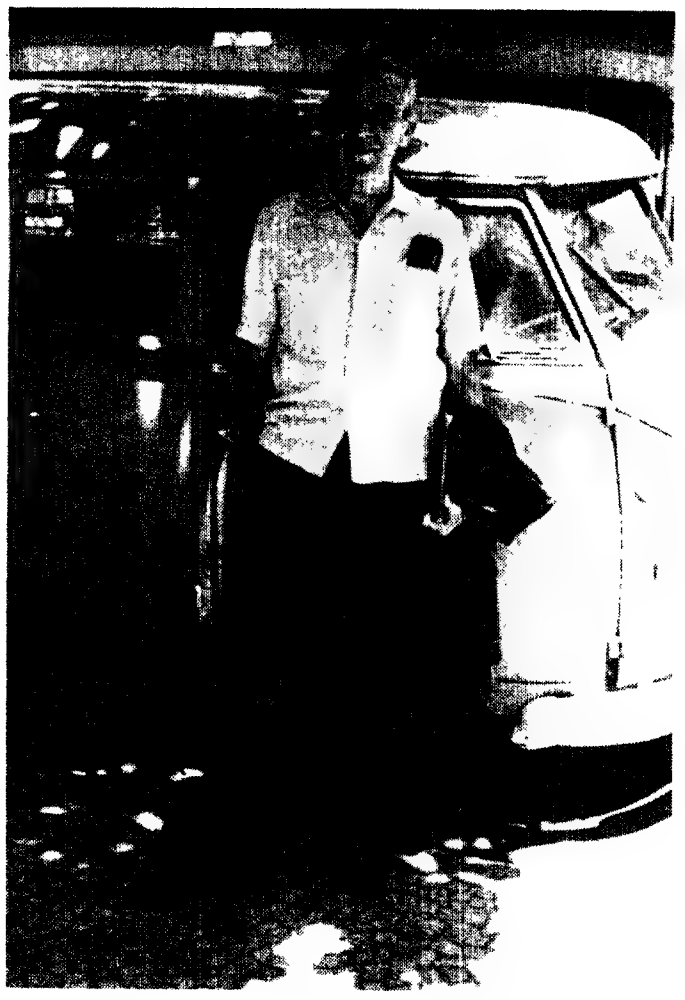
British airways
BEA E BOAC UNIDAS

LEO BURNETT

CHIANCA DE GARCIA ENTREVISTADO

VIM AO RIO POR TRINTA DIAS E JÁ LÁ VÃO 34 ANOS

....Dado o elevado número de admiradores que Chianca de Garcia conta entre os leitores do «Diário de Lisboa» (que semanalmente publica as suas saborosas «Cartas do Brasil»), não resistimos à tentação de transcrever a entrevista que recentemente aquele nosso prezado colaborador concedeu ao jornal «Voz de Portugal», do Rio de Janeiro. Eis o texto, sem alterações:



Eu já tinha um nome em Portugal como homem de teatro, como homem de cinema, como jornalista e director de grandes casas de espetáculos quando José Loureiro, empresário teatral de grande nomeada aqui no Rio, me convidou a vir conhecer o Brasil — disse-nos Chianca de Garcia, lisboeta que veio para cá em 1939, a passeio e nunca mais voltou. Isso aconteceu porque, como acentua, o Brasil de há muito já se encontrava espiritualmente na sua rota, através das leituras de Machado de Assis, José de Alencar, Manuel Bandeira, Erico Veríssimo, José Lins do Rego, Jorge Amado e tudo o que por lá aparecia à venda na Livraria Brasileira, perto do Chiado. Nem chegava a ser uma loja, era apenas um depósito de livros desarrumados. E ainda emocionado ao relembrar aquela decisão distante: «Deixei tudo jurando que um dia voltaria e embarquei no «Siqueira Campos», navio que os alemães afundariam durante a Segunda Guerra.

Cheguei ao Rio de Janeiro bastante receoso, pois aqui era um estranho e não conhecia ninguém. Trazia, porém, na bagagem um filme recém-estreado em Lisboa, «Aldeia da Roupa Branca», que mostrei aos Severianos Ribeiros e, para minha alegria inicial, logo o programaram para o Cinema Odeon, um dos mais elegantes da época e onde estreou numa data duplamente histórica: 7 de Setembro. De 1822 para o Brasil e de 1939 para mim.

Segundo Chianca de Garcia, naquela época a colónia portuguesa «ainda era unida» e «sentimentalmente lusitana». Daí o sucesso do filme, que bateu um verdadeiro recorde de permanência em cartaz. Estar no Rio, par ele, a partir daquele momento, era o mesmo que estar em Lisboa. E choveram convites, apresentações, propostas. «Vim para passar apenas 30 dias — evocou sorridente — e já lá se vão 34 anos».

Ele afirma que por curiosidade visitou Argentina, Uruguai, Paraguai, Peru, Chile, mas seu intuito foi sempre o mesmo: viver no Brasil, como artista, como profissional de espectáculos, como cineasta, como autor, como jornalista. Fez inicialmente dois filmes, a convite de Ademar Gonzaga, um dos pioneiros do cinema brasileiro. Tempos terríveis, aqueles. E embora Manuel Bandeira tivesse conferido diploma de honra a um deles, que tinha história de José Lins do Rego, dadas as insuficiências e a instabilidade da indústria cinematográfica da época, não o satisfizeram. Passou-se então para outro campo de arte: o teatro. E para uma companhia estrelada pela portuguesíssima Beatriz Costa montou, escreveu e dirigiu várias revistas, com a colaboração de Luís Peixoto, recentemente falecido e seu grande amigo de todas as horas.

Os êxitos no teatro popular conduziram-no ao Casino da Urca, famoso centro nocturno de jogos e diversões e ali durante cinco anos montou os mais luxuosos e deslumbrantes espectáculos, de fama internacional. E lembra que o proprietário da casa, Joaquim Rollas, certa vez perguntou-lhe:

— Em quanto ficou a montagem do «show» «Romance Espanhol»? Ao que ele respondeu, receoso de que o patrão fosse reclamar o preço: «Realmente ficou bastante caro». E o Rollas, entusiasmado: «Olhe, para «shows» como este pode gastar o que quiser. Eu topo a parada sem receio». E durante cinco anos viveu num verdadeiro sonho, luxo e beleza.

Sua fama já era tanta que o Governo do Estado da Bahia convidou-o para organizar o desfile histórico do IV Centenário da Bahia. E seu trabalho até hoje vive na recordação de quantos tiveram a felicidade de assisti-lo, considero mesmo o espectáculo mais soberbo já feito no Brasil em qualquer tempo. Outro convite que muito o alegrou e honrou: o então presidente Juscelino Kubitschek indicou-o para o espectáculo inaugural de Brasília.

— Era uma época de transição — lembra Chianca — a cidade ainda imcompleta e consegui o milagre de levar do Rio para Brasília, de avião, mil e duzentos artistas e muito material. No alto do Palácio do Congresso, com uma boca de cena de oitenta metros, quando qualquer grande palco, como o do Municipal tem no máximo trinta, durante hora e meia evoquei a história das três capitais brasileiras — Bahia, Rio de Janeiro e Brasília — com texto de Josué Montelo e música de Vila Lobos, num espectáculo coreográfico de beleza rara.

Nos intervalos dessas grandes e marcantes criações Chianca de Garcia fez várias temporadas em teatro e passou quatro anos na Televisão Tupi, onde foi chamado de «bandeirante» pelo grande mestre Assis Chateaubriand. E num desabafo:

Note-se que nesses meus anos todos de actividade profissional o curioso, estranho mesmo, é que nunca fui lembrado pelos mandões da colónia portuguesa para colaborar em coisa alguma de suas iniciativas em que, evocando Portugal, se prestigiasse o Brasil. Tudo quanto fiz no Brasil devo-o única e exclusivamente aos brasileiros.

Hoje, Chianca de Garcia está aposentado pelo INPS mas todas as semanas, em crónicas ligeiras e amenas, conta para o jornal «Diário de Lisboa» o que de interessante se passa no Brasil e evoca sempre com saudades seu Portugal distante e sua Lisboa querida. E finaliza, convicto: «Sempre fui e serei sempre um português no Brasil».

DIREITOS DA CRIANÇA DIREITOS DOS HOMENS

Por CALVET DE MAGALHÃES

A «Declaração dos Direitos da Criança» e a «Declaração dos Direitos do Homem» de igual valor, sendo a primeira complemento da segunda, e de execução idêntica, são de amplitudes diferentes, contendo a primeira 10 princípios e a segunda 33, alguns subdivididos. São textos semelhantes quanto à concepção da pessoa humana, sua promoção, defesa da dignidade, liberdade individual, contudo diferentes devido a corresponderem a necessidades diversas pelo que é difícil estabelecer correlação.

A «Declaração dos Direitos da Criança» segundo a conclusão do Bureau de l'Organisation de la Santé, 1959, é «um dos documentos mais revolucionários da era actual; os ideiais que proclama teriam sido considerados sem dúvida, há um século, como irrealizáveis e até de oportunidade duvidosa, mesmo nos países que se consideram hoje os mais evoluídos».

Dirigindo-se a todos os particulares, a todos os Estados sem distinção, a «Declaração dos Direitos da Criança», diz o que deveria ser feito e praticado em todo o Mundo, pelo que contém um plano de acção, baseado em testemunho de fé na pessoa da criança. No campo da acção educativo os princípios n.º 5, relativos aos direitos de todas as crianças a uma «cultura geral» e a um «desabrochar pessoal para elas e para a sociedade», «educação gratuita», e n.º 7, que retomam dados do art. 26 da Declaração dos Direitos do Homem, como sejam: «educação gratuita e obrigatória», «desabrochar pessoal», «com oportunidades iguais», «compreensão, tolerância, amizade entre povos, grupos raciais ou religiosos», constituem os problemas chave.

Os princípios educativos do art. 26, da «Declaração dos Direitos da Criança» envolvem os problemas da educação da pessoa, orientação dos responsáveis, responsabilidades dos pais, livre actividade da criança, responsabilidade educativa e liberdade da criança, responsabilidade colegial, e salientam a «igualdade de oportunidades», como acção primordial da acção educativa, e que constitui, nas reformas educativas de todos os povos, meta fundamental.

Não podemos esquecer que apesar de existirem no mundo 650 milhões de alunos, numa população de três biliões e seiscentos milhões de habitantes, duzentos milhões de crianças dos 5 aos 14 anos ou seja perto de metade dos representantes das classes etárias do Terceiro Mundo não estão escolarizadas. Segundo a UNESCO, e relativamente aos recursos públicos consagrados à educação, calcula-se a sua posição ao nível mundial, em segundo lugar, depois das despesas militares. Os Estados Unidos consagram, em média, 16 por cento do seu orçamento à educação; em 1967, 18 países tinham-lhe consagrado mais de 20 por cento. Os países desenvolvidos, em globo, consagram dez vezes mais divisas à educação do que o conjunto dos Estados do Terceiro Mundo, excluindo a China.

ARMAZÉNS

áreas de 123,60 m² a 671,50 m²

LOJAS

áreas de 13,34 m² a 448,70m²

GARAGENS

áreas de 16,16m² a 1808 m²

Vendem-se ou alugam-se:

REBOLEIRA
VENDA NOVA
QUELUZ
PAÇO DE ARCOS
CASCAIS

Em SACAVÉM, à saída de Lisboa, na zona industrial, venda de terrenos para fábricas, com a área total de **33 030 m²** (fraccionável) ou fábricas construídas pela nossa empresa

J. PIMENTA, SARL

EDIFÍCIO-SEDE

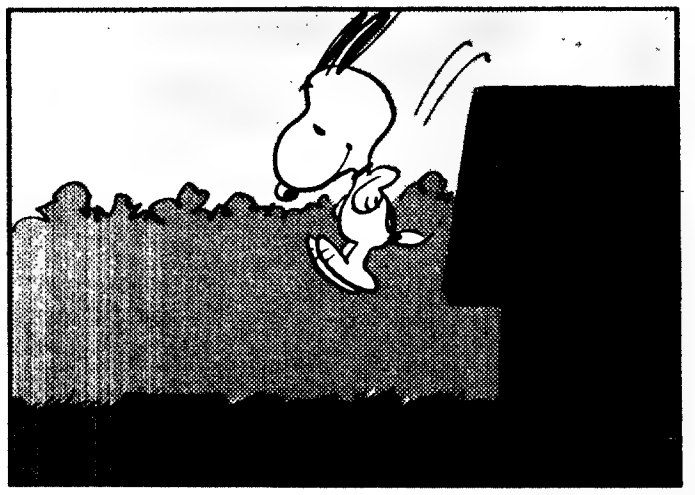
QUELUZ — AV. ANTÓNIO ENES, 25 — TELEF. 952021/5
LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º — Telef. 45843
AGENTES EM TODO O PAÍS

PEANUTS

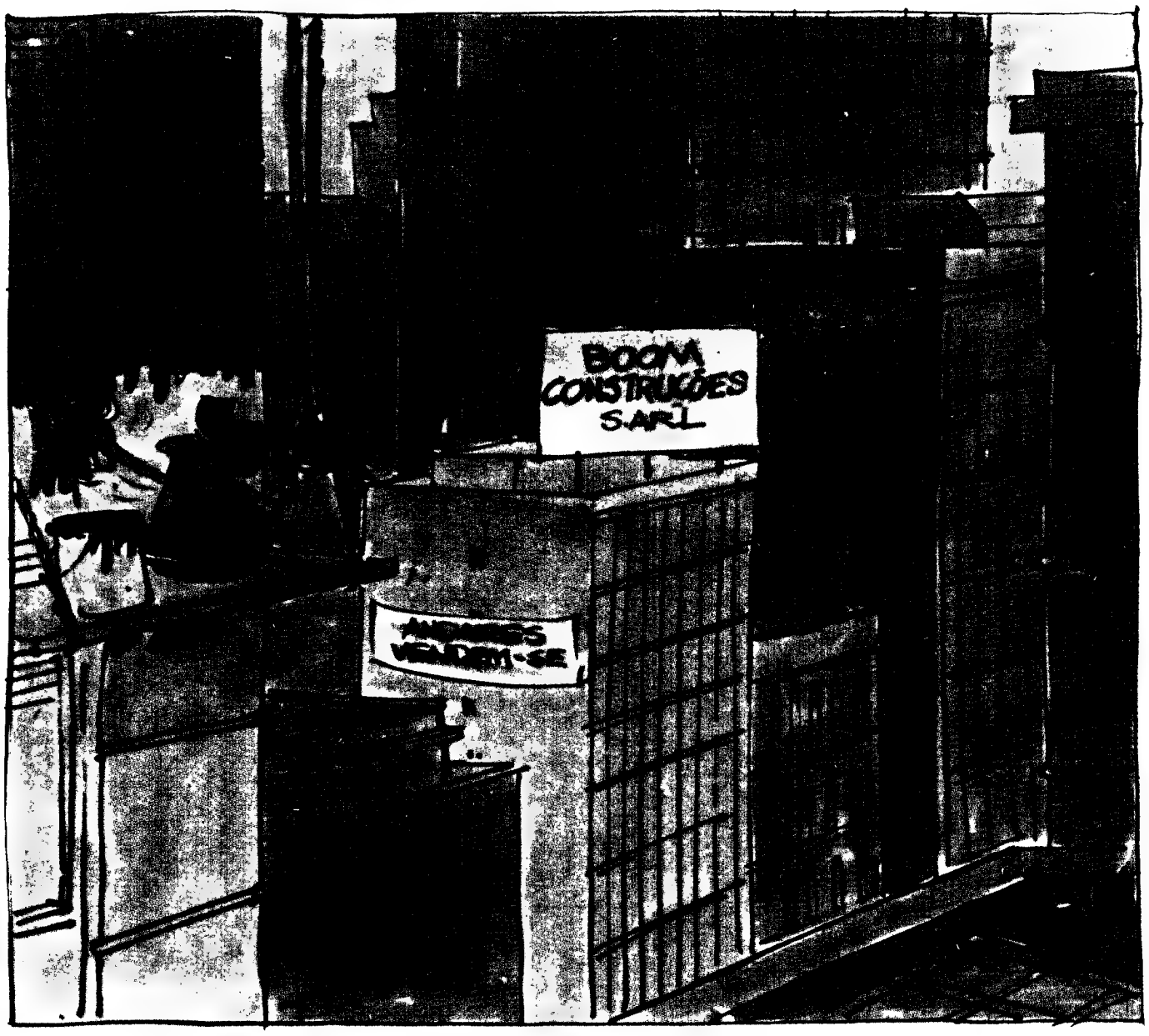
apresentam

"O velho amigo Charlie Brown"

Por SCHULZ



os Kolans



FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A sua importância salientada em S. João da Madeira

S JOÃO DA MADEIRA, 31 O subsecretário das Corporações e Segurança Social, dr Pinto Cardoso, inaugurou, ontem, em S João da Madeira, as novas instalações do Centro de Formação Profissional da Indústria de Calçado.

Recebido à entrada do concelho, o dr Pinto Cardoso dirigiu-se depois para as instalações a inaugurar, que percorreu em demorada visita Seguiu-se uma sessão solene durante a qual usou da palavra o dr Luís Morales, director do F D M O para, numa breve resenha, historiar o projecto de construção das instalações agora inauguradas, seu equipamento e distribuição dos encargos respectivos pelos outorgantes; as despesas de manutenção e sua distribuição pelos mesmos; a actividade do Centro em S João da Madeira e das suas secções de Oliveira do Douro e Felgueiras; o futuro do Centro e o seu enquadramento na actividade económica do sector

A propósito referiu que a indústria de calçado, ocupando cerca de 30 000 operários, que recebem 450 a 500 mil contos de salários anuais, é uma indústria que representa um sector extremamente válido. Frisou, a propósito, que a produção do calçado de couro atingiu, em 1970, 17 milhões de pares, no valor de um milhão e setecentos mil contos, montante apenas excedido pelos sectores: têxtil, siderurgia, artigos de cortiça, adubos, construção e montagem de veículos. E salientou: «em 1971 este valor foi ainda ultrapassado». Depois de fazer outras considerações, concluiu dizendo que no final da cerimónia iriam ser distribuídos nove diplomas dos últimos cursos de modelação e corte, 30 diplomas às estagiárias dos últimos cursos de costura, dez diplomas do último curso de modelistas-estilistas e 38 prémios, aproximadamente, atribuídos por um júri aos melhores modelos apresentados na exposição, cujo valor total se eleva a 90 contos.

«Presente em alma e convivência»

Falaram, seguidamente, os srs. eng.º Octávio Duarte, Manuel Pereira da Silva, João Reinaldo Luís Pacheco, eng.º Daniel Ferreira Pinho e, por último, o dr. Pinto Cardoso, subsecretário de Estado das Corporações e Segurança Social que disse:

«É-me dada a honra de, em nome do senhor ministro das Corporações e Segurança Social, também aqui presente em alma e convivência, estar presente no início do funcionamento das novas instalações, em S. João da Madeira, do Centro de Formação Profissional da Indústria do Calçado.»

Após tecer várias considerações sobre o centro, aquele membro do Governo, afirmou: «Da conjugação de todos os esforços, resultou o que já se fez e a garantia do que se fará». A assegurá-lo, e comparando-a com a capacidade inicial, está a fundada convicção de que, no corrente ano, se poderá quintuplicar a frequência da formação, não se devendo esquecer que os estágios por razões específicas são, necessariamente, de longa duração, chegando, nalguns casos, a atingir 48 semanas. Haverá disse .. para isso, que aproveitar integralmente os recursos; utilizá-los produtivamente e reforçar, na medida do possível, os meios de acção».

Continuando, declarou, em certa altura: «A formação profissional é, sem dúvida, imprescindível ao desenvolvimento económico-social em qualquer estádio de desenvolvimento. Sê-lo-á numa sociedade que pretende progredir e que deverá ajustar as suas disponibilidades aos desafios que levantar como metas, e que terá de suportar a sobrecarga emergente de uma pressão altista, mediante o melhor e mais racional aproveitamento dos recursos humanos, técnicos e materiais, que, dentro dos quadros da justiça social, permita ganhos de

Continua na pág. 5

Chineses da cidade de Linhsien, na província de Honan, lêem atentamente cartazes de paredes, criticando o documentário de Antonioni sobre a China. Um dos cartazes escreve: «Condenamos o documentário anti-China de Antonioni, o qual dá uma imagem distorcida da nossa cidade». (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

O PRIMEIRO VOO COMERCIAL DA CHINA PARA OS E.U.A.

TOQUIO, 31 (UPI-ANI) Um jacto chinês, de construção norte-americana, partiu do aeroporto internacional de Tóquio no primeiro voo para os Estados Unidos, em 25 anos, efectuado por um avião comercial da China.

Autoridades do aeroporto afirmaram que o aparelho, um Boeing-707 que Pequim adquiriu no Verão passado aos Estados Unidos, partiu à tabela para Nova Iorque, via Anchorage, depois de uma paragem de meia hora aqui.

O avião vindo de Pequim, transporta uma delegação chinesa, que participará na sessão especial dos Estados Unidos sobre recursos naturais, a iniciar no dia 19 de Abril declararam entidades do Ministério dos Negócios Estrangeiros japonês.

Um piloto japonês acompanha a tripulação chinesa no voo, a partir de Tóquio.

O avião escalou Tóquio ao abrigo de uma licença especial emitida pelo Ministério Japonês dos Transportes, visto não existir qualquer acordo sobre aviação comercial entre o Japão e a China.

Um acordo sobre o assunto está em estudo em Pequim.

O DIA DOS HERÓIS NA CHINA

PEQUIM, 31 (R.) A juventude de Pequim desfilou pelas ruas da cidade a fim de comemorar o «Dia dos Heróis», que segundo o calendário comunista chinês substituiu o festival tradicional Ching Ming ou culto da memória dos antepassados.

Desde a madrugada imensas e ordeiras fileiras de jovens, muitos deles usando braçadeiras a mostrarem que pertencem ao movimento da Guarda Vermelha juvenil, desfilaram pela capital, tocando tambores e címbalos e cantando canções comemorativas.

Deputações da juventude dirigiram-se para a Tien An Men (Porta da Paz Celestial), uma imensa praça situada no coração da cidade, para deporem coroas de flores de papel na base do monumento de pedra aos heróis populares.

HENRY KISSINGER CASOU-SE NUMA CERIMÓNIA SECRETA

WASHINGTON, 31 (R e F. P.) O secretário de Estado americano Henry Kissinger, casou com «miss» Nancy Maginnes, sua constante companheira, numa cerimónia secreta que ontem se realizou em Arlington, Estado de Virgínia.

O casamento foi anunciado pelo departamento de Estado após o casal ter partido para Acapulco, no México, onde vai passar uma lua de mel de 10 dias.

É o segundo casamento de Henry Kissinger, que conta 50 anos.

Os planos de casamento do dr. Kissinger que frequentemente escoltava bonitas raparigas durante funções sociais constituiram um dos tópicos de conversa mais persistentes na sociedade de Washington.

Kissinger é considerado na capital federal como um dos homens mais desejáveis para casar.

Mas o seu casamento com «miss» Maginnes, uma esbelta loura, só foi anunciado depois do casal se encontrar a bordo de um avião privado com rumo à bonita praia de Acapulco.

O departamento de Estado não revelou onde o casamento teve exactamente lugar.

Viagem a Bruxelas

O secretário de Estado Henry Kissinger irá provavelmente a Bruxelas em 20 de Abril para participar na cerimónia do 25.º aniversário, soube-se no departamento de Estado.

O secretário de Estado teria sido informado pelo embaixador da Grã-Bretanha, em Washington, «sir» Peter Ramsbotham, regressados juntos de Londres, que vários Governos europeus procuravam neste momento organizar no mês de Abril um encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da N. A. T. O. para assinalar o 25.º aniversário da organização.

E possível que o encontro seja organizado nas proximidades do dia 20 de Abril, para permitir ao secretário de Estado Henry Kissinger comparecer, por ocasião da viagem que vai realizar nesse momento ao Médio Oriente para tentar estabelecer um acordo de separação de forças entre a Síria e Israel, no Golan.

Considerado um dos «partidos» mais desejáveis para qualquer mulher, o dr. Henry Kissinger decidiu-se finalmente por Nancy Sharon Maginnis, sua assídua companheira nos últimos tempos e que na telefoto aparece ao lado do secretário de Estado norte-americano quando se dirigiam para uma grande gala em Nova Iorque. Com o seu casamento, Kissinger terminou com uma série de «aventuras» com mulheres famosas, que diariamente lhe eram atribuídas (UPI-Telimprensa-«DL»)

HOJE
48 PÁGINAS

SEGUNDO O «LOS ANGELES TIMES»

Nixon deve ao fisco trezentos mil dólares

LOS ANGELES (CALIFÓRNIA), 31 (EFE-ANI) O presidente Nixon estaria muito próximo da quebra política total, se se confirmasse uma informação ontem publicada num diário de Los Angeles.

Segundo o «Los Angeles Times», a comissão do congresso que investiga o pagamento de impostos do presidente nos últimos anos teria encontrado provas de «fraude cívica».

O jornal cita «fontes próximas da comissão» e acrescenta que o presidente Nixon deve ao fisco mais de 300 000 dólares. A comissão tornará pública a informação acrescenta o diário.

Parece, porém, que a comissão não se pronunciará sobre a possibilidade de ser o presidente acusado judicialmente, porque isto não é da sua competência.

Se se chegar a confirmar a informação do «Los Angeles Times», as repercussões políticas seriam imprevisíveis, dada a actual debilidade política do presidente Nixon.

Esses dados poderiam ser decisivos para a investigação que realiza outra comissão da Câmara dos Representantes, sobre a possibilidade de submeter o presidente a um processo constitucional.

Ataque de Ford

CHICAGO, 31 (R.) — O vice-presidente dos Estados Unidos, Gerald Ford, atacou ontem veementemente a Comissão para a Reeleição do Presidente Nixon em 1972, dizendo que nunca mais se deve permitir que uma tal «arrogante, guarda de elite constituída por adolescentes políticos» volte a ditar os termos de uma eleição nacional.

Gerald Ford foi vibrantemente aplaudido nas palavras proferidas perante uma gigantesca conferência do Partido Republicano que se realizou em Chicago.

Muitos dos delegados dos 13 Estados centrais presentes à conferência manifestaram-se abertamente sobre se o Partido terá de ignorar Nixon se quiser ganhar futuras eleições.

Ford, uma das quatro possibilidades para a presidência, ao dirigir-se à conferência, de dois dias, do Partido Republicano disse: «A lição política derivada do caso Watergate é de que não deve voltar a acontecer mais os americanos permitirem que uma arrogante guarda da élite de adolescentes políticos como a Comissão para a reeleição do presidente Nixon ultrapasse as atribuições das regulares organizações do Partido para ditar os termos de uma eleição nacional».

WATERGATE

Várias pessoas que trabalham para a Comissão para a reeleição, que durante um certo tempo foi orientada pelo antigo secretário da Justiça, John Mitchel, que agora estão a ser submetidas a julgamento em Nova York, estiveram envolvidas no tremendo escândalo Watergate.

O vice-presidente disse também: «O defeito fatal da Comissão foi fazer as suas próprias regras que a conduziram à sua própria ruína.

A Comissão para a Reeleição violou o conceito histórico do sistema dual americano, impondo-se às avaliações políticas amadurecidas e à experiência das organizações republicanas regulares estabelecidas em 50 estados da União».

Ford disse que antes de falar na conferência, que tem a assistência de 1000 delegados, lhe foi pedido para não falar a respeito do caso Watergate, mas não revelou quem lhe fez esse pedido.

A relutância em mencionar o escândalo Watergate tornara-se aparente anteriormente na altura em que o presidente do Partido Republicano, George Bush, fez um apelo aos delegados para considerarem o futuro mas nunca mencionarem nome Watergate.

O malogro

O vice-presidente disse a certa altura do seu discurso: «Sejamos justos: A Comissão conseguiu com êxito o seu fim de reeleger o presidente, embora todos saibamos que o presidente poderia ter feito melhor sem essa ajuda.

«O malogrado político da Comissão em 1972 foi não reforçar o mandato de reeleição presidencial com suficientes republicanos na Câmara dos Representantes e no Senado de modo a garantir-se o êxito dos programas presidenciais e o regresso do poder a partir de Washington para os Estados da União e para o povo».

Depois das eleições de 1972, que foram ganhas pelo presidente Nixon, muitos congressistas criticaram o presidente por não os ter ajudado nas suas campanhas.

Gerald Ford frisou que o Partido Republicano deverá ser o único veículo para futuras eleições, acrescentando: «Se tiver que haver mais comarilhas de amadores ambiciosos que pretendam gerir campanhas políticas, então desta vez deixemos que sejam os democráticos a servir-se dessas igrejinhas».

O vice-presidente terminou o seu discurso dizendo: «Certamente que em 1976 (a data das próximas eleições presidenciais) a comissão republicana nacional e as comissões republicanas estaduais, bem como outras instituições oficiais do nosso Partido, deverão gerir as campanhas e, sobretudo, proceder à colecta do dinheiro».

O discurso de Ford foi o ataque mais forte e mais directo feito pelo vice-presidente, desde que sucedeu a Spiro Agnew, contra qualquer organização aliada do presidente Nixon.

Gerald Ford, numa série de discursos anteriores, apoiou sempre o presidente Nixon, mas nas palavras de um «leader» republicano, tem sempre procurado manter uma certa distância, presumivelmente pensando no caso de ter que passar a gerir a Casa Branca se o presidente Nixon vier a ser impugnado.

Outro indigitado candidato republicano à presidência, Charles Percy, pediu a noite passada aos delegados do Partido para definirem uma resposta positiva aos delegados do Partido para definirem uma resta positiva ao escândalo Watergate.

No discurso inaugural da conferência, o senador Percy disse que o problema mais imediato que o Partido enfrenta é o facto do presidente Nixon estar em perigo de ser destituído do seu cargo.

Percy acusa

Por outro lado, numa conferência de Imprensa dada ontem e em crítica directa à Casa Branca, o senador Charles Percy frisou que quase tem a certeza que o presidente Nixon será submetido a julgamento perante o Senado, concluindo: «E penso também que nada contribuiu mais para o presente estado de coisas do que a relutância da Casa Branca na entrega de provas. Principalmente a partir de agora, o presidente terá que se preocupar exclusivamente com a sua auto-preservação».

Mais tarde, Gerald Ford disse numa conferência de Imprensa que as suas críticas à comissão não devem ser interpretadas como críticas ao presidente Nixon, frisando: «falei apenas a respeito das pessoas que orientaram a comissão de reeleição Nixon em 1972».

O vice-presidente reiterou a sua convicção de que Nixon se encontra completamente inocente de todas as acusações que possam levar a uma impugnação, e sublinhou que a resignação de Nixon neste momento seria a admissão de culpas.

Ford disse também pensar que Nixon continuará a ser um trunfo de grande valia em futuras eleições presidenciais americanas.

Quando os jornalistas lhe perguntaram se ele procura subir à presidência em 1976, Ford repetiu a sua já familiar declaração: «Não tenho qualquer intenção de ser um candidato a cargos políticos em 1976». Como os jornalistas insistissem perguntando-lhe se modificaria o seu modo de pensar em «circunstâncias extraordinárias», Gerald Ford respondeu que nada acrescentaria à sua anterior declaração.

KISSINGER:

«AS PROPOSTAS ISRAELITAS FORNECEM UMA BASE ÚTIL»

WASHINGTON, 31 — As propostas israelitas fornecem «base útil» para negociações de um acordo de separação de forças na frente dos Montes Golan entre a Síria e Israel — informou o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger.

Ao anunciar a sua opinião aos jornalistas, depois de uma sessão de 90 minutos com o ministro israelita da Defesa, Moshe Dayan, durante a qual o ministro esquematizou as suas sugestões sobre um mapa de grande escala da região desértica dos Montes Golan, Kissinger observou:

«Claro que ainda falta considerar a reacção síria. Mas creio que as propostas israelitas fornecem uma base útil.»

Dayan afirmou contar que Kissinger transmita as suas propostas aos emissários sírios, quando estes vierem a Washington, provavelmente em 10 ou 11 de Abril.

«Podemos lutar sozinhos» — declarou Dayan — «mas para chegarmos a um acordo com os sírios temos de vir a Washington.»

O ministro israelita da Defesa acrescentou que conferenciará com a comissão senatorial dos serviços armados amanhã e que consultará o secretário da Defesa, James Schlesinger, no dia seguinte.

«Só uma solução geral

BRIONI, 31 (F.P.) — O presidente Sadate rejeitou «toda a solução» separada da crise do Médio Oriente.

Só é possível uma solução geral e definitiva», declarou em conferência de Imprensa o chefe do Estado egipcio terminando a sua visita de 48 horas ao marechal Tito.

«O Egipto conta com uma aplicação total da resolução do cessar-fogo, para que todas as forças interessadas possam começar a aplicar a resolução número 242 do Conselho de Segurança» — precisou.

Continuavam de pé dois problemas fundamentais: o respeito pela resolução prevendo a retirada total das forças israelitas, e a participação do povo palestiniano «em todas as negociações e soluções».

Não havia divergências entre os países árabes e os outros países não-alinhados, e estava «muito satisfeito com as conversações tidas com o presidente Tito», que levaram a uma identidade de opiniões relativamente a todas as questões abordadas.

O presidente Sadate a concluir aprovou inteiramente o ponto de vista da Jugoslávia no diferendo territorial que a opõe a Itália: «Eu quero salientar, declarou, que o Egipto dá o seu pleno apoio à Jugoslávia e solidariza-se com esta inteiramente».

O «TANZAM» ESTARÁ PRONTO NO FIM DO ANO

DAR-ES-SALAAM, 31 (R) — A carga que se encontra retida no porto de Dar-Es-Salaam será transportada para a Zâmbia, a partir de amanhã através do troço completado do caminho-de-ferro «Tanzam», construído pelos chineses — anunciava ontem o «Daily News», órgão governamental.

O jornal dizia que a carga será escoada a uma média de cerca de 1300 toneladas por comboios de mercadorias, e que, no porto de Dar-Es-Salaam se encontram presentemente 24 000 toneladas de carga destinadas à Zâmbia.

A via férrea dos caminhos-de-ferro entre a Tanzânia e a Zâmbia, conhecida como «Tanzam», atravessou a fronteira para a Zâmbia em Agosto do ano passado, aguardando-se que a via esteja totalmente organizada até ao fim do corrente ano, com um grande avanço sobre o programa horário.

A via férrea terá 1860 quilómetros de comprimento e é financiada por um empréstimo chinês, livre de juro, feito à Tanzânia e à Zâmbia, no valor de 169 milhões de libras.

Desde o encerramento da fronteira Zâmbia-Rodésia, em princípios do ano passado, as importações e exportações da Zâmbia têm sido deslocadas através da Tanzânia inteiramente por via rodoviária.

ACABOU A CENSURA NO EGIPTO

CAIRO, 31 (F.P.) — Os jornalistas e os correspondentes estrangeiros acreditados no Cairo, foram informados de que a censura às suas informações acabou. São exceptuadas as informações de ordem militar relativas à segurança do país.

Ficam, na prática, os jornalistas e os correspondentes estrangeiros obrigados à censura dos textos para se verificar se contêm ou não informações militares.

O levantamento da censura à Imprensa egípcia entrou em vigor há um mês.

Salários sem control

WASHINGTON, 31 (R) — O controlo sobre salários dos empregados dos jornais americanos será levantado dentro de uma semana — foi ontem anunciado.

John T. Dunlop, director do conselho do custo de vida, disse à Associação Nacional dos Jornais que seria uma desigualdade continuar a manter o controlo sobre salários dos empregados dos jornais depois do levantamento do controlo de preços, em 15 de Março dos empregados de tipografia e outros relacionados com as empresas jornalísticas.

Fechado o «Daily Express» escocês

GLASGOW, 31 (R.) — O «Daily Express» encerrou ontem a sua actividade em Glasgow no meio de cenas de ira verificadas na redacção do jornal escocês.

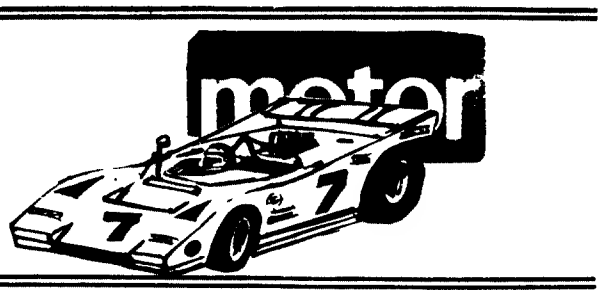
A publicação do último número do matutino foi suspensa quando o director, Ian Brodie, se recusou a publicar na primeira página um comunicado dos representantes dos 1800 funcionários que perderam o emprego na sequência da decisão tomada pela cadeia de jornais Beaverbrook de suspender as operações na Escócia devido a prejuízos financeiros.

De futuro, o «Daily Express» e o «Sunday Express» serão impressos na sede em Manchester do «Daily Express». Por outro lado, o «Evening Citizen» foi vendido ao seu rival, o «Evening Times».

Brodie disse que lhe foi apresentado um ultimato quando o jornal começava a ser impresso.

«Anunciei à direcção que uma história não autorizada ia aparecer no jornal. Assim, a impressão foi suspensa».

Brodie e o seu adjunto foram empurrados na confusão que se seguiu.



O GOVERNO ETÍOPE ENTREGOU AO EXÉRCITO O PODER NO NORTE

ADIS ABEBA, 31 — O Governo demitiu hoje vários oficiais de alta patente da polícia no Norte da Etiópia, e entregou todo o poder ao Exército, em consequência da rebelião da Polícia no princípio desta semana — julgam saber diplomatas ocidentais.

O primeiro-ministro Endalkachew Makonnen afirma-se — demitiu o chefe da Polícia de Asmara, o seu assistente administrativo e o chefe da Polícia da província da Eriteia. Entregou os seus poderes ao major-general Sayoum Giorges, comandante da segunda divisão do Exército naquela área.

Entretanto, segundo foi anunciado, morreram 15 pessoas numa revolta de camponeses no Sul da Etiópia e em violentos recontros entre estudantes e unidades da polícia, enquanto a nação etíope continua a enfrentar um estado continuado de desassossego.

Diz a polícia que 10 das vítimas foram praticamente esquartejadas com facas e lanças, e uma delas morta a tiro perto de Meki, a 130 quilómetros de Adis Abeba, quando camponeses tentaram apoderar-se de terras que reivindicam pertencer-lhes e que tinham sido concedidas a pessoas não pertencentes às localidades.

Quatro outras pessoas foram mortas, havendo também vários feridos, devido a violentos recontros entre a polícia e estudantes na cidade de Arbaminch, situada 570 quilómetros a sul da capital.

A polícia anunciou que três das vítimas, assassinadas perto de Meki, foram esquartejadas e os pedaços dos corpos atirados para o fundo de poços.

Os novos motins no Sul, são a última das manifestações de desassossego ocorridas no montanhoso reino africano do imperador Hailé Selassié, principalmente desde que dissenções no seio das Forças Armadas obrigaram à resignação do Governo etíope no mês passado.

Notícias da polícia dizem que os últimos motins foram desencadeados por panfletos de natureza violenta exigindo a entrega de terras aos camponeses.

No levantamento dos camponeses, de acordo com a polícia, foram destruídas máquinas agrícolas, instalações e terrenos cultivados no valor de mais de 400 mil dólares etíopes.

E de notar que a maior parte dos camponeses da Etiópia têm levado quase sempre uma vida de miséria.

Em Asmara, cidade do norte do país, pilotos da Força Aérea regressaram hoje ao trabalho nas suas bases após terem ameaçado resignar se o Governo não libertasse alguns dos seus camaradas que foram presos.

Os pilotos pertencentes ao segundo grupo da Força Aérea etíope, enviaram ontem uma carta ao ministro da Defesa em Adis Abeba protestando contra o facto de estações de rádio governamentais os terem desacreditado em várias emissões.

Círculos geralmente fidedignos informaram que o Governo anuiu a libertar dois dos quatro pilotos presos, e que essa atitude, aparentemente, satisfez o segundo grupo da força aérea etíope, com base em Asmara.

Por outro lado, pessoal da estação de rádio governamental de Asmara pertencente ao Governo, principalmente do serviço noticioso, entraram em greve e disseram que não voltarão ao trabalho até que a polícia e as Forças Armadas lhes peçam pessoalmente desculpa pelas interferências violentas no seus serviços.

Os jornalistas da rádio reivindicam que alguns repórteres foram gravemente espancados com coronhadas antes da publicação de um comunicado militar transmitido na quinta-feira à noite.

O director da estação de rádio garantiu hoje à Reuter que tanto ele como os colegas não voltarão ao trabalho se forem forçados, ameaçados por armas, a publicar comunicados tanto da polícia como das Forças Armadas.

O director da estação, solidário com o noticioso, declarou tratar-se de uma prepotência que não pode ser tolerada em matéria de jornalismo honesto, frisando que a rádio da Etiópia não quer seguir o triste exemplo de muitos outros países do mundo onde os jornalistas são forçados a publicar notícias forjadas.

ARGENTINA:

CORONEL RAPTADO

BUENOS AIRES, 31 - (R) Um coronel do Exército argentino desapareceu, julgando-se que tenha sido raptado por guerrilhas urbanas esquerdistas, anunciam fontes da polícia.

Trata-se do tenente-coronel Juan Carlos Riveiro, segundo no comando do regimento de infantaria «Patrícios» que fornece a guarda presidencial. Julga-se ter sido raptado a noite passada por guerrilheiros, acrescentaram as mesmas fontes.

Os guerrilheiros têm já em seu poder, como reféns, dois coronéis do Exército: o coronel Florêncio Crespo foi raptado em 7 de Novembro, e estava a ser «julgado» por ter participado nos Estados Unidos num curso de luta antiguerrilha. O segundo é o coronel Jorge Ibarzabal, raptado em 20 de Janeiro numa incursão ao quartel da cidade de Azul, durante a qual outro coronel, Camilo Arturo Gay, e a sua mulher, foram mortos.

A FAVOR DE CUBA NA OEA

BUENOS AIRES, 31 (E. F. E.-A. N. I.) A Argentina pedirá nos próximos foros interamericanos de Washington e Atlanta, a reincorporação de Cuba nos organismos hemisféricos e o termo do seu isolamento diplomático e económico — afirmou ontem o chanceler argentino, Alberto Vignes.

A Shell nacionalizada pelo Governo sírio

BEIRUTE, 31 (R) — A Líbia decidiu nacionalizar os restantes 49 por cento dos bens da empresa petrolífera «Royal Dutch Shell» anuncia a agência noticiosa do Iraque, em notícia datada de Tripoli.

A agência acrescenta que a decisão do Comando Revolucionário Líbio, no poder, estipula a completa nacionalização da companhia.

Em um de Setembro do ano passado — quarto aniversário do golpe que derrubou a monarquia Líbia — o primeiro-ministri líbio Abdel Salam Jalloud, anunciou que o seu governo tomava o controle de 51 por cento das operações de todas as grandes companhias ocidentais no país.

A medida afectou a «Royal Dutch Shell» e outras grandes companhias.

Acordo sovieto-finlandês

HELSÍNQUIA, 31 (R) — Funcionários finlandeses e soviécos chegaram a acordo sobre o preço que a Finlândia pagará, pelo petróleo soviético nos primeiros seis meses do corrente ano.

No entanto, o ministério do Comércio recusou-se a revelar quanto a Finlândia pagará, afirmando que se trata de «segredo de negócio».

Ao abrigo do acordo com a União Soviética, a Finlândia importará cerca de 6,5 milhões de toneladas de petróleo soviético em 1974 — dois terços das necessidades do país.

Todo o petróleo finlandês é comprado por intermédio do monopólio estatal «Neste», que recentemente foi acusado de pagar demasiado pelo petróleo soviético.

Funcionários do ministério do Comércio afirmaram esta semana que o petróleo soviético acompanhou os preços mundiais, e que a Finlândia agora teria de exportar mais a fim de pagar o combustível que compra.

A gasolina no Brasil aumentou de preço

RIO DE JANEIRO, 31 (ANI) — Os preços da gasolina e demais produtos derivados do petróleo subirão, a partir das zero horas de hoje, trinta e três por cento, em média.

A gasolina azul «super» passa a custar dois cruzeiros e dez centavos, e a gasolina comum um cruzeiro e dezasseis centavos.

O botijão de gás passa a custar vinte e seis cruzeiros (até aqui custava vinte cruzeiros e dez centavos):

O presidente do Conselho Nacional do Petróleo, general Araken de Oliveira, em entrevista colectiva à Imprensa, disse que, como estava programado, o novo aumento cobrirá totalmente o subsídio que vinha sendo mantido pelo Governo, cujo volume atingiu a cifra de 440 milhões de cruzeiros.

Sublinhou que a nova tabela representa setenta e oito por cento, sobre o aumento concedido em Setembro do ano passado, e de trinta e dois por cento em comparação a Janeiro último.

Depois de uma demonstração técnica do aumento do preço do petróleo, que subiu 350 por cento, o general Araken de Oliveira disse que cada brasileiro que economize um litro por conta própria, diariamente, possibilitará uma recuperação de quatro milhões de cruzeiros, que poderão ser revertidos a sectores, tão importantes como o do petróleo.

Também o ministro das Minas e Energia disse que não será racionada a gasolina. Mas que cada um deve procurar, por ele próprio, economizá-la.

CHEIAS NO BRASIL

Milhares de refugiados enchem as estradas

RIO DE JANEIRO, 31, (R.) Padres e médicos são agora as únicas pessoas fisicamente capazes deixadas nas quase desertas cidades e aldeias do Brasil, onde as cheias se fizeram sentir com mais intensidade, enquanto dezenas de milhar de refugiados, carregados com os seus parcos haveres, geralmente metidos em sacos que transportam às costas, fogem das localidades em longas filas que revelam rostos macilentos que acusam as torturas da fome.

As estradas em nove Estados estão cheias com cerca de 150 mil refugiados, que fogem aos perigos, ao passo queo Exército proclamou ordens para se enterrarem em valas comuns nos próprios locais os mortos — avaliados entre dois mil e cinco mil.

Na cidade de Tubarão, sul do Estado de Santa Catarina, as forças armadas ordenaram uma evacuação geral dos 70 mil habitantes, que durante os últimos seis dias têm vivido de rações deixadas cair por aviões e helicópteros, depois que as cheias submergiram 90 por cento daquilo que ainda há pouco tempo era um centro agrícola florescente.

O governador de Santa Catarina, que sofreu tremendos danos, disse aos jornalistas durante umaconferência de Imprensa: «Os prejuízos das cheias em toda a região fazem com que o Sul do Brasil tenha uma recessão económica pelo menos de 10 anos.

Eentretanto, dezenas de localidades relativamente grandes no Nordeste, área cronicamente pobre do Brasil, não têm dado notícias nestes últimos dias.

Só no Estado do Ceará seis localidades estão completamente isoladas pelas cheias, sendo elas: Marco, Bela Cruz, Granada, Martinopole, Acarau e Uruoca.

Segundo o Ministério do Interior, a cidade de Maraba, com uma população de 50 mil pessoas, faz parte do Estado do Pará, ficou destruída em 60 por cento e 22 mil pessoas foram evacuadas para terrenos altos por meio de veículos anfíbios do Exército, através das águas dos rios Tocantins e Itacaiunas.

No Estado do Ceará, no Nordeste, onde se noticia oficialmente que há 50 mil pessoas sem abrigo, histórias de localidades inteiras arrastadas pelas águas e cadáveres a flutuar levaram as autoridades federais a enviar rápidos socorros.

O Governo brasileiro concedeu já 10 milhões de cruzeiros em auxílio directo ás vítimas das cheias.

O presidente da Confederação dos Bispos Brasileiros, Aluísio Lorscheiter, apelou para que instituições estrangeiras de beneficência enviem urgentemente todo o auxílio possível às vítimas das inundações.

UM PETROLEIRO AMERICANO REINAUGURARÁ O CANAL DE SUEZ

CAIRO, 31 (R.) Mashour Ahmed Mashour, presidente da Organização do Canl do Suez, declarou que a primeira fase de desobstrução da via marítima se inicia em Port Said, de acordo com o autorizado diário «Al Ahram».

Mashour acrescentou que o porto, situado na ponta norte do canal, tem primeiro de ficar livre de todos os obstáculos e minas a fim de permitir a ancoragem de navios de salvamento. O porta-aviões americano «Iwo Jima» é esperado na próxima semana com helicópteros equipados com aperelhos de detonação magnética.

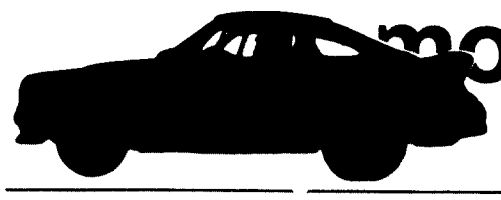
Mashour disse também, de acordo com o «Al Ahram», que os Estados Unidos e a Inglaterra estão a coordenar planos para a desobstrução.

Os helicópteros americanos localizarão as minas, determinando o seu tipo e o modo de as detonar. Draga-minas ingleses fá-las-ão explodir.

A caminho de Port Said afirma-se estarem três ou quatro draga-minas.

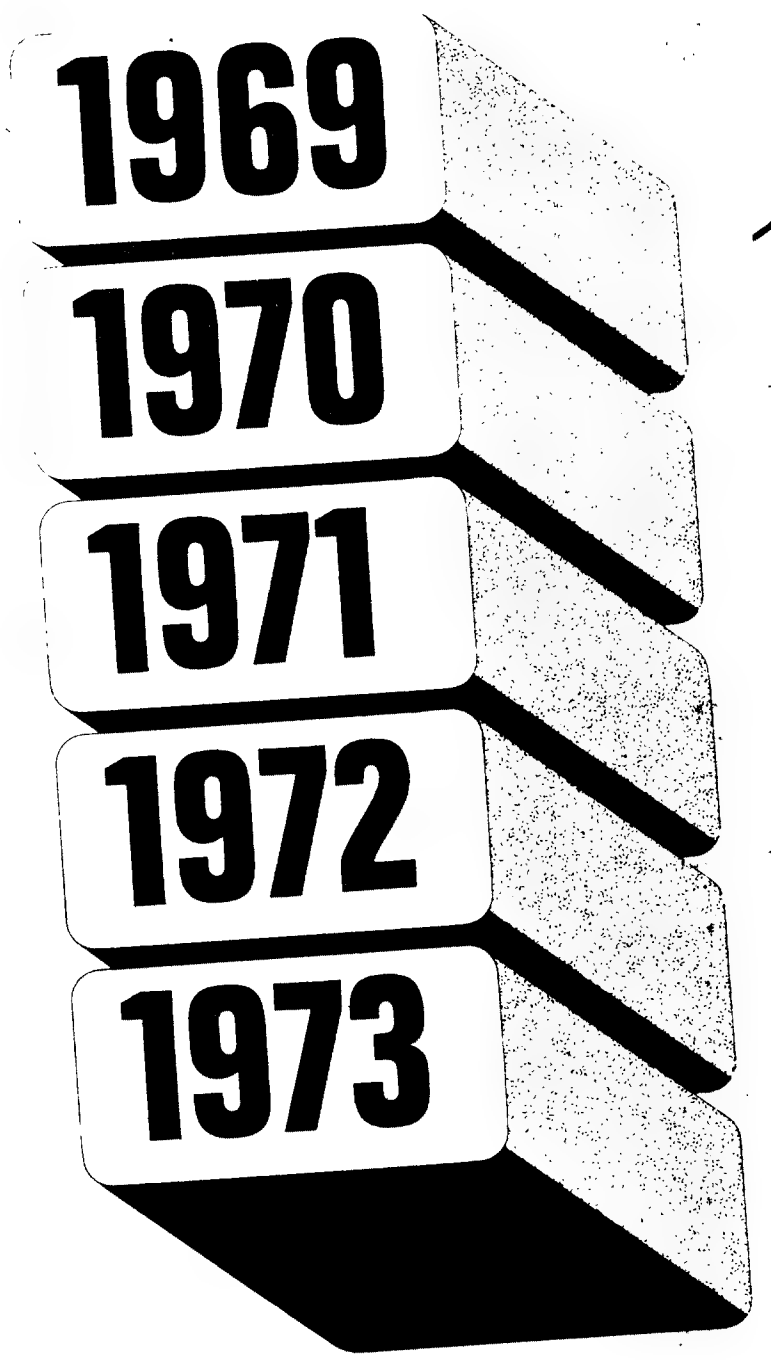
O jornal anuncia igualmente que a rocegagem das minas levará entre dois e quatro meses. Desobstruir o Canal de todos os restantes obstáculos tomará outros seis meses.

Assim que o Canal estiver livre, um petroleiro americano será o primeiro navio a atravessá-lo, a fim de mostrar que ele é seguro para a navegação, termina o «Al Ahram».



TURISMO ● MAIORES RECEITAS

Turismo



TORRALTA / EVOLUÇÃO RECEITAS

TURISMO PARTICIPAÇÃO ACTIVA NA ECONOMIA PORTUGUESA / TORRALTA

Violinista soviética no concerto da Reitoria da Universidade de Lisboa

. Com a participação da violinista Rasma Lielmane, finalista do último concurso Vianna da Motta do pianista Sequeira Costa, realiza-se esta tarde, pelas 16 horas, na Reitoria da Universidade de Lisboa, o 14.º concerto da série de 1973-74. Do programa fazem parte obras de Locatelli-Ysaye, Mozart, Bach, Saint-Saens e Ravel.

A violinista premiada nasceu em Riga, na Letónia (URSS) em 1945, numa família de músicos.

Em 1963 entrou no Conservatório Nacional da Letónia «Jazeps Vitols» que terminou em 1967 com menção honrosa. Desde muito jovem participou em inúmeros concertos e audições de compositores contemporâneos e deu recitais para a Rádio e Televisão. Em 1965 foi laureada no Concurso Inter-Republicano de Jovens Intérpretes de Música, em Riga, o que lhe permitiu participar no Concurso Pansoviético (Vsisoyusny) de Jovens Intérpretes de Música em Moscovo, nesse mesmo ano. Em 1966, obteve o primeiro prémio no Concurso Inter-Republicano de trios com piano em Tiravere, Estónia. No ano seguinte entrou no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo para se especializar em violino. Como representante da U.R.S.S. em 1968 concorreu ao Concurso Internacional de Violino em Sófia ganhando o 1.º prémio e medalha de ouro. De 1969 a 1971, Rasma Lielmane foi solista da Organização Filarmónica Nacional da Letónia e professora do Conservatório Nacional da Letónia. Está radicada no México desde 1971 e é casada com o violoncelista mexicano Victor Manuel Cortés. A actividade artística de Rasma Lielmane é muito intensa, tem tocado em quase todas as cidades da Letónia e de U.R.S.S., na Polónia, Bulgária, Alemanha Oriental, Finlândia, Canadá e México. Em 1973 ganhou um prémio no VI Concurso Internacional Vianna da Motta, em Lisboa.

A entrada é livre.

É NATURAL DE CABO VERDE O NOVO SECRETÁRIO-GERAL DAQUELE ARQUIPÉLAGO

E natural de S. Vicente de Cabo Verde onde frequentou m ensino primário e liceal, o eng. Sérgio Duarte Fonseca que vai ser nomeado secretário-geral do arquipélago. Formado como engenheiro geógrafo na Faculdade de Ciências de Lisboa, em 1939, dedicou-se à actividade privada até que, em 1959, entrou para a Junta de Investigações do Ultramar no quadro da missão geográfica de Angola. Ao serem criados os Estudos Gerais Universitários naquele Estado ingressou no respectivo corpo docente, onde realizou vários trabalhos científicos. O acto de posse deverá verificar-se durante a semana.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Continuação da pag. 1

eficácia e acréscimos de produtividade».

A concluir, o dr. Pinto Cardoso afirmou: «Não nos deteremos na contemplação do que já está feito nem nos iludiremos quanto à dimensão do que falta ainda alcançar. Ignorar, porém, o que já conseguimos, é perdermos a localização de novas metas que, persistentemente, deveremos alcançar com trabalho sério e entusiástico empenho. As dúvidas e os receios nunca deverão inibir atitudes válidas nem neutralizar propósitos construtivos. Há que continuar, e com determinação».

Terminada a sessão solene, realizou-se um almoço no finásio da escola industrial, durante o qual falaram ainda o presidente da Câmara local, o dr. Horácio Marçal, governador civil de Aveiro e, por fim, o subsecretário das Corporações e Segurança Social.

EM 1980 NO SECTOR TURÍSTICO:

Emprego para noventa mil pessoas

O fenómeno turístico, na sua versão industrial dos dias de hoje, é um acontecimento recente. Apenas ao ser atingido o estádio que os sociólogos definem como a «civilização dos tempos livres» e o correspondente aparecimento do turismo de massa, que movimenta centenas de milhões de indivíduos em todo o mundo, a actividade turística obteve a sua verdadeira dimensão de «indústria sem chaminés».

Como indústria, o turismo necessita de quadros qualificados que realizem a sua gestão, produção e oferta dentro dos parâmetros da procura, de uma eficaz luta com uma concorrência cada vez mais ampla e agressiva, de uma rentabilidade óptima dos investimentos. Porque o turismo tornou-se numa actividade complexa, de importantes reflexos a nível mundial nas economias nacionais, abandonando definitivamente a sua imagem romântica do século passado, de «palaces» luxuosos e viajantes aristocráticos.

Hoje a indústria turística tem de produzir produtos turísticos que são consumidos por um número cada vez mais elevado de turistas. Esses produtos têm uma marca, uma «imagem», um padrão de qualidade, um conjunto de ingredientes e uma técnica de preparação que os situa a nível idêntico dos outros produtos materiais presentes no mercado.

Portugal atingiu já a fase da indústria turística ao acolher anualmente um número superior a 4 milhões de visitantes. O que significa que Portugal, como destino turístico, se transformou, também, num produto a que corresponde uma «imagem» de marca, uma determinada quota do mercado.

Qual é a «imagem» de marca do nosso País? A orientação oportunamente dada no sentido de um turismo de qualidade diferenciou Portugal do conjunto de destinos que constituem o que foi definido como a «Europa do Sol», isto é, as regiões viradas ao Sul e ao sol, que são desejadas por milhões de europeus ansiosos por se bronzearem nas suas praias, aquecerem os seus corpos enregelados pelas temperaturas frígidas do Norte da Europa.

Portugal é, portanto, um produto turístico que atrai um determinado sector da população turística mundial e que aqui encontra o que cada vez se torna mais raro — um serviço eficiente e amável, uma relativamente baixa densidade turística, um equipamento de qualidade. Para além de todos os outros atractivos que lhe dão uma personalidade turística própria — a variedade da paisagem, as touradas à portuguesa, os festejos populares, as deliciosas receitas da nossa cozinha, a natural hospitalidade do povo e tantos outros encantos que seduzem os turistas e o fazem ter desejo de regressar.

Se olharmos para o significado numérico desta política de um turismo de qualidade verificamos quanto ela nos é vantajosa. Porque a despesa média de um turista em Portugal é de Esc. 3000$00, enquanto que a nossa vizinha Espanha, que acolhe 34 milhões de turistas, desce para 2300$00. Cerca de 30 por cento menos.

Ainda no campo das estatísticas verificamos que o turismo tem um importante significado na nossa balança comercial. Assim, em 1973, ele representou uma receita de cerca de 12 milhões de contos, ou seja 15 por cento do total das exportações de bens e serviços, e cobriu 35 por cento do saldo negativo da balança comercial.

Os investimentos na indústria turística são já elevados. Só no sector hoteleiro ele eleva-se a mais de 20 milhões de contos. O que significa ser um sector vital da nossa economia, que deve merecer e tem merecido o maior apoio oficial.

O SECTOR OFICIAL

Uma das actividades desenvolvidas pelo sector oficial em apoio ao turismo tem sido a formação e reciclagem de quadros para a indústria turística, aos mais diversos níveis. Fundado em 1966 com essa missão, o Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira formou já mais de 12 000 profissionais através dos seus cursos, visando assim fornecer à hotelaria e ao turismo a mão-de-obra especializada que a política de um turismo de qualidade exige.

Os problemas de gestão não foram esquecidos. Porque turismo é negócio... e um negócio que deve ser lucrativo. Por êsse motivo realiza-se, neste momento, um curso de gestores para a indústria alimentar e hoteleira, o que virá dar um novo impulso a uma actividade em que a especialização profissional é uma importante arma para a manutenção da posição conquistada no mercado e de novas possibilidades de crescimento.

PELO DR. SERRAS PEREIRA

Princípios orientadores do Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira

A acção desenvolvida pelo Centro para alcançar os objectivos referidos tem obedecido aos seguintes vectores:

1. Promover, orientar e coordenar todo o ensino turístico e hoteleiro, de forma a assegurar uma adequada transmissão de conhecimentos e uma formação obedecendo às exigências dos postos de trabalho, condições básicas para se atingir e manter o nível de serviço pretendido no âmbito da política turística nacional.

2. Conhecer, com a antecipação e a exactidão adequada, as necessidades previsíveis do mercado de trabalho a curto e médio prazo, através do rastreio das unidades em construção e a constituir, os seus índices de utilização das diversas categorias profissionais, as inflexões em termos de equipamento pretendido e áreas preferidas das correntes turísticas dominantes, de forma a inventariar, ao nível nacional e regional, os novos empregos criados e orientar a amplitude e vectorização dos projectos de formação e reciclagem a levar a efeito.

3. Estimular o interesse das camadas mais jovens da população pelo exercício das profissões turísticas e hoteleiras que, contribuindo para a sua fixação em Portugal, torne mais fácil o recrutamento de novos profissionais pelo conhecimento das perspectivas, oferecidas em termos de carreira, salários, promoção socio-económica, por uma indústria em franco crescimento e que atingiu dimensão internacional.

4. Cooperar na formação de uma consciência geral favorável ao turismo, de forma a acautelar reacções negativas prejudiciais à «imagem» do País e dar a conhecer os benefícios de vária ordem que a actividade assegura a amplas camadas da população e à economia portuguesa em geral.

5. Regularizar e institucionalizar as actividades profissionais no campo do turismo e da hotelaria, promovendo a publicação de legislação normativa, auxiliando a acção e a formação de associações profissionais, cooperando nas suas iniciativas visando os fins referidos.

Resultados de 7 anos de actividades

Ao fim de 7 anos de actividade o Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira pôde, através dos cursos de formação e aperfeiçoamento ministrados nas suas seis Escolas de Hotelaria e Turismo e dos cursos itinerantes realizados pelas suas cinco brigadas, colocar no mercado de trabalho **12 000 técnicos** qualificados, abrangendo os mais diversos estratos profissionais, desde directores de hotéis a cozinheiros, de técnicos de agência de viagens a empregados de andares, de guias de arte a recepcionistas de hotel.

Correspondeu-se, assim, satisfatoriamente, ao crescimento, em **20 000 camas**, do parque hoteleiro, ao aumento do equipamento complementar apartamentos, aldeias turísticas, restaurantes e similares, bem como ao progresso registado na actividade turística em geral, nomeadamente, no sector dos operadores turísticos e das agências de viagens.

O incentivo à formação de associações e clubes de profissionais — Associação dos Directores de Hotéis, Clube Chaves de Ouro, Associação dos Escanções de Portugal, Clube de Barmen de Portugal, Associação dos Antigos Alunos das Escolas de Hotelaria e Turismo — frequência por bolseiros de cursos em escolas internacionais; o desenvolvimento de campanhas de informação e [illegible]talização turística, utilizando meios de massa e uma exposição itinerante; a realização, em colaboração com a Associação Industrial de Lisboa, de uma feira internacional de equipamento hoteleiro a Filotel; o intercâmbio com peritos espanhóis através dos Cursos Luso-Espanhóis de Turismo e Hotelaria; a publicação de diplomas regulamentando as principais profissões turísticas; os seminários por especialistas nacionais e estrangeiros; as operações publicitárias e promocionais das profissões turísticas e hoteleiras foram alguns dos campos de acção do Centro no decorrer do III Plano de Fomento, inseridos nos objectivos gerais enunciados anteriormente. Gostaria de referir que, em 1980, o turismo terá uma posição ímpar no contexto português, já que, com as 90 000 pessoas que trabalharão nos seus diversos sectores, ele atingirá o primeiro lugar como utilizador da mão-de-obra nacional. O que, sem dúvida, torna bem claro que turismo é, para muitos portugueses, a sua profissão do futuro... e para o futuro.

ECONOMIA NACIONAL

RETALHISTAS DE MERCEARIAS

Em conformidade com as resoluções tomadas desde o início de Dezembro do ano passado, estão presentemente em curso os trabalhos preparatório do Primeiro Encontro Nacional de Dirigentes dos Agrupamentos Retalhistas de Mercearia, segundo informa o Gabinete de Divulgação Económica. A respectiva comissão executiva, já constituída, está, entretanto, a estabelecer contactos com as entidades interessadas.

O sector regista presentemente uma tendência crescente para o agrupamento de pequenas empresas.

EXPORTAÇÃO DE VINHO DO PORTO

As vendas de vinho do Porto para os mercados externos atingiram em 1973, 47 milhões e meio de litros, ou seja 9,4 por cento mais do que no período anterior, que por sua vez já tinha acusado progresso. Estas transacções corresponderam a um milhão e 274 mil contos, o que significa um acréscimo de 42 por cento relativamente a 1972. Para os Estados Unidos, seguiu apenas vinho engarrafado, atingindo o seu preço por litro o nível médio de mais de 47 escudos.

CONSUMO DE AÇÚCAR

No período de Janeiro a Novembro de 1973, a importação de açúcar para o abastecimento do Continente atingiu o valor de 815 mil contos. A produção do Estado de Moçambique contribuiu com a parcela de 513 mil contos.

TRANSFORMAÇÃO DOS PRODUTOS DE PESCA

De acordo com a programação do IV Plano de Fomento, virão a ocupar posição de crescente importância na economia portuguesa a congelação de peixe depois de preparado, o fabrico de pratos cozinhados e pré-cozinhados, além das conservas tradicionais. Os incentivos a estas indústrias devem permitir, segundo o Plano prevê, que ao longo dos anos restantes do presente decénio a procura do pescado pelas transformadoras ultrapasse as 250 mil toneladas anuais.

NOVAS FÁBRICAS

Vai ser instalada próximo de Guimarães uma nova fábrica de fiação de algodão com mais de seis mil fusos e características plenamente modernizadas. O empreendimento envolverá avultada capacidade financeira. Por outro lado, num local de Lisboa ainda a determinar surgirá, também, uma unidade para o fabrico de folhas e telas tubulares em polietileno, para embalagens industriais. A capacidade mínima de fabrico foi fixada em 400 quilos por hora.

INDÚSTRIA ULTRAMARINA

Uma unidade fabril de moagem com desgerminação de milho que funciona no Cacuaco, próximo de Luanda, associará a esta actividade a do fabrico de óleos vegetais com o potencial de laboração de duas toneladas por hora. Em Moçambique, vai começar a fabricar-se mobiliário e outros equipamentos em aço inoxidável para copas e cozinhas industriais, instalações hospitalares, etc., bem como todo o tipo de loiças inoxidáveis para fins domésticos, incluindo a produção de cutelarias.

CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS

O programa da lista B que venceu as eleições

Penso que venceu o lado da razão O lado da evolução no capítulo dos pequenos-médios industriais Isto admitindo também, como é lógico, o evoluir da grande empresa afirmou-nos o sr José Espírito Santo Silva, referindo-se à maioria com que a lista B, venceu na sexta-feira o acto eleitoral do Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas Prosseguindo nas suas declarações o sr. Santo Silva disse-nos:

A votação não atingiu os dois mil votos, porque havendo duas assembleias na mesma tarde uma para discussão do relatório da direcção cessante e outra para as eleições, a maioria dos associados não se terá apercebido do mesmo, o que até em relação a horários muito prejudicial se tornou. Mesmo assim, cerca de 1200 pessoas ficaram na sala até altas horas.

E prosseguiu.

O Grémio, na parte sul do continente, comanda as regiões de Leiria, Covilhã e até ao Algarve. A deslocação ao acto eleitoral do elevado número de associados demonstra a confiança depositada na lista vencedora.

Em relação à linha de conduta a impor no futuro afirmou-nos o nosso entrevistado:

Iremos procurar de várias formas uma maior produtividade em toda a indústria, não só no capítulo da construção civil como também nas obras públicas. Tentaremos criar com a devida autorização do Governo, um **caderno-tipo** para a indústria da construção civil e outro para as obras públicas, o qual nunca foi conseguido até à presente data. A criação deste **caderno-tipo,** tem o fim único de evitar que cada entidade ou particular, defina, a seu bel-prazer, a obra ou omita determinados pormenores, o que viria a causar profundo embaraço com consequências, em certos casos, desastrosas para os industriais. No prosseguimento do que será no futuro a ordem de trabalho da direcção ora eleita, o sr. Santo Silva afirmou:

Uma das ideias será a promoção do aperfeiçoamento da legislação frente aos sectores das obras públicas. Pensamos fazer a revisão dos preços e a sua extensão às obras particulares.

Criação de um centro de produtividade na construcão civil

Este membro da lista vencedora continuou a divulgar o plano de trabalho, em relação a um futuro muito breve, dizendo-nos:

Pensamos também pugnar junto das entidades oficiais, pela criação de um **centro de produtividade,** falta que se faz sentir há longos anos. Tal como também julgamos ser de muita utilidade a criação, ou digamos, a formação de Centros de Formação Profissional, tendo como base, a **dignificação das várias profissões.** Noutra base, esta mais distinta, pensamos ainda em pedir, não só a elevação dos **alvarás,** como também em criar, secções especializadas para conselhos de carácter técnico e jurídico a todos os associados do grémio.

A elevação dos alvarás para a Indústria de Construção Civil e de Obras Públicas implicará, desde logo, a revisão da respectiva legislação. No capítulo das secções especializadas, é lógico que as grandes empresas não necessitarão destas secções, visto terem os seus corpos técnicos apetrechados para este fim, mas certamente, terá muito interesse e grande benefício, para os pequenos e médios industriais.

É ainda intenção da nova direcção criar uma informação permanente da actividade gremial junto de todos os associados.

O sr. Santo Silva continuando as suas declarações; afirmou:

Vamos tentar fazer uma regularização sobre a ética e disciplina da classe. Procuraremos, também, pugnar o mais possível, pela aproximação com os grémios congéneres, para um melhor entendimento, já que apenas existem criados os grémios Regional do Norte e o da Madeira.

A finalizar as suas declarações, o sr. Santo Silva disse ainda ao nosso repórter:

O Grémio Regional do Sul é composto na sua totalidade por 3800 industriais, dos quais 86 **grandes empresas,** 400 médias empresas e de mais de 3200 pequenos industriais. Todas estas empresas reunidas ocupam cerca de 220 000 operários ao seu serviço. Mais ainda, se considerarmos as indústrias interligadas como sejam as cerâmicas, siderurgia, madeireiros, etc., fornecedores de matéria-prima para as construções, poderemos admitir na indústria cerca de 800 000 homens, o que a transforma numa das primeiras indústrias do País.

O sr. Santo Silva disse ainda ao nosso jornal:

Tentaremos corresponder à confiança depositada na nossa lista, em face até, do número de votos, invulgar, jamais registado em assembleias de eleições, pois que o número anterior se cifrava apenas em 83 votantes. A lista B atingiu 929 votos contra 203, o que veio atingir a elevada percentagem de 83 por cento que nos foi favorável.

Com esta primeira atitude, criando a formação da lista B, veio dar-se, pois, uma nova vida e dimensão ao Grémio, despertando um maior interesse pela vida do Grémio, interesse esse que tentaremos por todas as formas manter ao longo da nossa futura gerência.

HOSPITAL

Motociclista morto

Pouco depois de ter dado entrada, ontem, no Hospital de São José, vítima de choque da sua motoreta contra um automóvel, em Carafim, Alenquer, faleceu, naquele estabelecimento, o trabalhador José Henriques, de 29 anos, daquela localidade.

Dois feridos ligeiros

Em consequência de um choque, ocorrido ontem, na Avenida Almirante Reis, ficaram ligeiramente feridos os ocupantes de um automóvel conduzido por Mário Coutinho Salgado Alves, de 27 anos, electricista, morador na Rua Frei Manuel do Cenáculo, 34, que seguia acompanhado de Fernando Humberto Alves Pereira, de 24 anos, electricista, morador na Calçada dos Barbadinhos, 178, 1.º esq. Transportados ao Hospital de S. José, receberam tratamento, recolhendo, mais tarde, a casa.

Ferido transportado de Cabo Verde para Lisboa

Por ter sofrido, há dias, contusões graves no despiste do automóvel que conduzia, em Cabo Verde, de onde é natural e residente, António Sérgio Linhares de Carvalho, de 29 anos, funcionário aduaneiro, foi transferido do hospital daquela ilha, num avião da TAP, para Lisboa. Aguardava-o, no aeroporto, uma ambulância que o transportou para o Hospital de S. José, onde ficou internado.

Vítimas de atropelamento

No mesmo estabelecimento hospitalar, deram igualmente entrada, muito traumatizados, Manuel Raposo, de 64 anos, trabalhador, morador em Boliqueime, Loulé, que foi atropelado por um automóvel, na terra da sua residência; Adélia Maria Gonçalves Bartolomeu, de 70, residente em Rio Maior, derrubado por uma bicicleta naquela vila; Manuel Rodrigues Santos, de 37 anos, pintor, com residência na Rua 1, n.º 206, ao Bairro da Serafina, vítima de atropelamento por um automóvel na Rua do Arco das Aguas Livres. E considerado muito grave o estado de uma criança de quem se sabe apenas chamar-se Luís, e aparentar cerca de 5 anos, e que, com João Manuel da Silva Ricardo, de 6 anos, residente na Rua Cidade da Beira, lote 3, B, foram atropelados por um autocarro na Avenida de Berlim.

No Hospital de Santa Maria, e por idêntico motivo, foi internado de urgência, António João dos Santos, de 68 anos, de Alcoentre.

Choque de automóveis em Vale de Cavalos

Ontem, de manhã, em Vale de Cavalos, Almeirim, chocaram dois automóveis. Do acidente, sairam feridos os ocupantes, de um dos veículos, conduzido por António Pereira Anacleto, de 36 anos, marítimo, residente na Rua 21 de Janeiro, n.º 64, 1.º, em Sesimbra, que seguia acompanhado de Maria Cunha Cruz Picão Silva, de 35 anos, e da filha desta, Ana Maria, de 11 anos, moradoras na Rua dr. Peixoto Correia, 27 (também naquela vila). Levados ao Hospital de S. José, os dois primeiros ficaram internados, tendo a pequenita recebido tratamento a ferimentos ligeiros.

CRIANÇAS DIMINUÍDAS MENTAIS

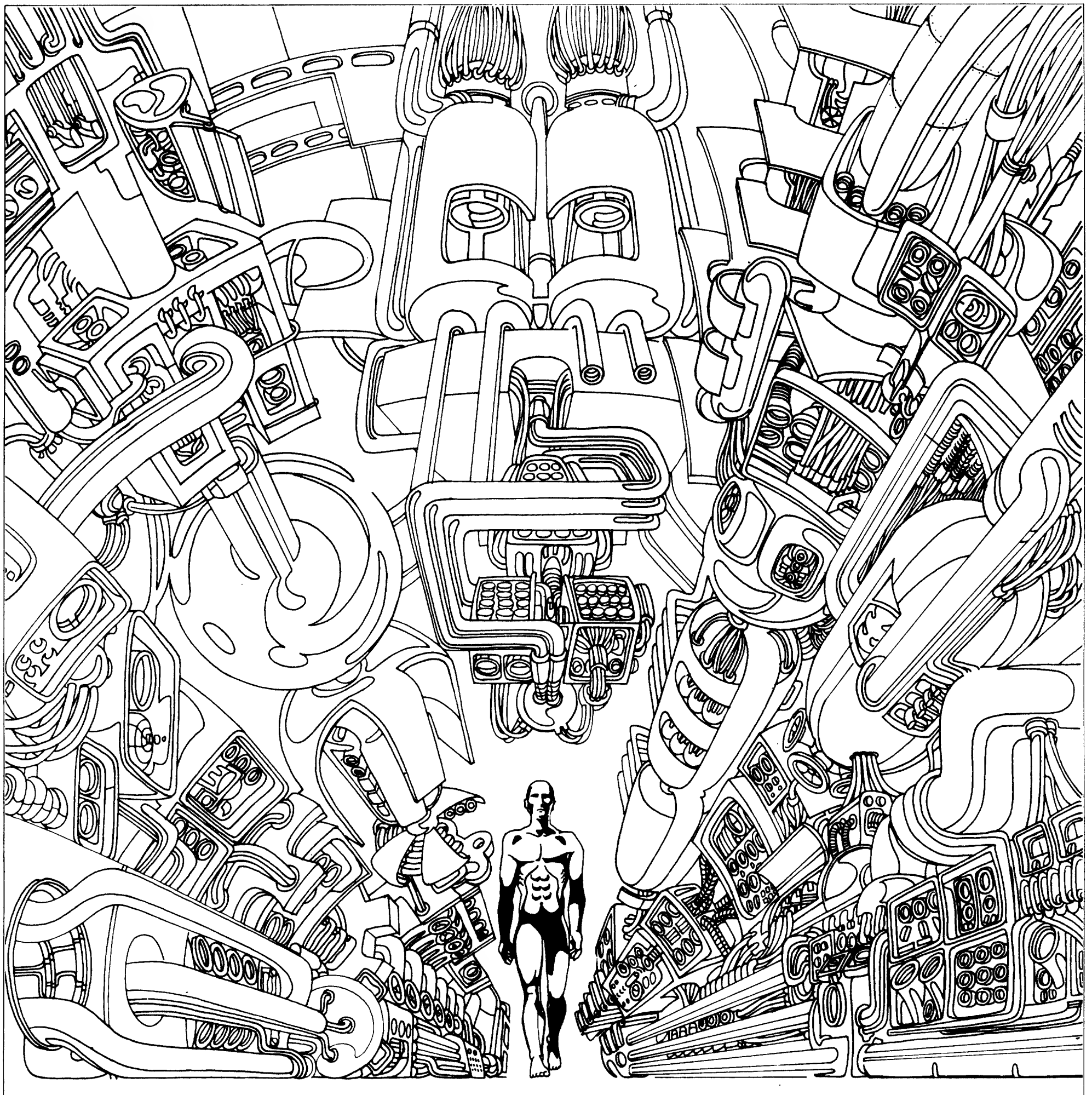
Termina hoje o peditório anual promovido pela Associação de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais, que desde o dia 25 tem estado a decorrer na província, e cujo produto reverte a favor daquela obra.

Confraternização RAJÁ

«Uma equipa forte e aguerrida» que permitiu a obtenção de resultados que podem considerar-se francamente bons, resultados esses que por certo se poderão considerar como um prenúncio muito positivo para tudo que espera venha ainda a realizar-se, guindando a RAJA para uma posição ímpar no mercado nacional.

Desta forma se referiu o sr. António Palrão aos seus colaboradores, ao agradecer as palavras que alguns deles tinham dirigido à Administração em que evidenciaram o impulso ascendente que se tem verificado na Empresa, na festa de confraternização ontem realizada e que assinalou a passagem do 1.º aniversário da tomada de posse da actual Administração da Rajá, Empresa que se dedica à indústria e comércio de chocolates, dropes e caramelos, há já mais de 30 anos.

A festa de confraternização, que decorreu no Restaurante de Montes Claros, especialmente reservado para o efeito, decorreu animadamente, tendo os convidados sido recebidos pelos srs. António Rodrigues Palrão e João Rodrigues Palrão e Senhoras. Durante o repasto fez-se ouvir com muito agrado o conjunto privativo do Restaurante.



pensamos que o homem é a medida de todas as máquinas

Nenhuma máquina pode valer um homem.
Nenhum computador pode valer uma vida.
Porque o homem é o nosso ponto de partida.
E o nosso ponto de chegada.
Mas desenvolvemos cada vez mais a tecnologia
e a profissionalização dos nossos homens.
Trabalhar na Companhia União Fabril sempre foi a melhor
recomendação no mercado de trabalho português.
E continuará a ser.
Para os melhores profissionais.
Para os melhores portugueses.

COMPANHIA UNIÃO FABRIL, S.A.R.L.

PENTA-EGF-74-2

A Companhia de Jesus reúne-se amanhã em Santo Tirso

Segunda-feira e nos dias seguintes reúne-se em Santo Tirso, no Colégio-Instituto Nuno Álvares, a Assembleia Provincial da Companhia de Jesus, assembleia constituída por cerca de cinquenta membros, escolhidos quer por eleição, quer por direito.

Como se sabe, desde há 4 séculos que a Companhia de Jesus se encontra em Portugal. Ausentes nos primeiros anos da República, os seus membros regressam ao nosso país.

Actualmente, a província da Companhia de Jesus é composta, entre nós, por 380 membros espalhados pela Metrópole e Ultramar.

Qual o objectivo da Assembleia Provincial que vai reunir-se agora em Santo Tirso? Eleger representantes que deverão participar em Roma na Assembleia Magna representativa dos vários núcleos de jesuitas no mundo.

E ainda da competência atribuída à mesma Assembleia Provincial o estudo dos problemas gerais da **situação** da congregação em Portugal .. concretamente a análise das suas actividades e da relação com as realidades vividas do País.

«Aliás afirma-se num comunicado distribuído à Imprensa pela CJ é ocasião oportuna para uma revisão geral não só exigida pela Igreja como pela nossa sociedade. A renovação de alguns dos sectores e atitudes é premente.»

Alguns problemas

«No campo da educação em Portugal qual a finalidade e a operatividade dos seus estabelecimentos de ensino?

«A Companhia de Jesus conta com alguns colégios de ensino médio frequentados quase exclusivamente por elementos dos meios socio-económicos favorecidos.

«Orienta ainda o Instituto Superior de Evora e uma Faculdade de Filosofia em Braga cuja finalidade poderá ser discutida.

«As poucas experiências pedagógicas nos meios sociais menos favorecidos ou meios universitários são pouco apoiadas pelos jesuítas portugueses.

«No campo social a sua influência e acção é restrita. Por exemplo, não parece a Companhia de Jesus em Portugal alheada ao meio operário?

«No sector da Imprensa contam com meios de divulgação e algumas publicações que embora contestadas, apresentam possibilidades duma renovação mais dinâmica. E o caso da conhecida revista «Brotéria» e da «Revista de Filosofia Portuguesa». Em contrapartida publicam-se revistas de valor duvidoso; basta referir as revistas amplamente difundidas «Cruzada Eucarística» e «Magnificat», que assentam numa atitude pouco actual.

«Que outros pontos em Portugal poderia a Congregação rever e dinamizar? Concretamente a relação da pastoral com a realidade do mundo de hoje, as relações com os movimentos pró-união da Igreja, a actuação em sectores mais vitais e carenciados pondo de parte «técnicas» ultrapassadas, a formação e preparação dos próprios membros da congregação, etc.»

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Sede: Av. Infante Santo, 2-Lisboa

AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL
DE 1750000 PARA 2470000 CONTOS

Autorizado por Portaria de 13 de Março de 1974, publicada no "Diário do Governo" n.º 67, III Série, de 20 de Março de 1974

EMISSÃO DE 720000 ACÇÕES
DE VALOR NOMINAL DE 1000$00

CONDIÇÕES DA EMISSÃO

1. SUBSCRIÇÃO RESERVADA A ACCIONISTAS

a) 250000 acções a atribuir aos actuais accionistas a título de incorporação de reservas, na proporção das que possuirem, contra o pagamento da importância de 50$00 por acção relativa ao imposto de mais-valias. (*)

b) 375000 acções destinadas a serem subscritas pelos actuais accionistas, ao preço de emissão de 2000$00 cada uma, na proporção das que possuirem, acrescido do imposto de mais-valias no valor de 179$05 por acção

2. SUBSCRIÇÃO RESERVADA A EMPREGADOS

10000 acções para serem subscritas pelo pessoal da Empresa ao preço de emissão de 3500$00 cada uma, acrescido do imposto de mais valias no valor de 104$05 por acção

3. SUBSCRIÇÃO DESTINADA AO PÚBLICO EM GERAL

85000 acções para serem oferecidas à subscrição do publico em geral, ao preço de emissão de 3500$00 cada uma

4. PAGAMENTO

O pagamento das acções, bem como do imposto de mais-valias quando devido, será feito integralmente no acto da subscrição.

5. DEVOLUÇÃO DE NUMERARIO

Em caso de rateio, as importâncias relativas às acções não atribuidas serão devolvidas até ao dia 30 de Abril próximo, aos balcões dos bancos em que se tiver realizado a subscrição

6. TÍTULOS A EMITIR

As acções serão nominativas ou ao portador, reciprocamente convertiveis e representadas por títulos de 1, 10, 50, 100, 500 ou 1000 acções.

7. DIVIDENDOS

As acções a emitir terão direito à parte do dividendo, relativamente ao exercício de 1974 proporcional ao tempo decorrido desde o termo da subscrição

8. ENTREGA DOS TÍTULOS DEFINITIVOS

A entrega dos títulos definitivos será efectuada dentro do prazo de 6 meses a contar do termo da subscrição.

9. ADMISSÃO À COTAÇÃO NA BOLSA

A Companhia requererá a admissão à cotação na Bolsa das novas acções, logo que sejam emitidos os títulos definitivos deste aumento de capital.

10. IDENTIFICAÇÃO

Chama-se a atenção dos subscritores para o que se encontra oficialmente estabelecido quanto à respectiva identificação.

11. PERÍODO E LOCAIS DA SUBSCRIÇÃO

A subscrição decorrerá de 2 a 4 de Abril de 1974. Os empregados da Companhia subscrevem na Sede da Empresa as acções que lhes são expressamente destinadas; os senhores accionistas e o público em geral aos balcões das seguintes instituições de crédito que tomam firme a emissão:

Caixa Geral de Depósitos - Banco de Fomento Nacional
Montepio Geral - Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura - Banco do Alentejo
Banco de Angola - Banco Borges & Irmão
Banco Espirito Santo e Comercial de Lisboa - Banco Fernandes Magalhães
Banco Fonsecas & Burnay - Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino - Banco Pinto de Magalhães
Banco Pinto & Sotto Mayor - Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores - Bank of London and South America
Crédito Predial Português - Crédit Franco-Portugais
Manuel Mendes Godinho & Filhos - Pancada, Moraes & Cia.

onde poderá ser obtido o prospecto com os elementos respeitantes à Empresa e a este aumento de capital.

(*) A importância relativa a este imposto será devolvida caso venha a ser deferido o pedido de isenção formulado ao abrigo do Art.º 9.º do Decreto-Lei n.º 718/73 de 31 de Dezembro de 1973.

Lisboa, 29 de Março de 1974

O CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO

TEAM

MARCHUETA EM BARCARENA

O governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, desloca-se esta tarde a Barcarena, a fim de ali presidir a vários actos com que a Associação dos Bombeiros Voluntários locais comemora o seu 94.º aniversário.

O dr. Afonso Marchueta inaugurará duas novas viaturas e presidirá a uma sessão solene.

PROCISSÃO DOS PASSOS

Com início às 16 horas, efectua-se hoje a procissão dos Passos de S. Roque, que percorre o seguinte itinerário: Largo Trindade Coelho, Calçada do Duque, Rua da Oliveira, ao Carmo, Calçada do Sacramente, Rua Garrett, Largo do Chiado e Rua da Misericórdia.

ESTREIA MUNDIAL

Numa gravação cedida pela B. B. C., a Emissora Nacional inclui no «Concerto de Domingo» de hoje a estreia do concerto para piano e orquestra do compositor ingles **Alexandre Goehr.** Trata-se duma manifestação do 6.º Festival de Brighton, com a **Royal Philharmonic Orchestra** sob a direcção de **Lawrence Foster** e do pianista **Daniel Barenboim**, artistas que também executam o Terceiro Concerto de Beethoven.

Conferência sobre Colombo

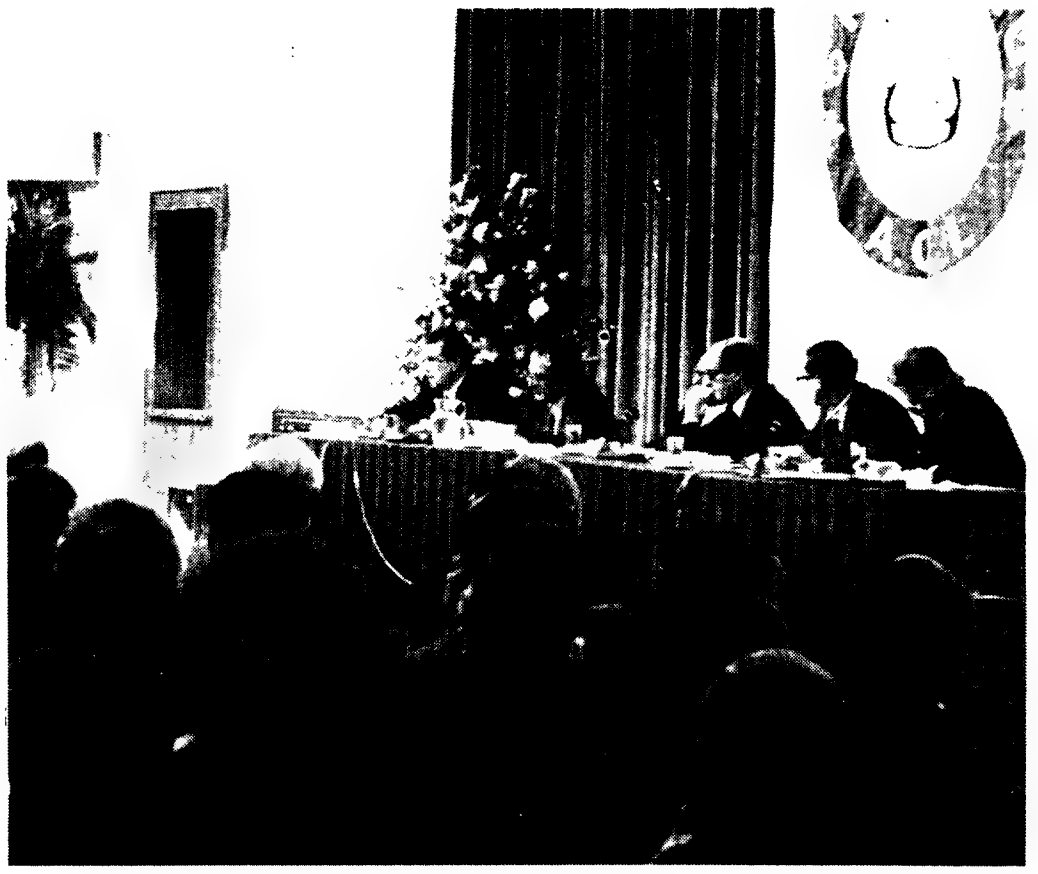
Na sede da Sociedade de Língua Portuguesa, o dr. Décio Camacho profere amanhã, às 13 horas, uma conferência subordinada ao tema «Simplicidade e perseverança so almirante Cristovão Colombo».

A entrada é livre.

Crise do petróleo e inflação analisada no Estoril por peritos internacionais

«A crise do petróleo, a inflação e as suas consequências no mercado internacional de Câmbios» foi o tema de uma mesa-redonda realizada ontem, à tarde, na sala dos congressos do Estoril, por iniciativa do Forex Club de Portugal e em que participaram administradores dos bancos centrais de Portugal, Alemanha, Itália, França e Bélgica e o secretário-adjunto do Tesouro da Grã-Bretanha

Ao contrário do que é hábito em mesas-redondas deste tipo, não houve apenas uma exposição de diferentes pontos de vista, uma sucessão de monólogos. Graças à eficaz e hábil actuação do sr. prof Jacinto Nunes, vice-governador do Banco de Portugal, que serviu de moderador, houve um diálogo entre todos os participantes na mesa-redonda, diálogo em que a própria assistência também participou



Administradores de bancos emissores de vários países europeus reunidos na mesa-redonda realizada ontem no Estoril

O dr. Otmar Emminger, vice-governador do Deutshe Bundesbank, o banco central da República Federal Alemã, afirmou que a crise do petróleo torna impossível, num futuro próximo, a reforma do sistema monetário internacional. Os estudos nesse sentido realizados anteriormente tornaram-se anacrónicos de um dia para o outro. Nos próximos dois, três anos, as moedas continuarão a flutuar, haverá, apenas pequenas reformas, limitadas à resolução dos problemas que forem surgindo.

Ao inverter as relações entre os países produtores de petróleo e os países industrializados, a subida do preço do petróleo alterou todos os dados das relações monetárias internacionais. Generalizou-se a flutuação das diferentes divisas. Nunca se haviam registado mudanças tão rápidas e de tão grande amplitude nos câmbios. A taxa de inflação, que já anteriormente era difícil de controlar, ameaça crescer aceleradamente. Verifica-se um rápido agravamento das balanças de pagamentos dos países industrializados, com a consequente redução da liquidez dos mercados monetários, ao mesmo tempo que crescem as reservas dos países produtores de petróleo. A aplicação que os países produtores darão a estas reservas, é, de resto, uma das incógnitas fundamentais da evolução futura do sistema monetário internacional.

Até à clarificação das consequências da crise do petróleo viveremos num período intercalar entre um passado que conhecemos e um futuro que ignoramos inteiramente. Para já, existem três ordens de problemas quanto à flutuação das moedas: flutuação isolada das moedas de cada país ou flutuação entre blocos de moedas, mantendo-se as paridades fixas no interior de cada bloco; flutuações sem intervenção ou dirigidas; definição de linhas de orientação para os movimentos de flutuação e estabelecimento de uma fiscalização internacional das variações cambiais, possivelmente através do Fundo Monetário Internacional. No futuro próximo, haverá também que estabelecer um controlo mais eficaz sobre o mercado dos euro-dólares (o que parece difícil), tornar utilizáveis as reservas dos bancos centrais, e nomeadamente do ouro, modificar o sistema de tiragens especiais, melhorar o funcionamento do Fundo Monetário Internacional e assegurar o crescimento económico dos países em vias de desenvolvimento. Mas a todos estes problemas sobrepõe-se, disse ainda o dr. Emminger, o combate à inflação, cuja progressão acelerada ameaça pôr em risco o crescimento económico e a própria estabilidade de todos os países.

O dr. Rinaldo Ossola, vice-governador da Banca d'Itália, começou por recordar que os preços actuais do petróleo são quatro vezes e meia superiores aos preços que vigoravam em princípios do ano passado e três vezes superiores aos preços praticados em Setembro. A curto prazo, prosseguiu, não há possibilidade de reajustar o sistema monetário internacional, nem de absorver as reservas de que dispõem os países produtores devido à subida do preço do petróleo.

Salientou, a propósito, que não tem sentido afirmar que o preço actual do petróleo não é justo. Em economia não há preços justos e preços injustos. Acresce que o preço do petróleo se manteve estável durante a passada década, enquanto subiam os preços dos produtos industrializados e os preços de outras matérias-primas. Os países produtores de petróleo receberão este ano um excedente de 65 biliões de dólares, dos quais cerca de 40 biliões serão pagos pelos países industrializados e os restantes 25 biliões pelos países em vias de desenvolvimento. A médio prazo, dentro de quatro, cinco anos, será possível regressar a um reequilíbrio do mercado monetário, graças aos investimentos dos países produtores de petróleo nos países industrializados, ao estabelecimento de créditos em favor dos países deficitários, às inversões no mercado do eurodólar. Para que se obtenha este equilíbrio futuro, necessário é que se estabeleça um diálogo construtivo entre os países importadores e os países produtores de petróleo. Sublinhou que ao contrário do que se afirma vulgarmente os países importadores possuem poderosos argumentos a seu favor, nomeadamente a possibilidade de desenvolverem rapidamente outras fontes de energia.

O dr. Daniel Deguen, secretário-geral da Banque de France, sublinhou que a inflação não foi desencadeada, mas apenas agravada, pela crise do petróleo. Disse também que a crise seria muito mais grave se os países produtores pudessem importar mercadorias em valor equivalente ao aumento das reservas, uma vez que os países industrializados não poderiam responder ao aumento da procura.

Defendeu a continuação da política de crescimento económico dos países industrializados e dos países em vias de desenvolvimento e o prosseguimento do aumento do poder de compra dos trabalhadores, paralelamente ao combate à inflação. E preconizou o reforço da cooperação internacional, nomeadamente no combate às causas da inflação.

O dr. Georges Janson, administrador do Banque Nationale de Belgique, referiu-se aos efeitos da crise do petróleo sobre o aumento das taxas de inflação, para dizer que na situação actual da Europa é impossível reduzir o poder de compra, os salários reais dos trabalhadores, sem graves perturbações. Por outro lado, não parece possível, com os instrumentos de intervenção de que dispõem os governos, reduzir a margem de lucro das empresas, o que seria uma maneira de combater a inflação. Em seu entender, a impossibilidade em que se encontram os países europeus de combater a inflação é a ameaça fundamental que pesa sobre os países ocidentais. Ameaça que poderá ser reforçada pela crescente fuga diante da moeda, em favor da aquisição de propriedades imobiliárias ou mobiliárias, da tendência para aplicar todo o dinheiro disponível em compras de mercadorias.

«Sir» C. W. Fogarty, secretário-adjunto do Tesouro da Grã-Bretanha, fez uma exposição extremamente densa sobre as aplicações previsíveis dos excendentes de divisas de que dispõem os países produtores de petróleo. Sublinhou ser previsível o reforço da procura no mercado dos eurodólares, o aumento das transacções nas grandes praças financeiras como Londres e Nova Iorque, os investimentos dos países produtores de petróleo nos países industrializados e largos movimentos de empréstimo entre os países produtores e importadores de petróleo.

Seguiu-se um prolongado debate entre os participantes na mesa-redonda em que também tomaram parte alguns dos membros da assistência.

POLÍCIA

A JUDICIÁRIA PERANTE UMA NOVA ESTIRPE DE ASSALTANTES

Prosseguimos as nossas diligências, mas, até agora, ainda não possuímos dados concretos sobre a identidade ou provável paradeiro dos cinco intervenientes no furto palavras do dr. Araújo e Sá, subdirector da Polícia Judiciária, reveladoras das dificuldades encontradas na solução dos casos de assalto a instituições de crédito (já em número de sete num curto prazo de dezasseis meses), de que o **golpe** da manhã de quarta-feira, à agência do Banco da Agricultura em Moscavide, constitui a última edição.

Seguimos várias pistas, repetem amiúde os investigadores quando indagados sobre o andamento das diligências policiais. Mas os meses passam e sobre resultados concretos nada transpira. Esta a realidade constatada.

Entretanto, e à semelhança do que vem acontecendo com os estabelecimentos bancários, também os santuários religiosos, alfobres que são muitas vezes de vultosas riquezas reunidas a partir de promessas e donativos, parecem ter caído sob a mira de ousados e ágeis assaltantes.

Há meses tinha sido a Capela de Nossa Senhora da Nazaré, esta semana a acção centrou-se na igreja da freguesia de Seixas, concelho de Caminha, de onde «dois jovens ainda não identificados» levaram a imagem de S. João Baptista, considerada por peritos como uma obra artística de elevado valor, com cerca de duzentos anos de existência.

Face à situação, torna-se lícito interrogar: na calha de bancos e santuários, qual será futuramente o próximo objectivo destes assaltantes **nova geração**, que, quando identificados, aparecem na generalidade como «jovens desempregados... e marginalizados por opção ou ascendência»?...

MANUEL GERALDO

A MORTE DO GUARDA DA P.S.P.

Apreendido um carro e detido um casal suspeito

Segundo uma informação que confirmámos junto das autoridades competentes, foi encontrado ontem ao fim da tarde, na Rua Alberto de Oliveira (Alvalade) um carro com as características conhecidas daquele que arrastou um guarda da PSP em serviço no aeroporto de Lisboa, até lhe provocar a morte.

De acordo com o que foi noticiado, o guarda António Moreira, de 48 anos, casado, natural de Valongo, Porto, e residente no Dafundo, aproximou-se de um carro tipo desporto, um MGB de côr amarelo-torrado, cerca das duas da manhã de ontem, junto da porta principal da aerogare, e teria sido preso pela cabeça através da janela do veículo, que arrancou a alta velocidade e arrastou o infeliz agente da autoridade durante perto de um quilómetro, deixando-o sem vida sob o viaduto da Avenida Marechal Carmona. Apesar dos graves ferimentos e mutilações que a louca corrida provocou nas pernas e pés da vítima, a morte teria sido provocada por agressões na cabeça do guarda da PSP. Há uma testemunha ocular do incidente, atraída pelos gritos da vítima. Mais tarde, um motorista de taxi passou por um carro com as características apontadas, o qual se dirigia, a alta velocidade, na direcção de Cascais. O veículo seria conduzido por um indivíduo acompanhado por uma mulher loura.

Ao mesmo tempo que era apreendido em Alvalade, às 19 horas de ontem, um veículo com os sinais em posse da Polícia, verificava-se também a prisão de um casal suspeito, que foi entregue à Polícia Judiciária, encarregada de prosseguir com as investigações. Contactado ontem à noite, o piequete daquela corporação nada mais adiantou.

AUTOMÓVEIS ROUBADOS

Desde as 12 horas de sexta-feira e as 12 de ontem foram roubadas 17 viaturas e recuperadas 24.

Eis as matrículas das viaturas desaparecidas:

EL-92-34 (Austin Mini 1275 GT), EB-80-54 (Austin 1000), FF-62-36 (idem), LE-92-72 (Austin 850), SO-43-25 (Austin), BM-96-42 (Datsun 1200), CA-56-55 (idem), BI-99-58 (Datsun), DH-59-40 (Morris Mini 1000), LD-29-39 (Morris 1000), FP-93-59 (Morris), GC-51-72 (Morris), DE-72-54 (Fiat 127), LC-82-16 (NSU Prince), EE-95-81 (Ford Capri 1600), DE-38-77 (Opel Kadete) e LS-50-37 (Yamaha).

FESTIVAL DE PARA-QUEDISMO

Efectua-se esta tarde, em Tancos, a sessão de encerramento e distribuição de prémios do I Campeonato de Pára-Quedismo das Forças Armadas, iniciado no dia 28, e que compreendeu as seguintes provas: individual de precisão de aterragem, individual de estilo e precisão de aterragem em grupo. Nele participaram militares na efectividade de serviço e com o diploma de caçadores pára-quedistas.

ATROPELADO MORTALMENTE

Acabado de chegar da terra e quando saía de um «taxi», Joaquim Vaz Vilela, de 51 anos, trabalhador rural, residente em Favais do Douro, Alijó, foi atropelado por um automóvel perto do Dafundo.

Os Bombeiros Voluntários locais transportaram-no imediatamente ao Hospital de S. José, onde veio a falecer pouco depois.

motor revista

PLAZA
INTERNACIONAL

para quem conhece o mundo e o sabor das melhores coisas do mundo

Um novo cigarro. PLAZA Internacional. O novo sabor Plaza.
Um cigarro de nível internacional.
Um acto de escolha e de afirmação própria.
O seu Plaza. Em qualquer circunstância. Sempre.
Extra Longo. ⊛Filtro Triplo Ventilado.
Duas vezes mais eficaz!

PLAZA a sua afirmação pessoal

FERNANDO MONIZ

PAUSA SIGNIFICATIVA

Referimo-nos, na semana passada, ao negócio Comundo-BPA-Banco do Algarve. As condições em que o mesmo se processou são já do domínio público, cuja atenção tinha sido mobilizada pela impugnação das assembleias gerais do Banco Português do Atlântico e da Comundo. Os «leaders» dos dois grupos financeiros João Rocha e Cupertino de Miranda acharam por bem terminar o litígio, entrando num acordo particularmente significativo, já que também o Grupo da União dos Bancos Brasileiros deixou de ter participação no Banco do Algarve, em troca de uma posição no B.P.A.

Com a concretização deste negócio, o qual veio criar um sintomático clima de euforia junto dos accionistas da Comundo, o grupo liderado por João Rocha passa a deter uma posição invejável no Banco do Algarve, aproximadamente de 70 por cento. A operação, que envolveu quase dois milhões e meio de contos, incluiu a cedência de 76 mil acções do BPA ao grupo Cupertino de Miranda, o qual terá, ainda, de pagar 740 mil contos ao grupo de João Rocha.

Recordamos, a propósito, que o FIA dispunha em carteira de 16.500 acções da Comundo. Quanto ao Banco do Algarve, doravante sob a batuta do grupo João Rocha, as perspectivas parecem animadoras. Não pela dimensão actual do Banco, cujos lucros, referentes ao exercício de 1973, se cifraram em seis mil contos, mas por uma esperada expansão futura com início marcado pela abertura de uma dependência em Lisboa. Com sede social em Faro e um capital de 50 mil contos, o Banco do Algarve continua a aguardar a indespensável autorização para o aumento do capital social que lhe permita dimensionar convenientemente a sua actividade, já que se apresenta como condição indespensável para dinamizar a sua acção, até porque o Algarve é um dos mais importantes pólos do desenvolvimento turístico... e trata-se do Banco do Algarve. Aliás, pensamos que esta instituição bancária se encontra na primeira linha para os próximos aumentos de capital no sector bancário. O interesse pelo papel tem sido francamente animador, tendo as cotações atingido em Fevereiro os 4.800$00, sendo o valor nominal das acções de 100$00. Esse interesse mantém-se vivo, ao mesmo tempo que o Fides e o FIA tem em carteira várias acções do Banco do Algarve. Terminado o diferendo BPA-Comundo, logo teremos que concluir estar para futuro próximo o anunciado aumento de capital social da Comundo, com reserva de preferência para os actuais accionistas. Como oportunamente anunciámos, os accionistas terão direito a uma acção grátis por cada uma das que possuirem, além de poderem subscrever uma por cada grupo de sete.

Subscrição

Parece-nos particularmente significativa esta pausa nas subscrições.

Primeiro, porque tanto a CUF como a Somotel já negociaram as condições dos próximos aumentos do capital. Segundo, porque presentemente não se encontra qualquer numerário mobilizado com subscrições públicas.

Claro, que poderíamos muito simplesmente concluir estar-se perante uma pausa para permitir a bancos e corretores a possiblidade de substituirem mais uns «vales» por acções, dando, assim, mais um pouco de ordem a uma actividade que nunca deveria ter enveredado por sitemas incompreensíveis. Aliás, o já celebérrimo «estranho caso dos vales» parece caprichado em prolongar-se, criando no espírito do grande público uma impressão nada favorável à imagem que as bolsas de valores necessitam de possuir. E que as prorrogações já foram tantas e a «força» das medidas tomadas tão ineficazes, que... até a baixa bolsista não resolveu, ainda, o problema. Mas adiante. Como à Somotel não foi dada a primazia para a subscrição, muito embora tivesse concluído as negociações para a emissão antes da CUF, houve que criar uma pausa, cujo significado aparece na campanha publicitária de prestígio da CUF, certamente para criar um clima de interesse junto do grande público subscritor. Todavia, face a antecedentes, não se espere a mobilização de muitos milhões pela CUF, cujo papel se limitou a fazer 5.100$00, na sessão do passado dia 27, pois que muitos subscritores preferem aguardar a Somotel.

Tanto as condições de emissão da CUF, que inicia a subscrição no dia 2, como da Somotel já foram objecto de informações completas no «Diário de Lisboa» dos passados dias 17 e 24. Mas claro que o programa de subscrições é bastante mais vasto. Para além daquelas a que mais assiduamente nos temos referido, casos da TAP e Banco do Algarve, existem muitas outras. A Companhia de Seguras «O Trabalho», procurando integrar-se no espírito do novo regulamento das bolsas de valores, vai aumentar o seu capital social de 10 para 30 mil contos. Ainda no grupo segurador, temos também a Companhia de Seguros Nacional, que em assembleia geral extraordinária, deliberou aumentar o capital social até 100 mil contos. O capital de «A Nacional» é actualmente de 30 mil contos, sendo o valor nominal das acções de 1.000$00. As últimas cotações tem-se situado na casa dos 25.000$00. A Companhia de Moçambique vai igualmente aumentar o seu capital social para 600 mil contos, sendo 100 mil contos para subscrição do público em geral. O valor nominal das acções é de 250$00.

F. Ramada

Realizou-se no passado dia 29, a assembleia geral ordinária de F. Ramada, a qual decorreu em Ovar, cujas acções tem ultimamente sido objecto de elevado número de transacções a significar que as perspectivas são animadoras.

Comissão Directiva da Bolsa de Lisboa

Por despacho do ministro das Finanças, publicado no «Diário do Governo» foi já nomeada a comissão directiva da Bolsa de Lisboa. As personalidades que compõem aquela comissão, são as seguintes: como representante do ministro das Finanças e presidente da Comissão, o dr. Carlos Alberto Rosa, que tem como substituto o dr. Alfredo Licínio de Lima Pereira, exercendo ambos estas funções em regime de acumulação com as que actualmente desempenham no Ministério das Finanças; como representante das empresas com acções cotadas na Bolsa de Lisboa, o dr. Basílio Horta, que tem como suplente o dr. Nandim de Carvalho. A Comissão integrará, ainda, o síndico da Bolsa de Valores de Lisboa e o dr. Carlos Espírito Santo de Melo, representante designado pelo Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias, os quais terão como suplentes o vice-síndico, a eleger pela Câmara dos Corretores, e o eng.º Francisco Lacerda.

Tabacos de Portugal

Iniciou-se a troca das cautelas pelos títulos definitivos da Companhia dos Tabacos de Portugal, cuja última cotação foi de 2300$00 por acção. Entretanto, a Companhias dos Diamantes de Angola está a proceder à troca das acções do valor nominal de 170$00, por outros títulos com o valor nominal de 500$00. Igualmente se procede a um desdobramento dos títulos que encorporam elevado número de acções. Quer dizer: pretende-se democratizar os títulos (que passam a encorporar menor número de acções) mas, por outro lado, aumenta-se o valor nominal de 170 para 500$00. Como é difícil compreender esta democratização do capital...

Mercado paralelo

O mercado paralelo continua, embora sem a euforia de outrora. Embora significativo, o volume de transacções já não atinge o movimento anterior. Nesta última semana, foi notória a procura de papel da Somotel, certamente com o intuito de obter benefícios no muito próximo aumento de capital. Verificou-se igualmente um recrudescimento no interesse pela Comundo, cujos últimos acontecimentos mais fizeram acentuar com natural subida nos preços. Tivemos conhecimento de uma transacção, um tanto longe das imediações da bolsa, a 2150$00. O interesse pelo papel da Ourique, que já vimos a 7500$00, decresceu um tanto. Por outro lado, persiste a procura da Eurominas. Só que não há muitos interessados em vender. A procura continua a situar-se nos 4000$00. As cautelas do BIP já foram transaccionadas a 10 000$00. Contudo, quem está a comprar não pensa perder dinheiro... A Cisul, com aumento de capital só para accionistas, tem igualmente sido objecto de razoável número de transacções. A Matur tem feito 3200$00 e Interhotel 2300$00/2400$00. Importa, entretanto, abrir um parentesis, para salientar o relativo significado das últimas cotações no mercado paralelo. E que há «profissionais» que compram (ou compraram) papel para hoje o transaccionarem com lucros de 10 e 20 escudos, sendo muitas vezes fixados preços de transacção apenas na base de um ou dois títulos.

A última semana

Tal como deixámos antever nos nossos comentários de 17 e 24 do corrente, não se verificou qualquer alta generalisada nas cotações. Notou-se, sim, uma mais-valia em determinados papéis, enquanto que outros se desvalorizaram. Todavia, se é, por enquanto, prematuro afirmar que os sintomas que alguns papéis estão a dar vão conduzir a uma alta, também não acreditamos que esta ideia «estacionária» se mantenha indefinidamente. No sector bancário, onde é notória a ideia de estacionamento com síntomas de alta, verificaram-se mais-valias em Angola (50$00); B. Irmão (450$00); BESCL (50$00); F. Magalhães (20$00); Portugal (500$00); Sotto Mayor (500$00); Fomento (350$00) Pinto Magalhães (800$00). Estacionários, estiveram o Algarve, Alentejo, Crédito Predial e BIP.

Com desvalorizações operaram o BNU (-100$00); e Totta (-500$00). Nos seguros verificou-se que o Alentejo, com problemas na substituição das cautelas pelos títulos definitivos, iniciou a semana a fazer 670$00, sem vendedor, para encerrar a 650$00, contra os 600$00 da semana anterior. A Mundial teve uma valorização de 100$00, enquanto que a Bonança se situou nos 17 500$00. Nos cimentos, Leiria averbou uma mais-valia de 2500$00, encerrando a 29 500$00, tendo o comportamento estranho do Tejo terminado a semana a 95 000$00. Ainda no grupo das «diversas» verificou-se uma valorização de F. Ramada de 100$00. Em alta operaram ainda a Petroquímica, F. Eléctricos, Siderurgia, C.N.N., Matur, Lisnave, Cidla e Marconi. A Compal teve um comportamento bastante interessante, acabando a semana a 1035$00, sem vendedor. Preparação para voos mais altos? A Vidago, TAP, I. Portugal e Colónias, Intar e Tabacos de Portugal operaram com cotações idênticas às da semana anterior. Em baixa foram transaccionados papéis da P. Celulose e Socel (menos 100$00 em cada); Grão-Pará; Chenop; C.R.G.E.; e Sacor.

ULTIMAS COTAÇÕES EFECTUADAS

SEGUROS	
Alentejo	650$00
Aliança Mad.	2.100$00
Atlas	2.005$00
Bonança	17.500$00
Europeia	6.750$00
Lusitana	900$00
Mundial	5.100$00
Mutualidade	7.000$00
Nacional	25.000$00
Nauticus	625$00
Pátria	30.500$00
Portugal Prev.	7.700$00
Port. Seguros	13.500$00

BANCOS	
Agricultura	6.400$00
Algarve	4.500$00
Alentejo	3.250$00
Angola	6.350$00
B. e Irmão	10.550$00
C. Predial	6.200$00
E. Santo	13.050$00
Fomento	5.800$00
BIP	11.000$00
BNU	10.000$00
Sotto Mayor	18.000$00
Portugal	8.500$00
BPA	18.000$00
Totta	10.500$00
P.Magalhães	10.300$00
F. Magalhães	7.420$00

DIVERSAS	
CUF	5.100$00
Cidla	4.500$00
Compal	1.035$00
Empor	550$00
Grão-Pará	4.000$00
I.P. Colónias	2.300$00
Intar	770$00
Lisnave	13.400$00
Mabor	14.000$00
C.N.N.	2.760$00
Penina	7.500$00
Petroquímica	1.700$00
Sacor	6.500$00
Salvor	3.150$00
Tab. Portugal	2.300$00
Tabaqueira	13.500$00
U.F.A.	1.000$00
C.Leiria	29.500$00
C.Tejo	95.000$00
F.Ramada	2.350$00
Fornos Elect.	1.050$00
P. Celulose	8.800$00
Socel	7.500$00
Siderurgia	18.000$00
Matur	3.600$00
Marconi	2.500$00
TAP	2.000$00
C.P.E.	1.320$00
E. Beiras	1.800$00
Chenop	280$00
U.E.P.	208$00
C.R.G.E.	410$00
Vidago	3.000$00

C.A.L.

Companhia das Águas de Lisboa

NECESSITA

CHEFE DE SERVIÇOS DE CONSERVAÇÃO

OFERECE-SE:

- Remuneração inicial (1. ano) cerca de 240 contos anuais
- Lugar de relevo na Empresa
- Regalias sociais
- Local de trabalho em Lisboa

REQUERE-SE:

- Experiência na função
- Situação militar resolvida

PREFERE-SE:

- Licenciado em Engenharia

Resposta, com informação detalhada, a

SERVIÇOS DE PESSOAL DA C. A. L.
AV. DA LIBERDADE, 22-24 — Telef. 36 13 53

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DA INDÚSTRIA DO DISTRITO DO PORTO

Rua da Constituição, 352 — Porto

A V I S O

Faz-se público, por este meio, que se encontram patentes de 1 a 15 do próximo mês de Abril, na sede desta Caixa, o Relatório, Contas e demais documentos respeitantes à Gerência do ano de 1973, a fim de poderem ser examinados pelos Contribuintes e Beneficiários desta Instituição, de acordo com o disposto na alínea 1) do Art.º 92.º do Estatuto da mesma.

Porto, 30 de Março de 1974

A DIRECÇÃO

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE S. A. R. L.

SEDE: RUA D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, N.º 23-A, 5.º, 6.º e 7.º ANDARES LISBOA

CEAL

Relatório e contas da Gerência de 1973

Relatório do Conselho de Administração

Senhores Accionistas:

De harmonia com o que determina a lei e o pacto social, temos a honra de apresentar à apreciação da Assembleia Geral o relatório, o balanço e as contas referentes ao ano de 1973.

Grande e Pequena Distribuição

O ano de 1973 foi, na empresa, um ano de intenso labor, tanto na parte da grande distribuição, como na da pequena distribuição e dividiu-se, como é natural, de um lado, por um trabalho de preparação, que envolveu a realização de estudos, projectos e passagem de encomendas e, de outro lado, pela efectivação de trabalhos de construção e conservação.

Naquilo a que se chama trabalho de preparação, cuidaram-se não só de obras que logo puderam ser levadas a efeito, como de outras de encetar e prosseguir no corrente ano. Basta saber que estão projectados e pedidos licenciamentos de 84 traçados com 205,418 Km. de comprimento.

A par de importantes obras de conservação que se fizeram, levantaram-se e concluiram-se algumas dezenas de quilómetros de linhas de AT e estão em curso de construção outras linhas, cujo comprimento se mede também pelas dezenas de quilómetros.

Continuaram-se com trabalhos de ampliação de algumas subestações, sendo de destacar os que tiveram lugar na subestação de 60/30/15 kV de Loulé, que envolveram o aumento de potência para o dobro. Também aqui se realizaram os trabalhos concernentes à mudança de tensão da saída de 6 kV para 15 kV.

Em Moura, está em curso, como previsto desde o princípio, os trabalhos de conversão de um posto de corte, que ali existe, numa subestação de 60/30 kV, com dois transformadores, de 10 MVA cada um.

Está também em curso de montagem a nova subestação de Ferreira do Alentejo e novos trabalhos de ampliação se realizaram nas subestações de Tavira e Aldeia Nova.

Na subestação de Lagoa procedeu-se à mudança de tensão de 6 kV para 15 kV, para o que, em grande parte, se tinham preparado as linhas que dela dependem, construindo-as já dimensionadas para 15 kV.

Para a subestação de Porto de Lagos em Portimão, encomendaram-se dois novos transformadores de 60/30/15 kV, com a potência de 20 MVA cada um.

No domínio próprio da pequena distribuição, concluiu-se a electrificação da sede de freguesia de Oriola, no concelho de Portel e da povoação de Estrela, no concelho de Moura. A electrificação de Santa Margarida do Sado, no concelho de Ferreira do Alentejo, também se pode dizer que ficou pronta, aguardando-se apenas a conclusão da linha de AT que vem do concelho de Grândola e que a há-de alimentar. Estão em curso as electrificações de Crastos-Senhora da Rocha, no concelho de Lagoa, Monte Francisco, no concelho de Castro Marim, e de Balurcos, no concelho de Alcoutim, e já começaram trabalhos para a electrificação de Amieira, no concelho de Portel.

Com projectos prontos e aguardando licenciamento e comparticipação, temos as electrificações de Giões, Pereiro, Martim Longo e Vaqueiros, no concelho de Alcoutim, Bordeira, Carrapateira e Alfombras, no concelho de Aljezur, S. Bartolomeu, Junqueira e Barrocal, no concelho de Castro Marim, Pateiro e Benagil, no concelho de Lagoa, Almograve e Longueira, no concelho de Odemira e S. Bartolomeu do Outeiro e Alqueva no concelho de Portel. Além do mais, pode dizer-se que nas redes de pequena distribuição foram sistemáticos os trabalhos de ampliação e reforço.

Alguns aspectos Actuais e suas Consequências

Vemos que várias dificuldades nos estão a surgir, muitas delas iguais às que surgem a outros, e que nos causam preocupações porque podem tornar a nossa missão e a nossa actividade mais contingentes e incertas. Dentre essas dificuldades, apontam-se a subida acentuada de preços dos materiais e do custo da mão-de-obra e a própria falta desta, o caso de fornecedores que não cumprem prazos e não querem dar garantias de preços, a dificuldade de encontrar, mesmo lá fora, fornecedores para certos materiais, a dificuldade que se acentua para encontrar empreiteiros capazes e para, em tempo razoável, se ocuparem das construções. São ainda os possíveis efeitos dos conhecidos problemas que se levantam à roda dos produtos petrolíferos e seu mercado.

Por outro lado, as comparticipações, concedidas para cada obra, mostram-se em desencontro com os preços reais.

Tudo isto nos impõe o dever de proceder muito cautelosamente em todo o sentido, ainda mais cautelosamente do que estamos habituados, se possível, e de nos prepararmos para procurar fazer face pelo melhor àquelas dificuldades, recorrendo aos meios que se mostrarem ajustados.

Mas ainda temos outros entraves.

Nós, na empresa, estamos sujeitos ao cumprimento do art.º 118.º do Decreto-Lei n.º 43.335, de 19 de Novembro de 1960, o qual estabelece que, para construção de linhas de AT, o cliente tem duas modalidades à escolha:

a)—o pagamento do custo dos materiais empregados, aos preços correntes do mercado, acrescido de 20 % para despesas de mão-de-obra e administração

ou

b)—o pagamento de um subsídio de Esc. 1.000$00 por cada hectómetro, ou fracção de linha, a construir, com um mínimo de Esc. 5.000$00, e garantia do pagamento de um encargo de potência correspondente a 4 kW por cada 500 m, ou fracção, de linha a construir e de um mínimo de consumo anual correspondente a 1.000 horas de utilização da ponta máxima efectivamente tomada em cada ano, ou da potência garantida, se esta for inferior à ponta efectiva.

Quanto à modalidade referida na alínea *a*), os 20 % para mão-de-obra e despesas de administração são manifestamente insuficientes. Estão fora das realidades dentro das quais temos de viver inelutàvelmente. Urge modificar aquela disposição legal que, aplicada, conduz a situações de verdadeira iniquidade.

Quanto à modalidade referida na alínea *b)*, parte-se do princípio de que, ajudada com o subsídio fixado por hectómetro e com a garantia do pagamento do encargo de potência estabelecido e de um mínimo, aliás incerto, de consumo anual, a construção de uma linha é sempre rendível.

A prática demonstrou que não é assim e que o método é causador de sérios prejuízos em muitos e muitos casos.

Esta disposição também carece de ser modificada urgentemente e afeiçoada às realidades.

No âmbito, pode dizer-se da prática da economia concertada, os Serviços Eléctricos estudaram com o Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade uma tabela de preços de materiais e de mão-de-obra que, no momento era realista, e segundo a qual passaram a ser organizados os projectos, designadamente os destinados a ser comparticipados. Os resultados obtidos foram verdadeiramente bons. Simplesmente, este estudo e adopção da tabela verificaram-se em 1968 e daí para cá os preços têm subido da maneira acelerada que se conhece. Confia-se em que, a este respeito, novo trabalho de colaboração se realize entre a Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos e o Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade para se obterem os melhores ajustamentos, agindo-se dentro dos bons princípios de economia concertada ou contratual, princípios, aliás, que o Governo defende e deseja ver observados.

Exploração

A exploração dos serviços que nos estão confiados realizou-se com todo o cuidado e com esforço apreciável da parte do pessoal que.

Balanço em 31 de Dezembro de 1973

ACTIVO			
Disponível			
Caixa	862.814$81		
Bancos	15.713.063$65	16.575.878$46	
Realizável			
Clientes	27.319.330$00		
Devedores e Credores Diversos (saldos devedores)	3.581.329$60		
Letras a Receber	963.485$00		
Participações Financeiras	18.762.079$32	50.626.223$92	
Permutável			
Contas Transitórias (saldos devedores)	1.309.452$96		
Material em Armazém	19.196.303$56		
Material a Receber	6.213.649$43		
Serviços Diversos (obras em curso)	19.680.407$35		
Serviços de Oficinas (obras em curso)	12.568$98	46.412.382$28	
Fixo			
Aparelhos, Ferramentas e Utensílios Industriais	1.635.690$55		
Edifícios e Terrenos	169.624$98		
Grande Distribuição	170.670.957$01		
Laboratório	693.274$85		
Material em Instalações Alheias	11.520.578$17		
Móveis, Utensílios e Livros	3.865.900$55		
Pequena Distribuição	79.749.447$80		
Tele-Serviços	3.496.883$97		
Veículos	2.609.058$25	274.411.416$13	388.025.900$79
De Ordem			
Cauções da Administração		200.000$00	
Devedores por Cauções Próprias		144.500$00	
Devedores por Garantias Bancárias		200.000$00	
Garantias Bancárias Recebidas		6.238.571$70	
Valores em Depósito		1.706.621$90	8 489.693$60
			396.515.594$39

PASSIVO			
Exigível			
Imediatamente e a Curto Prazo			
Contas Transitórias (saldos credores)	1.057.487$34		
Credores por Resgate de Obrigações	457.000$00		
Devedores e Credores Diversos (saldos credores)	3.527.259$62		
Dividendos a Liquidar	114.910$90		
Fornecedores de Energia	12.852.065$30		
Fornecedores Diversos	11.286.258$23		
Juros de Obrigações e Empréstimos Vencidos	585.399$20	29.880.380$59	
A Médio e a Longo Prazo			
Banco de Fomento—c/ Empréstimos	12.851.335$20		
Caixe Geral de Depósitos—c/ Empr.	25.648.067$60		
Obrigações	18.354.000$00	56.853.402$80	86.733.783$39
Condicionado			
Provisões Diversas		2.200.000$00	
Provisão para Clientes de Cobrança Duvidosa		700.000$00	
Provisão para Impostos a Liquidar		7.752.297$79	
Provisão para Obsolência de Material em Armazém		1.500.000$00	12.152.297$79
De Compensação			
Reintegração Gerais			
Aparelhos, Ferramentas e Utensílios Industriais	1.156.370$09		
Edifícios e Terrenos	10.972$56		
Grande Distribuição	94.843.525$19		
Laboratório	595.701$17		
Material em Instalações Alheias	6.376.400$26		
Móveis, Utensílios e Livros	2.437.543$65		
Pequena Distribuição	39.152.882$07		
Tele-Serviços	2.034.638$60		
Veículos	1.562.914$65	148.170.948$24	
Comparticipações		24.208.499$48	
Quotas de Reversão		9.208.599$99	181.588.047$71
De Ordem			
Credores por Cauções da Administração		200.000$00	
Cauções Próprias		144.500$00	
Garantias Bancárias Prestadas		200.000$00	
Credores por Garantias Bancárias		6.238.571$70	
Credores por Valores em Depósito		1.706.621$90	8.489.693$60
Total do Passivo			288.963.822$49
SITUAÇÃO LIQUIDA			
Capital	70.000.000$00		
Reserva Legal	2.622.942$10		
Reserva Livre	23.711.877$48	96.334.819$58	
Resultados Gerais			
Resultados do Exercício Anterior	394.909$41		
Resultados do Exercício	10.822.042$91	11.216.952$32	107.551.771$90
			396.515.594$39

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
a) *Joaquim Adriano Teixeira de Sousa*

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,
aa) *Francisco Alberto Corrêa Figueira*, pela Aliança Eléctrica do Sul, SARL - Presidente
António José Martins Galvão, pela Hidro Eléctrica Alto Alentejo, SARL
Luiz de Calheiros Braga

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE

Gerência referente ao ano de 1973

EXPLORAÇÃO

DÉBITO		
Energia		85 427.834$90
Despesas de Conservação e Reparação		
Remunerações e outros encargos com o Pessoal	2.750.074$06	
Outros encargos	595.216$14	3 345 290$20
Encargos Gerais de Exploração		
Remunerações e outros encargos com o Pessoal	10.385.420$32	
Outros encargos	2.279.410$09	12 664 830$41
Reintegrações Gerais		14 267 080$8
Quotas de Reversão		1 360 [illegible]$98
Taxas, Contribuições e Impostos		3 207 [illegible]$40
Encargos Comerciais e Administrativos		
Remunerações e outros encargos com os Órgãos Sociais e a Fiscalização do Governo	749.088$19	
Remunerações e outros encargos com o Pessoal	7.267.276$46	
Publicidade	1.836$30	
Reintegrações	248.152$04	
Taxas, Contribuições e Impostos	28.396$70	
Outros encargos	1.683.189$60	9.978.239$29
Juros Descontos e Dividendos		
Juros devidos		2 734.734$99
Provisão para Obsolência de Material em Armazém		1.500 000$00
Provisões Diversas		2 200 000$00
PARA RESULTADOS GERAIS		13.351.407$15
		149.046.942$15

CRÉDITO		
Energia		145.727.084$35
Mínimos Contratuais		127.422$40
Aluguer de Material		2.084.362$74
Taxas de Ligação		54.510$00
Rendimentos Diversos		209.541$53
Juros, Descontos e Dividendos		
Juros cobrados	440.547$33	
Descontos tomados	145.099$10	
Dividendos recebidos	258 374$70	844.021$13
		149 046.942$15

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

aa) *Francisco Alberto Corrêa Figueira*, pela Aliança Eléctrica do Sul, SARL Presidente
António José Martins Galvão, pela Hidro Eléctrica Alto Alentejo, SARL
Luiz de Calheiros Braga

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

a) *Joaquim Adriano Teixeira de Sousa*

GERÊNCIA REFERENTE AO ANO DE 1973
RESULTADOS GERAIS
RESULTADOS DO EXERCÍCIO

DÉBITO			CRÉDITO		
Encargos e Regularizações Diversas			Exploração		13.351.407$15
Menos Valias	19 855$00		Rendimentos e Regularizações Diversos		
Outros	320 806$20	341 [illegible]$[illegible]	Vencimentos nos Corpos Gerentes de outra Empresa	7.342$50	
Provisão para Clientes de Cobrança Duvidosa		700 000$00	Mais Valias	82.190$84	
Provisão para Impostos a Liquidar		3 000 [illegible]$00	Assistência Técnica Prestada	65 000$00	
PARA BALANÇO LUCROS		[illegible]32$91	Outros	1 356 763$67	1 511 297$01
		11 [illegible]			11 862 704$16

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

a) *Joaquim Adriano Teixeira de Sousa*

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

aa) *Francisco Alberto Corrêa Figueira*, pela Aliança Eléctrica do Sul, SARL Presidente
António José Martins Galvão, pela Hidro Eléctrica Alto Alentejo, SARL
Luiz de Calheiros Braga

infelizmente, sem ser por culpa nossa, não é tão abundante quanto desejaríamos.

Temos à nossa conta uma zona muito extensa e com instalações dispersas, o que torna difícil a execução do serviço, que, não obstante, decorreu com toda a normalidade possível.

O volume de energia admitido nas nossas redes foi de 205.004.193 kWh. A energia distribuída ao abrigo da concessão do Estado totalizou 195.045.141 kWh.

Parte desta energia transitou para as nossas concessões municipais e, tendo em conta as perdas verificadas nas respectivas distribuições, achamos o volume de 192.278.066 kWh como o do total da energia efectivamente entregue aos clientes.

É de notar que houve um crescimento de certa importância no volume da energia que distribuímos, mas temos de reconhecer que ainda estamos longe de alcançar a densidade média – quilowatts-hora por quilómetro de linha – verificada no País em geral.

Contas

Segundo o balanço, vê-se que o valor do activo fixo aumentou de Esc. 11.940.104$29, que o valor das obras em curso, que transitaram para o ano corrente, é de Esc. 19.680.407$35, que os fundos de reserva somam Esc. 26.334.819$58, que se realizaram em termos as reintegrações devidas, que o passivo a médio e a longo prazo diminuiu de Esc. 5.745.257$80 e que, seguindo saudáveis regras de gestão, se mantém um sentido definido de uma progressiva consolidação.

No inventário das participações financeiras adoptou-se como critério valorimétrico o da sua aquisição, devendo ter-se em conta a alteração de valor que, no exercício de 1965, foi julgado conveniente realizar.

Os resultados do exercício são de Esc. 10.822.042$91 que, somados ao saldo do exercício anterior, na importância de Esc. 394.909$41, perfazem Esc. 11.216.952$32 e, para esta verba, temos a honra de propor a seguinte aplicação:

Fundo de Reserva Legal	1.500.000$00
Dividendos	4.200.000$00
Gratificação ao pessoal	1.500.000$00
Fundo de Reserva Livre	3.000.000$00
Conta Nova	1.016.952$32

Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade

A CEAL tem continuado a exercer a presidência da Direcção, para que havia sido eleita, e tem acompanhado com o melhor espírito e dedicação a vida do Grémio que toca, quantas vezes, problemas não fáceis de tratar ou resolver e que respeitam aos interesses dos diversos associados.

Teve fim o problema da renovação do Contrato Colectivo de Trabalho para o Pessoal da Indústria de Electricidade com a publicação em 22 de Agosto último de decisão arbitral, acompanhada de um despacho ministerial de homologação, que estabeleceu algumas ressalvas. Simultâneamente, foi publicada uma portaria que regulamenta directamente certos aspectos das relações de trabalho.

O Grémio dedicou-se a vários estudos e tarefas e manteve próxima e alargada cooperação com o Centro de Formação Profissional para o Pessoal da Indústria Eléctrica, que existe nas bases de um protocolo outorgado entre o próprio Grémio, o Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra e a Federação Nacional dos Sindicatos dos Electricistas.

Considerações Finais

— No decorrer do ano de 1973 faleceu o Engenheiro Mamede Mendes de Sousa Fialho, que era secretário da Assembleia Geral desta empresa e tinha sido membro do seu Conselho Fiscal. Foi um dos fundadores da CEAL, cuja vida e desenvolvimento sempre acompanhou de perto, pondo ao seu serviço quanto podia dar da sua viva inteligência e do seu particular conhecimento e experiência do sector em que nos integramos. Muito ficámos a dever a este homem, que era uma figura moral e social respeitada e admirada. Com a nossa saudade, queremos deixar aqui o preito da nossa sincera homenagem.

— No ano de 1973, foi nomeado Delegado do Governo junto da nossa Companhia o Ex.mo Senhor Dr. João António Teixeira Canedo, que logo muito se interessou pelos seus assuntos e os segue atentamente.

Contando, como contamos, com a sua apreciável cooperação, aqui lhe deixamos o respeitoso tributo de alta consideração.

— À Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos e a outros serviços públicos com quem tivemos de tratar e de todos os quais recebemos bom acolhimento, desejamos apresentar os nossos protestos de consideração e reconhecimento.

— O Conselho Fiscal, como é sua tradição, acompanhou de perto a nossa actividade, exercendo as suas funções, mas fê-lo de modo a criar mais uma vez o dever, que cumprimos, de lhe tributarmos o nosso reconhecimento e apreço.

— Devemos também ao pessoal da empresa, designadamente àquele que mais se distinguiu pela sua qualidade de serviço e dedicação, o louvor a que tem direito, a que se ajunta o nosso agradecimento.

Lisboa 13 de Fevereiro de 1974.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

aa) *Francisco Alberto Corrêa Figueira*, pela Aliança Eléctrica do Sul, SARL-Presidente
António José Martins Galvão, pela Hidro Eléctrica Alto Alentejo, SARL
Luiz de Calheiros Braga

Senhores Accionistas:

O Conselho Fiscal no cumprimento do que lhe é exigido pela lei e pelas disposições estatutárias, tem a honra de submeter à vossa apreciação o seu Relatório e o seu Parecer sobre o Relatório, Balanço e Contas apresentados pela Ex.ma Administração, referentes ao exercício de 1973.

No desempenho das nossas funções, acompanhámos sempre a actividade administrativa, tomando inteiro conhecimento dos numerosos problemas que, no decorrer do ano, foram surgindo e que, mais uma vez, nos proporcionou o ensejo de apreciar a dedicação e o tacto que a Ex.ma Administração sempre tem posto em encontrar as soluções que, com justiça, defendem os interesses da nossa empresa.

A escrita, saldos de Caixa e valores em depósito foram periódica e regularmente verificados e muito nos apraz significar que sempre encontrámos tudo na melhor ordem e correctamente registado.

Os critérios valorimétricos adoptados, que correspondem à real avaliação do património, tiveram o nosso acordo.

Conforme se menciona no Relatório da Ex.ma Administração o ano de 1973 foi de grande actividade em todos os sectores da empresa, quer na construção de novas instalações, quer na remodelação e conservação das já existentes, procurando-se sempre a maior eficiência no serviço prestado.

Compreendemos as preocupações da Administração quanto às perspectivas pouco favoráveis que se apresentam para o futuro próximo, mas ainda mantemos a confiança em que as dificuldades venham a ser vencidas ou, pelo menos, minoradas graças à actuação segura e inteligente da nossa Administração.

A importância apurada como resultados financeiros, permitiu à Administração propor, para este exercício, uma pequena melhoria da percentagem de remuneração ao capital, que, embora ainda manifestamente modesta, já se vai aproximando do nível atingido em todas as empresas congéneres.

No decurso de 1973 tivemos o grande desgosto do falecimento do Ex.mo Sr. Eng.o Mamede Fialho, que prestava a sua dedicada colaboração a esta Companhia.

O Conselho Fiscal associa-se à sentida homenagem que lhe é prestada pela Administração e expressa a sua grande mágoa pela perda irreparável dessa grande figura de técnico, administrador e inesquecível amigo.

Agradecendo à Ex.ma Administração as boas palavras que, no seu Relatório, dirigiu a este Conselho, terminamos declarando que é nosso

PARECER

1.º — Que a Assembleia aprove o Relatório, Balanço e Contas apresentados pela Administração;

2.º — Que a distribuição do saldo de gerência seja conforme à proposta formulada no Relatório;

3.º — Que os Ex.mos Administradores sejam louvados pela competência e dedicação que manifestaram na gerência da Sociedade;

4.º — Que seja louvado todo o pessoal, técnico e administrativo, pela forma eficiente como actuou no desempenho das suas funções.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1974.

aa) *António Themudo de Castro* PRESIDENTE
Abílio de Oliveira Gericota
João Manuel Pinto de Ruella Ramos

PLEBEUS AVINTENSES

O TEATRO AMADOR

Isto é uma zona rural onde já existiram 14 grupos de teatro amador, neste momento apenas continuam de pé: os «Plebeus» e o Mérito Avintense» A gente nova adere muito menos hoje a estas coisas

Estas palavras são de dois dos actuais directores dos «Plebeus» de Avintes, associação recreativa especialmente voltada para o teatro amador e bem conhecida como uma das mais vivas do país Os srs António Pinto e Leopoldino Marques (o primeiro com quase 40 anos de actividade dentro da colectividade) falaram-nos das preocupações dos «Plebeus» e da situação como agrupamento de teatro amador

Avintes é uma freguesia, aliás de certa extensão, entre as muitas do concelho de Vila Nova de Gaia que mantêm colectividades de cultura e recreio. Tornou-se sobretudo conhecida devido à acção dos dois grupos citados no campo do teatro amador. Sempre presentes em concursos do género e com digressões por várias terras portuguesas os «Plebeus avintenses» acumularam, ao longo de mais de 50 anos de vida, (foi fundada em 1918) uma larga experiência teatral que os naturais de Avintes têm apoiado, a começar pela ajuda económica dos 650 associados da colectividade.

-- «Neste momento a direcção preocupa-se sobretudo com dotar os «Plebeus» de uma sede capaz. Comprámos esta casa há uns 10 anos e já está paga. As obras vão permitir que ela seja funcional para os fins a que se destina. No primeiro andar ficará um grande salão, a nossa oficina, onde daremos espectáculos sem necessidade de andar sempre por fora, por aqui e por ali, à procura duma sala na freguesia. No rés-do-chão ficará a sala de convívio, o bar, a secretaria e a sala da direcção e a biblioteca. Temos ainda um terreno anexo. O problema é arranjar dinheiro pois até este momento têm-nos valido, sobretudo os associados, junto dos quais contraímos empréstimos por um sistema de acções no valor de cem escudos.

Tínhamos uma sede muito pequena, praticamente uma sala acanhada e esperamos poder alargar a nossa actividade cultural com a nova sede.

Falta de ensaiadores

Durante várias décadas os «Plebeus» avintenses tiveram como ensaiador um farmacêutico que havia participado também na fundação da colectividade, Alfredo Dias Penedo, falecido há poucos anos e que ensaiou a última peça («Os Campinos») por volta de 1959. Os nossos interlocutores falam, a propósito dum problema que consideram muito importante para o teatro amador: a falta de ensaiadores permanentes:

-- Com a saída de Dias Penedo começámos a meter profissionais para cumprir o papel de ensaiador. Ora isso fica caro a uma colectividade como esta. Precisávamos de uma pessoa que estivesse aqui todo o ano, mas não há nem nós temos possibilidade. Assim, é quase impossível manter uma acção cultural e uma divulgação do teatro em condições. Limitamo-nos a preparar um espectáculo todos os anos. Muitas coisas ficam por fazer, desde o teatro infantil ao alargamento da cultura teatral e á preparação de actores. Antigamente o S.N.I. ainda fornecia ensaiadores às colectividades, chegamos a ter cá o actor Manuel Lereno e Virgílio Macieira. Mas hoje nem isso.»

Cedido pela Fundação Gulbenkian, os «Plebeus avintenses» têm bom material de luzes, mas falta ainda o de som.

-- Quando o teatro experimental do Porto estava em franco funcionamento ainda tivemos ajuda de actores, como sucedeu com Fernanda Alves, para as nossas encenações. Agora, se não fosse o João Guedes víamo-nos na contigência de não fazer teatro. E sempre a mesma coisa, falta uma pessoa que resida aqui ou esteja perto e nos acompanhe. Mas isto é um mal nacional, dá-se com todas as colectividades. Senão fossem meia dúzia de carolas quantos mais agrupamentos amadores já tinham desaparecido? Aqui já houve 14, ainda me lembro, aí por volta de 1920/25» -- concluíu o director sr. António Pinto.

Falta de actores

A não existência de uma actividade teatral regular gera outras muitas dificuldades aos grupos amadores:

-- «Já foi mais fácil encontrar actores para as representações. Com as raparigas há bastantes problemas, ou é a família que não deixa, ou são os próprios namorados. Dá-se até, por vezes, uma coisa curiosa: conhecem-se aqui, começam a namorar e depois eles não as deixam continuar. E um problema de mentalidade e de cultura, que não está nas nossas mãos resolver. Já fizemos aqui mais de 30 actrizes e continuamos sempre com o mesmo problema.

Com a peça que estamos agora a ensaiar «A morte de um caixeiro viajante» tivemos que pedir o concurso de uma universitária, uma professora e uma estudante,por exemplo. Pois seria muito mais lógico ter como actrizes as raparigas da classe que é mais representativa neste meio rural que é o nosso, raparigas que trabalhassem. Como vamos resolver?

Burocracia

A burocracia, tal como sucede noutras colectividades, não favorece a vida cultural dos agrupamentos amadores:

-- «Se todos dessem às colectividades em vez de o vir tirar, é que era bom. Temos aí um bar que nos vai dando uma pequena ajuda para as nossas despesas, além de permitir o encontro e o convívio dos associados. Pois são licenças para isto e para aquilo como se tratasse de qualquer estabelecimento comercial. Já não falando nos direitos de autor (que devem ser pagos, claro, mas não por nós) nas licenças dos espectáculos, no papel selado, livros para Lisboa, autorizações. Largamos dinheiro para tudo e mais qualquer coisa o que, no fim do ano é uma soma pesada para colectividades como esta. Afinal, fomenta-se o teatro de amadores? Quem pensa no trabalho que os directores, os actores e associados aqui prestam apesar da vida profissional de cada um? Os amadores deviam ser isentados nestas coisas. A nossa vida não é facilitada. Olhe, à vezes vinha um papel de Lisboa com endereços destes: «À Empresa Plebeus Avintenses», ou «Ao gerente da Companhia dos Plebeus Avintenses». Ora, nós não somos empresa nenhuma, nem companhia com gerentes. Lá tínhamos que estar a escrever cartas. Que ideia fazem de uma colectividade recreativa com teatro amador numa freguesia rural de Vila Nova de Gaia?».

Algumas ajudas?

-- «Sim por vezes. A Câmara de Gaia já nos deu. Mas quantas mais colectividades precisam, aqui no concelho? Há um decreto que refere uma verba para esse fim. Muitas associações vivem aqui aflitas. Os nossos associados são muito bons e é justo que manifestemos o nosso reconhecimento aqui. A eles devemos as maiores ajudas, o que nos obriga, por outro lado a dar-lhes mais actividades culturais, mais teatro, mais atenção às iniciativas infantis, etc. O que também não é fácil pelos condicionalismos já referidos e pelas obras com a nova sede. Esta casa tem 10 anos e as obras ainda não estão feitas.»

A actual direcção dos «Plebeus Avintenses» está a dar o maior apoio às iniciativas dos associados mais novos interessados na dinamização cultural da colectividade. «Estas ajudas não são frequentes e temos que as acolher bem».

Assim, uma comissão de sócios planeia actividades infantis e exposições. Por outro lado concretizaram já uma representação (A vida é assim»), encenada por eles que têm repetido noutras freguesias do concelho e, em breve, nos Fenianos do Porto.

No campo teatral o trabalho mais destacado agora em curso nos «Plebeus» é a encenação da peça de Artur Miller «Morte de um caixeiro viajante» encenada por João Guedes, de que falámos noutro local. Com esta peça os «Plebeus» participarão no concurso nacional de teatro amador.

JOSÉ GOMES BANDEIRA

ATLANTICA LINE
GÉNOVA

EXPORTAÇÃO
Serviço expresso directo
LISBOA / USA / CANADÁ / LISBOA
IMPORTAÇÃO

— Único serviço totalmente contentorizado com saídas e chegadas semanais.
— Enchimento de contentores (grupagem) em dias fixos (6.as-feiras) no Parque de Contentores da Matinha.

NAVIOS	Lisboa saídas	Boston	Nova York	Baltimore	Norfolk	Toronto Montreal St. John	Lisboa chegadas
Atl. Livorno	3/4	10/4	11/4	--	13/4	--	20/4
Atl. Marseille	8/4		15/4	16/4	-	19/4	26/4
Atl. Genova	15/4	22/4	23/4	24/4	25/4	-	30/5
Atl. Montreal	19/4	--	26/4	27/4	--	30/4	8/5

— tempo do percurso Lisboa/New York 6, 5 dias
— acomodações para passageiros.

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 60 56 / 36 22 86
Lisboa 2 Portugal

JOAQUIM MANUEL MAGALHÃES

EDWIN MORGAN

Nascido em 1920, portanto de mais antiga geração que a dos poetas ocupando a cena mais jovem dos anos 60 em Inglaterra, Edwin Morgan consegue, contudo, uma atenção aos elementos do real e uma organização de processos de escrita que o aproximam dos interesses e intenções dessa cena mais jovem que de Adrian Mitchell a Brian Patten vai, que se convencionou chamar de pop e que já tive oportunidade de referir e traduzir aqui. A mesma proximidade com a geração Beat americana (com especial incidência em Allen Ginsberg), uma comum tentativa de aproximar dos ritmos do jazz os ritmos do poema, a mesma vocação pública que leva aos recitais (organizados em vastos auditórios para vastíssima assistência dominantemente jovem) e aos «happenings», a idêntica crença numa civilização global de que Marshall McLuhan foi o grande centro de irradiação, uma parelela opção esquerdista que levaria a escrita de revolta e de intervençção nas múltiplas situações de justiça social do pós-guerra, tudo isto aproxima Edwin Morgan de Roger McGough, de Adriar Henri, de George Macbeth e tantos outros de menor relevo, cantando, escrevendo, panfletando na admirável década que antecedeu esta nossa situação de agora.

Esta outra faceta de Morgan me ocupa hoje: aquilo a que chamaria uma vocação oscilante (não indecisa, repare-se) entre vários processos, da falácia das plateias à falácia planetária, passando pela tradição modernista da impessoalidade lírica e da emoção negativa. Vou tentar hoje dizer o que entendo pela primeira parte desta afirmação.

O discurso poético organiza-se muitas vezes (não será mesmo sempre?) num espaço de intenções utópico, numa vocação de pressentimentos, de contágios dificilmente racionalizáveis, de manobras que procuram ultrapassar limites. O mesmo é dizer que, quase sempre, o discurso poético é um discurso falacioso: depende do como se, da condicionalidade da proposta, do conseguimento fictício da retórica, da ambiguidade em que se joga nos contextos. Duas dessas falácias presentes no texto e na intenção da poesia de Morgan (e de muitos dos anos 60) são a crença nas possibilidades públicas do poema e a pressa com que se assumiu a retórica científica das viagens interplanetárias. A primeira crença levou a noção de inspiração à situação extrema do poeta inventando o seu texto no próprio local em que a pressão da plateia sobre ele se exercia ou, mais moderadamente, à utilização de «fortes» e candentes figuras, léxico e eventos públicos que serviriam de suporte mítico a um texto que funcionava aos ritmos da respiração, do ser pensado para ser dito: Marilyn Monroe, a guerra do Vietnam, as figuras pop, outros poetas conhecidos, prende-os Morgan numa rede vocabular liberta de conformismos e organizada numa sintaxe que ao inventário e ao catálogo ia pedir os processos predominantes de ocorrência. Claro que este processo produziu uma extensa ganga de poemas menores, mas também, como nomeadamente em Ed. Morgan, poemas notáveis (um desses é que o poeta escreve sob o impacto do suicídio de Marilyn); e, sobretudo, reintroduziu fortemente o espaço do real mais banal do poema, as ruas, os detritos, os objectos de uso comum, o quotidiano das cidades e das emoções. Esta poesia pop reassumiu o espaço de fascinação e de repúdio das urbes que quase um século antes Baudelaire e Cesário Verde, por exemplo, haviam também experimentado. Ao espaço das cidades juntase o espaço da Terra, as viagens, as referências que vão de Glasgow a Timor e aos «cowboys», e o espaço planetário o seu último livro chama-se, reveladoramente, «De Glasgow a Saturno».

A segunda crença levou a imaginação em passeio pelos mundos astrais, introduziu a ficção científica e a realidade científica no espaço da poesia, e gerou um paralelo movimento de fascinação e repúdio pela tecnocracia, os seus feitos, os seus instrumentos e as suas razias: o poeta cede palavras suas a computadores que as reorganizam, parte a caminho dos planetas e denuncia a desumanização da sociedade pós-industrial na Terra. Morgan faz intervir possíveis seres de Mercúrio nos seus poemas, recupera retoricamente a possibilidade de outros seres poderem solucionar os problemas deste mundo de «corrupção» e de «conseguimento». E óbvio que temos de ler isto entre a retórica do científico e a retórica das «novas» religiões a que estes movimentos poéticos (melhor, alguns dos seus feitores aderem) «novas» no sentido de serem os novos caminhos que um certo sector da juventude do ocidente nessa época procurava trilhar em busca de um sentido colectivo e pessoal da existência: o budismo zen, o cristianismo heterodoxamente recuperado, o tantrismo e várias outras formas de sedutores misticismos, para não esquecermos o uso das drogas. Por aqui que, para lá das referências feitas a estas religiões em vários poemas, Edwin Morgan se arvore ele próprio em apóstolo de novas concepções religiosas (ou deverei dizer éticas?) e releitor do cristianismo, como os excertos do poema «Quinto Evangelho» ilustram.

E curioso pensar-se como esta falácia planetária viria a tentar igualmente poetas de países menos desenvolvidos tecnologicamente, como o nosso por exemplo. O grupo de poetas em torno da publicação chamada «Desintegracionismo» é nos nossos anos 60 essa tentativa, falhada, de inscrever o espacial nos temas da nossa literatura. A distância das realidades em que nos movíamos e os processos um tanto redundantes da escrita (Alvaro de Campos estava demasiado próximo nos tiques do discurso desses poetas) fizeram fracassar entre nós tal tentativa, mais depressa que em Inglaterra, onde só depois de uma lenta mudança de gosto outros critérios poéticos se lhe viriam a sobrepor obviando o falacioso da situação.

Se os processos desta escrita a influência dominante possa ser a da geração Beat, se as dominantes ideológicas se filiam no difícil equilíbrio entre McLuhan e Marcuse, a teoria estética deste tempo poético, e a de Edwin Morgan em particular deriva em muitos aspectos da radicalidade do pensamento e da prática artística de John Cage, músico norte-americano entre várias coisas autor de um livro fundamental para a compreensão destes sectores hoje referidos da arte do nosso tempo: «Silence», publicado pela Calder and Boyars de Londres. De vários modos, dentre os quais o poema que hoje traduzi, lhe prestou homenagem Ed. Morgan.

Os poemas de hoje tentam ilustrar, ainda que incompletamente, estes aspectos em que se move a poesia deste autor escocês. Na próxima semana referirei os outros aspectos da sua escrita já hoje insinuados.

O QUINTO EVANGELHO

Escutai: um semeador saiu para semear. E tendo semeado, algumas sementes cairam à beira do caminho e cresceram e deram fruto bom. Outras cairam em lugares de pedra, onde não cabia muita terra e também elas cresceram e floresceram bem. Outras ainda cairam entre cardos e também elas germinaram e deram fruto no próprio coração dos cardos. Mas outras cairam em terreno bom e secaram e não deram folha ou fruto. Quem tiver ouvidos para ouvir,couça.

Escutai: é disto que o reino é feito. Dez raparigas com as suas lâmpadas sairam ao encontro do noivo. Delas cinco eram sensatas e estouvadas cinco. As estouvadas não viram se o azeite lhes chegava, as sensatas viram. O noivo demorou a chegar, adormeceram elas entretanto à meia-noite gritaram: chegou o noivo vamos ao encontro dele! Todas se levantaram e espevitaram a luz da lâmpada. E as estouvadas disseram às sentsatas: dai-nos azeite, que o nosso está no fim. E as sensatas respondera: tomai do nosso azeite. E se não houver que chegue que ma, há? Isso ensinará ao noivo que se não faz esperar dez servas cinco horas. Irmãs, que o sensato ajude o insensato, e que todos façam frente ao que explora a sua complacência e os afasta do reino.

UMA ILHA

Uma ilha na cidade, felizes homens da demolição
atrás de montões com janelas — olha-os
arrastando brocas pelo pó dos escombros, aos pontapés aos detritos,
fumando encostados a uma picareta, pondo a beata
na orelha e sobre isso o capacete amarelo intenso,
assobiando por cima da chaminé ruindo, aos pontapés aos
ricochetes, arrastando pelos sulcos
serpentes de arame, arrancando tábuas,
estuque, cornijas, tijolos
sobre tijolos partidos e pó de estuque,
estendendo-se com latas a ferver e peças
ao meio-dia, à tarde de tronco nu com o suor riscando-lhes
as costas cobertas de cal, tossindo
ao sol filtrado, escorregando, praguejando,
dizendo piadas, pouco a pouco empilhando e fazendo
do lixo todo uma fogueira total.
Olha aquele irlandês, inclinado
num arco perfeito para atirar
a última viga negra lá para o alto,
recua, anda à roda dela a cantar
enquanto crepita em chamas portas velhas,
traves velhas, caixas, caixilhos de janelas,
uma boneca de trapos, sacas, fios eléctricos, jornais velhos,
estantes partidas, um sapato, velhos espanadoros de pó, pedaços
de papéis de parede às rosas. E todos de pé à roda,
e festejam a habitação a fazer-se em fumo.

From Glasgow to Saturn

by Edwin Morgan

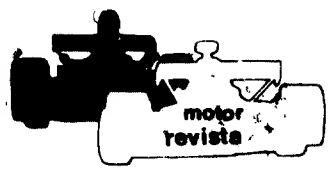
POEMA ESPACIAL 3: FORA DE CURSO

a maré dourada o lugar sem peso
a canção da cabine o escuro de pez
a barba a crescer a migalha a flutuar
o brilhante «rendez-vous» o dito espirituoso da órbita
o quente fato espacial o harmónio de contrabando
o salto mortal imaginário o pôr do sol visionário
os continentes rodando os escombros do espaço
o cabo dourado o passeio no espaço
os deltas lentos a mover-se a lua de câmara
o veludo de pez o difícil sono
o rebentar dos auscultadores o silêncio do espaço
a terra rodando o cabo dos continentes
o amanhecer da cabine a maré quente
o fato espacial brilhante a lua crescente
o rebentar do salto mortal a órbita de contrabando
a lua difícil o «rendez-vous» visionário
o auscultador sem peso os escombros da cabine
o cabo flutuante o sono de pez
a câmara lenta a mover-se o silêncio rodando
a migalha do espaço a barba a rebentar
o harmónio da órbita a canção flutuante

Puseram-me nesta cama, e disseram
John Cage, fica aí, não te mexas
levamos os tubos lá para fora se fores bom
mas sei que não vou ser bom
porque estou para morrer, não vou estar bem
«só a quantidade de dor necessária no mundo»
as coisas que eu disse, guiando carros
ao país dos cogumelos, ouvindo a chuva,
a Natureza seguindo o seu curso à chuva
e papéis de embrulhar sanduíches com ruídos breves
contra a palmada das cartas
transistores e o seu «rock»
e a estática e o choque
de pausas depois da estática
e «que há com todos estes silêncios?»
as coisas que disse estão-me na cabeça
mas o varão branco da cama é espaço
e há espaço na rosa e no vidro
e nas duas freiras sussurrando
havia tais sussurros enquanto um avião passava
e o bater dos pés o que é este silêncio

NOTA:
Edwin Morgan nasceu em 1920.
Obras:
«Starryveldt», Eugen Gomringer Press, 1965.
«A Second life», Edinburgh University Press, 1968.
«The horseman's Word», Akros Publications, 1970.
«From Glasgow to Saturn», Carcanet Press, 1973.
«Penguin Modern Poets n.º 15».

LEIA



OS MESTRES DA LITERATURA POLICIAL

MISTÉRIO E INTRIGA!
A LIGA DOS HOMENS ASSUSTADOS
REX STOUT — 20$
À VENDA NAS LIVRARIAS
Pedidos contra reembolso
LIVROS DO BRASIL
R. dos Caetanos, 22 * LISBOA

«A EVOLUÇÃO DA NOSSA ECONOMIA NÃO VEM FAVORECENDO A SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DE EMPREGO»

Opinião do dr. Acácio Catarino, director do Serviço Nacional de Emprego

O que é o Serviço Nacional de Emprego, como funciona, de que modo atinge o seu objectivo de «conhecimento e apoio na solução dos problemas de emprego», em que medida é utilizado pelos sectores a que se destina?

Estas foram algumas das questões postas pelo «Diário de Lisboa», em questionário, ao dr. Acácio Catarino, director do Serviço Nacional de Emprego. As suas respostas foram as seguintes:

Conhecimento e apoio na solução dos problemas de emprego

DL — Há quantos anos se constituiu o Serviço Nacional de Emprego e que objectivos se visavam com a sua constituição?

O Serviço Nacional de Emprego (S.N.E.), foi criado no final de 1965, tendo como objectivo fundamental o conhecimento e o apoio na solução dos problemas de emprego. Mais precisamente, constituem atribuições do Serviço, à luz do diploma que o instituíu: a realização de estudos sobre a situação, evolução e perspectivas do emprego designadamente com base na sua própria experiência e actividade de contacto permanente com trabalhadores e empregadores; a colocação de trabalhadores e o preenchimento de lugares vagos nas empresas; o apoio à mobilidade profissional e geográfica dos trabalhadores; a realização de estudos sobre profissões; a orientação e informação profissionais; e, por fim, a colaboração com outros organismos e entidades com responsabilidades no domínio do desenvolvimento sócio-económico. No ano findo transitou para o S.N.E. a Divisão de Subsídios de Desemprego, nos casos de despedimento colectivo e de desocupação nos casos de catástrofe, etc.

Aconselhar e informar sobre os caminhos profissionais a seguir

DL — Com o decorrer do tempo o seu âmbito de acção alargou-se? Que tipo de ajustamentos ou correcções foram introduzidos na sua actuação?

Ao longo de sete anos de actividade regionalizada (1967/1974), o S.N.E. aprofundou e ampliou a consciência da sua própria realidade, objectivos e funções, ao mesmo tempo que tentou ajustar-lhes melhor as suas actuações. Destaco a consciência cada vez mais clara de que o Serviço constitui uma espécie de esquema de actuação decisivamente condicionado pelo número e qualidade de trabalhadores e ofertas, registados voluntariamente pelos interessados nos seus ficheiros; ao mesmo tempo intensificou-se a convicção de que importa que as políticas públicas e privadas de investimentos e económicas em geral, aceitem a exigência de proporcionarem empregos adequados, em número e qualidade, às aspirações dos trabalhadores; por fim esboça-se a tese, ainda mal definida nos seus contornos, de que a prossecução duma política de emprego válida implica que os diferentes centros de decisão, individuais e colectivos, em especial de natureza educacional, científica, tecnológica e económica, lhe adoptem os imperativos com vista a alcançarem-se postos de trabalhos cada vez mais apropriados e compensadores.

No domínio da própria actuação do Serviço, sublinho:

a) O fomento da actividade de colocação com vista a atingir-se uma taxa de penetração nos movimentos de admissões de pessoal nas empresas susceptível de conhecer e influenciar tais movimentos. Supõe-se que aquela taxa atingirá actualmente os 15 por cento e deseja-se que duplique dentro dum prazo não muito longo. Esclareça-se, a propósito, que a elevação das taxas de penetração é requerida até pela necessidade de o Serviço se firmar e apetrechar melhor para fazer face aos casos marginais que, em número elevado, vem atendendo.

b) O incremento da orientação e informação profissionais. Com estas actividades, concebidas de maneira integrada, pretende-se aconselhar e informar jovens e adultos sobre os caminhos profissionais a seguir e, sobretudo, favorecer a assunção do mundo profissional, tão consciente e profundamente quanto possível, de maneira que cada pessoa faça as escolhas mais adequadas, apoiando-se no Serviço de Emprego na medida em que o julgar conveniente.

c) A inserção nos movimentos geográficos de mão-de-obra, com vista a contribuir para a sua racionalização e obtenção de soluções alternativas ou complementares para os trabalhadores neles envolvidos.

d) A articulação com os centros de decisão económica, públicos, e privados, a fim de se conhecerem os postos de trabalho a criar e a extinguir, com antecedências razoáveis e, ainda, de maneira a que as decisões a tomar favoreçam a solução dos problemas de emprego. Revestem-se aqui de particular relevância as informações sobre os títulos e localização dos novos empreendimentos e, numa outra perspectiva, as informações e actuações tendentes a evitar os despedimentos colectivos ou a neutralizar-lhes os efeitos nefastos.

A nível internacional, esboça-se hoje um movimento no sentido de os Serviços de Emprego apoiarem as empresas no domínio da gestão do pessoal, a fim de aqueles contribuirem mais directamente para que se criem de facto os postos de trabalho necessários e, bem assim, para que tais postos se adaptem às características, necessidades e aspirações dos trabalhadores e, ainda, para que se assegure uma crescente estabilidade no emprego, a formação permanente, a solução dos casos dos deficientes e outros particularmente difíceis, etc. O S.N.E. vai acompanhando com atenção esta tendência. Julga mesmo conveniente sensibilizar o seu pessoal para essas preocupações e admite ser necessário iniciar os técnicos, incumbidos dos contactos com os trabalhadores e empregadores, nos domínios da gestão do pessoal a fim de se tornarem mais úteis os contactos e se preparar o terreno para uma acção mais fecunda que, porventura, se venha a justificar a mais longo prazo.

Dez Divisões Regionais e 59 Centros não-permanentes

DL — Como se acha regionalizado o S.N.E.?

O S.N.E. possui dez Divisões Regionais correspondentes às oito sub-regiões Plano do Continente e às duas Regiões das Ilhas Adjacentes. Nas áreas das Divisões Regionais funcionam 52 centros e outras unidades permanentes e 59 Centros não-permanentes (que não possuem pessoal a título permanente sendo contudo visitados pelos técnicos do Serviço com a necessária periodicidade que varia de caso para caso).

Empregados de escritório, o grupo com mais pedidos

DL — Quais os grupos profissionais mais representados nos pedidos e nas ofertas de empregos?

A resposta a esta pergunta poderia ser abordada de vários ângulos. Para não a alongar excessivamente, limito-me à situação dos ficheiros do Serviço no final de 1973.

Do lado dos pedidos predominavam, por ordem decrescente, os grupos dos empregados de escritório (com 31,1p do total de inscritos); trabalhadores dos serviços (com 11,6p); trabalhadores indiferenciados (10,5p); e vendedores (10,2p). No conjunto das ofertas predominavam os trabalhadores indiferenciados (26,2p); trabalhadores dos metais (15,4p); carpinteiros, marceneiros e afins (12,6p).

Através dum pequeno quadro revela-se a divergência de comportamentos na procura e oferta dos aludidos grupos de profissões dominantes no final de 1973.

	Percentagem nos pedidos	Percentagem nas ofertas
Empregados de escritório	31,1	2,4
Trabalhadores dos serviços	11,6	3,5
Trabalhadores indiferenciados	10,5	26,6
Vendedores	10,2	1,4
Trabalhadores de metais	8,6	15,4
Carpinteiros, etc.	1,2	12,6

A procura global excede a oferta

Os valores acabados de referir não se afastam muito dos registados noutros períodos anteriores e no final de Janeiro do ano em curso: em geral os grupos de profissões que ocupam posições cimeiras são aqueles mesmos, ou outros de características semelhantes.

Do lado da procura (trabalhadores) destacam-se as profissões a que se tem (ou julga ter) acesso com relativa facilidade quanto a formação profissional e/ou as que proporcionam (ou parecem proporcionar) menos instabilidade e melhores condições de trabalho.

Do lado da oferta salientam-se as que se acham mais directamente ligadas ao processo produtivo industrial, variando bastante os respectivos salários, mas sendo em geral pouco atraentes as condições de trabalho.

Em complemento dos ligeiros apontamentos acabados de referir, permita-se-me anotar ainda o seguinte:

a) Na procura surgem excessivamente empolados alguns grupos (por exemplo o dos empregados de escritório) na medida em que os candidatos a emprego convictos da facilidade de acesso à respectiva competência profissional se inscrevem mesmo que nunca tenham exercido a profissão. As estatísticas do S.N.E. já proporcionam elementos para uma análise mais pormenorizada (embora incompleta) deste fenómeno;

b) Na sequência do que acabo de mencionar, compreende-se que, além dos desajustamentos entre as profissões predominantes do lado da procura e da oferta, existem desajustamentos entre procura e oferta no âmbito duma mesma profissão ou grupo de profissões. Pensemos nomeadamente nos desencontros entre qualificações dos trabalhadores e as requeridas pelas empresas, entre salários pretendidos por aqueles e oferecidos por estas, entre a localização dos estabelecimentos e as residências dos trabalhadores, etc., etc.

c) Os desajustamentos revestem-se de particular gravidade ao nível das qualificações mais elevadas que não encontram correspondência. Tal situação determina a subutilização ou desperdício de potencialidades humanas (do lado da procura), ao mesmo tempo que se registam carências (do lado da oferta) que podem comprometer a evolução normal das empresas e empreendimentos.

Em termos estritamente quantitativos, os valores relativos à actividade do S.N.E. revelam que a procura global ainda excede a oferta e que muitas carências de trabalhadores resultam, em grande parte, das características repulsivas das respectivas profissões e/ou suas condições de exercício. Ao mesmo tempo numa perspectiva qualitativa a dificuldade de ocupar alguns postos de trabalho fulcrais, por falta de candidatos à altura ou interessados, origina verdadeiros estrangulamentos nalgumas empresas mesmo que o número de lugares por preencher seja relativamente baixo. Anote-se, a propósito, que se justificaria uma linha de investigação destinada a averiguar até que ponto as categorias profissionais mais privilegiadas pelas empresas são as mais decisivas para a produção ou as mais necessárias para a vida da própria empresa. Tal como os trabalhadores que aspiram a determinadas carreiras mesmo que não disponham da correspondente preparação também os critérios de atribuição de estatutos elevados nas empresas nem sempre se pautam pela correspondência aos contributos efectivos para a produção;

c) Assinale-se, a terminar a resposta, que no estado de desenvolvimento em que nos encontramos, surge como normal a inexistência de trabalhadores disponíveis, com os níveis e tipos de qualificação mais

Central School of Languages
International House

excelência no ensino de línguas

NOVOS CURSOS

A COMEÇAR EM ABRIL

INSCRIÇÕES ABERTAS

LISBOA: Rua Marquês Sá da Bandeira, 16 — Tels. 51496/ /534054/534062
BARREIRO: Avenida Alfredo da Silva, 57 — Tel. 2073622
COIMBRA: Rua Antero de Quental, 135 — Tel. 22971

exigentes. Para além do esforço de formação profissional escolar e extra-escolar que tal situação exige, há que contar com a própria organização e funcionamento das empresas como verdadeiras unidades de formação permanente.

Acrescento ainda que a análise dos grupos de profissões segundo o grau de satisfação — análise incomportável no tempo e espaço de que dispomos completaria e aprofundaria o que deixei referido na resposta à 3.ª pergunta.

1973: grau de satisfação de pedidos, 37,7 por cento; grau de satisfação de ofertas, 44,3 por cento.

DL — Qual o grau de satisfação (de um modo geral, ou com base em estudos concretos) de pedidos e de ofertas?

— Definindo, simplificadamente, o grau de satisfação dos pedidos e ofertas de emprego, num determinado período como a relação entre as colocações e os pedidos por um lado, e, por outro, entre as ofertas satisfeitas e as ofertas registadas, direi que, no fundo, o primeiro atingiu os 37,7p e o segundo os 44,3p. As observações feitas na última parte da resposta anterior explicarão em parte a razão por que mais de 68p dos pedidos e 55p das ofertas não obtiveram satisfação imediata. Duas outras notas se tornam indispensáveis para a interpretação do fenómeno. Em primeiro lugar, a própria dificuldade de satisfação sentida pelos trabalhadores e pelas empresas constitui uma vivência susceptível de ajudar a elucidar os interessados acerca das efectivas hipóteses de satisfação. Aliás compete aos técnicos do Serviço prestar todas as informações que contribuam para cada cliente trabalhador ou empresa tomar a decisão mais adequada.

Em segundo lugar, convirá observar que um Serviço de emprego particularmente na fase em que se encontra o S.N.E. conta, entre os seus clientes, com uma elevada percentagem de casos difíceis e tenderá a diminuir — embora cresça o respectivo valor absoluto — à medida que aumentem o movimento e as taxas de penetração.

A reconversão profissional, a mobilidade geográfica, a adaptação entre os trabalhadores e os postos e condições de trabalho, a reconversão das unidades de produção, o seguro-desemprego e outras medidas de segurança social incluem-se entre os instrumentos clássicos destinados a resolver ou atenuar os casos de difícil satisfação.

A diminuição de trabalhadores e a emigração

DL — A população e as empresas acorrem, tanto quanto seria de esperar, aos préstimos do S.N.E.?

— O grau de utilização dos S.N.E. afigura-se-me razoável, em especial se tivermos em conta a situação e características, quer do Serviço, quer da nossa Economia e sociedade. Sublinho, naquela situação e características, o carácter voluntário do recurso ao Serviço; o facto de ele ainda não ter ultrapassado a fase de instalação — tem praticamente sete anos de actividade; a evolução da nossa Economia que na minha perspectiva, não vem favorecendo, na medida do desejável, a solução dos problemas de emprego e, ao mesmo tempo, determina frequentes reconversões e reorgarizações industriais que originam casos difíceis de desemprego; o facto de a diminuição de trabalhadores — sobretudo de certos tipos e níveis de qualificação — relativamente aos lugares disponíveis se vir processando, provavelmente, a ritmo muito próximo dos países industrializados devido porém, à corrente emigratória e não tanto à criação de empregos, estando ainda em fase de montagem (ao contrário do que já acontece naqueles países) os sistemas de formação escolar e extra-escolar mais ou menos adequados...

Da dificuldade de conjugar duas preocupações a propósito de emigração

DL — A emigração, acentuada nos últimos anos, que reflexos determinou no S.N.E.?

— A emigração levou o S.N.E. a adaptar-se a um mercado de emprego dos trabalhadores portugueses que ultrapassa as fronteiras do País. Sobretudo a partir do momento em que se institucionalizou mais a colaboração com o Secretariado Nacional da Emigração e este delegou no S.N.E. a responsabilidade pelos recrutamentos anónimos (isto é, sem indicação, nas ofertas, das pessoas a contratar), o Serviço passou a ter duas preocupações dificilmente conciliáveis: considerar as hipóteses de emigração ao lado das hipóteses de colocação interna, com vista à solução dos problemas de emprego dos trabalhadores que se lhe dirijam interessados naquela ou em ambas; e, ao mesmo tempo, prestar aos candidatos à emigração todas as informações sobre as alternativas existentes no nosso País e sobre as condições de vida e de trabalho verificadas nos países de destino, a fim de que a escolha do trabalhador possa ser a mais acertada.

Dada a dificuldade de conjugar as duas preocupações e a indisponibilidade de elementos informativos, nem sempre se atingem os objectivos visados.

Um outro aspecto a frisar quanto aos reflexos da emigração na actuação do S.N.E. resulta da incidência da emigração juntamente com outros factores, na pressão sobre os salários. Na verdade, tal pressão provocou o abandono de alguns postos de trabalho, profissões, sectores e regiões cujo grau de correspondência não atingia os níveis pretendidos pelos trabalhadores. Deste modo a própria noção de oferta de emprego válida se tornou mais exigente quanto a salários e condições de trabalho. Por vezes a simples comunicação duma oferta origina a melhoria das respectivas remunerações e condições de trabalho atendendo às solicitações dos trabalhadores inscritos no Serviço e por este comunicadas ao empresário. É de notar que, nalguns casos, o processo termina com reduções consideráveis no número de lugares vagos inicialmente comunicados pelo empresário, uma vez que este, ao fazer a comunicação inicial, tinha em vista ou uma simples auscultação do mercado de emprego ou a admissão de profissionais com níveis de remuneração e outras condições de trabalho inferiores aos que os trabalhadores se dispunham a aceitar.

São limitados os meios do S.N.E. para atenuar os problemas de emprego dos jovens sem o serviço militar cumprido

DL — Normalmente as empresas exigem aos trabalhadores o serviço militar cumprido. Qual a atitude do S.N.E. perante os trabalhadores que se lhe dirigem e não satisfazem aquele requisito?

São limitados os meios ao alcance do Serviço para atenuar os problemas de emprego dos jovens pré-militares. Assinalo apenas: o esforço desenvolvido para conseguir empregos para aqueles que nele se inscrevem e o apoio na formação profissional. Assinalo, a propósito, que, com vista a favorecer o aproveitamento e o desenvolvimento, na «vida militar», das qualificações obtidas na «vida civil», e vice-versa, foram assinados protocolos entre os Ministérios Militares e o Ministério das Corporações e Segurança Social. Espera-se que da respectiva execução, resultem efeitos benéficos para os problemas de emprego relacionados com a prestação do serviço militar.

Ao mesmo tempo, está-se diligenciando no sentido de obter informações estatísticas e outras mais completas sobre as características dos jovens pré-militares e dos que vão terminando o serviço militar. Tais informações poderão dar origem a actuações do Serviço mais eficazes e à proposta de medidas que ultrapassam a competência do S.N.E.

Convém assinalar este último aspecto: a necessidade de condições e medidas que ultrapassam o domínio da competência dum Serviço de Emprego. Registo, nomeadamente: a abundância de certas categorias de mão-de-obra e (o que não é bem a mesma coisa, embora pareça) a escassez de oportunidades de emprego para as mesmas; a inexistência de políticas empresariais contemplando as estruturas etárias do seu pessoal e capazes de assumir racionalmente a rotação do mesmo que resulte do cumprimento do serviço militar e de outras situações análogas. Também facilitaria a solução do problema o alargamento do seguro social e a existência de institutos tais como a formação remunerada pela empresa, a concessão de estímulos para a mudança de emprego após prestação do serviço militar sempre que tal mudança se justifique, as políticas de criação imediata de empregos conduzidas directa ou indirectamente pelo sector público. Também a descontinuidade entre a «vida civil» e a «vida militar» poderá atenuar-se na linha, aliás, dos protocolos acima referidos através da colaboração entre as Forças Armadas, trabalhadores e empresas e com o apoio S.N.E. e outros organisn públicos.

APARTAMENTOS NO ALGARVE
INFORMACOES E INSCRICOES
ORGANIZACAO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA: Av da Liberdade - Telef 32 00 21
PORTO: Av dos Aliados, 207 • Telef 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota 2 • Telefs 2 70 11/2

UM VELHO AMIGO

sempre fixe

um Grande Semanário Popular
TODOS OS SÁBADOS DE MANHÃ
A partir de 6 de Abril,
na manhã de cada sábado,
o primeiro semanário popular português.
Uma nova «fórmula»:
1 jornal de grande formato + 1 magazine a cores = 5$00
BASTA SABER LER!

SHER - SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUÈ

S.A.R.L.

CAPITAL: 250 000 000$00

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS—TÍTULOS

AMORTIZAÇÃO DE OBRIGAÇÕES E PAGAMENTO DE JUROS

SORTEIOS

Nos termos dos anúncios oportunamente publicados, procedeu-se no dia 28 do corrente mês de Março aos sorteios, para efeito de amortização, relativo às emissões que a seguir se indicam, tendo-se obtido os seguintes resultados:

EMISSÃO DE 40 000 CONTOS 1956 5%

Títulos de 100 obrigações n.ºs: 51, 88, 129, 295, 314, 384, 405 e 420

EMISSÃO DE 35 000 CONTOS 1957 5%

Títulos de 1 obrigação n.ºs: 31, 103, 149, 164, 246, 251, 265, 277, 467, 537, 562, 701, 734, 769, 788, 828, 878, 879, 943, 962, 967, 999, 1055, 1108, 1163, 1164, 1185, 1192, 1231, 1251, 1269, 1320, 1369 e 1372.

Títulos de 5 obrigações n.ºs: 1505, 1550, 1556, 1783, 1804, 1822, 1842, 1844, 1869, 1872, 1882, 1926, 2019 e 2042.

Títulos de 10 obrigações n.ºs: 2093, 2132, 2165, 2259, 2276, 2300, 2393 e 2450

Títulos de 50 obrigações n.ºs: 2590, 2621 e 2660.

Títulos de 100 obrigações n.ºs: 2719, 2721 e 2847.

AMORTIZAÇÕES ANTERIORES

13.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 23
Títulos de 100 obrigações n.ºs 2742 e 2764

14.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 24
Títulos de 100 obrigações n.ºs 2704 e 2852

15.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 25
Títulos de 100 obrigações n.ºs 2758 e 2818

16.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 26
Títulos de 100 obrigações n.ºs 2728, 2829 e 2841

17.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 27
Títulos de 100 obrigações n.ºs 2781, 2799 e 2808

18.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 28
Títulos de 100 obrigações n.ºs 2705, 2715 e 2851

19.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 29
Título de 10 obrigações n.º 2090
Títulos de 100 obrigações n.ºs 2732, 2805 e 2846

20.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 30
Títulos de 100 obrigações n.ºs 2834, 2860 e 2862

21.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 31
Título de 1 obrigação n.º 1439
Título de 5 obrigações n.º 2075
Título de 10 obrigações n.º 2193
Títulos de 100 obrigações n.ºs 2714, 2741 e 2816

22.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 32
Títulos de 1 obrigação n.ºs 11, 569, 982 e 1366
Títulos de 5 obrigações n.ºs 1458, 1564 e 1857
Título de 10 obrigações n.º 2442
Títulos de 100 obrigações n.ºs 2711, 2768 e 2813

23.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 33
Títulos de 1 obrigação n.ºs 198, 199, 275, 496, 511, 577, 607, 657, 745, 748, 755, 818, 1100, 1312 e 1357
Títulos de 5 obrigações n.ºs 1525, 1527, 1656, 1694, 1732, 1981 e 2004
Títulos de 10 obrigações n.ºs 2284, 2343, 2468, 2473 e 2480
Títulos de 100 obrigações n.ºs 2738, 2857 e 2871

EMISSÃO DE 65 000 CONTOS 1959 5%

1.ª Fase

Títulos de 1 obrigação n.ºs: 82, 94, 153, 296, 413, 588, 645, 684, 858, 939, 1075, 1083, 1198, 1232, 1237, 1451, 1526, 1652, 1751, 1768, 1769, 1811, 1834, 1888, 2065, 2094, 2418, 2469, 2648 e 2868.

Títulos de 5 obrigações n.ºs: 2961, 3018, 3087, 3109, 3144, 3248, 3265, 3282, 3329, 3424, 3493, 3579, 3623, 3838, 3874, 3885, 3888, 3984, 4018, 4120, 4191, 4366, 4385, 4458, 4548 e 4554.

Títulos de 10 obrigações n.ºs: 4732, 4735, 4748, 4791, 4884, 4918, 5085, 5155, 5194, 5250, 5312 e 5349.

Títulos de 100 obrigações n.ºs: 5461 e 5462

2.ª Fase

Títulos de 1 obrigação n.ºs: 5592, 5701, 5741, 5815, 5824, 5867, 5964, 5967, 6040, 6097, 6166, 6209, 6237, 6309, 6331, 6345, 6620, 6718, 6895, 6976, 7014, 7051, 7064, 7142, 7225, 7256, 7266, 7440, 7442, 7688, 7755, 7816, 7823, 7955, 7961, 7981, 8052, 8128, 8252, 8432, 8436, 8445, 8523, 8584, 8658, 8747, 8873, 8986, 9043, 9047, 9052, 9055, 9151, 9169, 9198, 9251, 9258, 9307, 9429 e 9457.

Títulos de 5 obrigações n.ºs: 9506, 9507, 9594, 9598, 9618, 9856, 9964, 10132, 10163, 10186, 10246, 10289, 10334, 10362, 10372, 10390, 10445, 10465, 10633, 10661, 10678, 10759, 10777, 10858, 11003 e 11202.

Títulos de 10 obrigações n.ºs: 11351, 11387, 11428, 11438, 11485, 11497, 11518, 11526, 11533, 11546, 11768, 11811, 11828, 11858, 11897, 11960, 11975 12124, 12167, 12238, 12306, 12312, 12478, 12644, 12715, 12726 e 12856.

Título de 100 obrigações n.º: 12986.

AMORTIZAÇÕES ANTERIORES

1.ª Fase

8.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 18
Título de 100 obrigações n.º 5495

9.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 19
Título de 1 obrigação n.º 1092
Título de 100 obrigações n.º 5512

10.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 20
Título de 100 obrigações n.º 5511

11.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 21
Título de 100 obrigações n.º 5481

12.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 22
Título de 100 obrigações n.º 5441

13.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 23
Título de 100 obrigações n.º 5500

14.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 24
Título de 1 obrigação n.º 1570
Título de 100 obrigações n.º 5479

15.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 25
Títulos de 100 obrigações n.ºs 5480 e 5486

16.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 26
Títulos de 5 obrigações n.ºs 3477 e 4092
Títulos de 100 obrigações n.ºs 5416 e 5456

17.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 27
Títulos de 1 obrigação n.ºs 1094, 1338 e 2708
Títulos de 5 obrigações n.ºs 2901, 3075, 3244, 3656, 3702, 3909, 4188 e 4207
Títulos de 10 obrigações n.ºs 4636, 4789, 5180, 5242 e 5247
Títulos de 100 obrigações n.ºs 5433 e 5509

18.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 28
Títulos de 1 obrigação n.ºs 361, 836, 946, 1179, 1387, 2116, 2193, 2367, 2445 e 2569
Títulos de 5 obrigações n.ºs 2920, 2952, 3012, 3122, 3204, 3339, 3700, 3705, 3744, 3851, 4125, 4172, 4232, 4316 e 4353
Títulos de 10 obrigações n.ºs 4969 e 5063
Títulos de 100 obrigações n.ºs 5439 e 5514

2.ª Fase

9.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 19
Título de 100 obrigações n.º 12991

11.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 21
Título de 100 obrigações n.º 13013

12.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 22
Título de 100 obrigações n.º 12978

13.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 23
Título de 1 obrigação n.º 7944
Título de 100 obrigações n.º 13003

14.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 24
Título de 100 obrigações n.º 13009

15.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 25
Títulos de 1 obrigação n.ºs 5623, 5819 e 7980
Títulos de 5 obrigações n.ºs 9860 e 10935
Título de 100 obrigações n.º 12995

16.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 26
Título de 1 obrigação n.º 7942
Títulos de 5 obrigações n.ºs 10138 e 10920
Título de 10 obrigações n.º 12738
Título de 100 obrigações n.º 12976

17.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 27
Títulos de 1 obrigação n.ºs 5861, 5864, 5937 e 7785
Títulos de 5 obrigações n.ºs 9565, 9571 e 9910
Títulos de 10 obrigações n.ºs 12133, 12576 e 12736
Título de 100 obrigações n.º 12980

18.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 28
Títulos de 1 obrigação n.ºs 5635, 5692, 5719, 5792, 6093 e 8030
Títulos de 5 obrigações n.ºs 9581, 9992, 10110, 10800 e 10901
Títulos de 10 obrigações n.ºs 11470, 11616, 11959, 12145, 12198, 12520, 12630, 12639, 12692 e 12720
Título de 100 obrigações n.º 13005

EMISSÃO DE 15 000 CONTOS 1967 6%

Títulos de 100 obrigações n.ºs: 27 e 130

JUROS

O valor líquido a pagar por cupão é o seguinte:

	Cupão	Portador	Portador Registadas	Governo Geral de Moçambique	Instituições de Previdência
3.ª Emissão 40 000 contos/56	35.º	-$-	21$51	-$-	24$75
4.ª Emissão 35 000 contos/57	34.º	16$04,76	21$51	25$00	-$-
5.ª Emissão 65 000 contos/59	29.º	16$68,6	22$35	25$00	-$-
7.ª Emissão 15 000 contos/67	13.º	-$-	-$-	30$00	-$-

PAGAMENTOS

O pagamento dos títulos averbados ao Governo Geral de Moçambique e às Instituições de Previdência e que foram sorteados, bem como o do juro das obrigações, será efectuado nos Escritórios da Sociedade, a partir de 1 de Abril próximo.

Também com início na mesma data efectuar-se-á o pagamento dos títulos sorteados e dos cupões relativos às restantes obrigações, nas Sédes ou Dependências dos seguintes estabelecimentos bancários:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO DE MAGALHÃES
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES
PANCADA, MORAES & C.ª

Lisboa, 28 de Março de 1974

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CRÍTICA DE TELEVISÃO

Mário Castrim

VISITE OS DOENTES — E HAJA SAÚDE!

Coisas que acontecem neste País. País, não metaforicamente, mas realmente, desconhecido. País de muitas potencialidades, como se costuma dizer.

Já li e reli o que acabo de escrever e, palavra de honra, não entende muito bem. Tenho a impressão que me julguei a fazer um relatório ou um artigo de fundo onde é da ordem aplicar certas palavras. Aqui está onde quero chegar: uma das emissões da Televisão consiste em cochecer um pouco melhor a vida nacional e os esforços que nela se praticam.

Tu, leitor, desconhecias a existência do Serviço Nacional de Doentes. Também eu, deixa. Ficamos a dever à Televisão a divulgação da sua comunicação (o *ão* não é ditongo: é praga. O que eu fiz para evitar este comboio! Tudo em vão. Não consegui fazer a alteração da composição. Peço perdão) com a qual todos ficamos a ganhar.

Ao lado de Luís Filipe Costa encontram-se duas senhoras donas: Margarida Campelo e Maria Raquel Guedes de Amorim.

D. Margarida Campelo diz-nos que as pessoas devem sair do imobilismo e participar do movimento, em serviço do Serviço. Como? De várias maneiras, entre as quais dando horas livres, ajuda financeira, etc. O Serviço Nacional de Doentes não auxilia apenas os doentes católicos, mas todos, professem que religião professarem, ou não professem nenhuma.

D. Maria Raquel fala, com grande entusiasmo, da sua actividade na cidade de Santarém. Acha que o serviço voluntário é hoje essencial em qualquer instituição, mas os voluntários do auxílio aos doentes devem participar de um pequeno curso. Quando à parte financeira, D. Maria Raquel é peremptória: lá em Santarém trabalha-se sem dinheiro. O dinheiro não é indispensável, há que abandonar a ideia da subordinação ao vil metal. Uma frase mobilizadora: *O nosso capital é o Amor.* Quanto ao dinheiro, ele aparece quando é preciso. Não se preocupa com isso. Tem um grupo de jovens a trabalhar. Outra frase reveladora: *A nossa missão principal consiste em dar ao doente Amor, Esperança e Alegria.*

Não ficamos a saber quais os processos de que se serve o Serviço para conseguir dar tudo isso a quem padece em Portugal. De uma coisa não nos restam dúvidas: trata-se de uma tarefa de Hércules. D. Maria Campelo, D. Maria Raquel, minhas senhoras: já visitaram as enfermarias do Hospital de Santa Maria? Já viram funcionar o Banco do Hospital de S. José? E as restantes instalações deste hospital? Já fisitaram os hospitais psiquiátricos ou as instituições que na província se dedicam ao albergue dos loucos? E já foram por esses asilos?

Acredito que não. Porque nesse caso acreditariam também que a melhor forma de ajudar os doentes não pode partir dos esforços isolados, por muito bem intencionados que sejam. Doente com esperança é aquele que tem confiança nas estruturas de assistência e não estruturas sociais que lhes defendam as famílias durante a ausência.

Parece-me que o Serviço Nacional de Doentes não estará apto a cumprir essas tarefas.

A transmissão directa do «Grand National» de Liverpool não podia faltar. Costuma ela, desde 1966, inaugurar a estação hípica na Televisão portuguesa.

Transmissão sem história. Nem ao menos as hecatombes das quedas, as quedas em cadeia. Nem ao menos a vitória de um cavalicoque pouco ou nada apostado: ganhou o favorito, imaginem se isto se admite num Grand National!

Em transmissões directas não ficaríamos por aqui. O futebol também tinha uma palavra a dizer: nada mais, nada menos que um desafio internacional, um Portugal-França em futebol. O futebol, esse, e que não quer nada com os trabalhadores. Pela mostra de ontem, o futebol está totalmente vendido. Qualquer semelhança do *futebol corporativo* com o futebol propriamente dito é mera coincidência.

Acabados os «Motivos de Poesia»; acabado o entusiasmo de Couto Viana pelas *lavadeiras (aquele feminino jeito de mergulhar na água a roupa do bragal)* que lavam toda a roupa suja (*toda* é como quem diz...); acabado o poema de Fernanda de Castro (*a roupa vai branqueando/ com carinho e com amor...)* enfim disponível para assistir ao espectáculo do Michel (*há várias teorias sobre a vitela)* ainda dou por mim a pensar nesta convivência de trabalhadores portugueses e franceses que, para o ano que vem, se realizará em França.

A pensar claro, só a pensar. A gente tem de pensar nalguma coisa quando não tem mais nada em que pensar.

MÁRIO CASTRIM

P.S. *Amanhã publicarei o nome do leitor que, a propósito do problema de xadrez, receberá o livro prometido. M.C.*

«A OBRA E O HOMEM»

GIL VICENTE E DENIS JACINTO CONTRACENAM NA C.E.D.

Ao fim de consecutivos sábados de palestras entre o irónico e o cerimonioso, a série «O Homem e a Obra» terminou ontem à tarde na Cooperativa de Estudos e Documentação. E terminou à gargalhada: Denis Jacinto, em quem a idade parece ter depurado a veia do **cómico** coimbrão que ele gosta de ter, representou Gil Vicente para as três dezenas de pessoas que com o mesmo infatigável sossego ouviram leituras de Antero e Shakespeare, as gravações de Beethoven e os filmes de Charlot.

Apresentado literariamente por Fernando Namora (que na vida do palestrante encareceu o empenho cívico, a dignidade, a dedicação ao teatro, etc.), Denis Jacinto, que é em primeiro lugar um homem de cena e um contador de histórias, exprimiu com toda a versatilidade dos seus meios de actor uma vivência historicista mas «actualizante» do teatro do **último libertino da Idade Média:** vivência académica já, foi o que sentiu ouvindo-o, mas que também historicamente representa o ponto de partida de todas as modernas explorações vicentinas, de Luís de Lima à «Comuna».

Denis Jacinto entrelaçou habilmente (que a palestra foi em si mesma uma cena de teatro...) a análise evolutiva da obra vicentina, a declamação das passagens, e as anedotas que uma e outra iam sugerindo. O ponto alto da sessão atingiu-o o actor quando interpretou simultaneamente os quatro papéis do núcleo do **Auto da Lusitânia**: Berzebu, Guinato (os diabos) Todo-o-Mundo e Ninguém.

Situando Gil Vicente no vértice do teatro medieval e na origem de todo o moderno teatro ibérico, Denis Jacinto terminou, entre aplausos declamando as palavras de oposição do dramaturgo palaciano e popular à Inquisição que se estabelecia em Portugal.

Aplausos que cortou com uma anedota...

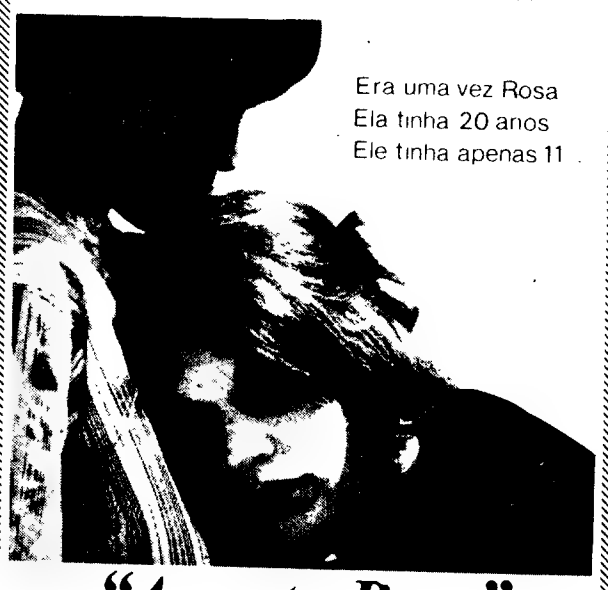
A. D.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24
Todas as noites 22 h
Dom. 16 horas
2.º Descanso
DOROTEIA
De Nelson Rodrigues
Encenação de Morais e Castro
Marc. Tel. 677299
G. D. Maiores 18 anos
Sub. Fundo Teatro

ÚLTIMO DIA
MAYER CINEMA (Antigo Terraço do Capitólio) Telef. 32 74 93
Teatro da Cornucópia
A Ilha dos Escravos e A Herança
de MARIVAUX
Grupo C 14 anos Esp. Sub. F. Gulbenkian
HOJE, ÀS 21,30 H.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ
APRESENTA EM
RÉCITA EXTRAORDINÁRIA
DA TEMPORADA DE TEATRO FRANCÊS
AMANHÃ, ÀS 19 e ÀS 22 HORAS
«LES LETTRES DE LA RELIGIEUSE PORTUGAISE»
de SOROR MARIANA ALCOFORADO
com MICHELINE UZAN
ENCENAÇÃO DE JOSÉ VALVERDE
(ESTE ESPECTÁCULO TEM APENAS A DURAÇÃO DE 1,15 H.)
BILHETES À VENDA (GRUPO C - 14 anos)

AVISO AO PÚBLICO
POR MOTIVO IMPREVISTO, O ESPECTÁCULO MARCADO PARA 3.-FEIRA, 2 DE ABRIL, ÀS 22 HORAS, FOI ANULADO. OS POSSUIDORES DE BILHETES PARA ESTE ESPECTÁCULO PODERÃO TROCÁ-LOS PARA QUALQUER DAS REPRESENTAÇÕES DE AMANHÃ

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta
Uma admirável história de amor!

Era uma vez Rosa
Ela tinha 20 anos
Ele tinha apenas 11
"Amo-te Rosa"
(I Love You Rosa)
com
MICHAL BAT-ADAM
GABI OTTERMAN
Realização de Moshe Mizrahi
Prémio "FÉMINA" Bélgica
Candidato ao "OSCAR" Melhor Filme Estrangeiro
ESTREIA 3.ª FEIRA ÀS 21.45 NO PATHÉ
GRUPO D - 18 ANOS COLORIDO

O MAIS RECENTE FILME DE CANTINFLAS!
Muitos apartamentos... muitos problemas... muitas garotas!!!
RIOMA FILMS, S.A. apresenta o seu artista exclusivo MARIO MORENO

CANTINFLAS
AS ORDENS de VOSSELENCIA
— CONSERJE en CONDOMINIO —
CLAUDIA ISLAS • RAQUEL OLMEDO
3.-FEIRA, HILARIANTE ESTREIA
AS 21.45 AS 21.30
EDEN AVIS EUROPA

NÃO PERCA DURANTE A SEMANA

● CINEMA

Menos atraente do que ha semanas atrás, o panorama dos nossos cinemas nem por isso deixa de apresentar um ou outro centro de interesse: a obra de Oshima é, sem dúvida, importante, merecendo ser vista. Sem esquecer Charlie Chaplin, de quem poderemos rever as **Luzes da ribalta.**

NAGISA OSHIMA

Cerimonia Solene é, simultaneamente, o primeiro filme de Oshima a ser passado entre nós e uma das obras mais importantes de um cinema japonês empenhado na abordagem de determinados aspectos sociais da realidade nipónica que se acham em contraste flagrante com o desenvolvimento tecnológico daquele país, nas ultimas décadas. Projecta-se diariamente no Satélite, às 15 e 30, 18 e 30, e 21 e 45.

CUNHA TELLES

Um filme português integrado no que se convencionou chamar o novo cinema, é sempre caso importante e espectáculo a não perder... Quanto mais não seja, para ser alvo do nosso exercício crítico. Manuel Madeira, Teresa Mota, Modesto Navarro, José Vaz Pereira e Maria Otília são alguns dos improvisados intérpretes de **Meus Amigos**. Exibe-se no **Estúdio**, às 15 e 15, 18 e 30, e 21 e 45.

DINO RISI

Há quem diga que o filme deste cineasta italiano é algo mais do que uma comédia insonsa. Pelo sim, pelo não, aqui fica: **Fim-de-semana ilegítimo** projecta-se no Condes e no Alvalade.

CHAPLIN

Charlie Chaplin não necessita de ser recomendado, e muito menos **Luzes da Ribalta**, uma das suas obras-primas, que se encontra entre nós, em **reprise**. **A não perder**. Está no **Monumental**, diariamente às 15 e 15, 18 e 15, e 21 e 30. Classificaram-no para maiores de 10 anos, o que significa que pode levar os miúdos... mais espigadotes.

CLAUDE GORETTA

O convite é, decerto, um filme de gosto discutivel, perpassado de uma certa visão humanista com ressaibos de originalidade. Se não perdeu Chaplin nem Oshima, inscreva-o na agenda. Projecta-se no Londres, às 14 e 15, 16 e 30, 18 e 45, e 21 e 45.

CHABROL

Mais idoso e igual a si próprio, Claude Chabrol regressa glosando um tema da sua especialidade: **Núpcias Vermelhas** grava no celulóide um caso concreto, ocorrido em França. Exibe-se no Tivoli, às 15 e 15, 18 e 30, e 21 e 45.

AINDA BERGMAN

Até amanhã, ainda poderá ver (ou rever) o filme do realizador sueco Ingmar Bergman, que durante 20 semanas se manteve nos cartazes em Lisboa. Trata-se de **Lágrimas e Suspiros**, que esta no cinema Paris, na companhia de **A pele de um malandro cowboyada** das melhores que o duro Clint Eastwood até agora interpretou!!! Também o Restelo está a projectar a película de Bergman.

● TEATRO

Uma nova peça, desta vez na **Casa da Comédia**, uma **Ceia** que deu no goto e continua com sucesso na sala da Almirante Reis, e uma revista quase nova no ABC . são alguns dos acontecimentos da presente época teatral. Pormenorizando:

DOROTEIA

Lia Gama é a Doroteia criada pelo dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues, figura central de uma peça que se chama assim mesmo: «Doroteia». Estreou-se ontem na casa da Comédia, estando no palco todos os dias, menos à segunda-feira, a partir das 22 horas. Maria do Céu Guerra, Inês Palma, Ângela Ribeiro, Marília Gama e Eduarda Pimenta completam o elenco, exclusivamente feminino. José Morais e Castro encenou.

COMUNA

A revigorante **Ceia** da Comuna, Teatro de Pesquisa, continua em cena todas as noites na «sala» da avenida Almirante Reis, n.º 195-A. Vá vê-la, e tente «confraternizar» no final!

«COM PARRA NOVA»

Tudo a nu levou **Parra nova** e está quase irreconhecível. A revista de Nicholson, Mário Alberto e Gonçalves Preto continua a contar com a mesma equipa jovem de antes, onde apenas falta Helena Isabel, que depois de um devaneio televisivo-festivaleiro resolveu tentar a sorte no jornalismo. São «14 números novos 14», anuncia o Sérgio de Azevedo... Sessões às 20 e 45 e 23, excepto à quarta-feira, que é dia de descanso.

RÉCITA

Em récita extraordinária da temporada de teatro francês, o Grémio Literário apresenta amanhã no Sao Luiz **Les lettres de la religieuse portugaise,** de Soror Mariana Alcoforado. **Micheline Uzan** lerá as cartas de amor da freira portuguesa na língua em que originalmente estas foram escritas: o francês. Duas sessões (com a duração de uma hora e um quarto, cada uma): às 19 e às 22.

● RÁDIO

Em matéria de programação radiofónica, sobressaem os dois **Em órbita** do Rádio Clube Português, que vão para o ar na modulação de frequência, às 19 horas e à meia-noite. Durante a semana, não deixe também de ouvir a **Página um**, na Renascença, das 19 e 30 às 21 horas.

● LIVROS

ESCAPADA DE QUARENTÃO

«Tenho vontade de partir. Assim mesmo. O desejo veio-me de um momento para o outro, quando me chegou às mãos esse jornal português, «Diário de Notícias». Este quotidiano atrai-me para as ruas de Lisboa, onde aterrarei dentro de sete horas» assim se inicia a **escapada** de um quarentão canadiano, que durante alguns dias vai ter por pano de fundo o nosso país, em particular Lisboa, Fátima, os Açores. Tal é o tema do último livro de Marcel Brouillard, agora editado em Montreal.

A propósito de **L'Escapade**, escreveu o crítico Yoland Guerard: «Gostaria que milhões de homens, em todo o mundo, pudessem lucrar com ele. Quer queiram quer não, não escaparão ao receio da quarentena. **L'Escapade** ajudá-los-á a passar esse temido cabo». A distribuição do livro, na Europa, está a cargo da Livraria Hachette, Paris. Edição das Editions Populaires.

● EXPOSIÇÕES

LE CORBUSIER

Na **Távola** (Costa do Castelo) estão em exposição «50 aquarelles de Music Hall ou le quand-même des illusions», da autoria de **Le Corbusier**, um dos nomes grados da arquitectura do nosso século.

SALÃO DE MARÇO

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, poderá encontrar uma vasta exposição de obras de jovens artistas portugueses, que constituem o Salão de Março. Aberto das 14 às 20 (às segundas e quintas, até às 23).

IMPORTANTE COMPANHIA

Das mais antigas no País dentro do ramo e fazendo parte de uma vasta rede internacional, pretende seleccionar um grupo de colaboradores para se integrar no seu programa de expansão no mercado nacional.

OFERECEMOS:

- Preparação especializada em curso pós-laboral.
- Apoio eficiente e óptimo ambiente de trabalho.
- Boa remuneração.
- Não interferência na profissão-base por se tratar de uma actividade em regime livre.
- Possibilidades futuras de enveredar por uma carreira moderna com a completa integração na Empresa.

PRETENDEMOS:

- Candidatos com bom nível cultural e boa presença física.
- Capacidade de auto-organização.
- Bom trato social e capacidade de adaptação.

Carta manuscrita com todos os detalhes (idade, profissão, horário disponível e número de telefone se o possuir) ao n.º 1055.

RAIO DE SOL

(GRUPO JOVICA)

ARMANDO FERNANDES comunica aos seus estimados Clientes e Amigos, que inaugura, amanhã, dia 1 de Abril, a sua

GALERIA DE MOBILIÁRIO E DECORAÇÕES

na Rua Pascoal de Melo, 127 - C, a 20 metros do seu estabelecimento de electrodomésticos.

RAIO DE SOL

Largo D. Estefânia, 12 - D
Telefones 48856 - 534536 — L I S B O A

GALERIAS DO RAIO DE SOL

(GRUPO JOVICA)

Participa ao público em geral, que inaugura as suas instalações de mobiliário e decorações amanhã, dia 1 de Abril, pelas 15 horas sob a orientação de GUILHERME CUNHA e ERNESTO RODRIGUES, os quais desde já convidam todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos

Guilherme Cunha

Ernesto Rodrigues

TELEVISÃO

PROGRAMAS DE 31 DE MARÇO A 6 DE ABRIL

Eis alguns dos principais programas que a RTP vai transmitir esta semana:

I PROGRAMA

HOJE

15.20 Tarde cinema Abbott e Costello no filme «Escola de Recrutas», realizado por Arthur Lubin. Um grupo de rapazes, mais ou menos contrariado, ingressa nas fileiras.

17.25 Domingo desportivo Inclui uma transmissão directa

22.00 25 milhões de portugueses Dedicado a Faro este programa conta com a participação do coro do Conservatório Regional do Algarve, pianistas Isabel Maria Machado, João de Almeida, Grupo de Teatro Letes, Orquestra Típica de Faro, Banda Artística de Minerva (Loulé), Trio Alvorada, Quim Barreiros e Rancho Folclórico da Fuseta

II PROGRAMA

22.00 Noite de cinema «Seis Destinos» com Charles Boyer, Rita Hayworth e Harry Fonda. Uma crítica à sociedade dos nossos dias

2.ª-FEIRA

I PROGRAMA

21.00 Museu aberto Um programa de Alexandre O'Neill, o qual chama a atenção de assuntos, actividades e coisas menos evidentes ou desconhecidas da nossa cultura

22.05 «Columbo» («Encantadora mas assassina» com Peter Falk, Vera Miles, Martin Sheen, Sian Barbara Allen e Vincent Price. Realização de Jeannot Sgwarc. Dois grandes de uma indústria de cosméticos, chegam ao ponto de extrema tensão... Um técnico pretende vender uma fórmula e é morto

II PROGRAMA

23.00 Música para olhar Música de orgão. Gravura e pintura de Hogarthi, artista do Século XVIII

3.ª-FEIRA

I PROGRAMA

22.05 Noite de cinema Cíclo - 3 Mestres Americanos. III - Joseph Mandiewicz. «Eva», com Bette Davis, Anne Baxter, George Sanders, Celeste Holm, Hugh Marlove, Marilyn Monroe e Gay Merrill. Filme premiado com 5 oscares da Academia de Hollywood em 1950

II PROGRAMA

22.30 Panorama América - «A minha história dos Estados Unidos». 10.º episódio. Cooke fala das condições das vagas de imigração dos fins do Séc. XIX

4.ª-Feira

I PROGRAMA

13.15 «Agulhas e alfinetes» Série da comédia com Norman Fell, Deirdre Lenihan, Sandra Deel e Bernie Kopell

21.00 «Uma família vulgar» Episódio filmado com Henry Fonda e Janet Blair. Numa família, em que o pai pertence à corporação da Polícia, surgem sempre problemas...

22.05 Histórias da música Um programa produzido pela RTP. Apresentação e realização de António Vitorino de Almeida

22.35 Guerra e Paz Romance de Leon Tolsti com adaptação de Jack Pulman. Produção da B.B.C. Realização de John Davies. 20.º episódio e último com Morag Hood, Anthony Hop-

tins, Angela Down, Sylvester Morand, Faith Brook, Joana David, Adam Bridge e Rebecca Bridge. Já passaram 7 anos. O conde Rostov morreu. A propriedade prosperou, pois passou a estar bem administrada. Natasha e Pierre casaram...

II PROGRAMA

22.00 «O Aventureiro» Episódio filmado com Gene Barry. Gene tem razões para desvendar o segredo e ajudar a linda condessa italiana.

5.ª-FEIRA

I PROGRAMA

19.45 Eurovisão Basquetebol. Transmissão directa do jogo da final da Taça dos Campeões Europeus, que se disputa na cidade francesa de Nantes

22.05 Noite de Teatro «Cara de doze libras». Autor James Barry. Tradução de Sousa Dianho. Cenografia de Eduardo Lemos. Realização de H. Peyroteo. Personagens e intérpretes: Igrejas Caeiro (Harry Sims), Maria do Céu Guerra (Lady Sims), Lígia Telles (Kate) e Pereira Saraiva (Tombs)

II PROGRAMA

22.30 Foi êxito na TV «Os Primeiros Churchills». Autor: Donald Wilson. Intérpretes: John Neville, Susan Hampshire, James Villers e John Standing

6.ª-FEIRA

I PROGRAMA

13.15 «George» Série filmada com Marshall Thompson, Jack Mullaney, Trudy Young e o cão de raça S. Bernardo chamado Jeorge. Jeorge engorda muito. Jim e Frau resolvem o problema da dieta do cão...

22.35 Portugal no Século XX Panorama histórico da vida portuguesa no decorrer deste século. Um programa de António Ruano

II PROGRAMA

22.00 Museu do cinema Apresentação de António Lopes Ribeiro com a colaboração musical do maestro António Melo.

SÁBADO

I PROGRAMA

21.30 Concurso Eurovisão da Canção-1974 Transmissão directa de Brighton com Portugal representado por Paulo de Carvalho que interpretará a canção «E Depois do Adeus»

II PROGRAMA

22.00 Abbott e Costello Fantasmas Abbott e Costello e os seus Gags com fantasmas numa casa recém-abandonada por seus «gangsters...

TV INFANTIL E JUVENIL

Hoje, pelas 16 e 50, haverá TV infantil e amanhã cerca das 19 e 45, tempos livres. Nesta rubrica da autoria de Santos Careto e Carlos Tudela será apresentado um conjunto musical em Bicesse.

Terça, quarta e sexta-feira, pelas 19 e 45, em TV infantil será apresentada a nova série de desenhos animados «OUM - O Golfinho Branco» realizada por René Borg com música de Michel Legrand. Coordenação de Maria do Sameiro Souto.

DISCOS

OS DEZ MAIS

LONDRES, 31 (R.) O maior movimento nos «dez mais» de Londres registou-se esta semana no fundo da tabela com dois recém-chegados dando grandes pulos na classificação, onde se mantém no topo «Billy Don't Be A Hero». do conjunto «Paper Lace».

«Seasons In The Sun», um disco de Terry Jack que passou para o alto da tabela em Hong Kong e que foi já êxito nos Estados Unidos, faz a sua primeira aparição em Londres, após saltar do 28.º para o novo lugar. Ao mesmo tempo, «Seven Seas Of Rhye», de Queen, deu um pulo semelhante, passando da 20.ª para a décima posição. «Emma», do conjunto «Hot Chocolate», ascendeu também do 23.º ao sétimo lugar e «It's You», de Freddie Starr, do 12.º ao oitavo.

Por outro lado, em Nova Iorque, John Denver, um cantor que tem sido enormemente promovido na Grã-Bretanha, mas sem êxito notável, ocupou a posição cimeira com «Sunshine On My Shoulders», relegando para o sétimo lugar «Rock On», de David Essex. «Eres Tu», do conjunto espanho «Mocedades», continua firme na nona posição na tabela dos Estados Unidos.

A seguir, os «top-ten» da semana em centros mundiais escolhidos, com a classficação da semana passada entre parêntesis:

LONDRES

1	(1)	«Billy Don't Be A Hero», Paper Lace
2	(2)	«The Most Beautiful Girl», Charlie Xich
3	(3)	«The Air Taht I Breathe», Hollies
4	(7)	«Jet», Wings
5	(4)	«You're Sixteen», Ringo Starr
6	(8)	«I Get A Little Sentimental Over You», New Seekers
7	(23)	«Emma», Hot Chocolate
8	(12)	«It's You», Freedie Starr
9	(28)	«Seasons In The Sun», Terry Jacks
10	(20)	«Seven Seas Of Rhye», Queen

NOVA IORQUE

1	(2)	«Sunshine On My Shoulders», John Denver
2	(3)	«Dark Lady», Cher
3	(4)	«Mockingbird», Carly Simon and James Taylor
4	(6)	«Hooked On A Feeling», Blue Swede
5	(9)	«Bennie And The Jets», Elton John
6	(5)	«Jet», Paul McCartney
7	(1)	«Rock On», David Essex
8	(12)	«Tsop», MFSB
9	(-)	«Eres Tu», Mocedades
10	(11)	«The Lord's Prayer», Sister Janet Mead

BONA

1	(1)	«Teenage Rampage», Sweet
2	(5)	«Devil Gate Drive», Suzi Quatro
3	(4)	«My Coo-ca-Choo», Alvin Stardust
4	(6)	«This Flight Tonight», Nazareth
5	(10)	«Irgendwann Kommt Jeder... (Everyone Gets To San Francisco Some Day)», Juergen Marcus
6	(3)	«Kansas City», Les Humphries Singer
7	(2)	«Tiger Feet», Mud
8	(7)	«I'd Love You To Want Me», Lobo
9	(8)	«Daydreamer», David Cassidy
10	(17)	«Dan The Banjo Man», Dan The Banjo Man

AMSTERDÃO

1	(2)	«Tigerfeet», Mud
2	(1)	«Dyna-Mite», Mud
3	(4)	«Dance With The Devil», Cozy Powel
4	(12)	«De Heilsoldaat», Marc Winter
5	(3)	«The Air That I Breathe», The Hollies
6	(5)	«Devil Gate Drive», Suzi Quatro
7	(9)	«When Will I See You Again», Three Degrees
8	(10)	«I'm A Train», Albert Hammond
9	(7)	«Love Theme», Love Unlimited Orchestra
10	(8)	«Rebel, Rebel», David Bowie

HONG KONG

1	(5)	«Seasons In The Sun», Terry Jack
2	(2)	«Let Me Be There», Olivia Newton-John
3	(1)	«You Won't Find Another Fool Like Me», New Seekers
4	(3)	«Riverboat Queen», Springfield Revival
5	(6)	«Reasons Shy», Ming
6	(4)	«Sunshine Lover», The Wynners
7	(10)	«Free As The Wind», Engelbert Humperdinck
8	(11)	«Happiness Is Me And You», Gilbert O'Sullivan
9	(7)	«Hello It's Me», Todd Rundgren
10	(8)	«Rock On», David Essex

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA S. A. R. L.

SEDE: RUA ALEXANDRE HERCULANO, 244 — PORTO

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

EXERCÍCIO DE 1973

SENHORES ACCIONISTAS:

Para cumprimento das disposições legais e estatutárias temos a honra de apresentar e submeter à vossa deliberação o Relatório, Balanço e Contas referentes ao Exercício de 1973.

Elementos característicos da exploração das redes de alta e baixa tensão

		1963 (kWh)	1972 (kWh)	1973 (kWh)
Energia hidráulica recebida da Central do Lindoso		253 637 294	242 289 039	249 168 887
Energia hidráulica recebida das Centrais de Pego do Altar, Vale do Gaio e Campilhas		14 793 814	1 710 900	2 235 920
Energia térmica emitida	Freixo	—	—	—
	Cachofarra	576 489	—	—
Energia recebida da CPE e outras Empresas	Norte	423 233 797	1 392 769 352	1 586 598 112
	Sul	242 707 074	697 773 821	786 644 289
Energia recebida nas redes de alta tensão	Norte	676 871 091	1 635 058 391	1 835 766 999
	Sul	258 077 377	699 484 721	788 880 209
TOTAL DA ENERGIA RECEBIDA		**934 948 468**	**2 334 543 112**	**2 624 647 208**
Energia vendida com caracter eventual a outras Empresas (Norte)		13 878 102	235 902 359	284 678 407
Energia comercializada	Norte (AT)	644 975 243	1 353 917 227	1 509 803 047
	Sul (AT)	226 778 673	594 432 166	667 818 256
	Sul (BT)	18 412 400	64 430 458	74 239 778
TOTAL DA ENERGIA VENDIDA		**904 044 418**	**2 248 682 210**	**2 536 539 508**
Emissão máxima diária e utilização correspondente (horas)	Norte	2 612 793 (15,9)	5 267 161 (13,01)	6 228 211 (16,64)
	Sul	1 026 000 (20,3)	2 419 600 (18,80)	2 726 400 (19,19)
Ponta máxima (MW)	Norte	164,4	328,9	374,2
	Sul	51,5	128,9	141,7
Repartição percentual das principais classes de consumo	Distribuidoras	48,2	44,9	44,0
	Têxteis	11,2	8,5	8,9
	Químicas	10,5	9,1	8,3
	Cimento	5,9	3,9	4,1
Número de clientes de alta tensão	Norte	667	1 137	1 230
	Sul	148	326	362
	Total	815	1 463	1 592
Número de clientes de baixa tensão		35 486	67 670	73 180
Número de postos de transformação	Norte	1 074	1 782	1 898
	Sul	295	612	692
	Total	1 369	2 394	2 590
Potência ligada (MVA)	Norte	351	819,6	875,0
	Sul	110	304,4	333,9
	Total	461	1 124	1 208,9
Contratos novos		27	76	86

Os números atrás referidos permitem-nos apreciar como se processou a vida da Empresa durante o ano de 1973.

A energia vendida atingiu 2 536 539 508 kWh, contra 2 248 682 210 kWh em 1972, tendo-se registado assim um aumento de 287 857 298 kWh, correspondente a cerca de 13 %.

Os aumentos de consumo verificados nos últimos cinco anos foram os seguintes:

1969	118 GWh	8,1 %
1970	155 »	9,8 %
1971	157 »	9,0 %
1972	192 »	10,1 %
1973	288 »	12,8 %

A taxa de crescimento que em anos anteriores se mantinha ao nível dos valores normais para países em desenvolvimento, apresentou sensível acréscimo no ano de 1973.

A central do Lindoso forneceu 249 168 887 kWh sendo o restante recebido principalmente através da rede primária da Companhia Portuguesa de Electricidade.

A emissão máxima diária nas redes do Norte e do Sul foi, respectivamente, de 6 228 211 kWh e de 2 726 400 kWh, com utilizações diárias de 16,64 e de 19,19 horas. Estes valores verificaram-se, respectivamente, nos dias 12 e 20 de Dezembro, tendo as pontas máximas das nossas redes atingido 374,2 MW no Norte e 141,7 MW no Sul, ambas no dia 12 de Dezembro.

No quadro respectivo indica-se a repartição percentual das várias classes de consumo, continuando as distribuidoras a ocupar lugar de relevo (44 %), seguidas das têxteis (8,9 %) e das químicas (8,3 %).

Contratos e clientes

Durante o ano de 1973 firmaram-se contratos com 86 novos consumidores, correspondendo a uma potência de cerca de 75 MVA o que elevou o número total de consumidores em alta tensão a 1 592 e a potência ligada à rede a 1 209 MVA.

Prossegue o desenvolvimento satisfatório da Empresa criando-lhe crescentes responsabilidades na satisfação dos consumos que terão de continuar a ser assegurados com a melhor qualidade de serviço.

Destacam-se os novos contratos pela elevada potência média pedida, o que se traduz num aumento anual muito sensível.

Obras e projectos

Continua a intensificar-se o investimento feito anualmente pela U. E. P., só possível em grande parte pelo esforço dos serviços da Empresa, cuja produtividade tem vindo gradualmente a ser melhorada, quer pela adaptação das suas estruturas quer pelo aperfeiçoamento dos métodos utilizados. Esta melhoria tem sido, no entanto, cada vez mais absorvida pelos substanciais aumentos dos encargos com materiais e mão-de-obra, que podem vir a ter reflexos muito sensíveis nos futuros investimentos.

Os quadros anexos permitem avaliar o intenso labor dos serviços técnicos da Empresa, neles se assinalando como obras mais significativas as de montagem e ampliação de subestações e de construção de linhas a 60 kV.

Além das obras em curso de remodelação da subestação do Freixo (Porto) e da nova subestação de Setúbal, já iniciadas noutro exercício, encontravam-se em construção ou em fase adiantada de preparação mais 9 subestações, outras 7 tinham sido ampliadas e estavam concluídas ou em vias de conclusão mais 4.

Construiram-se em 1973 mais de 80 km de linhas a 60 kV com um aumento superior a 50 % sobre as construídas no ano anterior.

Continuamos esperançados em que se venha a encontrar solução conveniente para o problema da limitação a 60 kV da tensão máxima de distribuição que, a manter-se na situação actual, poderá vir a criar sérios embaraços em futuro próximo.

Na rede de média tensão (30, 15 e 6 kV) construiram-se mais 120 km de linhas e ramais, efectuando-se cerca de 240 trabalhos de reforço e modificação de linhas. Em relatórios anteriores já tem vindo a chamar-se a atenção para este assunto que implica um substancial aumento de encargos. O desenvolvimento urbano e o aumento do ritmo de construção de prédios, mesmo em zonas não urbanas, é responsável por essa grande quantidade de modificações de traçados de linhas.

Na totalidade a rede de alta tensão atingiu 4 486 km, com um aumento de 203 km em relação ao ano anterior, e a sua composição, por níveis de tensão, é a seguinte:

ENERGIA FORNECIDA EM ALTA TENSÃO NO ANO DE 1973

Classes de consumo	NORTE (kWh)	SUL (kWh)	TOTAL (kWh)	% por classes
Distribuidoras				
— próprias (concessões de BT)	—	79 084 042	79 084 042	3,1
— outras	911 693 799	128 322 628	1 040 016 427	40,9
Industrias				
— têxteis	225 127 307	1 313 400	226 440 707	8,9
— químicas (excepto electroquímicas)	10 913 141	200 311 955	211 225 096	8,3
— da fabricação de cimento	16 585 063	88 438 356	105 023 419	4,1
— da construção de material de transporte	2 331 277	68 936 969	71 268 246	2,8
— da alimentação (excepto indústrias das bebidas)	32 488 929	29 660 150	62 149 079	2,5
— da pasta de papel e dos artigos de papel	40 368 324	12 643 250	53 011 574	2,1
— da olaria, porcelana e faiança	35 741 757	1 181 215	36 922 972	1,5
— da construção de maquinas (excepto electricas)	25 133 167	2 183 815	27 316 982	1,1
— (básicas) de metais não ferrosos (excepto indústrias electrometalurgicas)	24 913 718	1 063 560	25 977 278	1,0
— da cortiça	5 949 026	19 889 806	25 838 832	1,0
— da fabricação de produtos metalicos (excepto maquinas)	24 403 858	1 273 110	25 676 968	1,0
— da borracha	11 616 250	11 931 891	23 548 141	0,9
— de outros artigos da construção civil	5 605 580	14 847 796	20 453 376	0,8
— de produtos não especificados	19 645 619	—	19 645 619	0,8
— da madeira (excepto de mobílias)	18 685 702	191 010	18 876 712	0,8
— de calçado, artigos de vestuário e têxteis em obra	15 315 661	1 910 245	17 225 906	0,7
— da elevação de águas (exceptuando na agricultura)	1 643 305	11 485 191	13 128 496	0,5
— das bebidas	9 809 040	987 456	10 796 496	0,4
— da fabricação de vidro e artigos de vidro	10 101 794	—	10 101 794	0,4
— (outras) indústrias extractivas (mineiras)	3 807 132	5 347 000	9 154 132	0,4
— de curtumes e artigos de couro e pele (excepto calçado e outros artigos de vestuário)	7 957 254	—	7 957 254	0,3
— da construção de máquinas, aparelhos, utensílios e outro material eléctrico	4 564 465	2 826 540	7 391 005	0,3
— da construção e obras públicas	1 832 455	1 136 848	2 969 303	0,1
— do mobiliário	2 060 960	22 350	2 083 310	0,1
— da tipografia, editoriais e indústrias conexas	1 888 494	—	1 888 494	0,1
dos derivados do petróleo bruto e do carvão (refinarias de petróleo bruto)	2 608 400	—	2 608 400	0,1
— dos derivados do petróleo bruto e do carvão (excepto refinarias)	—	1 058 692	1 058 692	0,0
— dos derivados do petróleo bruto e do carvão (fabricação de gases combustiveis)		850 200	850 200	0,0
— (básicas) do ferro e do aço (excepto industrias electro-metalúrgicas)	988 235	—	988 235	0,0
— electroquímicas	413 400	—	413 400	0,0
— da extracção de carvão (inclusivamente lignite)	391 735	—	391 735	0,0
— «outras indústrias»	23 745 794	49 465 799	73 211 593	2,9
Outras empresas	284 678 407	—	284 678 407	11,2
Agricultura	1 844 631	4 954 407	6 799 038	0,3
Diversas	9 627 775	6 314 612	15 942 387	0,6
Totais	1 794 481 454	747 632 293	2 542 113 747	100 0

NOVAS SUBESTAÇÕES E AMPLIAÇÕES

Designação	Concelho	Tensão (kV)	Potência (MVA)	Observações
Albergaria	Albergaria-a-Velha	60/15	1 × 20	Em construção
Avanca	Estarreja	60/15	2 × 10	Ampliação 60 kV, AVANCA II
Aveiro	Aveiro	60/15	1 × 20 1 × 10	Ampliação
Ermesinde	Valongo	60/15	1 × 20	Em estudo; terreno adquirido
Freixo	Porto	130/60/15 60/15	2 × 35 1 × 20	Remodelação em curso
Gafanha	Ilhavo	60/15	1 × 20	Encomendada
Lindoso	Ponte da Barca	60/15	1 × 2,5	Substituição de transformador
Maia	Maia	60/15	1 × 31,5	Em construção
Mogofores	Anadia	60/15	1 × 20	Ampliação
Mortágua	Mortágua	60/15	1 × 5	Em construção
Oliveira de Azeméis	Oliveira de Azeméis	60/15	1 × 20	Montagem e ligação do transformador de 20 MVA
Ovar	Ovar	60/15	1 × 20	Idem, idem
Paços de Ferreira	Paços de Ferreira	60/15	1 × 20	Idem, idem
Ponte	Braga	130/15	2 × 20	Idem, idem
St.ª Cruz do Bispo	Matosinhos	60/15	1 × 20	Telecomando em montagem
Valongo	Valongo	60/15	1 × 20	Em estudo, terreno adquirido
S. Sebastião	Setúbal	60/30/15	2 × 31,5 1 × 10	Em construção
Santana	Sesimbra	60/15	1 × 20	Encomendada
Coina	Barreiro	60/30/15	2 × 20	Ampliação
Sobreda	Almada	60/30/15	2 × 20	Ampliação
Santiago	Santiago do Cacém	60/30/15	1 × 10 1 × 20	Ampliação
Sado	Setúbal	60/30	1 × 20	Em estudo
Comporta	Alcácer do Sal	60/30	1 × 20	Em estudo, terreno adquirido

LINHAS A 60 kV

Designação	Comprimento (km)	Secção (mm²)	Material	Observações
Ruivães-Paços de Ferreira	16	2 × 160 3 × 160	Aço	Concluída em serviço
Ovar	0,7	3 × 160	Aço	Concluída, em serviço
Avanca-Oliveira de Azeméis	8	3 × 160	Aço	Concluída, em serviço
Santa Clara-Cinorte	14,7	6 × 160	Aço	Em construção
Relvinha (C. M. C.)	2,7	3 × 325	Aço	Adjudicada a construção
Mogofores-Mortagua (prolongamento)	1,8	3 × 160	Aço	Em construção
Mortagua-Aguieira	8,1	3 × 60	Aço	Em construção
Maia-Vermoim	1,4	3 × 325	Aço	Adjudicada a construção
Avanca-Albergaria	10,7	3 × 160	Aço	Em estudo
Aveiro-Gafanha	7	3 × 160	Aço	Em estudo
CPE Moita	17,9	3 × 325	Aço	Entrada em serviço
Coina-Sobreda II	9,1	3 × 160	Aço	Adjudicada a construção
S. Sebastião-Setenave I e II	2 11,4	2 (3 × 325)	Aço	Em construção
CPE S. Sebastião	2,3	3 × 325	Aço	Em projecto

REDES DE ALTA TENSÃO

	1963	1972	1973
Norte	1 902 km	2 970 km	2 777 km
Sul	687 km	1 413 km	1 709 km
Total	2 989 km	4 283 km	4 486 km

	1968	1972	1973
60 kV	15,7 %	16,3 %	17,4 %
30 kV	25,4 %	24,2 %	23,7 %
15 kV	53,0 %	53,5 %	52,9 %
6 kV	5,9 %	6,0 %	6,0 %

A observação destas percentagens permite-nos avaliar a relativa estabilidade da composição da rede, notando-se no entanto em 1973 um sensível aumento em percentagem da rede a 60 kV.

A distribuição em baixa tensão

Em relatórios de exercícios anteriores temos vindo consecutivamente a insistir sobre a atenção que este sector nos merece não só pelo desenvolvimento verificado na zona onde se exerce como também pelo critério seguido actualmente na outorga de concessões.

A responsabilidade que nos cabe como concessionários da distribuição em baixa tensão não nos permite descurar, quer a realização dos substanciais investimentos necessários quer a manutenção de uma boa qualidade de serviço, muito embora desconheçamos o que se irá passar quando as concessões terminarem.

As Câmaras Municipais dos concelhos onde desenvolvemos esta actividade — com especial relevo para o de Almada que viu recentemente a sua sede, muito merecidamente, ser elevada a cidade — têm-nos prestado uma colaboração muito valiosa pelo que lhes deixamos expresso neste relatório a nossa muita consideração e apreço.

Situação energética

O final do ano de 1973 ficou assinalado pela grave crise que afectou o mercado da energia primária com a limitação e encarecimento da produção de produtos petrolíferos.

Atendendo à intervenção do fuel-óleo na produção da energia eléctrica, os reflexos da situação criada far-se-ão certamente sentir, mais tarde ou mais cedo, no nosso sector.

Para além das razões políticas que precipitaram o nascimento da crise energética que o mundo atravessa parece poder concluir-se que os preços praticados para a energia primária e, consequentemente, para outras formas dela derivadas — entre as quais se destaca a energia eléctrica — estavam desactualizados há já algum tempo causando distorções mais ou menos profundas na procura, cujos efeitos, perante a situação agora criada, serão dificilmente controláveis.

Limitamo-nos na fase actual a seguir com toda a atenção o desenrolar dos acontecimentos e as suas eventuais implicações sobre o mercado da energia eléctrica.

Economia e contas

Aos 130 597 contos que o aparelho industrial e orgânico da Empresa exigiu em 1973 tiveram de se juntar 79 908 contos retidos em consumidores, não só como natural consequência da intensificação e desenvolvimento do giro comercial como também, e em larga medida, pelos atrasos de pagamento com que alguns Organismos vão satisfazendo a regularização dos seus encargos — impondo assim à Empresa funções de financiamento que não lhe devem caber.

Tanto pelo que já foi realizado como pelo que está sob planeamento próximo, a contínua e ininterrupta necessidade de afluência de capitais para a actividade investidora em que a União Eléctrica Portuguesa está envolvida e a que não pode nem quer furtar-se, tem sido objecto de cuidadosa atenção.

A cobertura das necessidades financeiras tem continuado a ser feita pelo recurso ao mercado de capitais, pelo autofinanciamento do que fica definitivamente retido no aparelho industrial, pela utilização temporária da cobertura legalmente incorporada nas estruturas tarifárias (quotas de reintegração e quotas de reversão, como incontestáveis encargos cujo «vencimento» em dinheiro se há-de verificar mais tarde) e ainda pelo recurso aos créditos bancários a curto prazo. É evidente que a última fonte é mais ou menos ocasional — e por isso mesmo foi já solicitada autorização oficial para a efectivação de uma operação mais estável, constituída pela emissão de 100 000 obrigações do valor nominal de 1 000$00, a cujos subscritores será garantido, tal como numa anterior operação do mesmo tipo, o direito de participarem numa próxima emissão de acções, ao par, destinada à elevação do capital da Sociedade.

Pode-se atribuir à dimensão da Empresa e às suas possibilidades de acção interna, o relativo nivelamento que, ao longo de sucessivos exercícios e à parte as oscilações de pequena amplitude, os seus números de base da exploração e da acção comercial apresentam.

No Norte, por exemplo, a chamada «utilização» de potências máximas permitiu melhorar em 1973, embora muito ligeiramente, o preço da energia emitida para a respectiva rede.

Os preços médios de venda mostram, em relação a 1972, fraquíssimas oscilações — por vezes com sentido de redução, como veio a suceder na grande distribuição da zona Norte.

Como redução de preço mais sensível, a juntar à que já se registara na transição 1972 73, salienta-se a da baixa tensão, nas concessões municipais do distrito de Setúbal, em que o preço médio de venda ao público desceu cerca de 2 %.

O balanço e as contas subsidiárias de resultados apresentam-se subordinados sensivelmente ao tipo anteriormente estabelecido, no qual se procura traduzir o conceito materialista e económico que está na sua raiz.

Continua a conta de «Resultados Gerais» a apresentar suplementarmente os números que, para informação por «natureza» e sem dúvida para efeitos de «análise externa», o Decreto-lei n.º 49 381 requer.

Foram destacadas da conta de «Reservas Especiais», para a de «Reservas de Utilização Condicionada» as parcelas instituídas oportunamente e sob o plano oficialmente sancionado como fontes de cobertura de encargos futuros de reintegração e de reversão relativos a instalações de grande distribuição.

Neste dispositivo ingressaram em 1973 novas afluências da mesma natureza e origem e ainda as provenientes da pequena distribuição, que constituem a parte mais substancial.

Com a actualização de remunerações a que se procedeu durante o exercício, os encargos com o pessoal agravaram-se em cerca de 20 %, não tendo aumentado o número de empregados em serviço activo.

Proposta de aplicação de resultados

Cumprido o disposto no n.º 2 do artigo 12.º dos Estatutos, a conta de «Resultados Gerais» apresenta um saldo de 63 628 434$68 para o qual propomos a seguinte aplicação:

Fundo de reserva legal . . .	4 000 000$00
Dividendo a distribuir . . .	50 000 000$00
Gratificação a todo o pessoal	6 000 000$00
Para novo exercício	3 628 434$68
	63 628 434$68

Organização e actividade social

Em actividade social despenderam-se 17 408 963$88 durante o ano havendo ainda a acrescentar a contribuição da Empresa, no valor de 15 530 627$05, para a Caixa de Previdência e Fundo de Socorro Social referente ao pessoal.

Da quantia gasta, cerca de 53 % representa a contribuição da Empresa para melhoria supletiva dos benefícios da Previdência e concessão de outros benefícios que se entendeu conveniente facultar.

A formação e aperfeiçoamento profissionais continuaram a merecer especial atenção procurando-se uma valorização constante dos nossos empregados.

Dentro da mesma linha de orientação concederam-se subsídios e facilidades ao pessoal que se mostrou interessado no prosseguimento de estudos; foram ainda concedidas, como é habitual, bolsas de estudo aos filhos de alguns dos nossos colaboradores.

Prosseguiu a criação de um esquema de segurança apropriado e desenvolveu-se a acção da Medicina do Trabalho.

Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade

Continuámos a prestar a nossa mais dedicada colaboração a este organismo representativo do sector eléctrico, na convicção de que ele é um elemento altamente válido no contexto económico nacional.

O Grémio continuou durante o ano de 1973 a sua meritória acção a favor da indústria e do país, realizando trabalhos ao nível do sector e procurando atingir objectivos que a todos interessem e digam respeito.

Depois de laboriosas negociações e da intervenção de uma Comissão Arbitral entrou finalmente em vigor, a partir de 1 de Setembro de 1973, o novo Contrato Colectivo de Trabalho abrangendo todo o pessoal da indústria de electricidade.

Documento de aplicação funcional bastante mais complicada que o anterior introduz encargos apreciáveis na nossa Sociedade.

A acção desenvolvida pelo Grémio após a entrada em vigor do Contrato Colectivo de Trabalho tem contribuído para esclarecimento dos diversos aspectos de aplicação mais duvidosa, com o objectivo de permitir a criação de critérios uniformes entre as diversas Empresas.

Comparticipação noutras Empresas

Prestámos a melhor colaboração às Empresas em que estamos directamente interessados e a cujos Corpos Gerentes pertencemos, procurando encontrar as melhores soluções e apoiando as iniciativas que possam contribuir para o seu desenvolvimento a bem da economia nacional.

Corpos gerentes

Em princípios de Junho do corrente ano, a morte arrebatou o nosso distinto e estimado colega do Conselho de Administração Don Enrique de Uriarte y Humaran, Engenheiro e administrador competentíssimo, colaborou, desde a fundação da Empresa no seu desenvolvimento e expansão, primeiro como consultor e desde 1936 como membro do seu Conselho de Administração. Compreensivo e muito ponderado na apreciação dos problemas, afável no trato, irradiando simpatia, a sua falta foi profundamente sentida por todos nós.

Foi chamado a preencher a vaga, a confirmar na próxima Assembleia Geral, Don Tomás de Astigarraga y Amézaga, engenheiro também de elevados méritos e que vem prestando valiosa colaboração à Empresa desde a sua origem.

Ficou também tristemente assinalado para nós o dia 26 de Maio de 1973 com o falecimento do Director-Gerente da União Eléctrica Portuguesa, Engenheiro Mamede de Sousa Fialho, cujo estado de saúde nos vinha inspirando as maiores preocupações desde há algum tempo. A sua perda foi sentida com grande amargura por todos os que com ele privaram ou colaboraram. Dotado de esclarecida inteligência, elevada competência profissional, vincada energia e grande capacidade realizadora, pôs as suas apreciáveis qualidades ao serviço da nossa Sociedade durante cerca de 40 anos, 30 dos quais no desempenho do alto cargo de Director-Gerente que, até 1970, desempenhou em conjunto e íntimo entendimento com o saudoso Engenheiro Paulo de Barros. Por isso a memória do Engenheiro Mamede Fialho perdurará em todos os que trabalham na U. E. P. e o seu exemplo de dirigente competente não se apagará do nosso pensamento.

Em 15 de Março de 1973, em virtude do agravamento irreversível da doença do Engenheiro Fialho, foi decidido entregar a Gerência da Sociedade aos Subdirectores-Gerentes em exercício, Engenheiros Raul Bessa e Luiz Calheiros Braga, que assim assumiram, desde essa data, os cargos de Directores-Gerentes. Colaboradores directos da Gerência há bastantes anos, as suas altas qualidades de inteligência, a larga experiência adquirida e a sua provada dedicação à Empresa são garantia de uma actividade profícua no desempenho das elevadas funções que lhes foram confiadas.

Agradecimentos

Ao Senhor Delegado do Governo, Engenheiro Fernando Soares Carneiro, manifestamos o nosso melhor reconhecimento pelo interesse com que acompanhou a resolução dos nossos problemas, prestando-nos a melhor colaboração no âmbito das suas funções, que vem exercendo com elevado aprumo e comprovada inteligência.

Ao Conselho Fiscal exprimimos os melhores agradecimentos pela excelente colaboração prestada durante todo o ano.

A Gerência e seus próximos colaboradores são merecedores da nossa gratidão e dignos do maior louvor pelas provas de grande competência e dedicação reveladas na resolução dos numerosos e complicados problemas surgidos ao longo do ano.

A todo o pessoal testemunhamos a nossa grande satisfação pela elevada competência demonstrada na execução dos diversos trabalhos e pela sua firme dedicação à Empresa.

Às entidades bancárias, nomeadamente Banco de Portugal, Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, Banco Pinto & Sotto Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Totta & Açores e Banco Borges & Irmão, manifestamos os nossos agradecimentos pelo apoio que sempre nos prestaram e que muito contribuiu para facilitar a nossa árdua missão.

Porto, 19 de Fevereiro de 1974

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

José Francisco Corrêa Matoso — Presidente
Victor de Urrutia y Usaola — Vice-Presidente
José María de Oriol y Urquijo
Fernando Baeta Bissaya Barreto
Alexandre Alberto de Sousa Pinto
Emilio de Usaola y Barrenengoa
Julio de la Mora y Garay
José Gualberto de Sá Carneiro
Luís María de Ibarra y Oriol
Joaquim da Luz Cunha
Alexandre Nobre dos Santos
Tomás de Astigarraga y Amézaga

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

U. E. P. — Balanço em 31 de Dezembro de 1973

ACTIVO	Investimento	Reintegrações		
1) — DISPONÍVEL				
Títulos de Capital			142 673 995$47	
Participações de Capital por Quotas			252 300$00	142 926 295$47
2) — CIRCULANTE				
a) — Fluido				
Dinheiro			3 673 437$30	
Depósitos Bancários			18 227 937$43	
			21 901 374$73	
b) — Créditos				
Créditos sobre Clientes			390 532 243$72	
Créditos e Débitos Gerais (créditos)			51 733 521$84	
Accionistas			263 300$16	
			442 529 065$72	
c) — Permutável				
Material em Armazém				
— Materiais inventariados em depósitos + 72 868 916$13				
— Depreciações por obsolência — 3 399 780$54			69 469 135$59	
Material de Propriedade Alheia			1 128 001$46	
Material a Receber			103 927 970$70	
Serviços de Oficinas (em curso)			7 566 228$79	
			182 091 336$54	646 521 776$99
3) — FIXO				
a) — De investimento humano				
Meios de formação antropotécnica				
— Investimento + 298 141$92				
— Amortização — 205 125$57			93 016$35	
			93 016$35	
b) — De investimento corpóreo				
Móveis, Utensílios e Biblioteca	24 875 208$49	17 943 518$00	6 931 690$49	
Veículos	11 720 328$15	7 841 057$67	3 879 270$48	
Material em Instalações Alheias	51 658 867$02	31 935 162$72	19 723 704$30	
Aparelhos, Ferramentas e Instalações Acessórias	34 919 572$59	20 562 951$53	14 356 621$06	
Oficinas Gerais	2 284 734$49	1 883 751$10	400 983$39	
Redes de Baixa Tensão	175 626 813$22	76 340 338$53	99 286 474$69	
Subestações e Postos de Seccionamento	396 189 731$36	155 731 764$24	240 457 967$12	
Linhas de Alta Tensão	605 995 135$24	240 260 476$44	365 734 658$80	
Edifícios de Serviço Próprio e Terrenos	63 320 644$82	26 552 714$57	36 767 930$25	
	1 366 591 035$38	579 051 734$80	787 539 300$58	787 632 316$93
Total do Activo				1 577 080 389$39
VALORES DE COMPENSAÇÃO				
Cauções de Administração			650 000$00	
Cauções Alheias			8 365 889$00	
Créditos por Cauções Prestadas			104 042 041$10	
Valores em Depósito			650 000$00	113 707 930$10

PASSIVO			
DÉBITOS			
a) — De vencimento imediato			
Retribuições do Pessoal	173 810$42		
Débitos por Resgate de Obrigações	7 028 511$15		
Juros de Empréstimos (vencidos)	9 992 932$56		
Débitos Gerais por Aquisições e Serviços	59 626 498$74		
Créditos e Débitos Gerais (débitos)	77 343 373$97		
Dividendos Vencidos	6 865 271$87	161 030 398$71	
b) — De vencimento a curto prazo			
Letras a Pagar	61 176 177$20		
Débitos por Aquisição de Energia	54 489 325$07		
Obrigações de Resgate Próximo	16 195 900$00		
Provisões para Débitos a Liquidar	50 628 494$60	282 489 896$87	
c) — De vencimento a longo prazo			
Financiamentos	63 000 000$00		
Obrigações de Resgate Diferido	191 203 600$00		
Quotas de Reversão	148 481 126$43	402 684 726$43	846 205 022$01
Total do Passivo			846 205 022$01
SITUAÇÃO ACTIVA			
1) — DE CONSTITUIÇÃO			
Capital		500 000 000$00	
2) — ACUMULADA			
Fundo de Reserva Legal	53 307 945$34		
Fundo Variável para Amortizações	8 650 000$00		
Reservas Especiais	24 697 332$21		
Reservas de Utilização Condicionada	38 591 655$15		
Fundo de Reserva Extraordinário	42 000 000$00	167 246 932$70	
3) — DE EXERCÍCIO			
Resultados Gerais		63 628 434$68	730 875 367$38
Total da Situação Activa			730 875 367$38
VALORES DE COMPENSAÇÃO			
Débitos por Cauções de Administração		650 000$00	
Débitos por Cauções Alheias		8 365 889$00	
Cauções Prestadas		104 042 041$10	
Débitos por Valores em Depósito		650 000$00	113 707 930$10

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
A. Tavares Júnior

Pelo CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,
OS DIRECTORES-GERENTES
Raul Bessa *Luiz Calheiros Braga*

"EXPLORAÇÃO"
(ACTIVIDADE INDUSTRIAL — ZONA NORTE)
1973

ENCARGOS		RENDIMENTOS ACESSÓRIOS («subprodutos» de exploração)	
Energia Emitida	599 578 575$19	Aluguer de Material	803 809$10
Encargos de Conservação e Reparação	7 897 991$66	Serviços de Conta Alheia *(de nat. indust.)* e Vendas *(parcial)*	150 462$88
Encargos Gerais de Exploração	37 276 143$78	*Custo de Exploração (industrial)*	680 767 114$63
Contribuições e Impostos *(parcial)*	9 136 473$73		
Reintegração de Subestações e Postos de Seccionamento	9 847 385$20		
Reintegração de Linhas de Alta Tensão	15 293 048$46		
Reintegração de Edifícios de Serviço Próprio *(industriais)* e Terrenos	289 090$99		
Reintegração de Material em Instalações Alheias	944 988$82		
Reintegração de Aparelhos, Ferramentas e Instalações Acessórias	930 919$67		
Serviço de Transportes Próprios	526 769$11		
	681 721 386$61		681 721 386$61

"EXPLORAÇÃO"
(ACTIVIDADE INDUSTRIAL — ZONA SUL)
1973

ENCARGOS		RENDIMENTOS ACESSÓRIOS («subprodutos» de exploração)	
Energia Emitida	294 760 379$20	Aluguer de Material	5 521 855$00
Encargos de Conservação e Reparação	9 209 767$88	Taxas de Ligação	260 172$80
Encargos Gerais de Exploração	27 132 883$49	Serviços de Conta Alheia *(de nat. indust.)* e Vendas *(parcial)*	261 117$78
Contribuições e Impostos *(parcial)*	5 911 378$12	*Custo de Exploração (industrial)*	366 129 085$72
Reintegração de Subestações e Postos de Seccionamento	7 283 677$00		
Reintegração de Linhas de Alta Tensão	11 976 733$00		
Reintegração de Redes de Baixa Tensão	11 415 743$00		
Reintegração de Edifícios de Serviço Próprio *(industriais)* e Terrenos	110 400$00		
Reintegração de Aparelhos, Ferramentas e Instalações Acessórias	1 513 450$00		
Reintegração de Material em Instalações Alheias	2 154 543$00		
Serviço de Transportes Próprios	110 247$08		
Serviço de Ligações	593 021$53		
	372 172 231$30		372 172 231$30

"RESULTADOS DE EXERCÍCIO"

(ACTIVIDADE COMERCIAL, ADMINISTRATIVA E SOCIAL — ZONAS NORTE E SUL)

1973

ENCARGOS		RENDIMENTOS	
Exploração *(custos industriais)*	1 046 896 200$35	Energia Fornecida	1 255 316 086$56
Encargos Comerciais e Administrativos	38 915 900$23	Juros, Descontos e Diferenças Cambiais *(credor)*	4 044 869$54
Juros, Descontos e Diferenças Cambiais *(devedor)*	2 185 680$83	Serviços de Conta Alheia *(administrat.)* e Vendas *(parcial)*	1 319 924$51
Contribuições e Impostos *(parcial)*	43 998 500$55	Lucros Eventuais	195 352$45
Juros de Empréstimos	15 914 244$77	«Comparticipações» em Reserva Utilizadas	903 188$13
Reintegr. de Móveis, Utens. e Biblioteca	995 008$52	Rendimentos de Assistência Técnica Prestada	441 524$00
Reintegr. de Edifícios de Serviço Próprio *(administrativos)* e Terrenos	571 933$87		
Quotas de Reversão	13 147 420$00		
Serviços Sociais	17 408 963$88		
Obsolência Verificada em Materiais Armazenados	1 107 166$48		
Perdas Administrativas Eventuais	2 245$20		
Reserva para Créditos Incobráveis	3 905 000$00		
Meios de Formação Antropotécnica *(amortização)*	99 380$65		
Serviços de Conta Alheia *(administrat.)* e Vendas *(parcial)*	8 316$29		
Saldo positivo	77 064 983$57		
	1 262 220 945$19		1 262 220 945$19

"RESULTADOS GERAIS"

(CONTA GERAL DA EMPRESA)

1973

ENCARGOS (de natureza geral)			RENDIMENTOS (de natureza geral)		
Exercícios Anteriores		4 532 617$37	**Exercícios Anteriores** (inclui o saldo anterior de 4 447 701$66)		5 804 644$81
Encargos Gerais de Administração		8 687 891$58	**Resultados de Exercício** (das zonas Norte e Sul)		77 064 983$57
Contribuições e Impostos (parcial)		846 042$88	**Rendimentos Gerais**		6 825 358$13
Fundo de Reserva Extraordinário (transf.)		12 000 000$00	**Contas Transitórias**		
Contas Transitórias			**Rendimentos sujeitos a especificação legal**		
Encargos sujeitos a especificação legal			Rendimentos do activo disponível		
Órgãos sociais e Delegação do Governo			Obtidos	+ 6 665 425$75	
Retribuições e outros encargos	+ 6 113 272$28		Integrados	— 6 665 425$75	- $ -
Encargos imputados	— 6 113 272$28	- $ -	Exercício de cargos		
Publicidade			Rendimento obtido	+ 101 232$38	
Encargos suportados	+ 84 997$40		Rendimento integrado	— 101 232$38	- $ -
Encargos imputados	— 84 997$40	- $ -	Rendimentos financeiros		
Material (excepto para investimento)			Obtidos	+ 5 246 027$85	
Material consumido	+ 12 793 852$52		Integrados	— 5 246 027$85	- $ -
Custos de material imputados	— 12 793 852$52	- $ -	Serviços de assistência técnica prestados		
Remunerações e outros encargos com o pessoal (excepto para auto-investimento)			Valores atribuídos	+ 441 524$00	
Retribuições directas e indirectas a pessoal	+ 120 213 678$32		Valores imputados	— 441 524$00	- $ -
Custos de pessoal imputados	— 120 213 678$32	- $ -			
Provisões					
Estabelecidas	+ 12 378 303$20				
Atribuídas ou imputadas	— 12 378 303$20	- $ -			
Reintegrações					
Estabelecidas	+ 64 760 148$62				
Imputadas	— 64 760 148$62	- $ -			
Encargos fiscais e parafiscais					
Suportados	+ 42 203 105$03				
Integrados	— 42 203 105$03	- $ -			
Amortizações					
Estabelecidas	+ 99 380$65				
Imputadas	— 99 380$65	- $ -			
Balanço		63 628 434$68			
		89 694 986$51			89 694 986$51

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
A. Tavares Júnior

Pelo CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,
OS DIRECTORES-GERENTES
Raul Bessa *Luiz Calheiros Braga*

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Submetemos à vossa apreciação o relatório e parecer que nos compete legalmente elaborar com relação ao exercício findo.

Relatório

1. No decorrer do ano de 1973 pôde o Conselho Fiscal, em conjunto e também isoladamente, por intermédio dos seus membros, acompanhar de perto o exercício da actividade do Conselho de Administração de quem recebeu oportunos esclarecimentos, informações e todas as facilidades para bem cumprir a missão que lhe está assinalada na lei.

Periodicamente foram feitos exames aos livros de registos contabilísticos e bem assim a outros documentos da Sociedade; se acompanharam os sorteios de obrigações, em conformidade com os planos estabelecidos aquando das respectivas emissões; e também se verificaram a extensão da caixa e a existência de outros bens e valores. E como sempre vem sucedendo, tudo se encontrava em perfeita regularidade.

2. Presente o relatório do Conselho de Administração; analisados o balanço e contas, é de franco aplauso e testemunho de concordância o parecer do Conselho Fiscal.

Algumas notas, todavia, se pretende deixar aqui assinaladas.

O relatório apresenta-se elaborado com justeza e perfeito equilíbrio; e as referências que nele se fazem ao balanço e à conta de resultados e a outros elementos, dão uma imagem exacta da vida da Empresa e traduzem com clareza a evolução da gestão social dos diferentes sectores em que a sua actividade se verificou; o balanço e as contas da exploração e de resultados apresentam-se em termos de exactidão, podendo afirmar-se que os critérios valorimétricos adoptados conduzem a uma correcta avaliação do património da Empresa, e dos resultados da sua exploração. Tudo isto permite uma fácil compreensão da situação económica e da rendibilidade da Sociedade.

3. Ao acréscimo sensível que se vem verificando no volume de energia distribuída, com acentuação no ano de 1973, a Empresa tem respondido, pronta e oportunamente, com a criação de novas instalações e ampliação das existentes, usando de métodos e processos modernos, num alargamento da sua capacidade e buscando incessantemente, e com êxito, uma melhor qualidade de serviço. Isto determina largos investimentos, com os problemas inerentes, aos quais a Empresa continua a fazer face, usando de critérios de acção que, pelo equilíbrio e ajustamento às realidades, merecem aprovação.

Relevantes progressos têm sido obtidos nos domínios da produtividade, resultado de uma orientação conscientemente assumida a que se soma um esforço aturado dos serviços.

Não esquecendo, antes tendo bem presentes os interesses de todo o pessoal, é de destacar que, além das contribuições obrigatórias para os organismos da previdência e outros, a Sociedade por expontânea iniciativa dos seus órgãos responsáveis, despende importantes montantes.

Por tudo o que nos foi dado observar, julgamos ser do nosso dever dirigir felicitações ao Conselho de Administração e à Direcção-Gerência que prosseguem, em demonstração viva da sua capacidade, na gestão eficiente da Empresa.

Devemos deixar aqui consignado o nosso apreço aos técnicos da Sociedade pelo trabalho de envergadura que souberam desenvolver ao longo de 1973.

É também com vivo aprazimento que se faz justa e elogiosa referência à organização e desenvolvimento da Contabilidade da Empresa que conferem especial distinção ao seu responsável.

4. Passaram a exercer as funções de Directores-Gerentes da Sociedade os Senhores Engenheiros Raul Bessa e Luiz Calheiros Braga que, antes, ocupavam os cargos de Subdirectores-Gerentes. São dois elementos que, há anos, servem a Sociedade com muito préstimo e dedicação, tendo revelado especiais qualidades de direcção, ponderados e firmes na acção, inteligentes e dotados de aguda visão na consideração dos problemas que se equacionam.

5. O Conselho Fiscal manifesta o seu profundo pesar pelo falecimento do Administrador Don Enrique de Uriarte y Humaran, que era um engenheiro muito competente e distinto e que prestou grandes serviços à Empresa, desde a sua fundação.

A sua falta é muito sentida e desejamos render-lhe aqui toda a homenagem a que tem direito a boa memória que deixou.

Em sua substituição foi chamado o Senhor Don Tomás de Astigarraga y Amézaga que é uma pessoa de conhecidos méritos, a quem manifestamos o tributo da nossa elevada consideração.

Tivemos o desgosto de ver desaparecer para sempre o Eng.º Mamede Mendes de Sousa Fialho que foi Director-Gerente desta Empresa, à qual prestou os mais relevantes serviços, como sublinha o Conselho de Administração no seu relatório.

Que saudades nos ficam deste companheiro de trabalho que, além disso, era um amigo de cada um de nós!

Merece aqui uma palavra de muito sentido e justo apreço quem, pela sua figura de homem de acção e de carácter, de impecável conduta moral, de viva inteligência e de altas qualidades de dirigente, soube conquistar um lugar de muito destaque nos meios social e industrial do país.

Parecer

O Conselho Fiscal é de parecer:

1.º — que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1973;

2.º — que ao saldo da conta de «Resultados Gerais» seja dada a aplicação proposta;

3.º — que o Conselho de Administração seja louvado pelo trabalho de alto merecimento que soube levar a cabo durante o mesmo exercício;

4.º — que sejam também louvados os Directores-Gerentes Eng.ºs Raul Bessa e Luiz Calheiros Braga pela excelente e devotada acção que souberam desenvolver;

5.º — que seja louvado todo o pessoal, nomeadamente os chefes de serviços, pela dedicação e competência com que souberam agir.

Porto, 19 de Fevereiro de 1974

O CONSELHO FISCAL

Arnaldo Pinheiro Torres — Presidente
Martim Afonso de Castro
José Rivero Romero
Francisco Corrêa Figueira
Rogério Pereira Furtado

HORÓSCOPO

PARA O PERÍODO DE 31 DE MARÇO A 6 DE ABRIL

Pelo ASTRÓLOGO HORUS

ÁRIES

(Para os que nasceram de 21 de Março a 20 de Abril)

AMOR Acontecimentos imprevistos no dominio afectivo exigirão uma revisão dos seus projectos neste capitulo: seja objectivo Um pouco de solidao e por vezes necessaria para encontrar a solucao dos problemas a resolver aproveite este momento para fazê-lo:
DINHEIRO Mantenha os seus projectos tais como foram estabelecidos sem exigir deles mais do que têm possibilidades de dar lhe Por outro lado renuncie a satisfazer certas ambicoes demasiado superfulas e inuteis.
PROFISSÃO Sera aconselhavel que procure manter um certo equilibrio nas suas actividades profissionais pois de contrario estas poderiam desorganizar se com manifesto prejuizo para si e para aqueles que estao na sua dependencia
SAÚDE Periodo de nervosismo irritacao ou mau humor indisposicao fisica e febril

TAURUS

(Para os que nasceram de 21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR Os astros prometem lhe esta semana alegrias em amor tudo coincide a fim de lhe proporcionar chances inesperadas e o fim de obstaculos Satisfacoes sentimentais no quadro da vida familiar
DINHEIRO Continue os seus esforços no sentido de equilibrar a sua situação pecuniaria e profissional Tudo quanto se refira a dinheiro ou bens alheios pode merecer a sua atencao Se for cauteloso podera encontrar se em condiçoes de tirar proveitos financeiros dos seus proprios esforços
PROFISSAO Dedique se de preferencia aquilo que deseja realizar bem e depressa porque e na rapidez que reside o seu sucesso Isto diz respeito particularmente as actividades profissionais quotidianas
SAUDE Tera necessidade de uma grande actividade fisica sadia e repousante consagre seus lazeres e pasteis a desportos vivificantes

GEMINI

(Para os que nasceram de 22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR Sucesso parcial num assunto sentimental porque lhe falta paciencia e adaptacao as ideias da pessoa amada em todo o caso seja paciente Procure ser compreensivo no quadro familiar e afectivo
DINHEIRO A mediocridade de um companheiro de trabalho decepcionalo-a evite comprometer-se ainda mais com ele num empreendimento cujos resultados não deixam duvidas
PROFISSÃO Evite as decisoes bruscas, subitas O atraso numa deslocacao projectada nao e desfavoravel visto que lhe permitira rever os seus planos e modifica-los se isso se tornar necessario
SAÚDE Nao sao de recear preocupacoes de saude durante a semana em curso

CANCER

(Para os que nasceram de 22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR A vida amorosa e familiar nao sera muito prazenteira Havera sem duvida um afrouxamento no plano sentimental A tensao podera ser muito grande Possibilidades de divergencias de opinioes quanto ao que deve ser feito Procure ser mais compreensivo do que e costume pois so tera a ganhar com isso
DINHEIRO Seria conveniente não se envolver em problemas financeiros alheios Nao empreste dinheiro nem assine titulos de favor Se o fizer ver-se-a em apuros A sorte não o favorece em materia de finanças Deste modo, e de toda a conveniência examinar as despesas e nao assumir encargos monetarios sejam eles quais forem

PROFISSAO As influencias astrologicas indicam que tera uma actividade profissional sem duvida bastante desenvolvida e sob certos aspectos enervante Se usar de calma e ponderacao podera obter alguns resultados consideraveis Observe os detalhes Seja pratico Faça uma coisa de cada vez e bem feito
SAÚDE A semana em curso apresenta perigos no que diz respeito a saude pelo que sera aconselhavel tomar as precaucoes aconselhadas pelas circunstancias

LEO

(Para os que nasceram de 23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR A semana sera um pouco dificil mas isso nao o impedira que atinja os seus fins, se souber mostrar tenacidade Entretanto mostre-se mais compreensivo em relacão a uma pessoa que o estima e cuja sinceridade nao deve ser posta de parte nem em duvida
DINHEIRO Satisfacoes devidas a uma organizacao racional dos assuntos pecuniarios e profissionais Conte consigo proprio porque o êxito depende principalmente da sua habilidade pessoal
PROFISSÃO: Não deixe atrasar a sua correspondencia porque se arrisca a atrair a inimizade de um parente que aguarda noticias suas Conceda a atenção aos seus afazeres profissionais
SAUDE Possibilidades do seu estado de saude registar durante esta semana algumas pequenas indisposicoes sem importancia de maior

VIRGO

(Para os que nasceram de 23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR E no ambiente familiar que encontrara principalmente neste periodo mais satisfação Procure nterrar-se dos problemas que com ele se relacionam possui a compreensao necessaria para isso Uma atitude compreensiva no quadro familiar valer-lhe-a uma amizade
DINHEIRO Pode prosseguir no que se refere ao dominio material A feliz conclusao de um negocio ou empreendimento proporcionar lhe a a tranquilidade desejada Agradaveis deslocacoes em perspectiva
PROFISSÃO Periodo calmo no trabalho profissional Tendencia profissional um pouco frouxa, mas regular no seu desenvolvimento Tirara partido dos contactos humanos que adquiriu durante a sua actividade profissional recente Boas perspectivas de eito para o futuro material e profissional
SAÚDE Se viver racionalmente estara livre das enfermidades durante esta semana

LIBRA

(Para os que nasceram de 23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR Propicio as boas harmonias bem como para resolver os assuntos relacionados com os interesses familiares Benefico para efectuar matrimonios As amizades podem contribuir para o seu bem-estar e segurança
DINHEIRO Todas as diligencias que fizer serao bem correspondidas financeiramente Nao seja sentimentalista e defenda os seus interesses pois pode tirar partido da posicao favoravel que se aproxima
PROFISSÃO Optimo para por em pratica os seus conhecimentos Nao hesite e proceda de maneira a nao dar em duvida os seus meritos profissionais Indicado para atingir maior desenvolvimento Aja com energia e nao deixa passar despercebida a oportunidade deste aspecto semanal
SAUDE Passara por um periodo auspicioso em relação a saude Os nativos desta influencia zodiacal que se encontrem doentes terão sensiveis melhoras repentinas

SCORPIUS

(Para os que nasceram de 23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR As influências astrais referentes aos assuntos amorosos sao magnificas Boas perspectivas familiares alegria e boa disposição Havera entusiasmo no prosseguimento do seu objectivo. A espiritualidade deixa boa impressão no meio das suas relações sociais
DINHEIRO Altura propicia aos assuntos financeiros No circulo cientifico ou mental havera boas compensações Das viagens empreendidas neste periodo de tempo adquirira bons interesses
PROFISSÃO Favoravel para alargar o seu ambito de actividade Os problemas profissionais terao neste periodo aceitaveis e interessantes resolucoes Tudo o que tentar dara resultado e satisfação
SAÚDE Nada de contrario se passara neste campo Melhoria no seu estado fisico

SAGITTARIUS

(Para os que nasceram de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR O periodo e de romance Os seus sentimentos serao demonstrativos e inclinarao para a afectuosidade e boas expressões de amor Porem, uma vez ferida a sua dignidade responderá de uma forma arrebatada, deixando transparecer de maneira inexoravel a sua colera
DINHEIRO Podem surgir interesses monetarios inesperados As despesas durante esta semana serao motivadas especialmente pelo capricho e somente algumas pela necessidade
PROFISSÃO Na actividade profissional ha possibilidades de receber pequenas ajudas e de beneficiar de protecçoes ocultas Não arranje complicações, pelo contrário, deixe que tudo se passe calmamente
SAÚDE A neurastenia sera a causa das suas indisposições de saude alias o reumatismo podera fazer sentir os seus efeitos

CAPRICORNIUS

(Para os que nasceram de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR Tente usar de compreensão para com os seus Não insista demasiado em presença de dificuldades e admita a possibilidade de que nem sempre tem a razão a seu favor
DINHEIRO. Periodo flutuante Alternativas de altos e baixos. Alguns empreendimentos frustrados Não se deixe ultrapassar pelos acontecimentos Todas as hesitações lhe serão prejudiciais
PROFISSÃO E conveniente não fazer alterações sejam de que especie forem Continue firme nos seus propositos profissionais e não pretenda introduzir um grande desenvolvimento nos seus empreendimentos, nem crie novas responsabilidades, pois o momento não lhe traz garantias nem resultados
SAÚDE Irritaçoes nervosas serao a principal causa da sua falta de saude Na verdade se não levar tanto a peito os seus problemas nao tera grande motivo de queixa

AQUARIUS

(Para os que nasceram de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR Semana de amizades curiosas e notaveis intuiçoes que serao causa de sucesso e bem-estar na sociedade e em relação aos amigos Altura de maior popularidade harmonia domestica e amizades que serão de longa duração Disposição amavel e espirito maleavel
DINHEIRO E favoravel aos bons apoios financeiros. Poderá obter protecçoes de pessoas superiores e progredir nos negocios ou empreendimentos, e para tratar de assuntos originais relacionados com o psiquismo e metafisica
PROFISSÃO As coisas caminham melhor Andara com melhor disposição e tera maior interesse nas suas ocupações. Êxito nos empreendimentos e beneficos resultados no tratamento com pessoas do comercio para activar os assuntos destinados a melhorar a sua posição social
SAÚDE As preocupações durante o presente periodo são os incomodos habituais Isto e, os antigos males que podem voltar a actividade

PISCIS

(Para os que nasceram de 20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR Bons entendimentos familiares e harmonia nos casos amorosos e na vida conjugal As boas influências magneticas de que beneficia proporcionam-lhe alegria e compensaçoes no seu meio amistoso
DINHEIRO Alcançara alguns lucros e adiantamentos por conta de projectos e negocios em perspectiva Vantagens na proposicao das suas ideias
PROFISSÃO Os negocios em projectos terao boa realizacao se forem tratados debaio de boa intençao e sobretudo se tiverem o cunho da seriedade A profissao que tiver presentemente caminha sob um aspecto progressivo
SAUDE Pode sofrer de abalos causados pela satisfacao de sensacionais noticias recebidas

Horus
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis de segnda asexta-feira das 14.30 às 20 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

Máquina de lavar louça G 550 "de luxe"

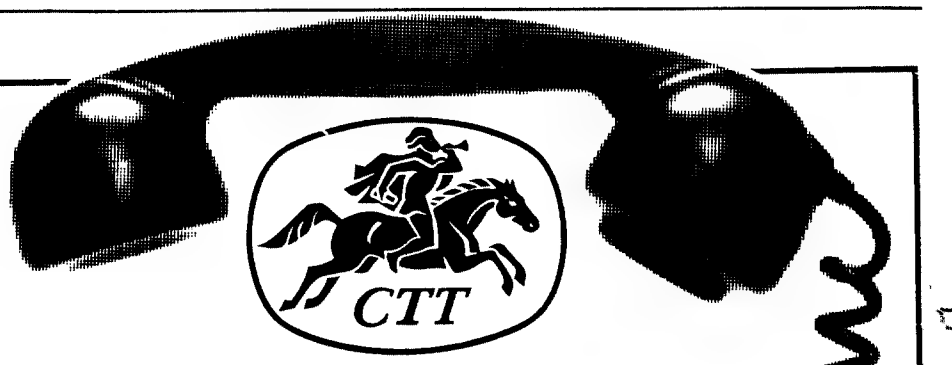
Só MIELE pôde ultrapassar-se a si própria com as suas características especiais, entre as quais:

- 7 programas à escolha
- 3 braços de aspersão rotativos
- Descalcificador de grande capacidade
- Controle de dureza da água
- Secagem turbo-térmica
- Ligação a corrente monofásica ou trifásica
- Interior em aço inoxidável
- Exterior em aço esmaltado

Miele®

CURSOS

● MECANOGRAFÍA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
máq. 029 - 059 - 129 - 1701 - 1710
Início dos cursos: 5 ABRIL
Informações e matrículas no.
EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 325652 — R. do Arsenal, 100 - 1.º

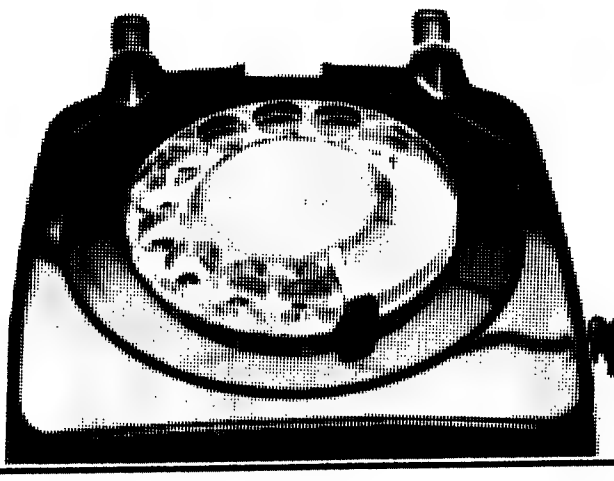


Atenção Setúbal
8 + ... = Lisboa

Assinantes de:

Setúbal
Águas de Moura
Alcácer do Sal
Cabrela
Canha
Casa Branca do Sado
Casebras
Lavre
Palma
Pegões
Santa Suzana
Torrão
Vendas Novas

Desde as 0 horas do dia 30 de Março, para falar para Lisboa basta marcar o **indicativo 8,** seguido do número pretendido.



CIESA NCK

Sporting-Benfica: tudo a postos

Todas as fontes de ruído foram mobilizadas: desde sirenes de carros policiais dos «states» até motores aeronáuticos de reacção... um barulho ensurdecedor, portanto, vai provocar vulcão no Estádio de Alvalade, ainda há poucos meses impávido e sereno perante essa coisa comezinha que era significado da presença no relvado de 22 homens chutando uma bola: e, a pouco e pouco, conquistado por gaitinhas e rocas, cachecóis e gorros, foguetes e morteiros, buzinas e bombos, tambores e charangas. Que está afinal, na base da metamorfose?

Por NEVES DE SOUSA

Apenas isto: um Sporting renovado, que comete a veleidade de surgir na corrida para o título nacional de futebol, dono das melhores credenciais. E a quem basta, já esta tarde, «esmurrar» em sua própria casa o rival mais directo para se acantonar a um passo da coroa de louros mais apetecida por estas redondezas.

Dé (mão esquerda engessada) continuou em estágio

«Leões»

Toda a sorte de guerrilhas psicológicas foram utilizadas: Eusébio joga ou não joga? Haverá ou não controlo «anti-doping»? Cada emblema tentou fazer tremer a estrutura adversária, às vezes (até) com certa piada... Mas, para além disso, a verdade é que os dois «exércitos» estão em «franja», sequiosos do momento de descerem ao palco e, paradoxal e simultaneamente, receosos desse instante inevitável. Porque o Benfica é sempre o Benfica: com ou sem Eusébio. Porque o Sporting é sempre o Sporting: exactamente o mais cotado rival do Benfica...

Enquanto o presidente João Rocha vai fazendo o seu negócio (as «últimas» são as sociedades com Fernando Peres em hotelaria e com a dupla Eusébio-Yazalde em artigos desportivos) o técnico Mário Lino fica na tábua que oscila sobre o precipício: vencer, esta tarde, o duelo em Alvalade, significará a conquista de uma «carta de alforria» que valerá, até perder de vista, uma pequena fortuna.

Não poderá contar com Baltasar, castigado pela Federação, e tem igualmente Larajeira e Tomé incapacitados. Mas, no Centro de Estágio encontra-se um «plantel» de alto coturno. Em face de Fraguito se poder considerar completamente recuperado, cremos que o melhor «team» verde-branco possível, será assim: Damas; Manaca, Bastos, Alhinho e Carlos Pereira; Nelson, Vagner e Fraguito; Marinho, Yazalde e Dinis. Como suplentes, Mário Lino pode afoitamente utilizar Chico ou, um pouco mais a medo, o brasileiro Dé, numa tentativa para animar o jogo de meio-campo ou para rasgar a cortina defensiva encarnada. No centro do seu reduto, seria de conceder (enfim) uma oportunidade a Dani: que para ali anda perdido, sem bem saber da razão porque é permanente observador dos jogos a um pequeno palmo de distância dos companheiros em luta. Quanto a Botelho e Joaquim Rocha, não se entendem bem os motivos porque são preferidos a nomes como Valter (embora a contas com a selecção de juniores, mas em muitos outros domingos à disposição do bloco senior), ou Paulo Rocha ou Moniz ou Palhares, ou qualquer outro dos jovens «leõezinhos», que, «a priori», parecem dignos de uma «chance» (ao menos) das muitas que têm sido dadas ao luso-brasielrio Rocha.

Eusébio

Quanto ao Benfica, estaremos ante uma cartada de poker com «bluff» de todo o tamanho?

Fernando Cabrita levou os seus comandados para Sesimbra, mudando as voltas aos habituais caçadores de autógrafos. Desdenhando das manobras comerciais que tentam impor «treinadores» ao Benfica, a sua direcção rodeou a equipa da serenidade necessária para estar «au point» na hora da «grande decisão» deste campeonato: a calma de Sesimbra é a moldura ideal para os nervos não serem fustigados em demasia.

Quem jogará pelo Benfica? Há nomes imutáveis e nomes em equação. Eusébio será uma «pedra» de última instância, o «fantasma» a atirar para o cenário no momento em que já ninguém pensa no pavor que sempre provoca ante os contendores? Uma incógnita. A avaliar pelas declarações dos responsáveis, o moçambicano não jogará em Alvalade: mas, nestas coisas que sempre têm rodeado o maior futebolista português de todos os tempos, há que ter a pedra no sapato, pois as suas «recuperações clínicas» às vezes até são bruscas de mais...

«Águias»

Bem, adiante. Pensemos, afinal, na «linha» que o técnico benfiquista aponta a toda a gente, dentro do bloco de nomes que convocou: José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Barros e Artur; Toni, Vítor Baptista e Simões; Nené, Jordão e Diamantino. Aqui temos, por ordem de sectores, os «mais prováveis». Isto porém, não exclui a intervenção de qualquer dos outros estagiários (Bento, Adolfo, Rui Rodrigues, Vítor Martins, Nelinho ou José Pedro). Sem esquecermos, é claro, que até pelo telefone já se tem convocado Eusébio para outras intervençoes de última instância...

A única certeza: 15 jogadores terão os cartões na mão do árbitro, aí uma meia hora antes do encontro principiar. E, nessa altura, os dois delegados dos clubes em presença, irão rapidamente espreitar a «linha» contrária, para indicar ao seu técnico. A última e (talvez) a mais útil das formas de espionagem futebolística.

Adolfo, Nené, Barros e Toni: quatro dos benfiquistas para Alvalade, no seu último treino

Dinheiros

Estão em jogo quantias verdadeiramente impressionantes, embora o Benfica não queira confirmar, alto e bom som, o que por aí se sabe em relação ao montante do prémio que oferece aos seus profissionais na hipótese de um triunfo em Alvalade. Será utópico acreditar nos tais 20 contos por cabeça de que se fala aí pelos bastidores?

Quanto ao Sporting circula a notícia de um desembolso pessoal do presidente João Rocha que é de fazer inveja ao mortal comum: mais isto e mais aquilo, com prémios oficiais e particulares, com dinheiro do presidente ou de outros adeptos, cada «leão» que chute a bola na hora e meia de espectáculo pode meter na algibeira perto de 35 contos. E, então, pensar como foi magnífico este mês de Março: o tesoureiro leonino se o Sporting vencer hoje o Benfica, terá de pagar a cada titular que jogou os dois embates com o Zurique, mais as esgrimas com o Montijo e o Guimarães, mais os duelos caseiros com a CUF e o Porto, quantias que roçam os 100 contos. Se acrescentarmos aqui que Chico e Damas estão a ganhar dinheiro que se farta com a venda dos cachecóis e dos gorros, que os comboios e os aviões estão a encher-se de adeptos que não têm o menor pejo em abrir os cordões à bolsa para dar mais uns «cobres» para o «bolo» geral, fácil se torna reparar que é verdadeiramente única esta «hora verde» a dar todo o favoritismo para a vitória mais apetecida neste domingo marciano que, logo para aperitivo, tem os juvenis de Benfica e Sporting, às 11 horas, a jogarem as cristas na Luz. Quem tiver de fazer horas para se entreter até Alvalade, vai lá perto arrumar o carro e sacode os pés até à Luz: porque pode muito bem ir ter o primeiro contacto com um futuro «bota de ouro»

Resta dizer que, sim senhor, há outros jogos de futebol por essas terras fora (Olhanense-Porto, Barreirense-Montijo, Setúbal-Cuf, Boavista-Farense, Leixões-Oriental e Belenenses-Beira-Mar) todos à mesma hora do fulminante «derby». E que, no regresso a penates ainda se pode ver na Televisão o Académica-Guimarães que só começa lá para as cinco e meia. Mas, para quê gastar nova conversa com estes encontros? Enquanto a luta pela sobrevivência não aglutina os interesses gerais, preocupemo-nos em dar ao público apenas o que mais o absorve: e o Sporting-Benfica desta Primavera é o tema, a conversa, a aflição maior, de um bom, um enorme e muito comprimido milhão de portugueses.

YAZALDE:

«Nunca venci o Benfica»

Num apuro de forma extraordinário, o argentino ao serviço do Sporting vai ser a figura principal desta tarde: sobre ele, 60.000 pares de olhos vão esperar o golpe de génio de que já se mostrou capaz.

Yazalde, é o grande cartaz deste domingo de futebol.

Que tarefa lhe terá reservado Mário Lino?

Uma táctica semelhante à que adoptou no jogo contra o F.C. do Porto? Ou outra bem diferente, bem mais baseada no sentido ofensivo, qual seta apontada constantemente ao golo que continua a ser o «foguete» da festa?

Seja como for, a grande vedeta desta tarde, em Alvalade, vai ser Yazalde, vulgo «Chirola». Um Yazalde que tem pedra no sapato:

É verdade: se em três anos de actividade em Portugal, sempre ao serviço do Sporting, já alcancei alguns triunfos memoráveis, o facto é que ainda não consegui ganhar ao Benfica. É até o único clube que ainda não ajudei a derrotar. Julgo que será hoje, porque o Sporting está num apuro de forma extraordinário e eu estou a carrilar bem com os meus companheiros. Se não for hoje, quando será? Faço a mim mesmo esta pergunta, sem conseguir encontrar resposta. E, depois, há a questão do título: se conseguirmos ganhar, temos o caminho mais aberto para a conquista do campeonato. Por aqui se pode avaliar a vontade com que irei entrar em campo...

SIMÕES:

«Vão ser noventa minutos decisivos»

Do outro lado do relvado, comandando os companheiros na luta contra o lógico, estará o pequeno-grande Simões: um homem com muita experiência destes jogos. Para ele, será «apenas» mais um Sporting-Benfica? Ou este terá o seu «quê» especial?

Perante a realidade, Simões justifica-se:

Este jogo vai ser diferente de todos os demais: se nos últimos anos temos vindo a gozar de uma superioridade indesmentível, a verdade é que o Sporting, esta época, nos tem sido superior em valor absoluto. Mas, os campeonatos ganham-se com pontos e não com valor absoluto; e, se ganharmos hoje, em Alvalade, muita coisa poderá ainda acontecer, no que diz respeito ao título. Que penso irá acontecer? Por mim respondo que vamos jogar para a vitória, pois pretendemos demonstrar que estamos ainda na corrida para a conquista do campeonato. Este jogo vai ser «diabólico»: irão ser 90 minutos decisivos. Tudo faremos para proporcionar às gentes felizes que conseguiram o bilhete de ingresso um belo espectáculo desportivo: luta viril mas leal, digna dos dois clubes em confronto. Quem ganhará? Pois esperemos algumas horas mais: se houvesse um vencedor antecipado, não valeria a pena entrarmos em campo...

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Secretaria de Estado da Instrução e Cultura

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

EDITAL

BOLSAS DE ESTUDO PARA A TURQUIA

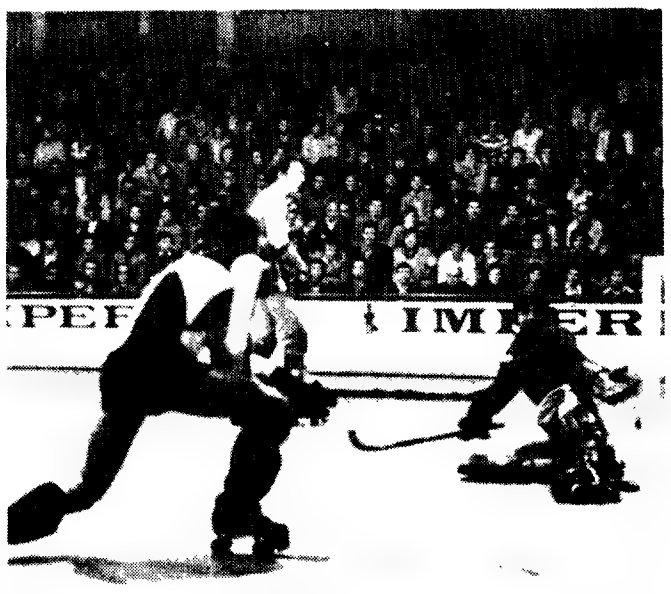
Está aberto até ao dia 26 de Abril p. f. o concurso para atribuição de 2 bolsas de estudo oferecidas pelo Governo turco e destinadas a estudiosos portugueses, de menos de 40 anos, com conhecimentos de Turco, Inglês ou Francês, graduados pelas Universidades ou Escolas Superiores portuguesas, que estejam interessados em realizar trabalhos de investigação na Turquia, no decorrer do ano académico de 1974-1975, nos domínios seguintes:

Língua e Literatura Turcas
História
Geografia
Belas-Artes
Agricultura

Os candidatos deverão apresentar os documentos seguintes:

1) Requerimento em papel selado dirigido ao Director-Geral dos Assuntos Culturais;
2) Boletim individual a solicitar previamente à Direcção-Geral dos Assuntos Culturais;
3) Certidão das habilitações literárias donde constem as classificações obtidas;
4) Cartas abonatórias de duas individualidades de mérito reconhecido no domínio da especialidade.

Todas as informações e esclarecimentos serão prestados, dentro das horas normais de serviço, na Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, Rua Ocidental ao Campo Grande, n.º 83 - 1.º, Lisboa-5 (Edifício da Biblioteca Nacional).



Moçambique marca o seu primeiro golo

Campeões Europeus de Hóquei em Patins

DESPORTIVO DE LOURENÇO MARQUES, 13 ROLLSPORT ZURICH, 3 (Jogo da 1.ª elimin.)

Dez golos de vantagem (13-3) conseguiu, ontem à noite, o Desportivo de Lourenço Marques, na primeira mão da primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus de Hóquei em Patins, em que participa como representante de Portugal. Essa vantagem e a clarríssima inferioridade técnica dos seus adversários, os suiços do Rollsport de Zurich, dão-nos a firme convicção de que os laurentinos não serão ultrapassados e devem transpor esta eliminatória com relativa facilidade.

Os 13 golos dos africanos foram marcados por Carlos Borges, José Adrião (2), Amílcar (3), Carlos Pereira (4) e Fernando Adrião (3). Os suiços concretizaram os seus três golos através de Blattman e Hullimann (2). Arbitrou o espanhol Lopez Quadrado, auxiliado pelos portugueses Carlos Bica e Carlos Silva, formando as equipas inicialmente com:

Desportivo de Lourenço Marques — Fernando António, Fernando Adrião, Rousseau, Carlos Borges e José Adrião. Actuaram ainda: Amílcar e Carlos Pereira.

Rollsport Zurich — Walliser, Voght, Stettler, Schmidt e Blattmann. Também actuaram: Probst e Hullimann.

Jogo no pavilhão da Juventude Salesiana, no Estoril.

— Só com muita infelicidade poderíamos perder esta eliminatória, dizia-nos Amílcar, autor de três golos e de uma espectacular exibição, especialmente na segunda parte. **Foi o nosso primeiro jogo da época e a partir daqui julgo que a confiança será maior, pois sabemos, realmente, aquilo com que contamos. Além do mais, os suiços parecem-me mais fortes a defender do que a atacar. Não deve haver problemas.**

As declarações do conhecido internacional laurentino, ajustam-se ao que se passou em campo. De início um Desportivo muito lento, como que a estudar o adversário e a estudar-se a si próprio, dois golos marcados até aos quatro minutos, um longo período de improficuidade atacante do Desportivo até que a entrada simultânea de Amílcar e Carlos Pereira, para o ataque, virou o ritmo do jogo e o movimentar do marcador. Num ápice, passou-se a 4-0.

Num período de quatro minutos (fim da primeira parte) mais quatro golos, dois para cada lado. A coisa prometia para a segunda parte, com o resultado em 6-2.

Fernando Adrião, que é o técnico, e ainda não se havia mostrado muito activo como médio, mandou regressar a sua equipa com a formação do princípio da primeira parte, ou seja, com Carlos Borges e José Adrião constituindo o duo atacante. Os suiços defendiam-se forte e feio, num misto de quadrado e de esquema híbrido com três homens na retranca e um quarto a sair ao condutor da bola. Só quebraram quando Amílcar e Carlos Pereira voltaram ao rinque, com o seu carrocel de fintas, simulações e desmarcações, muito apoiadas, a partir de então, pela inteligência e a técnica ímpares do maior jogador português de sempre, o veterano Fernando Adrião.

Aos 12 minutos Amílcar fez o sétimo golo e depois foi sempre a andar com pequena travagem no momento do terceiro golo dos visitantes. Atente-se só na girândola final do jogo: aos 18 minutos, 9-3. Em cinco minutos, quatro golos a robustecer uma vitória mais que merecida, com o pavilhão (completamente cheio) a puxar, loucamente pela equipa do Lourenço Marques.

Do lado suiço há a apontar a maneira cerradíssima como defendem, a sua precipitação atacante e a indicação de que são facilmente bativeis em contra-ataque. Melhor jogador: Blattmann, também o melhor a distribuir «cacetada», quando foi caso disso e muito bem acompanhado pelo número 4, Stettler.

O segundo jogo efectua-se em Zurich, no próximo sábado e se ganhar a eliminatória os hoquistas do Desportivo defrontam o Novara, de Itália, a 23 de Abril.

A equipa de Moçambique

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital realizado: Esc. 193 560 000$00

Sede — Rua do Comércio, 148 — Lisboa

DIVIDENDO DE 1973

(2.º semestre)

Avisam-se os Srs. Accionistas de que se encontra a pagamento, aos balcões da Sede e das Delegações deste Banco, a partir do dia 1 de Abril p. f. em todos os dias úteis, excepto aos sábados, das 9 às 12 e das 14 às 15 horas e 30 minutos, o complemento do dividendo do exercício de 1973, na importância de Esc. 60$00 por acção.

Sobre este dividendo incidem os seguintes impostos, respectivamente, nas acções nominativas, ao portador registadas e ao portador não registadas:

	Nominativas	Portador registadas	Portador não registadas
— de capitais	4$36	4$36	4$36
— s/as sucessões e doações	3$00	3$00	3$00
— do selo de averbamento	2$75	—$—	—$—
— complementar	—$—	—$—	13$35
sendo a importância líquida do dividendo	49$89	52$64	39$29

Nos recibos deverá apenas figurar a importância líquida do dividendo.

Para regularidade do serviço, pede-se aos Srs. Accionistas que utilizem, para efeitos de recibo, impressos do Banco de acordo com a natureza das acções.

Os Srs. Accionistas possuidores de acções ao portador, registadas para efeitos de imposto complementar, devem juntar aos recibos o respectivo duplicado da declaração do registo, em seu poder.

Lisboa, 29 de Março de 1974

Pelo BANCO DE PORTUGAL
Os Administradores
António José Brandão
Domingos Pereira Coutinho

FUTEBOL NO ESTRANGEIRO

Leeds em apuros

O Leeds, que estava a fazer uma carreira invulgar no Campeonato de Futebol Britânico da 1.ª Divisão, sofreu ontem nova derrota por 1-3 no campo do West Ham. Com três jogos a mais do que o segundo classificado (o Liverpool), o Leeds tem agora apenas uma vantagem de quatro pontos.

Taça de Inglaterra

O Newcastle classificou-se para a final da Taça de Inglaterra em futebol ao derrotar ontem a equipa do Burnley por 2-0.

O outro finalista ainda está por apurar uma vez o Leicester e o Liverpool empataram a zero no encontro que qualificaria uma das equipas para defrontar o Newcastle.

Romance Miljanic

O Real Madrid concordou em que o treinador da selecção da Jugoslávia, Miljan Miljanic, inicie o seu contrato de dois anos como «manager» do clube, após as finais da Taça Mundial de Futebol, que se realizam este verão na Alemanha Ocidental foi anunciado ontem em Belgrado.

O jornal «Politika» revelou ter sido recebido um telegrama do Real Madrid concordando com o pedido de Miljanic para que o contrato que assinou em Madrid, a semana passada, fosse suspenso.

A assinatura gerou uma onda de preocupações e críticas em Belgrado, tendo a posição de Miljanic, como treinador da selecção nacional, sido colocada na agenda de trabalhos da Comissão Executiva da Federação Jugoslava de Futebol que se reune hoje.

No entanto, observadores dizem ser pouco provável que a Federação tome agora qualquer acção contra o discutido «manager».

HERDADE — COMPRO

Sou o próprio, referência coutada, zona Évora/Beja, com Monte, bons acessos, muita caça, de 600 a 4000 hectares. Todas as informações (indispensável área, preço, condições de pagamento e localização) deverão ser dadas à Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 93-6.º, Esq. — Lisboa — T. 768013, Escrit. 537456/56278/49443.

A Gerente **Ilda Santos**

SURDOS

CASA SONOTONE

Ilda Santos participa que partiu para a Madeira (Funchal) a pedido dos seus queridos clientes e amigos a fim de apresentar as últimas novidades em aparelhos auditivos, fazendo exames e demonstrações que são gratuitas. Pilhas de todas as voltagens. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Ficando pessoal técnico especializado e carinhoso para atender todos os clientes.

Pedimos uma visita com a qual ficamos muito agradecidos em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33, S/L. — Telef.: 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef.: 02-35602
LUANDA — Largo Luís Lopes Sequeira, 2-2.º A — Telef.: 38381

VEIGA SIMÃO NOS 60 ANOS DO FUTEBOL

O ministro Veiga Simão foi a figura centralizante do jantar que comemorou os 60 anos de vida do Futebol Português. A certa altura, não se conteve:

— **Eu, até sou partidário da Académica de Coimbra...**

Mais adiante, proclamaria:

— **No mundo do Desporto, deve presidir um espírito democrático.**

Por fim:

— **Os atletas-símbolos vão ser chamados a trabalhar com os miúdos pelo Secretariado da Juventude e pela Direcção-Geral.**

Na reunião do Hotel Altes (155 convivas) falaram ainda o dr. Leite de Faria (presidente do Congresso Federativo), o dr. Maritns Canaverde (presidente cessante da F. P. F.) que solicitou **a palavra oportuna e sábia** do prof. Veiga Simão e, ao mesmo tempo, lançou a ideia do «Clube do Dirigente Desportivo». Simultaneamente, nas mesas, falva-se de muita coisa: Sebastião Pássaro, Raul Nazaré ou Saldanha Ribeiro, qual arbitrará o Sporting-Benfica? João Rocha até nos confidenciou:

Há «luz verde» do Ministério para a análise anti-doping...

Nas mesas, gente conhecida: Jorge Saraiva e Valadão Chagas, Nunes dos Santos e Fernando Pedrosa, Octávio Barrosa e Nunes dos Santos, Silva Rocha e Luz AFonso, Fernando Martins e Vítor Santos, Artur Agostinho e Alves dos Santos, José Augusto e, distante, José Maria Pedroto. Mais, ainda: a Nuno Ferrari felicitavam pela aparição em «Movimento», a Peres Bandeira perguntavam o valor de Lito, ao senhor Luís Peixoto Guimarães (88 anos) veneravam por ter sido o primeiro presidente da Federação em aniversário.

Mais uma confidência: O Sporting vai (mesmo) jogar na China. Em 10 meses, 4 milhões de pagantes foram ao nosso futebol.

Clubes, Associações, Sindicatos (o dos Treinadores representado por Rodrigues Dias), os próprios funcionários federativos (Arrabaça, César Grácio, Marques de Matos) em torno dos dirigentes que estão de abalada. E, à meia-noite e tal, tudo debandava. o Sporting-Benfica era o assunto e o motivo. Apostas e votos de acordar cedo foram a última nota da reunião.

N. de S.

Atlético-União de Leiria: três à bola e ela a fugir...

JOGO ANTECIPADO

ATLÉTICO, 3-LEIRIA, 0

Jogo no Estádio da Rapadinha.

Sob a arbitragem de ZCésar Correia (de Faro), as equipas apresentaram:

ATLETICO — Lapa; Esmoriz, Caló, Candeias e Franque; Mesquita, Nogueira e Seidi; Guerreiro, Leitão e Vasques.

UNIÃO DE LEIRIA — Cesar; Pinto, Espirito Santo, Catinina e Carlos; Orlando, Zinho e Niza; Adriano, Arnaldo José e Neto.

Substituições: aos 61 m entrou José Antonio para o lugar de Neto, e aos 70 m entrou Tó-Zé, saindo Arnaldo José, (no União de Leiria). Aos 72 m Guerreiro cedeu o seu lugar a Guaçu, e aos 81 m Raimundo rendeu Leitão.

Golos: Aos dois minutos, 1-0, por Seidi, que aproveitou bem um deslize da defesa, saltando melhor que o guarda-redes Cesar. Aos 33 m, 2-0, por Leitão, de cabeça, após a marcação dum «canto». Aos 70 m, 3-0, de novo por Seidi, na sequência de um livre marcado do lado esquerdo da área leiriense.

Sabendo tirar bom partido duma falha da defesa forasteira, o Atlético cedo se colocou em vencedor, sem nada ter feito para tal. O União não acusou o golo sofrido, mas a falta de finalizandores destroi o bom jogo que possa ser feito até à área contrária.

No Atlético, o dianteiro Vasques foi um bom elemento numa equipa muito igual. No União de Leiria, salientaram-se Niza e Adriano, que tudo fizeram para tentar virar um resultado desfavorável que, eles, não mereciam.

A arbitragem de César Correia foi impecável.

R M

Classificação

SPORTING	42
Benfica	38
F. C. Porto	38
V. Setúbal	37
«Os Belenenses»	30
V. Guimarães	27
C. U. F.	24
Farense	22
Boavista	19
Olhanense	19
Académica	19
Barreirense	19
Leixões	17
Montijo	17
Oriental	17
Beira-Mar	15

BASQUETEBOL

O Desportivo da C. U. F. derrotou ontem à noite o Sporting por 82-75, em jogo a contar para o Campeonato Metropolitano de basquetebol da 1.ª Divisão.

MOCAR, SARL

AMPLIAÇÃO DAS INSTALAÇÕES DE SERVIÇO E PEÇAS

PEUGEOT — Alfa Romeo

Temos o grato prazer de informar todos os nossos Clientes que de acordo com as nossas responsabilidades e com o prestígio das Marcas representadas demos agora realização a mais uma fase de expansão da nossa Assistência Técnica.

Assim vai entrar em funcionamento uma nova Oficina, designada por 7 , R. Alfredo da Silva, Portela da Ajuda (a 5 minutos do Marquês de Pombal), com a área coberta de 5100 m2 e cerca de 100 locais de trabalho, para onde vamos transferir durante o próximo mês de Abril a reparação de carroçarias, actualmente funcionando na Oficina 1, Rua D. Luís de Noronha, 40.

A actual Oficina 4, Rua dos Soeiros, Lote B-2, será integrada, a partir do dia 1 de Abril de 1974, na Oficina 1, Rua D. Luís de Noronha, 40, que passará a assistir na parte mecânica a todos os modelos Peugeot.

Com a entrada em funcionamento da Of. 7, os Clientes disporão de transporte privativo da Portela da Ajuda para a R. D. Luís de Noronha, 40, e vice-versa, durante as horas de serviço.

Os nossos pontos de apoio passarão a ser:

REPARAÇÃO MECÂNICA E VENDA DE PEÇAS

Instalação	1	R. D. Luís de Noronha 40	PEUGEOT (Todos os modelos)
»	2	Al. Linhas de Torres, 157-A	PEUGFOT (Diesel)
»	3	R. Luciano Cordeiro, 77 A a 79 C	ALFA ROMEO
»	6	Largo do Mercado Cascais	PEUGEOT E ALFA ROMEO

REPARAÇÃO DE CARROÇARIAS

»	7	R. Alfredo da Silva, Portela da Ajuda	PEUGEOT E ALFA ROMEO

A TODOS A QUEM DEVEMOS A NOSSA EXPANSÃO

MUITO OBRIGADO

MOCAR, SARL

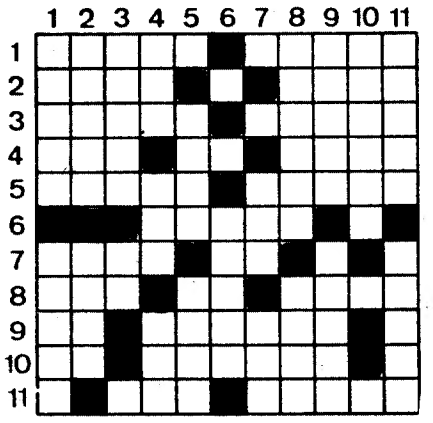
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10740

HRORIZONTAIS:

1 Avarenta. Estacionas.
2 Lodo. Artigo definido. Cidade da Arábia
3 Penteia. Leitos.
4 Página. Muito digno. Dose (Fig.)
5 Peixe de género siluro. Casamento vantajoso.
6 Lavrais.
7 Novecentos e seis em romano. O mesmo que uma (ant. e pop.)
8 Duna na Suécia. Viração. Comer à ceia.
9 Interjeição de dor. Guarneceram de asas.
10 Manuscrito. Irrita.
11 Pronome pessoal. Fatia.



VERTICAIS:

1 Oculta. Grande ave de rapina do Brasil.
2 Covas. Em mais alto grau.
3 Aliado. Vossa Senhoria.
4 Chefe etíope. Rio da Escócia. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
5 Rio da China. Toste.
6 Brisas.
7 Rema para trás. Lista.
8 Queridas. Leito.
9 Nome de frutos. Assuntos.
10 Venerar.
11 Ilha do mar Jónio. Gelha.

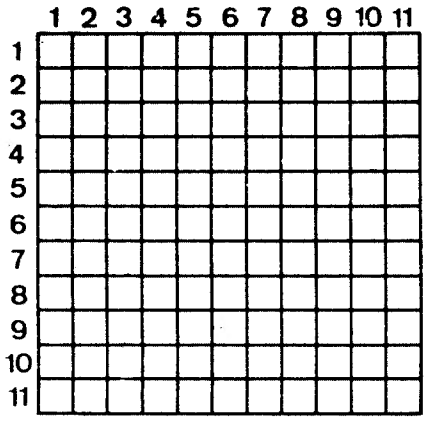
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6898

HORIZONTAIS:

1 Urde. Pessoa que come pouco.
2 Que é do ar. Sofre.
3 Arrancar. Sugas o leite materno.
4 Rema para trás. Ovário dos peixes. Apelido.
5 Queima. Grandes.
6 Vé. Nota musical.
7 Cure. Mamãe (Bras.)
8 Cólera. Nor-nordeste (abrev). Cabelos brancos
9 Esmonca. Peso.
10 Troça. Idem. (abrev).
11 Planta vivaz e medicinal. Nivelas.



VERTICAIS:

1 Taberna. Fechara as asas para descer mais depressa.
2 Verdadeiros. Tempo forte, entre os Latinos.
3 Baús. Chefe etíope.
4 Mediana. Ice. Curso de água natural e abundante (inv.º)
5 Ilha do Pequeno Belt. Flutuo.
6 Tempo do verbo ir. Prefixo de privação.
7 Glória. Dar aviso de alguma coisa em voz alta.
8 Joeira. Aparelho para encurvar as calhas das linhas férreas. Nome de mulher.
9 Pôr em rumo uma embarcação. Picantes.
10 Ave trepadora. Descarnada.
11 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Guarneceis de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10739

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 AC. PÃO. Tira.	1 ACHADO. NÃO.
2 Careta. Eras.	2 Caá. Cr. Aria.
3 Has. Riam. La.	3 Rs. Calcara
4 Caos. Mar.	4 Pé. Ci. Ao.
5 DCCIV. Adora.	5 Atravessare.
6 Ora. El. Or.	6 Oaio.
7 Lás. Antas.	7 Asa. Ataco.
8 Nacos. Toada.	8 TEM. DONO. As.
9 Ara. Ac... III.	9 Ir. Mortais.
10 Orar. Casar.	10 Ralar. Adiar.
11 Aa. Aros. Rã.	11 Asara. Saíra.

Provérbio: **PÃO ACHADO NÃO TEM DONO.**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6897

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Andaluzia.	1 Rega. Madre.
2 Arrasar.	2 Lascariam.
3 El. Aran. Am	3 Na. Mais. Tia.
4 Gamai. Gata.	4 Dr. Aio. Cão.
5 Asais. Marés.	5 Arais. Mas.
6 Cio. Ois.	6 Lar. Fel.
7 Más. Mês. Até.	7 Usa. Sob.
8 Ar. Calor. Al.	8 Zangão. Rate.
9 Ditas. Barra.	9 Ir. Aria. Roi.
10 Raio. Toar.	10 Atestaram.
11 Ema. Teima.	11 Amas. Elara.

Nao se prive
dos seus fins-de-semana
Leve o automovel consigo

O serviço diario AutoExpresso
Lisboa-Porto-Lisboa
transporta-o a si e ao seu carro

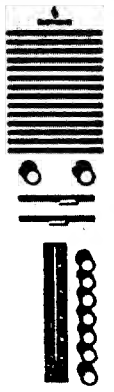
Informe-se nas estações e agências de viagens

Caminhos de Ferro Portugueses

televisão

HOJE
1.º Programa (22.00)
25 MILHÕES DE PORTUGUESES
Programa gravado no Teatro Maria Matos realizado por Luís Andrade e apresentado por Glória de Matos e Henrique Mendes.

2.º Programa (22.00)
NOITE DE CINEMA
«SEIS DESTINOS»
Filme de grande metragem interpretado por Charles Boyer, Rita Haywort, Ginger Roger e Harry Fonda



ESTORIL **SIEMENS ESTORIL**

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.30 Abertura
12.31 Missa de Domingo.
13.10 Dia do Senhor.
13.35 Hoje pode ver.
13.45 Telejornal — 1.ª edição.
14.30 Expedição

14.50 TV rural.
15.20 Tarde de cinema «Escola de Recrutas».
16.50 TV Infantil.
17.25 Trnamissão directa do jogo de futebol, Académica-Guimarães
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 Poly em Espanha.
20.00 TV 7.
21.00 Dr. Simon Locke.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 25 Milhões de portugueses.
23.30 Domingo desportivo 2.ª EDIÇÃO:
23.40 Telejornal 4.ª edição.
00.05 Fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura
20.31 As solteironas.
21.00 Dó, lá, si.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Noite de cinema «Seis Destinos».
23.40 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Beatles Show».
13.00 Vivendo o futuro.
13.15 «A Família Partridge».
13.45 Telejornal — 1.ª edição.
14.00 O Homem de amanhã.
14.20 Logo à noite.

2.º Período

19.00 TV Educativa — Língua Portuguesa.
19.25 «O Diário das Fábulas».
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 TV Juvenil — «Tempos Livres».
20.00 Momento Desportivo.
21.00 Museu aberto.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.05 «Columbo».
23.30 Telejornal — 4.ª edição.
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Beatles Show».
20.45 O Homem de amanhã.
21.00 «A Família Partridge».
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Impacto.
23.00 Música para olhar».
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral limpo o vento era fraco ou moderado de Norte e havia nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	10º
P. DOURADAS	4º
COIMBRA	13º
PORTALEGRE	10º
LISBOA	13º
FARO	14º
FUNCHAL	17º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Régua
Mapxima 20,5º

Penhas da Saúde
Mínima 0,2º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar	14,3º
Atmosfera	12,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
9.48	3,2 m	3.08	1,3 m
22.22	3,3 m	15.38	1,5 m

DIA 1

11.16	3,2 m	4.35	1,3 m
23.47	3,4 m	17.05	1,5 m

DIA 2

— —	— —	5.54	1,2 m
12.32	3,4 m	18.18	1,3 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco ou moderado de Norte; neblina durante a noite e madrugada; pequena subida de temperatura

AMANHÃ
NASCER AS 7.25
OCASO AS 19.58

DIA 31 | DIA 6 | DIA 14 | DIA 22

rádio

EMISSORA 1.º Programa

14.30 Tarde desportiva: rádio desporto, futebol. Relatos dos jogos da 26.º jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão
17.30 Música sem palavras
18.05 Música portuguesa
19.05 Música da Europa
20.00 Jornal da noite; êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades em discos
22.00 Teatro das comédias: «nascer de novo», de Fausto Correia Leite
22.22 Música portuguesa
23.05 «Sol e toiros»
23.30 De um dia para o outro por Fernando Garcia
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa); sinal horário.

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

16.00 Onda musical
17.00 Perspectivas da obra de Mozart, para instrumentos de sopro; música de câmara
18.00 Concerto de domingo, 1.ª parte
18.55 Canções de Fauré pelo barítono Gerar Sousay
19.17 Concerto de domingo, 2.ª parte
20.00 Jornal da noite
20.30 Rapsódia para saxofone e orquestra (Debussy)
20.40 O homem e a sociedade, pelo dr. Ferreira de Almeida
21.00 Recital pelo pianista James Tocco
21.30 Que quer ouvir? programa elaborado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

RÁDIO CLUBE
Onda média

14.45 Tarde desportiva
17.00 Chave do totobola
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.03 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.15 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 Música para o seu jantar
21.30 Quando o telefone toca
22.00 Noticiário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Tempo de ritmo
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Noticiário
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbita 1
21.03 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gô-Gô
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho.

Emissor de Miramar

14.45 Tarde desportiva
17.02 Auto rádio
17.45 Presença coimbrã
18.02/21.00 Norte dia a dia: Ed. desportiva
21.02/24.00 Genérico
21.04 Viagens da nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.02 Arauto da verdade
22.16 Hora do templo
22.30 Em destaque
23.04 Clube da juventude

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Peninsular
Das 06.00 às 08.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 02.00

Clube Radiofónico de Portugal
Das 08.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30

Rádio Graça
Das 12.00 às 14.30 e das 17.00 às 19.30

Rádio Voz de Lisboa
Das 14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO M 1
(Toda a noite)

ALCÂNTARA
Infante Santo, Rua do Olival, 290 (Telef. 661003)
ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (Telef. 712682); Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B (Telef. 725859)
ARROIOS
Brasil, Rua Alves Torgo, 29-31 (Telef. 46843)
AVENIDAS NOVAS
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A/B/C (Telef. 772291)
BAIXA
Frazão, Rua Portas Santo Antão, 7 (Telef. 328180)
BENFICA
Vitex, Est. Benfica, 372-B (Telef. 780548)
CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (Telef. 680931)
CAMPO OURIQUE
Almeida, Rua Silva Carvalho, 136 (Telef. 681726)
CONDE REDONDO
Branco, Av Duque Loulé, 61-65 (Telef. 45048)
GRAÇA
Monte, Rua Senhora do Monte, 30-A/B (Telef. 867842)
LUMIAR
Patuleia Herdeiros, Rua do Lumiar, 122-124 (Telef. 790332)
MADRAGOA
Lys, Rua da Esperança, 17-19 (Telef. 660913)
OLIVAIS
Central, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Telef. 315539)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichaleira, 140-B/C (Telef. 720703 e 728395)
SANTO AMARO
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A/B (Telef. 837070)
S. PAULO
Ultramarina, Rua de S. Paulo, 101 (Telef. 321771)
S. SEBASTIÃO PEDREIRA
Sirius, Rua Fialho Almeida, 38-A (junto à Esc. Técnica do Bairro Azul) (Telef. 44000)

TURNO M 2
(Até às 22 horas)

AJUDA
Lídia Almeida, Calçada de Ajuda, 170 (Telef. 637318)
ALCÂNTARA
Probidade, Rua de Alcântara, 15-A/B (Telef. 638589)
ALFAMA
Anunciada, Rua do Vigário, 14 (Telef. 866360)
ALVALADE
Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-A (à Av. Brasil) (Telef. 765262); Belo, Av. de Roma, 53-A (Telef. 776314)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge (às Galinheiras) (Telef. 790969)
ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32-36 (Telef. 845513)
AREEIRO
Central, Av. Paris, 2-2A (Telef. 720820)
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (Telef. 763016); Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (Telef. 43938)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11-A (Telef. 311216)
BENFICA
Marques, Est. Benfica, 64-B (Telef. 700096); São João, Est. Benfica, 124-A
CAMINHOS FERRO
Alves de Carvalho, Rua Vale St.º António, 7-9 (Telef. 840125)
CAMPOLIDE
Rualto, Rua Alto do Carvalhão, 5-A/B (Telef. 651721)
CAMPO OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Telef. [illegible])
CARMO
Durão, Rua Garret, 90-92 (Telef. 324166)
ESTRELA
Gama, Calçada de Estrela, 130 (Telef. 660339)
GRILO
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Telef. 385264)
OLIVAIS
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (Telef. 311091)
PENHA FRANÇA
Dimar, Rua Conde Monsaraz, 17-B (Telef. 841912)
S. MAMEDA
Cunha, Rua Escola Politécnica, 16 (Telef. 325455)
LUMIAR
Douro, Alam. Linhas Torres, 93-A/B (Telef. 791131)
PICOAS
Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (ao Matadouro) (Telef. 553468)
SANTA MARTA
Fernandes, Rua S. José, 187 (Telef. 326476)
SANTO AMARO
Biotitar, Rua D. João de Castro, 27-B (Telef. 638824)
S. SEBASTIÃO PEDREIRA
S. Sebastião, Largo S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (Telef. 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Telef. 212081)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco (Telef. 2435147)
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Telef. 2471785)
MURTAL
Primavera
ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Telef. 260008)
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170)
Nova, Est. de Alvide-Fontainhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Telef. 934589)
Campos, R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072)
Clabel, R. António Sardinha, 23-D (Telef. 938551)
DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Telef. 9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (Telef. 974161)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045) Coorreia, L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 290034)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Marrazes, AL. Afonso de Albuquerque (Telef. 980058)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândidos dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA
Central, R. de Olivença, 11 (Telef. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 88 (Telef. 2764466)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Telef. 2764466)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Telef. 230032)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)
SETUBAL
Oliveira, L. da Misericórdia (Telef. 22488)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

1.º TURNO

SUB TURNO A

Alves da Silva, Av. da Boavista, 1016; Azevedo (de), Rua do Meiral, 503; Gomes Ferreira, Rua Faria Guimarães, 449; Nau Victória, Rua Nau Victória, 723; Ordem da Trindade, Rua Her. e Mart. Angola, s/n; Terreiro, Rua da Reboleira, 21.

SUB TURNO B

Antas (das), Av. Fernão Magalhães, 1076; Ant. Porta do Olival, C. Mártires da Pátria, 122; Falcão, Rua de Santo Ildefonso, 61; Ferreira, Praça D. Afonso V, 55-B; Lousada, Largo do Campo Lindo, 62.

COIMBRA

TURNO D

Solum, Rua Carolina Michaelis, 20 (Tel. 33120); Nazaré, R. Ferreira Borges, 135-139 (Tel. 22605); S. Isabel, Av. Sá da Bandeira, 28 (Tel. 24916)

cinemas

ROXY (Tel. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo C 14 anos) 2.ª Semana
Technicolor
Se procura sarilho... «A CRISTA DO DIABO» com Clint Eastwood.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos
Technicolor
Liv Ullmann, Gene Kelly, Edward Albert «40 IDADE PERIGOSA»

BERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos. 16.ª Semana!
Technicolor
TODD ao 35 o filme de Norman Jewison «JESUS CRISTO SUPER STAR»

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15-16.30-18.45-21.45 2.ª Semana!
(Grupo D-18 anos)
«FIM DE SEMANA ILEGÍTIMO» o último grande filme de Dino Risi.

CASINO ESTORIL (Tel. 26421)
15.30-18.30 e 21.30
Grupo B 10 anos
Panavision. Technicolor
«O TRUNFO E PERDER» com John Wayne e Ann Margret.

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15-18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos
Technicolor
Um dos 10 melhores filmes do ano! «AMERICAN GRAFFITI $ NOVA GERAÇÃO» de George Lucas.

IMPÉRIO (Tel. 555134)
15.15-18.30 e 21.30
(Grupo C-14 anos) 2.ª semana
Eastmancolor Simone Signoret, Alain Delon «ALMAS A NU» (Metro: Alameda)

ROMA (Tel. 727778)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor «CORRIDA SELVAGEM» com Robert Fuller, Sherry Bann, Tony Russel.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Colorido
«ROSAS VERMELHAS» Gina Lollobrigida, Susan Hampshire e Renaud Verley. 3.ª Semana. Matinées infantis (Grupo A-6 anos)
Hoje às 18.30 FLINSTONE
O AGENTE 777 1/2. Os grandes heróis da Televisão numa longa metragem para todas as idades

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos
24.ª Semana! Eastmancolor.
«O PORTEIRO» com Bernard Le Coq, Maureen Karwin e Michel Calabru.

LONDRES (Tel. 731313)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
5.ª Semana! Colorido
Grupo D 18 anos
Uma festa fabulosa. Grande Prémio do Júri do Festival de Cannes 1973 «O CONVITE» (L'INVITATION). O filme de Claude Goretta.

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00-17.00-19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 4.ª Semana! Eastmancolor
Françoise Fabian, Jean Luc Bideau, Jane Birkin «PROJECÇÃO PRIVADA».
(Estacionamento Parque [illegible])

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 - 21.45 3.ª Semana!
(Grupo D- anos)
Um filme de Anto Cunha Teles. «MEUS AMIGOS» Manne Madeira, Teres[illegible] Mot[illegible]az Pereira, Maria [illegible], Antonio Modesto Navarro e [illegible] Bandeira Fi[illegible] (Metro: Alameda)

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo B 10 anos
Charlie Chaplin «LUZES DA RIBALTA». Claire Bloom, Sydney Chaplin. Nós também somos italianos. Amanhã às 18.30. Grupo B 10 anos «DOIS IRMÃOS DOIS DESTINOS» de Valério Zurlini com Marcello Mastroianni e Jacques Perrin.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 3.ª Semana
Eastmancolor Michel Piccoli, Stephane Audran NUPCIAS VERMELHAS um filme de Claude Chabrol

S. JORGE (Tel. 54153/54154)
15.15 - 18.15 - 21.30 Grupo B (10 anos)
Espectacular êxito em 3.ª Semana! Ele aí está! Terence Hill! E AGORA CHAMAM-ME MAGNIFICO

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos) 4.ª Semana
Um filme de Constantino Esteves com Tony de Matos «DERRAPAGEM». Até ão só à noite Tony de Matos canta no palco.

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo B-10 anos)
O HOMEM DAS MULHERES em complemento A GOVERNANTA

PLITEAMA (Tel. 326305)
15.15-18.15 e 21.45
Grupo B 10 anos
Eastmancolor. Lee Van Cleef, Peter O'Brien «O GRANDE DUELO».

CINEARTE (Tel. 660446)
15.30 e 21.30
Colorido
Grupo C 14 anos
«EXCELSIOR A FURIA DO KARATE» Lei Cheg Kun e Teng Mei Fang. Matinée infantil. Hoje às 18.30 Grupo A 6 anos «O RATO AVENTUREIRO» TOpogigio, o boneco animado que todo o mundo aplaude (Colorido).

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30 e 21.45
Technicolor Panavision
Grupo B 10 anos
«ASSALTO AO CARRO BLINDADO» John Wayne e Kirk Douglas.

SATÉLITE (Tel 562632)
15.30-18.30-21.45 e 00.15
Grupo D 18 anos
Color. 2.ª Semana!
Grupo D 18 anos
A obra prima de Nagisa Oshima «CERIMONIA SOLENE»

ALVALADE (Tel. 717480)
14.15-16.30-18.15 e 21.45
Grupo D 18 anos
2.ª Semana! Colorido.
O último grande filme de Dino Risi «FIM DE SEMANA ILEGÍTIMO» Marcello Mastroianni, Oliver Reed e Carol ANDRE

PATHÉ (Tel. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 2.ª semana
Colorido
Robert Mitchum e Peter Boyle «SELVA HUMANA» de Peter Yates.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Technicolor
«ATÉ MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES» Giuliano Gemma e Bud Spencer.

RESTELO (Tel. 610275)
17 e 21.30
Grupo D 18 anos
Scope. Color. 21.ª Semana!
«LAGRIMAS E SUSPIROS» com Harnet Anderson e Liv Ullmann.

EDEN (Tel. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45 2.ª Semana!
(Grupo D 18 anos) Scope-colorido Juliano Gemma e Marisa Mell «BEN E CHARLIE».

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Os Porquinhos da India»
MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«A Morte de um caixeiro viajante»
MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, ouvir e calar»
COMUNA ... TEATRO DE PESQUISA
21.45 (14 anos)
«A Ceia»
A.B.C.
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Com parra nova»
teatro municipal de s. LUÍS
21.45 (18 anos)
«Albergue Nocturno»
MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Uma rosa ao pequeno almoço».
TEATRO DA CORNUCÓPIA
21.30 (14 anos)
«A ilha dos escravos» e «A herança»
CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A menina Alice e o Inspector»
TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Sábado, Domingo e Segunda»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
19.00 (18 anos)
«As 14 amazonas».
PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Alfredo Alfredo».
JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
«Luís da Baviera»
CINE MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Sexo nunca, somos britânicos»
PARIS
21.30 (18 anos)
«Lágrimas e Suspiros»
SACAVÉM
S. José
21.00 (18 anos)
«Um Verão para matar»
ALHANDRA
Salvador Marques
21.15 (18 anos)
«A rapariga invencível».

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Vamos a isto Rapazes»
PAREDE
Royal
21.15 (18 anos)
«Quanto mais fria... Melhor»
ESTORIL
Casino
15.30, 18.30 e 21.30 (10 anos)
«O Trunfo é Perder»
ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«Nova Iorque Clandestina»
CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Simplesmente Maria»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«O Silencioso»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Dinamite»
QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«Hércules e a Rainha»
MEM MARTINS
Cien Chaby
21.30 (18 anos)
«O Monte dos Vendavais»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Chantagem»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Um toque de Classe»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«Alamo»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Cada dia será como Deus Quiser»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A revolução de 1870».
OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«O afilhado e o padrinho»
JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«O Boxeur chinês».
CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«O afilhado do padrinho».
BATALHA
21.00 (18 anos)
«Cleopatra Jones»
ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«O Duelo»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O último comboio».
RIVOLI
21.30 (10 anos)
«Uma odisseia submarina»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Quando passam as cegonhas»
COLISEU
21.30 (14 anos)
«Paixão cigana»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.30 (18 anos)
«Wayseck»
SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Simplesmente Revista»
S. JOÃO
21.45 (18 anos)
«O ovo»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«O Poço do ódio».
TIVOLI
21.30 (18 anos)
«A Serpente de ouro»
AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O Ultimo comboio»
SOUSA BASTOS
21.30 (14 anos)
«O Regresso de tarzan».

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE — Trabalhos de Vatzia (das 10 às 22 h.).

BELAS ARTES — Pinturas de Artur Varela José Ribeiro. Salão de Março (das 14 às 20 h.).

CASINO ESTORIL — Pintura de Júlio de Barros (das 15 às 3 h.).

DINASTIA — Trabalhos de Augusto Barros (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

DIPROVE — Pinturas de Regina Alexandre (das 15 às 21 h, excepto aos domingos).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — «100 desenhos europeus» e obras de Gabriel Fauré (das 10 às 20 h.).

FUTURA — Mostra de trabalhos de Isabel Gândara (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GALERIA 111 — Pinturas de Lindstrom (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

S. MAMEDE — Pintura e escultura de Charters de Almeida (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GRAFIL — Xilogravuras de Heine Semke (das 15 às 20 h.).

GALERIA CASTILHO — Obras de Eduardo Rosa Mendes.

JUDITE DA CRUZ — Gravuras britânicas (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

OPINIÃO — Obras de Lynden Keit Johnson (das 10 às 20 h.).

PRISMA 73 — Trabalhos de Vítor Palla (das 15 às 20 h. excepto domingos, e às quartas-feiras das 15 às 24 h.).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Severo Portela, Albano Portocarrero e Janine de la Roche (das 15 às 20 h.).

QUADRANTE — Trabalhos de Natividade Corrêa (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

QUADRUM — Obras de Victor Vasarely.

S. MAMEDE — Pintura de Patrick Swift (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

S. FRANCISCO — Pintura desenho de Isabel Laginhas (das 19 às 13 e das 15 às 19 h.).

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

BARS BOITES restaurantes

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34856/365167.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 26461/264526/264586/264621/264946.

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. Largo Trindade Coelho, n.º 10-11. Encerra aos domingos. T. 320164.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

REUNIÃO NA SEDE DO I. A. N. T.

A formação da opinião pública e os problemas da saúde

O ministro da Saúde e Assistência disse ontem que «a formação da opinião pública deve ser uma preocupação permanente, já que é indispensável ao êxito da política de saúde que ao Ministério cabe definir e fazer executar». O dr. Clemente Rogeiro falava no encerramento de uma reunião de trabalho na sede do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos. Estavam presentes o secretário-geral do Ministério, dr. Coriolano Ferreira, e em representação do director-geral de Saúde o dr. Lopes Dias. O ministro acentuou a importância que tem o I. A. N. T. no conjunto dos organismos integrados no Ministério da Saúde e expressou o seu apreço pelo trabalho que está ali a ser realizado. Numa importante comunicação, o prof. dr. Thomé Villar analisou a forma como decorrera o Curso-Encontro de Formação e Peritos para a Organização e Controlo da Tuberculose e Doenças Pulmonares, em que participaram todos os membros da comissão instaladora e do gabinete de estudos, as comissões directivas dos Sanatórios de D. Carlos I e de D. Manuel II e os participantes do curso-encontro, focando a necessidade de tratar de forma diferente os estabelecimentos do I. A. N. T. quanto à sua reconversão para alargamento da acção do Instituto ao diagnóstico e tratamento das doenças respiratórias considerando que há alguns estabelecimentos sobre os quais ainda pesa bastante o trabalho relacionado com a tuberculose e outros que já estão mais disponíveis dado o declínio desta doença. Salientou, no entanto, que a tuberculose ainda é um problema social importante a ter na devida conta.

Na mesma reunião usaram da palavra os drs. José Cabral e Leal Gonçalves. O dr. José Cabral aludiu ao lançamento de um boletim informativo interno e de outras iniciativas em curso.

SILVA PINTO EM VISITA A ESPANHA

A convite do ministro espanhol do Trabalho, segue, amanhã à tarde, para Madrid, em visita oficial, o titular da pasta das Corporações e Segurança Social, dr. Silva Pinto, que chefiará, também, a delegação portuguesa ao II Colóquio Luso-Espanhol de Medicina, Higiene e Segurança do Trabalho.

O dr. Silva Pinto, logo após a sua chegada à capital do país vizinho assistirá a um banquete que lhe será oferecido pelo seu colega espanhol, Licinio de La Fuente y La Fuente, no qual participam outros membros do Governo de Espanha.

O dr. Silva Pinto tem marcada, para terça-feira, uma reunião com o ministro La Fuente, com a participação de funcionários dos respectivos ministérios. Posteriormente, no mesmo dia, será recebido pelo chefe do Governo espanhol, Arias Navarro, que, mais tarde, comparecerá, também, na abertura do referido colóquio.

Do restante programa da visita do ministro das Corporações e Segurança Social a Espanha, destaca-se uma entrevista com Franco e com o príncipe de Espanha, bem como encontros com o vice-presidente do Governo e os ministros da Governação e das Relações Sindicais. O regresso a Lisboa está marcado para sexta-feira.

ESTAVA VIVO

LOURENÇO MARQUES, 31 (ANI) — Encontra-se são e salvo um dos indivíduos dados como desaparecidos no acidente ferroviário ocorrido há dias perto de Vila da Manhiça, a 69 quilómetros de Lourenço Marques.

Trata-se de Arménio Duque dos Reis que, ao ter conhecimento de que o seu nome constava da lista de presumíveis mortos, compareceu de imediato no Rádio Clube de Moçambique, dando conta de que estava vivo.

Deste modo, é de nove o número de vítimas mortais do desastre, havendo 34 feridos.

ASSINADO O CONTRATO PARA A CONSTRUÇÃO DE DOIS PETROLEIROS

Os estaleiros navais de Viana de Castelo e os armadores noruegueses do grupo Stoet-Nielsen efectuaram ontem, no hotel Sheraton, a assinatura de um contrato para a construção de dois petroleiros, de 23 200 toneladas cada, e que serão utilizados para o transporte de produtos químicos.

A entrega daquelas duas unidades deverá processar-se em Agosto de 1976 e Maio de 1977, cifrando-se o valor global da encomenda em um milhão e trezentos mil contos.

O contrato assinado é o maior de sempre na construção naval portuguesa, tendo o apoio financeiro do Banco de Fomento Nacional, o seguro da Companhia de Seguros de Créditos e o aval do Fundo de Fomento de Exportação e destina-se a um grupo de armadores noruegueses que, presentemente, detém cerca de quarenta por cento do transporte mundial de produtos químicos líquidos.

O «lord mayor» de Londres em Lisboa

Para uma visita à capital portuguesa, que se prolonga até 3 de Abril, chega esta tarde a Lisboa, acompanhado da esposa, o «lord mayor» de Londres, «sir» Hugh Wontner, que no aeroporto da Portela é recebido pelo presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa e outras entidades.

«Sir» Wonter será recebido em audiência, amanhã, às 16.30, pelo Presidente do Conselho. Da parte da manhã efectuará uma visita solene aos Paços do Concelho, sendo-lhe em seguida oferecido um almoço na Câmara de Comércio Luso-Britânica.

As operações militares em Moçambique

BEIRA, 31 (R.) — Forças portuguesas de segurança, em Moçambique, durante a passada semana, mataram 12 guerrilheiros africanos nacionalistas e capturaram dois — de acordo com um comunicado do alto comando que foi publicado na cidade da Beira.

O comunicado, citado pela South African Press Association (S. A. P. A.), diz que as perdas portuguesas foram quatro mortos e cinco feridos.

Dois guerrilheiros da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), foram mortos e dois capurados quando as forças de segurança desmantelaram uma tentativa para atacar acampamentos do Exército em Mueda e Nangololo, perto da fronteira com a Tanzânia — dizia o comunicado.

Em operações de segurança nos distritos de Tete e da Beira, forças portuguesas assaltaram e dominaram dois esconderijos da Frelimo e mataram quatro guerrilheiros.

No mesmo período os guerrilheiros atacaram quatro aldeamentos africanos, infligindo perdas.

No distrito de Tete dois veículos civis passaram por cima de minas terrestres e as explosões mataram um homem e feriram quatro.

A REPRESENTAÇÃO EM BEJA DAS «CARTAS DA RELIGIOSA PORTUGUESA»

BEJA, 30 — Não havia um lugar vago quando começou a representação das «Cartas da Religiosa Portuguesa» pela actriz Micheline Uzan segundo encenação de José Valverde.

Entre a assistência viam-se o secretário de Estado da Informação e Turismo, o embaixador da França, o ministro da Economia e Finanças, directores-gerais do Turismo e da Cultura Popular e Espectáculos e as autoridades locais. A representação decorreu no convento da Conceição, decorado a propósito e no qual se ouviram os coros de Pias, que colaboraram no espectáculo. Apenas iluminada por um círio, Micheline Uzan leu sob um silêncio total as cartas de soror Mariana enviadas pela religiosa portuguesa para o oficial que havia conhecido durante as invasões francesas. No final a assistência aclamou a actriz e o encenador. O espectáculo, organizado pelo Grémio Literário com o patrocínio do secretário de Estado da Informação e Turismo, será repetido amanhã no S. Luís.

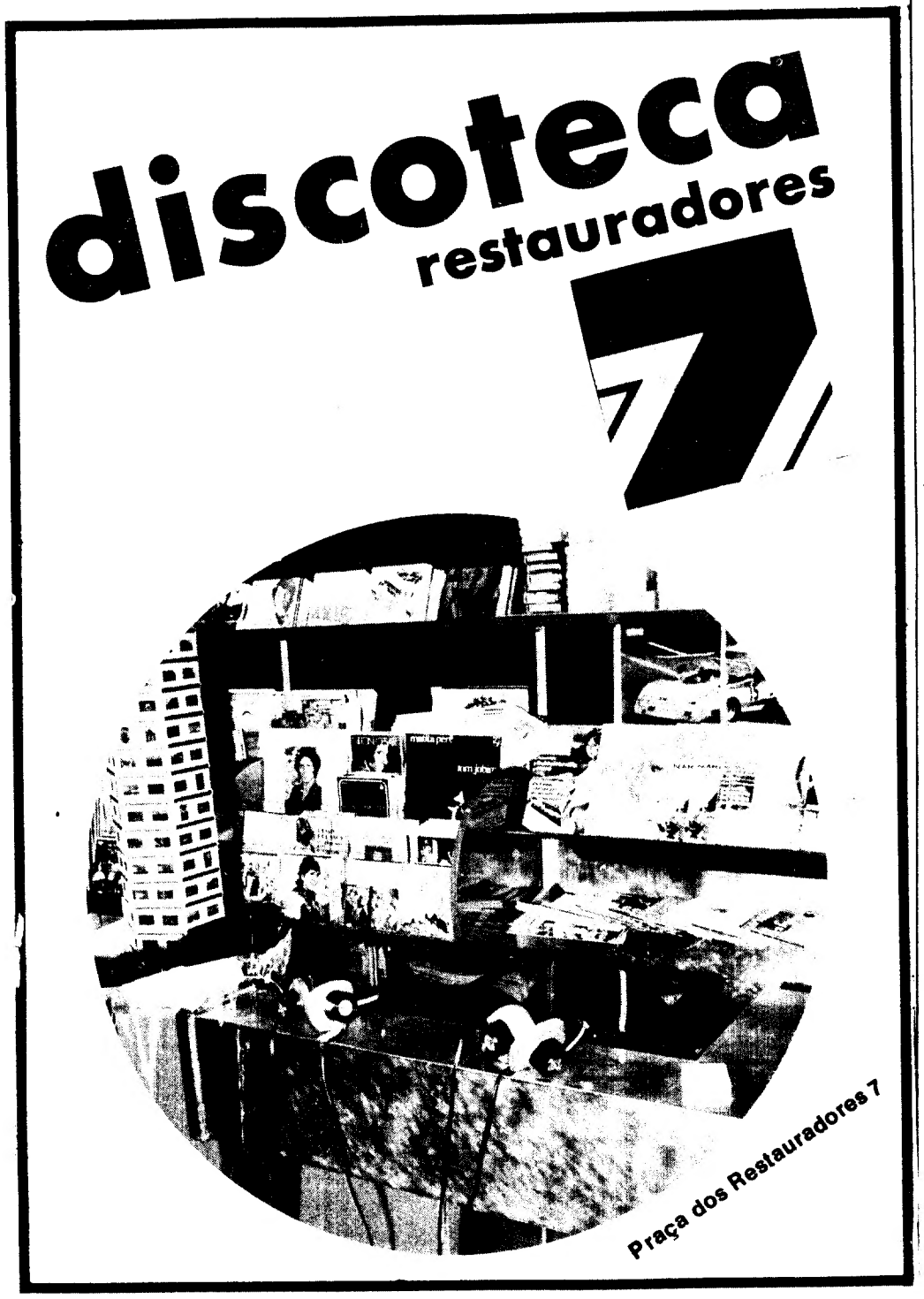
CURSOS INTENSIVOS DA A. I. P.

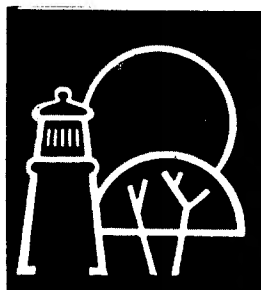
Iniciam-se amanhã, na Associação Industrial Portuguesa, e por iniciativa da Coprai, os seguintes cursos intensivos de formação: «A mecanização de processamentos administrativos em computadores», que se prolonga até ao dia 3; «Estudos, métodos e medidas de trabalho administrativo», orientado pelo dr. Henrique Veiga, e que decorrerá até 5; e «Formações de instrumentistas», dirigido pelo eng.º Horta Santos.

NOVOS CONTRATOS PARA CABORA BASSA

O ministro do Ultramar, dr. Baltazar Rebello de Sousa, assinou, em nome do Estado, com um grupo de empresas já ligadas à construção do empreendimento de Cabora Bassa, em Moçambique, um contrato para diversas obras que se revelaram necessárias no decorrer dos trabalhos. Trata-se das tomadas de água da futura central norte, estudos e projectos para a mesma central, e a montagem das subestações de Tete, Chibata e Dondo, bem como de uma linha de transporte de energia eléctrica entre Cabora Bassa e Chibata (Vila Pery), para interligação com a rede hidroeléctrica do Revué.

O esquema financeiro identifica-se com o teor das condições de financiamento e pagamento do contrato geral.





Abril em Portugal

Páscoa em Abril

Aldeia das Açoteias para as suas férias da Páscoa

Tudo incluído de 5.ª feira, 11 de Abril até ao domingo de Páscoa 1.000$00/pessoa.

Reservas através das Agências de Viagens ou pelos telefones 719181/3.561011/9; telex 12321-LISBOA ou 0089/66267; telex 18212-ALBUFEIRA-ALGARVE

Touring Club de Portugal